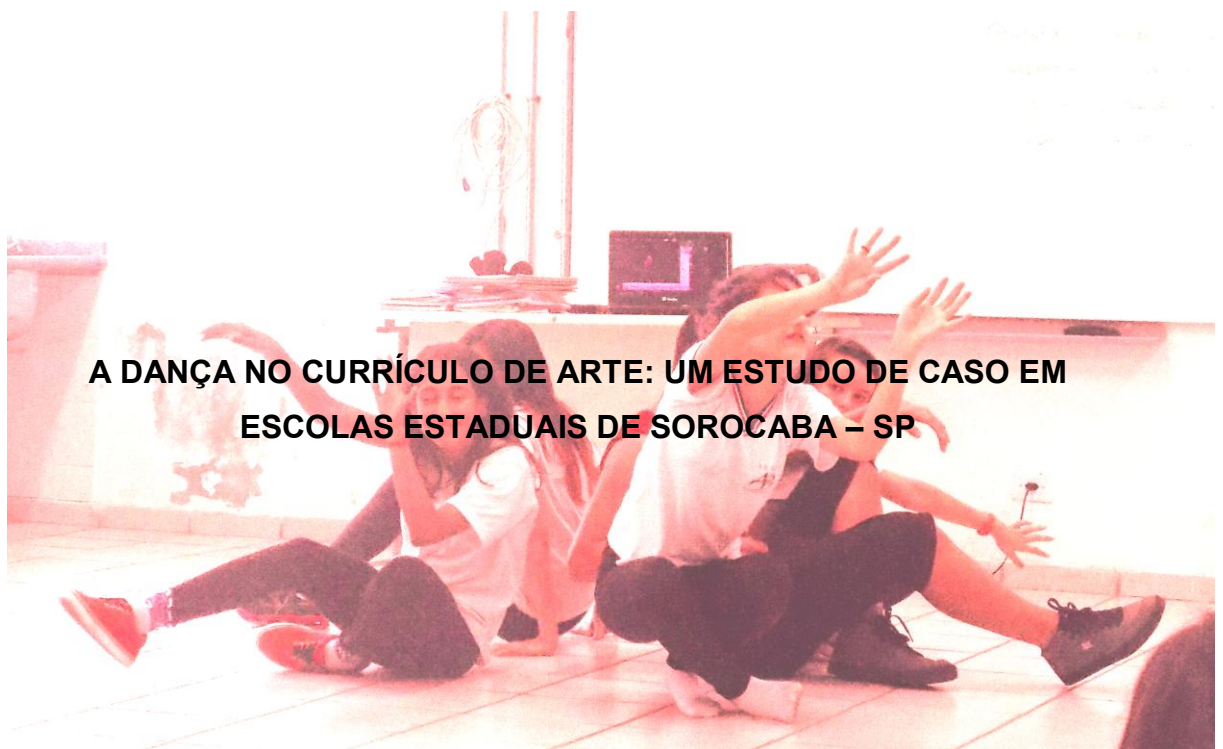


UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE ARTES

ROBERTA JORGE LUZ



**A DANÇA NO CURRÍCULO DE ARTE: UM ESTUDO DE CASO EM
ESCOLAS ESTADUAIS DE SOROCABA – SP**

SÃO PAULO
2015

ROBERTA JORGE LUZ

**A LINGUAGEM DA DANÇA NO CURRÍCULO DE ARTE : UM ESTUDO DE CASO
EM ESCOLAS ESTADUAIS DE SOROCABA – SP**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Arte.

Área de concentração: Artes e Educação

Linha de Pesquisa: Processos Artísticos, experiências educacionais e mediação cultural.

Professor orientador: Prof. Dr. João Cardoso Palma Filho

SÃO PAULO

2015

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

As imagens utilizadas como marca d'água na capa e no início dos capítulos foram feitas pela autora durante a pesquisa em uma das escolas com autorização da equipe escolar, as imagens foram editadas para preservar a identidade das pessoas fotografadas e da escola.

L979l

Luz, Roberta Jorge

A linguagem da Dança no currículo de Arte: um estudo de caso em escolas estaduais de Sorocaba – SP / Roberta Jorge Luz.- São Paulo, 2014.

227 f.

Orientador: Prof. Dr. João Cardoso Palma Filho

Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Instituto de Artes, São Paulo, 2014.

1. Arte – Estudo e ensino. 2. Dança na educação. 3. Currículo escolar. I. Palma Filho, João Cardoso. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título

CDD 707

ROBERTA JORGE LUZ

**A LINGUAGEM DA DANÇA NO CURRÍCULO DE ARTE: UM ESTUDO DE CASO
EM ESCOLAS ESTADUAIS DE SOROCABA – SP**

Banca Examinadora

Prof. Dr. João Cardoso Palma Filho - Professor Orientador -
Universidade Estadual Júlio Mesquita Filho - UNESP – IA

Prof^a. Dr^a.Kathya Maria Ayres de Godoy
Universidade Estadual Júlio Mesquita Filho - UNESP – IA

Prof^a. Dr^a. Carminda Mendes André –
Universidade Estadual Júlio Mesquita Filho - UNESP – IA
(Suplente)

Prof. Dr. Odilon José Roble
Faculdade de Educação Física / Universidade Estadual de
Campinas - UNICAMP

Prof. Dr. Roger Marchesini de Quadros Souza
Universidade Metodista de São Paulo - UMESP (Suplente)

Situação: Aprovada

Data: 09/06/2015

Dedico este trabalho à:

Memória de meus pais, José Manoel da Luz e Auzenite Jorge Luz por todo amor, dedicação e incentivo, sem eles eu não teria chegado até aqui. Minha eterna gratidão e amor!

Ao meu querido esposo André Rodrigues Fortes pela paciência e apoio incondicional em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos,

Ao querido professor Dr. João Cardoso Palma Filho, meu professor orientador, pela oportunidade de aprender, pela partilha de conhecimento durante as aulas e encontros do grupo de pesquisa, pelo respeito a minhas ideias e por toda colaboração e dedicação neste trabalho.

À minhas companheiras de jornada no Instituto de Arte: Mara, Natália e Val que dividiram comigo muitos momentos de estudo e amizade.

Aos queridos amigos que fiz durante o curso: Diga, Júlio, Camila, Flora, Márcia, Pio, Flávia, Andréia e tantos outros, que tornaram o percurso do curso de Mestrado mais divertido.

Ao amigo Jorge Costa Alves, diretor técnico no Núcleo Pedagógico e ao professor Marco Aurélio Bugni, Dirigente Regional de Ensino de Sorocaba por todo apoio e incentivo.

Aos amigos do Núcleo Pedagógico e equipe da Diretora de Ensino de Sorocaba por todo apoio e amizade.

Às amigas Adriana Catharino e Paula Stefanny Felice por me ajudarem na leitura e correção final do texto.

Ao Fábio e a Ângela da Secretaria do curso de pós-graduação pela paciência e ajuda em todos os momentos que precisei.

Aos funcionários da Biblioteca do Instituto de Arte pela paciência e atenção.

Às professoras Kathya Maria Ayres de Godoy e Carminda Mendes André pelos apontamentos e contribuições precisas durante o exame de qualificação e também durante as aulas.

Ao querido professor Odilon José Roble que juntamente com a professora Kathya e o professor Palma foram generosos e brilhantes em minha defesa de mestrado.

Às professoras Rita Luciana Berti Bredariolli e Rejane Galvão Coutinho e aos amigos do GPIHMAE pelos momentos de estudo nos encontros do Grupo de Pesquisa.

À Secretaria Estadual de Educação pela Bolsa Mestrado que facilitou a minha participação em muitos congressos e encontros durante o curso de Pós-graduação em Arte no IA-UNESP-SP.

Especial agradecimento aos professores de Arte da Diretoria de Ensino de Sorocaba participantes desta pesquisa.

Enfim...

Deixo aqui registrada a minha gratidão por todos aqueles que contribuíram de alguma forma com a realização deste trabalho.

RESUMO

Esta dissertação intitulada de "A linguagem da Dança no currículo de Arte: um estudo de caso em escolas estaduais de Sorocaba – SP" tem como objetivo conhecer o trabalho docente realizado acerca da linguagem da Dança em aulas de Arte, conforme proposto pelos documentos oficiais que orientam o ensino de Arte nessas escolas. A metodologia utilizada para a realização desta pesquisa foi o estudo de caso coletivo e os instrumentos de coleta de dados utilizados foram: pesquisa bibliográfica, questionários e entrevistas semiestruturadas aplicados a um grupo de professores de Arte pertencentes à Diretoria de Sorocaba (SP) e que voluntariamente contribuíram com a pesquisa. A *Análise de Discurso* (ORLANDI, 2013) possibilitou a compreensão das concepções da Arte na Educação e das concepções de Ensino de Dança que norteiam o trabalho docente desenvolvido nas escolas pesquisadas. O capítulo 1 situa-se a partir de uma visão histórica acerca do ensino de Arte no Brasil, a modificação de suas denominações, mudanças que refletiram nos currículos escolares e a inserção da linguagem da Dança no currículo da disciplina. O Capítulo 2 trata-se de um estudo dos documentos oficiais que norteiam o ensino de Dança desenvolvido pelos (as) arte/educadores (as) que fazem parte desta pesquisa. No Capítulo 3, apresentam-se os resultados encontrados na pesquisa de campo por meio de uma análise do estudo de caso realizado. Por fim, nas considerações finais faz-se uma reflexão sobre respostas encontradas durante o percurso da pesquisa referentes às questões inicialmente problematizadas. A análise das entrevistas semiestruturadas possibilitou perceber que há um distanciamento entre o ensino de Dança proposto pelos documentos oficiais e o realizado nas escolas. Assim, para que ocorram melhorias necessárias neste contexto, se faz necessário sérias modificações na estrutura escolar e na postura do professor. É preciso ir mais longe, é necessário atravessar os muros que impedem o ensino de Dança nas aulas de Arte. Para atravessar esses muros se faz necessário maiores investimentos tanto na formação dos professores quanto na educação em si. É necessário criar os espaços para que o professor possa atuar. Não basta apenas investir em publicações de materiais didáticos, é preciso investir nos recursos humanos das escolas, o professor necessita de espaços de formação continuada e reflexão sobre a sua prática em sala de aula. Sem espaço, sem profissional preparado, sem possibilidade de desenvolvimento, a Dança, por meio das ações dos/as professores/as, procura se adequar ao sistema disciplinador da escola. Por vezes torna-se apenas mais um conteúdo a ser acrescentado no caderno por meio de textos, imagens, sem cumprir seu papel social de conhecimento e linguagem, outras vezes, busca brechas para trazer conhecimentos e experiências significativas aos estudantes.

Palavras-chave: Ensino de Arte. Dança na escola. Currículo escolar.

RESUMEN

Esta disertación intitulada "El lenguaje de la danza en el plan de estudios de arte: un estudio de caso en las escuelas públicas en Sorocaba - SP" tiene como objetivo conocer el trabajo realizado en el lenguaje de la danza en las clases de arte, como proponen los documentos oficiales que guían la educación artística en estas escuelas. La metodología utilizada para esta investigación fue el estudio de caso colectivo y los instrumentos de colecta de datos utilizados fueron: búsqueda bibliográfica, cuestionarios y entrevistas semiestructuradas aplicadas a un grupo de profesores de arte perteneciente a la Junta de Educación de Sorocaba (SP) y que han contribuido voluntariamente a la investigación. El análisis del discurso (Orlandi, 2013) permitió la comprensión de los conceptos de arte en la educación y los conceptos didácticos que guían el trabajo de la enseñanza de Danza en las escuelas investigadas. El Capítulo 1 se encuentra a partir de una visión histórica sobre la educación artística en Brasil, la modificación de sus nombres, que reflejan los cambios en los planes de estudio y la inclusión del lenguaje de la danza en el currículo de la disciplina. El Capítulo 2 es un estudio de los documentos oficiales que guían la enseñanza de la danza desarrollada por el arte/educadores (a) que hacen parte de esta investigación. En el Capítulo 3, se presentan los resultados encontrados en la investigación de campo a través de un análisis del estudio de caso realizado. Finalmente, en las consideraciones finales hace una reflexión sobre las respuestas encontradas durante la trayectoria de la investigación en relación a las preguntas inicialmente problematizadas. El análisis de las entrevistas semiestructuradas se permite darse cuenta de que existe una brecha entre la enseñanza de la danza propuesta por los documentos oficiales y el realizado en las escuelas. Por lo tanto, para que ocurra mejoras en este sector, es necesario serios cambios en la estructura de la escuela y en la postura del/a educador/a. Tenemos que ir más allá, es necesario cruzar los muros que impiden la enseñanza de la danza en las clases de arte. Para cruzar estas paredes se requiere mayores inversiones, en la formación docente y en la educación. Deben crear espacios para que el profesor pueda actuar. No es suficiente invertir solamente en publicaciones y materiales educativos, tenemos que invertir en los recursos humanos de las escuelas, los maestros necesitan espacios para la formación continua y la reflexión sobre su práctica. Sin espacio, sin profesional preparado, sin posibilidad de desarrollo, la danza, a través de las acciones de los maestros, busca adaptarse a el sistema disciplinador de las escuelas. A veces, se hace apenas como más uno contenido que se acrescenta en el cuaderno a través de textos, imágenes sin el cumplimiento de su función social del conocimiento y el lenguaje, otras veces buscarse resquicios para llevar el conocimiento y la experiencia significativa para los estudiantes.

Palabras clave: Educación de Arte. Danza en la escuela. Currículo Escolar.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Ensino de Dança para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental: Secretaria Estadual de Educação de São Paulo.....	71
Quadro 2 - Ensino de Dança para os Anos Finais do Ensino Fundamental: Secretaria Estadual de Educação de São Paulo	80
Quadro 3 - Ensino de Dança para o Ensino Médio: Secretaria Estadual de Educação de São Paulo.....	84
Quadro 4 - Perfil dos/as professores/as entrevistados/as e formação acadêmica	91
Quadro 5 - Tempo de serviço no magistério público estadual de São Paulo e jornada de trabalho dos sujeitos pesquisados	94
Quadro 6 - Motivações para ser um professor de Arte.....	98
Quadro 7 - Autorretrato de um/a Arte/educador/a	103
Quadro 8 - Definição de Dança na visão dos arte/educadores	110
Quadro 9 - O Ensino de Dança no espaço escolar	114
Quadro 10 - Dificultadores encontrados para Ensino de Dança na Escola	121
Quadro 11 - Facilitadores encontrados para o Ensino de Dança na Escola	127

LISTA DE SIGLAS

AD	Análise de Discurso
ASSETA	Associação de Ensino Tatuense – Tatuí (SP)
ATP	Assistente Técnico Pedagógico
ATPC	Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo
ATPL	Aula de Trabalho Pedagógico Livre
CASA	Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente
CEEJA	Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos
CEL	Centro de Língua.
CEUNSP	Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio- Itu (SP)
CGEB	Coordenadoria de Gestão da Educação Básica
CNE/CEB	Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica.
DAC	Disciplina de Apoio Curricular
DF	Distrito Federal.
EEl	Escola de Ensino Integral
EF	Ensino Fundamental
EM	Ensino Médio
ES	Espírito Santo.
FAMOSP	Faculdade Mozarteum de São Paulo (SP)
FDE	Fundação para o Desenvolvimento da Educação (SP)
FE/USP	Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
FESLJ	Faculdade de Educação São Luis de Jaboticabal (SP)
FFLCH/USP	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
FLAAC	Festival Latino Americano de Arte e Cultura
FPA	Faculdade Paulista de Arte (SP)
GDAE	Gestão Dinâmica da Administração Escolar
IAUNICAMP	Instituto de Arte da Universidade Estadual de Campinas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia Estatística.
IDESP	Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEA	Movimento Escolinhas de Arte
MG	Minas Gerais

PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCNP	Professor/a Coordenador/a do Núcleo Pedagógico
PE	Pernambuco
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
REDEFOR	Rede São Paulo de Formação Docente
RJ	Rio de Janeiro
SA	Situação de Aprendizagem
SD	Sequencia Didática.
SEE/SP	Secretaria Estadual de educação do Estado de São Paulo
SP	São Paulo
UNAR	Centro Universitário de Araras (SP)
UNESPAR	Universidade Estadual do Paraná (PR)
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas (SP)
UNISO	Universidade de Sorocaba (SP)
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
Capítulo 1. ENSINO DE ARTE NO BRASIL, SUAS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS E A INTRODUÇÃO DA DANÇA NO CURRÍCULO DE ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA	20
1.1 Ensino tradicional e a visão utilitarista da Arte na educação	20
1.2. Ensino de Arte e a expressão das emoções	25
1.2.1. Movimento Escolinhas de Arte (MEA): Um marco no ensino moderno de arte- educação.....	27
1.3. Concepções de ensino de Arte e suas denominações.....	28
1.4. As diferentes linguagens artísticas no ensino de Arte	31
1.5. As reformas curriculares brasileiras e a valorização das múltiplas linguagens da Arte nos currículos escolares	32
1.6. Interterritorialidade e interdisciplinaridade no ensino de Arte.	36
1.7. A Linguagem da Dança na escola.....	43
1.7.1. Alguns muros a ultrapassar.....	46
1.7.2. O Lugar da Arte dentro da instituição disciplinar: escola.....	49
1.7.3. A Dança na construção da subjetivação do sujeito	54
Capítulo 2. A DANÇA NO ENSINO DE ARTE: BASES QUE FUNDAMENTAM O ENSINO DE DANÇA NO CURRÍCULO DE ARTE NA REDE ESTADUAL-SP	58
2.1 Documentos que orientam o ensino de Dança nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental	62
2.1.1. O “Projeto Alice” no ensino de Arte nos anos iniciais e o “Trem feito de gente”	62
2.1.2. Orientações Curriculares e Didáticas de Arte - Anos Iniciais - EF: Dança	68
2.2. O Currículo de Arte na Rede Estadual de São Paulo: Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.....	76
2.2.1- Orientações Curriculares Didáticas para o Ensino de Dança nos Anos Finais do Ensino Fundamental.....	79
2.2.2 Orientações Curriculares Didáticas para o Ensino Médio Dança	83
CAPÍTULO 3. PERCURSO METODOLÓGICO: PESQUISA DE CAMPO	87
3.1 Cenário da Pesquisa e Sujeitos Pesquisados	87
3.2. – Método - Análise de Discurso.....	89

3.3 Perfil e formação dos/as professores/as entrevistados/as	90
3.3.1. Motivação para a formação na área de Arte.	97
3.3.2. Ser um arte/educador é.....	102
3.3.3. A Dança na escola na visão dos/as professores/as entrevistados/as	109
3.4. O Ensino de Dança na Escola.....	113
3.4.1. Facilitadores e Dificultadores para o Ensino de Dança na escola	120
CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS	131
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	135
ANEXOS	140
ANEXO A – Modelo de questionário aplicado durante os meses de março à julho de 2014	141
ANEXO B - Modelo do termo de consentimento para uso de dados coletados nas entrevistas.....	143
ANEXO C - Modelo de solicitação para observação de aulas entregue a direção da escola observada.	144
ANEXO D - Modelo de autorização entregue a direção da escola observada	145
ANEXO E - Modelo de autorização entregue ao professor da escola onde as aulas foram observadas.....	146
ANEXO F - Compilação dos resultados dos questionários semi estruturados aplicados de março à julho de 2014.....	147
ANEXO G - Transcrições de entrevistas com professores/as de Arte da rede estadual de ensino de Sorocaba-SP, realizadas de abril à agosto de 2014-	169

INTRODUÇÃO

“A dança se faz não apenas dançando, mas também pensando e sentindo: dançar é estar inteiro”. (VIANNA, 1990, p. 25)

A presente dissertação insere-se na linha de pesquisa “Processos Artísticos, Experiências Educacionais e Mediação Cultural”, por meio de um enfoque qualitativo, esse estudo foi realizado na rede estadual de ensino, no município de Sorocaba- SP, através de um estudo de caso coletivo. Teve por objetivo geral conhecer o trabalho docente realizado acerca da linguagem da Dança em aulas de Arte, conforme proposto pelos documentos oficiais que orientam o ensino de Arte nessas escolas.

Como objetivos específicos pretende-se analisar o Currículo de Arte, que orienta a construção dos planos de ensino das escolas pesquisadas; verificar como a linguagem da Dança presente neste documento chega às salas de aula, sabendo que o docente que ministra essas aulas, em sua expressiva maioria não possui formação em Dança; compreender o nível de apropriação e apreensão das concepções de Ensino de Arte orientadas pelo Currículo do Estado de São Paulo, para refletir sobre as formas do saber, e do saber-fazer no que tange à construção do conhecimento do educador/a¹ para sua prática pedagógica no ensino de Arte. Este trabalho de pesquisa busca propor novas discussões em relação ao ensino de Dança no contexto escolar, refletindo também sobre a atuação e formação do/a professor/a de Arte.

Trabalhando como professora de Arte na rede estadual de ensino de São Paulo, desde 2001 e atualmente exercendo a função de Professora Coordenadora do Núcleo Pedagógico (PCNP) na disciplina de Arte – na Diretoria de Ensino de Sorocaba- SP, desde 2008 (período da implantação do currículo), percebi que algumas das linguagens da Arte contempladas no currículo e nos materiais

¹ Opto por utilizar nesta dissertação as denominações Arte-Educador e Arte-Educação ao referir-me ao ensino de Arte de modo geral, entendendo serem termos abrangentes, pois, abarcam o ensino de Arte em diversas instituições como museus, ONGs e também na educação formal. O termo Professor de Arte também é utilizado em alguns momentos específicos, apenas para referir-se ao arte/educador do ensino formal. Quanto a presença de /o /o e /a ou /os e /as no texto foi uma escolha com o intuito de respeitar os gêneros feminino e masculino presentes nas instituições escolares.

pedagógicos (Cadernos do Aluno² e Cadernos do Professor³) que orientam o trabalho dos educadores, apresentam-se como obstáculos para alguns professores. Essa problemática me motivou a encontrar caminhos para realizar o meu trabalho como formadora de professores de Arte e buscar as respostas que movem este trabalho de pesquisa, observando que,

[...] nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeira instância, um problema da vida prática, pelo menos no caso das Ciências Sociais. Isso quer dizer que a escolha de um tema não emerge espontaneamente, da mesma forma que o conhecimento não é espontâneo. Surge de interesses e circunstâncias socialmente condicionadas, frutos de determinada inserção no real, nele encontrando suas razões e seus objetivos (MINAYO, 2010, p. 173).

A partir de então, durante o curso de especialização (2010 - 2011) realizado nesta universidade, pelo Programa Rede São Paulo de Formação Docente (REDEFOR), foi realizada uma pesquisa⁴ entre os/as professores/as de Arte das escolas estaduais do município de Sorocaba, com o intuito de fazer um levantamento das dificuldades desses/as educadores/as no desenvolvimento do Currículo de Arte proposto pelo estado de São Paulo e apoiá-los com ações de formação continuada. Participaram da pesquisa, 148 professores/as de Arte que atuavam à época nas 80 escolas estaduais pertencentes a este município⁵, que responderam sobre sua formação superior e sobre as linguagens da Arte que atribuíam maiores dificuldades para ensinar. Foi apontada por eles uma maior dificuldade em trabalhar com as linguagens da Dança e da Música, sendo que, a Dança foi a linguagem que mais se destacou neste aspecto.

O currículo de Arte da rede estadual de ensino (SP), embasado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), prescrito para ser desenvolvido nas escolas pesquisadas, orienta um ensino de Arte em que o docente deve desenvolver durante a vida escolar do aluno, as diferentes linguagens pertencentes a disciplina que são: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Para isto, as escolas estaduais,

² Cadernos do Aluno é o nome dos cadernos que os alunos recebem semestralmente com atividades bimestrais.

³ Cadernos do Professor é o nome da publicação que os professores recebem com as Situações de Aprendizagens a serem desenvolvidas. O Volume um dos cadernos contém Situações de Aprendizagens referentes ao primeiro e ao segundo bimestre, além de propostas para sondagens e avaliações, já o volume dois, refere-se aos terceiros e quartos bimestres.

⁴ LUZ, Roberta Jorge. Reflexões sobre a Linguagem da Dança nas aulas de Arte. UNESP/SP- Especialização Lato-Sensu /REDEFOR. (2010/2011).

⁵ Atualmente a Diretoria de Ensino conta com 85 escolas estaduais.

assim como professores e alunos recebem materiais didático-pedagógicos, livros paradidáticos e didáticos, CDs e DVDs, etc. Com isso, apresento algumas questões problematizadoras que discutirei ao longo desta dissertação, sem o objetivo de esgotá-las totalmente:

- Partindo do princípio proposto por Minayo (2010), que nenhum conhecimento é espontâneo e de que todo estudo surge a partir de algum interesse prático da vida ou das Ciências Sociais, qual foi a problemática da vida ou na vida escolar que trouxe a Arte e conseqüentemente, a Dança para dentro da escola?

- Se na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB-9394/96), nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs - Arte- 1997) e no currículo de Arte da Secretaria Estadual de Educação (SEE/SP), a Dança consta como uma das linguagens constituintes da disciplina de Arte e reconhecendo sua importância na formação efetiva de um cidadão pleno, como efetivamente esta linguagem vem sendo abordada nessas unidades escolares, qual importância vem sendo dada a ela no espaço escolar e como os/as educadores/as entendem o ensino de Dança em suas aulas de Arte, visto que muitos deles não possuem formação, nem experiência na linguagem?

- Os documentos oficiais que regem o ensino de Arte nas escolas estaduais, formulados por artistas - pesquisadores - propositores atendem à problemática proposta pelo sistema disciplinar ou existem duas mentalidades em choque dentro deste currículo? Sendo assim, com quais condições o professor/a realiza sua tarefa de ensinar Dança na escola?

- A formação inicial e continuada do/a professor/a, a carga horária reservada para o ensino de Arte nos currículos escolares são suficientes para o trabalho efetivo da alfabetização artística desses alunos/as nas diferentes formas de expressão (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro)?

- Qual é o espaço reservado para a Dança no ensino regular de Arte?

- A partir dessa problematização, senti a necessidade de compreender e entender o ensino de Dança tendo o/a professor/a de Arte como figura central desta pesquisa, por reconhecer que é ele/a o/a profissional que reflete, interpreta, analisa e, portanto é capaz de gerar saberes sobre o objeto de pesquisa. Buscarei aqui reconhecer as diferentes vozes presentes dentro da escola, para então discutir sobre os sentidos que elas dão a esta instituição.

Procurando atender aos objetivos propostos nesta pesquisa, optei por realizar um estudo de caso coletivo. A escolha pela abordagem do estudo de caso, acompanhada de uma análise das entrevistas à luz da Análise de Discurso (AD), justifica-se a partir da produção teórica de Ludke e André (1986), Minayo (2010) e Orlandi (2013). A utilização da metodologia de Análise de discurso (AD) na vertente francesa, tendo como precursor Pêcheux e pelos seus seguidores, mais especificamente no Brasil, Orlandi (2013) para interpretação do material produzido através das entrevistas realizadas com professores de Arte, foi sugerido durante meu exame de qualificação pelos/as professores/as que fizeram parte da banca, por considerarem que o tratamento dado pela AD seria o mais adequado para problematizar e buscar os Ditos e Não-Ditos pelos professores durante as entrevistas.

O público - alvo investigado constitui-se de professores/as de Arte que atuam a Educação Básica, em escolas estaduais do município de Sorocaba e que aceitaram contribuir com a pesquisa. Sendo que, foram realizados os seguintes procedimentos:

- Pesquisa bibliográfica, leitura e seleção de autores, para conhecer o que já foi dito e escrito sobre a Dança no contexto escolar, Ensino de Arte e Currículo;
- Elaboração e envio de um questionário online com questões semiabertas para todas as escolas estaduais da cidade de Sorocaba, visando buscar aqueles/as professores/as de Arte que declarassem desenvolverem um trabalho referente ao ensino de Dança na escola, a partir daí encontrar possíveis parceiros nesta pesquisa. Cinquenta e dois professores/as contribuíram respondendo o questionário e cinquenta deles/as autorizaram a utilização das informações coletadas.
- Realização de entrevistas semiestruturadas com dez dos/as cinquenta professores/as participantes no preenchimento do questionário inicial. As entrevistas semiestruturadas, favoreceram a compreensão do percurso de cada educador e possibilitou a reflexão sobre os diferentes depoimentos a respeito do objeto de pesquisa. Sendo, a entrevista o principal instrumento utilizado neste estudo de caso por entender ser uma ferramenta muito importante para a pesquisa qualitativa e por apresentar a visão daqueles que possuem a melhor posição para falar do assunto.
- Estudo das orientações para o ensino de Dança proposto pelos documentos oficiais atuais que norteiam o Ensino e Dança nas escolas públicas estaduais pesquisadas, sendo estes: A publicação do projeto Um trem feito de Gente, escrito pela Professora Lenira Rengel, as propostas curriculares dos Anos Iniciais do Ensino

Fundamental publicados até o ano de 2014 para o Ensino de Dança e a Proposta Curricular dos Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio no que se refere à linguagem artística estudada e as Situações de Aprendizagens de Dança propostas nos Cadernos do Professor e Cadernos do Aluno, distribuídos semestralmente para todas as escolas estaduais;

- Compreensão do percurso dos/as professores/as, das relações estabelecidas no cotidiano escolar, entre eles/as e seus alunos, bem como dos resultados obtidos com a proposta de ensino de Dança orientado pelos documentos oficiais e suas adequações à realidade e ao espaço escolar, entendendo serem eles/as os agentes ativos que adotam ou adaptam tais normalizações;

- E a articulação dos resultados da investigação com um referencial teórico que possibilitou compreender a realidade social investigada.

O referencial teórico que ampara as reflexões apresentadas traduz a preocupação de melhor articular, teoria e prática, buscando dar um tratamento apropriado ao objeto de pesquisa. Por meio do estudo de caso, bem como da bibliografia pesquisada, busco um novo olhar na compreensão do contexto no qual as práticas do ensino de Arte se inserem.

Partindo dos referenciais teóricos – metodológicos expostos, a dissertação está organizada da seguinte maneira:

O capítulo 1 situa-se a partir de uma visão histórica acerca do ensino de Arte no Brasil, a modificação de suas denominações, mudanças que refletiram nos currículos escolares e a inserção da linguagem da Dança no currículo da disciplina. O capítulo 2 trata-se de um estudo dos documentos oficiais que norteiam o ensino de Dança desenvolvido pelos arte/educadores/as que fazem parte desta pesquisa. No capítulo 3, apresentam-se os resultados encontrados na pesquisa de campo por meio de uma análise do estudo de caso realizado. Por fim, nas considerações finais desta dissertação faz-se uma reflexão sobre respostas encontradas durante o percurso da pesquisa referentes às questões inicialmente problematizadas.

Capítulo 1. ENSINO DE ARTE NO BRASIL, SUAS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS E A INTRODUÇÃO DA DANÇA NO CURRÍCULO DE ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Este capítulo surge da necessidade de entender as concepções de ensino que permeiam os espaços escolares e o enredamento da Dança como área de conhecimento no ensino de Arte nas escolas estaduais que fazem parte do estudo desta pesquisa. Para isso se faz necessário refletir sobre o processo histórico educacional em que se inseriu a Arte e também a Dança nos currículos escolares brasileiros.

Para realizar esta reflexão foi imprescindível o estudo de textos escritos e livros organizados por Ana Mae Barbosa (2010, 2011, 2012), Gimeno Sacristán (2000), Isabel Marques (2001, 2007, 2010), Marcia Strazzacappa e Carla Morandi (2006), Erinaldo Alves Nascimento (2005), Maria F. de Rezende, Fusari e Maria Heloísa C de T. Ferraz (1983), João Francisco Duarte Jr (1985), Michael Foucault (2013), entre outros.

1.1 Ensino tradicional e a visão utilitarista da Arte na educação

O ensino de Arte no Brasil, historicamente vem buscando seu espaço na educação formal, frequentemente relacionado a trabalhos manuais, desde muito tempo teve reservado seu lugar junto a disciplinas secundárias. Nascimento (2005) atribui esta hierarquização dos saberes inclusive dentre os saberes artísticos a uma herança deixada pelos jesuítas,

Para eles, o estudo da língua materna e das línguas clássicas (latim) eram mais importante que atuação nas artes e nos ofícios porque, além de implementarem o processo de catequização, desencadeavam a contemplação dos clérigos. (NASCIMENTO, 2005, p. 19)

Para o autor, a herança da educação jesuíta no Brasil exerce grande influencia até os dias atuais sobre a posição em que as diferentes disciplinas curriculares tomam nos programas escolares e a valorização das Artes Visuais sobre as outras linguagens artísticas. A supervalorização das Artes Visuais resultaria da “estética de

Tomás de Aquino” que, afirmava que a visão seria o “sentido estético por excelência”. (NASCIMENTO, 2005, p. 20)

Outra herança do jesuitismo seria a ideia do/a arte/educador/a polivalente. Segundo o autor, os jesuítas exigiam que os padres que se propusessem a lecionar Artes e Ofícios⁶, tivessem várias aptidões artísticas, além de conhecer diferentes técnicas. Essa visão polivalente do/a professor/a de Arte teria se fortalecido na década de 70 com a Lei 5692/71 que orientava que o/a professor/a de Arte deveria dominar e conhecer profundamente as três grandes áreas artísticas que compunham os cursos de Educação Artística criados à época: Artes Plásticas, Artes Cênicas⁷ e Música.

A produção artística valorizada na educação de Artes e Ofícios era ligada ao catolicismo, partindo da articulação de temas e produção de objetos religiosos. No modelo escolar instituído pelos jesuítas, os trabalhos manuais eram proibidos nas escolas dos homens livres, restando aos índios e aos escravos esses conhecimentos, vistos pela sociedade da época como inferiores.

Tanto Sacristán (2000, p. 61), como Marques (2007, p. 18) apontam que dentro dos currículos escolares, alguns saberes são considerados como próprios do sistema escolar e fundamentais para a formação do indivíduo, já outros são vistos como secundários neste processo. Neste sentido, o ensino regular há muito tempo tem valorizado aquelas disciplinas nas quais os conhecimentos são ligados a inserção ao mercado de trabalho capitalista, depreciando aqueles conhecimentos produzidos por meio da experiência estética, corporal, poética, filosófica, social e intuitiva. Reduzindo a escola a um lugar onde não precisa sentir, pensar ou criar, estimulando a capacidade intelectual humana apenas no que é funcional para o mundo capitalista.

O desenho foi a primeira atividade artística incluída no currículo escolar brasileiro que se tem conhecimento. Em substituição ao colégio Real dos Jesuítas, fundado em 1800, o Seminário Episcopal de Olinda, incluiu nos anos seguintes, em seu currículo, aulas públicas de desenho. Essas aulas não eram fixas nem obrigatórias. A partir de então, começaram a surgir outros cursos de desenho em outros colégios e regiões brasileiras. E a pintura também fora incluída aos currículos

⁶ A denominação dada ao ensino de Arte no período dos jesuítas referia-se aos afazeres dos Loyolistas, principais responsáveis pela Educação no Brasil na época do Brasil Colônia.

⁷ A Dança e o Teatro eram partes integrantes da área de Artes Cênicas.

escolares, porém, as atividades manuais ligadas ao trabalho industrial, ainda eram discriminadas, sendo associadas ao trabalho de escravos até meados de 1870. (BARBOSA, 2012, p. 22-27).

Neste período o ensino de Arte se resumia apenas ao ensino de desenho. Apenas uma minoritária parcela da sociedade tinha acesso a educação e isso se reduzia muito mais, quando falamos em ensino de desenho e pintura. Nas escolas secundárias predominavam o ensino do desenho de retrato e a cópia de estampas, enquanto que nas escolas elementares públicas as atividades artísticas não faziam parte do currículo. (BARBOSA, 2011, p. 41).

No final do século XIX e início do século XX o Brasil iniciou um movimento de renovação na educação escolar. Em meio a muitos acontecimentos históricos, com a abolição da escravatura, que no ano de 1888, findou-se uma História de aproximadamente 350 anos de escravidão e proclamação da República no ano seguinte. A produção artística nacional já começava a receber influências do movimento expressionista, pois, muitos artistas nacionais viajavam para o exterior para se especializarem com artistas estrangeiros.

A abolição da escravidão no Brasil, não constituiu uma diversidade profissional e cultural, pois, apesar de muitos negros, indígenas e escravos apresentarem à época, reconhecida atuação educacional e artística, seus trabalhos eram vistos como inferiores e tomados como meros ofícios populares. A constante e contraditória diferenciação entre Artes e Ofícios prosseguia balizando a distinção social e cultural. (NASCIMENTO, 2005, p. 107).

Começa a eclodir a ideia de expandir o ensino do desenho (como era denominado o ensino de Arte naquele período) a todas as classes sociais. Rui Barbosa foi considerado um dos mais fiéis interprete da corrente Liberal Brasileira, mediante sua concepção pedagógica, o desenho tinha grande importância nos currículos escolares e ele dedicou parte de seus estudos ao ensino do desenho e da Arte,

[...] Rui Barbosa, que tinha as credenciais de jurista, parlamentar e de homem publico de reconhecida intelectualidade, foi o relator de pareceres sobre a reforma do ensino primário e secundário, em 1882 e 1883 e de entusiásticos discursos sobre a defesa do ensino do desenho para a educação pública. (NASCIMENTO, 2005, p. 85).

Neste período houve um movimento intenso sobre a importância do ensino do desenho nos currículos educacionais, influenciados pelos estudos de Walter Smith e por meio de uma transposição de métodos internacionais de ensino, surge no nosso país princípios metodológicos que defendiam a importância de se ensinar o desenho partindo das formas geométricas, da cópia de modelo e do conhecido desenho pedagógico que percorre os ambientes escolares até os dias de hoje.

Outro liberal influente à época foi André Rebouças, que em seus escritos ao jornal Novo Mundo, também defendia que para o avanço brasileiro era necessário um investimento no ensino do desenho, seguindo modelos internacionais de sucesso, ou seja, o ensino do desenho era valorizado, mas, pelo seu caráter funcional da formação para o trabalho, de forma utilitarista e de uso imediato. Neste período, a escola não se apropriava do desenho como linguagem, expressão ou experiência artística.

A disciplinarização do ensino do desenho foi marcada por um movimento amplo de vários pensadores da época, o artista Eliseu Vicente, que atuou também como educador, afirmou em uma entrevista,

[...] Necessitamos tornar obrigatório o ensino de desenho, no ensino primário e no curso secundário, em escolas especiais desta matéria, espalhados pelos pontos mais distantes do país e da cidade, a fim de que todas as crianças tenham facilidade de frequentá-las. O desenho deve preceder ao próprio alfabeto. “Ele é a porta por onde a criança tem a revelação do mundo.” (CAMPOS, 1927 apud NASCIMENTO, 2005, p. 61).

Além do desenho, a partir da década de 50, as escolas passaram a ter em seus currículos, atividades como trabalhos manuais, Música e Canto Orfeônico. Os docentes trabalhavam com manuais e livros didáticos, transmitiam a seus alunos técnicas e reproduções de modelos. Mantinha-se um ensino voltado ao “fazer técnico e científico de conteúdo reprodutivista”, sempre mantendo uma preocupação com o produto final e não no processo de ensino e aprendizagem. Considerava-se que assim o aluno saberia utilizar este aprendizado em sua vida profissional. Esse tipo de ensino tradicional de Arte cumpria sua função, a de manutenção da sociedade. (FUSARI; FERRAZ, 1993, p. 27)

Nas escolas tradicionais da época, chamadas de primárias e secundárias, a Arte não era um componente curricular, era considerada apenas uma atividade. Nela valorizavam-se habilidades, talentos e dons, característica de uma visão mítica de

ensino de Arte. O ensino do desenho tinha como objetivo, o domínio técnico, com intuito de formar mão de obra para as indústrias, incumbia ao educador transferir aos alunos os padrões estéticos por meio de reproduções de modelos.

Para NASCIMENTO (2005, p. 54), o pensamento de ensino de Arte, herdado pelo jesuitismo teria deixado suas marcas influenciando os currículos atuais, uma vez que a Arte era vista como um acessório, servindo apenas para complementar outras disciplinas.

Úteis para as festas escolares, mesmo não fazendo parte do currículo da época, a Dança e o Teatro, tinham seu espaço dentro do ambiente escolar quando faziam parte de alguma festividade, ainda assim, tinha a única e exclusiva função de ornamentar a festa e seu foco era apenas o produto final, não do ensino e aprendizagem dessas linguagens. Esta visão utilitarista e vocacional impregnada ao ensino de Arte, o tornava burguês e fútil na visão da sociedade da época, como afirma Duarte Jr,

Neste sentido, a Arte sempre foi vista como “artigo de luxo”, como um “acessório” cultural: coisa de desocupados. O verdadeiro ensino da arte foi reservado às horas de ócio das classes superiores, dando-se apenas nos “conservatórios” e “academias” particulares, na escola oficial a arte sempre entrou pelas portas dos fundos, e ainda assim, de maneira disfarçada. (DUARTE JÚNIOR, 1985, p. 77).

Esse pensamento utilitarista ainda se mostra muito atual nas escolas, principalmente quando se observa os planos que elas constroem para atingir o Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo (IDESP), vinculado ao bônus do/a professor/a da rede estadual paulista. A disciplina de Arte acaba ficando a mercê de treinar os alunos a ler imagens, gráficos e tabelas ou mesmo ao ensino da geometria. Ficando a serviço de trazer conhecimentos que serão exigidos nas avaliações externas e conteúdos que seriam estudados nas disciplinas de Língua Portuguesa, História, Geografia ou Matemática, deixando de lado os conhecimentos próprios da Arte, tão importantes quanto das outras disciplinas ou áreas do conhecimento.

Vivencio isso constantemente quando participo de reuniões de planejamento e replanejamento nas escolas que faço acompanhamento no meu trabalho de PCNP. Em uma das escolas que acompanhei o replanejamento escolar em agosto de 2014, por exemplo, a reunião durante o dia todo foi analisar as questões da Avaliação

Diagnóstica⁸ de Língua Portuguesa e Matemática, verificar as habilidades e competências que não foram apreendidos pelos alunos nessas disciplinas e elaborar um plano para que as outras disciplinas (Arte, Educação Física, História, Geografia, Sociologia, Filosofia, Ciências, Biologia, Física e Química) pudessem ensinar em suas aulas esses conhecimentos. Esquecendo que cada disciplina escolar tem o seu planejamento e seus conteúdos definidos pelo currículo e por cada professor/a.

Durante esta observação, pareceu normal aos professores preparar suas aulas para atender as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, não percebi nenhum questionamento ou resistência, mesmo sendo suas disciplinas compostas por uma carga horária bem inferior em relação às duas disciplinas avaliadas⁹.

Em pesquisa realizada por ALMEIDA (2012, p. 11-12), foi observado, após realizar, por meio de observações, entrevistas, e questionários preenchidos sobre concepções e práticas pedagógicas de professores que atuam na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio verificou que quando questionados sobre a “serventia” da Arte na escola, os/as professores/as pesquisados/as apresentaram na maioria das respostas, uma visão instrumental e utilitária da Arte. Para esses educadores, o desenho seria útil para ilustrar as outras disciplinas e ensinar hábitos aos alunos, ou mesmo, juntamente com a Música e a Dança, seriam úteis para “desenvolver a coordenação motora”, “percepção auditiva”, memorizar conteúdos de outras disciplinas, além de serem linguagens disciplinadoras, na visão desses professores, serviria para acalmar e relaxar os alunos.

1.2. Ensino de Arte e a expressão das emoções

A Semana de Arte Moderna foi um movimento de vanguarda que revolucionou o panorama artístico brasileiro. Contou com a presença de muitos artistas nas diferentes formas de expressão no campo das artes. A Dança teve sua representação na apresentação da bailarina Yvone Daumerie. (BOSI, 2006, p.339).

⁸ Todos os semestres, desde agosto de 2011, as escolas estaduais aplicam uma avaliação diagnóstica que é elaborada pela Coordenadoria de Gestão da Educação Básica de São Paulo (CGEB-SP), denominada Avaliação da Aprendizagem em Processo (AAP) tem o intuito de avaliar e acompanhar a aprendizagem dos alunos em Língua Portuguesa e Matemática.

⁹ As disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática são compostas por 5 ou 6 horas aulas semanais por turma no Ensino Fundamental diurno, enquanto as disciplinas de Arte, História, Geografia e Ciências são compostas por apenas 2 horas semanais.

O movimento modernista diferenciava-se pela reflexão e rejeição dos cânones artísticos impostos pelo passado. Buscava criar a verdadeira cultura nacional. Por meio da publicação do manifesto Pau Brasil (1924-1925), procurava-se a redescoberta brasileira através do movimento antropofágico. Antropofagia esta, que pretendia devorar a cultura brasileira e europeia da época.

Entre os anos de 1927 e 1935, Oswald de Andrade e Anita Malfatti, em meio a publicações e atividades desenvolvidas em cursos, desenvolveram investigações sobre o fazer artístico infantil. Anita buscava desenvolver métodos aprendidos por Homer Boss com influência nas pesquisas de John Dewey (BARBOSA, 2011, p.42). Essas investigações buscavam uma espécie de estética infantil, explorando o deixar fazer, a espontaneidade e a livre expressão, com isso, as práticas realistas e de representações clássicas e da tradição do modelo davam lugar a expressividade infantil.

Neste período se incitava novas discussões sobre a educação escolar, a educação primária torna-se o centro das atenções para novas reformas educacionais. O movimento conhecido por Escola Nova, ou escolanovismo, defendia a ideia de ensino de Arte como instrumento mobilizador da criatividade, imaginação e inteligência. Assim como os liberais, defendia-se a importância do desenho no processo educacional, porém, agora o foco não estava mais na técnica e na formação para o trabalho, estava na criação artística.

As ideias de John Dewey, difundidas por Anízio Teixeira, resultaram nos pressupostos teóricos da Escola Nova que posteriormente foram inseridas em reformas educacionais no Brasil como a Reforma Fernando Azevedo (DF), Atilio Vivacqua (ES), Carneiro Leão (PE) e Francisco Campos (MG). As diferentes e errôneas interpretações das ideias de Dewey acabaram tornando o escolanovismo sinônimo de práticas desconexas de ensino de Arte, ou em algumas vezes onde o desenho estava a serviço de ensinar tudo menos Arte. (BARBOSA; COUTINHO, 2010, p. 15)

A Arte como livre expressão começa ser valorizada a partir de 1947. Os professores começaram a se apropriar dessa nova forma de ensinar Arte e passam a conhecer essas novas experiências e teorias que foram difundidas no Brasil. Nascimento (2005, p. 161) assinala que entre os anos 1930 a 1970, denominações como “trabalhos manuais” e/ou “artes aplicadas” (Artes Plásticas), “educação pela arte” e “artes industriais”, eram designações relacionadas ao Ensino de Arte no

Brasil, neste tipo de ensino era enfatizado a formação de gosto popular, Arte como lazer, expressão, estilização e também o raciocínio industrial.

1.2.1. Movimento Escolinhas de Arte (MEA): Um marco no ensino moderno de arte-educação

Por volta de 1947, iniciaram o surgimento de ateliês de ensino de Arte para crianças em vários municípios brasileiros, na grande maioria eram dirigidos por artistas que objetivavam desenvolver por meio da Arte, a expressão das crianças de forma que elas realizassem livremente seus trabalhos sem intervenção do educador.

O movimento intitulado: Movimento de Escolinha de Arte (MEA), em 1948, liderado por Augusto Rodrigues (RJ) e Noêmia Varela (PE), apresentava como pensamento filosófico a autoexpressão, e se constituía em colocar a criança no centro de seu processo de criação. Utilizavam como embasamento teórico as pesquisas e estudos de Herbert Read e Viktor Lowenfeld, autores que influenciaram profundamente o ensino de arte no país, a partir da década de 40, mesmo tendo pouca disponibilidade de textos traduzidos naquela época.

Para Augusto Rodrigues a Escolinha de Arte nasceu naturalmente, fruto da inquietação de arte/educadores/as e a necessidade de crianças e artistas, afirmando,

A escolinha não nasceu planejada no papel, não teve fundação festiva, com solenidades e discursos, não teve anúncios nem chamou muita atenção. Nasceu como uma pequena experiência viva, fruto da inquietação de um grupo de artistas e educadores, liderados por Augusto Rodrigues. Ele e Margaret Spencer — depois outros professores - que chegavam, gostavam e ficavam — e, principalmente, as crianças. como faltava uma escola aberta, livre, que desse oportunidade de criação e expressão — um lugar onde as crianças ficassem e fossem felizes —, a Escolinha foi criada. como não havia lugar amplo, o corredor da Biblioteca Castro Alves foi utilizado. Ali as crianças começaram a se reunir com seus professores. Sem horário rígido, sem muitas regras — exceto, talvez, a grande regra de não atrapalhar o trabalho dos outros — e utilizando o material disponível que, aliás, era fornecido pelos professores que acabaram criando uma escola onde pagavam para dar aulas. (RODRIGUES, 1980, p. 33-34)

O debate apresentado por AZEVEDO (2011, p. 224) entre Noêmia Varela e Ana Mae Barbosa, no artigo intitulado “Movimento Escolinhas de Arte: em cenas memórias de Noêmia Varela e Ana Mae Barbosa”, apresenta duas defesas de

pontos de vista em relação a concepções de arte-educação, uma defendendo a concepção moderna de ensino e a outra pós moderna. Enquanto Noêmia Varella defendia a expressão pura e livre da criança, Ana Mae declarava que o ensino modernista sonegava o conhecimento da Arte aos alunos e defendia o contato com a obra de arte por meio da contextualização, da leitura e do fazer artístico. Marcava-se ali no 1º Festival Latino Americano de Arte e Cultura (FLAAC), ano de 1987, naquele debate, junto 1,5 mil arte/educadores/as do Brasil inteiro, a transição entre o ensino moderno e o ensino pós-moderno de arte-educação.

1.3. Concepções de ensino de Arte e suas denominações

A denominação Educação Artística foi adotado para se referir ao ensino de Arte até poucos anos atrás pelos sistemas de ensino. Foi oficializado a partir da Reforma curricular de 1º e 2º grau, instituída pela Lei nº 5692 no ano de 1971, que em seu artigo 7º do primeiro capítulo, diz:

Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programa de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observado quanto a primeira o disposto no Decreto-lei nº 869, de 12 de setembro de 1969. (BRASIL, 1971, 1º capítulo, art.7º).

Carregava em sua genealogia o período autoritário da Ditadura Militar, época de sua introdução, o ingresso do livro didático no ensino escolar característica do período tecnicista de educação, onde o ensino de Arte era caracterizado pelo ensino de geometria, letras bastão, cores primárias e secundárias, ampliação e redução de desenhos, cópias de modelos, etc.

Segundo Nascimento (2005, p. 163), essa denominação, já era utilizada, durante muito tempo para se referir ao ensino geral de todas as linguagens artísticas, já vigorava a época, um projeto mais amplo embasado nos estudos de Herbert Read que se chamava “Educação pela Arte”, este defendia a Arte como base para ensinar todas as disciplinas. Essa proposta de ensino tanto era difundida para o ensino de várias disciplinas, como para o próprio ensino de Educação Artística.

O termo Arte-Educação foi introduzido no mesmo período por um grupo de professores/as e pesquisadores/as de Arte que, a época, começou a se mobilizar

em prol da melhoria da qualidade no ensino de Arte. Após a Semana de Arte e Ensino, organizada por Ana Mae Barbosa e realizada em São Paulo no ano de 1980, com a presença de mais de 3000 professores/as, iniciou-se uma grande mobilização em todo o país em busca de discussões sobre o ensino de Arte.

O termo “arte/educação”, a meu ver, foi introduzido naquele momento, como forma de diferenciação da nomenclatura “educação artística” utilizada pela LDB, e com o intuito de aglutinar as pessoas com formação nas diferentes linguagens artísticas em torno de uma bandeira em comum: a defesa da qualidade no ensino da arte e a luta contra a chamada “polivalência”. (RICHTER, 2011, p. 323).

No ano de 2005 oficialmente foi modificado o termo “Educação Artística” por “Arte”¹⁰, por meio do Parecer CNE/CEB: 22/2005, emitido pelo Ministério da Educação e do Conselho Nacional de Educação. Segundo este parecer a área de conhecimento seria chamada a partir de então por “Ensino de Arte”, entendida anteriormente, quando ainda era Educação Artística, como um fazer esvaziado. Passaria a partir de então a uma forma de conhecimento.

A nova denominação preconizada tende a fortalecer a proposta que vê o ensino da arte como uma área específica do saber humano, partindo do raciocínio de que a importância da arte está na arte em si mesma e no que ela pode oferecer, e não porque serviria para atingir outros fins. (BRASIL, 2005, p. 2).

Outra justificativa apresentada para tal modificação era que os PCNs já traziam desde 1996 a denominação Arte para se referir a disciplina, reconhecido como um avanço para o ensino da disciplina pelo parecer por contemplar as linguagens da Música, Dança, Teatro e Artes Visuais. Os currículos escolares nacionais já seriam embasados nos PCNs, desde sua publicação, sendo assim, não haveria mais sentido o uso da denominação Educação Artística.

É importante salientar que este parecer valoriza e defende a formação específica do professor, reforçando a opinião de que a “polivalência” do/a arte/educador/a já seria uma ideia ultrapassada,

¹⁰ Mesmo tendo sido homologado o parecer 22/2005, na atribuição de aulas no ano de 2006 na cidade de Sorocaba houve uma grande manifestação, pois, um grande número de educadores/as licenciados em Teatro: Arte-Educação pela Universidade de Sorocaba (UNISO) foram impedidos de ingressar como professores da rede estadual de ensino apenas porque o sistema de Gestão Dinâmica de Administração Escolar (GDAE) ainda não estava atualizado com a nova nomenclatura. Após os professores/as recorrerem na justiça e reivindicarem seus direitos, puderam trabalhar.

Assim sendo, o Parecer CNE/CEB nº 4/98 e a Resolução dele decorrente não podem reforçar a noção de polivalência na formação e na atuação dos professores de Arte. Respeitada a autonomia de que gozam por mandamento legal, os estados e municípios terão a liberdade de organizar seus currículos, sempre segundo o Parecer, na articulação entre a base nacional comum, a parte diversificada e os conteúdos mínimos das áreas de conhecimento. E poderão respeitar a formação específica dos professores. Entendemos assim que a retificação da denominação “Educação Artística” por “Arte” está na linha de compreensão do Parecer e da Resolução, define melhor a noção de área de conhecimento, fica em consonância com a LDB e permite às redes públicas, no âmbito de sua autonomia, receber, indistintamente, em concursos públicos licenciados em Educação Artística, em Arte ou em quaisquer linguagens específicas, Artes Visuais e Plásticas, Artes Cênicas ou Teatro, Música e Dança, que utilizarão os seus conhecimentos específicos, com a finalidade de atingirem os objetivos preconizados pela legislação em vigor para o Ensino Fundamental e, de modo mais direto, o objetivo do ensino da arte, que é “promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. (BRASIL, 2005, p.2).

Observa-se então, que a denominação arte-educação estava sendo muito cotada para substituir “educação artística”, porém segundo Ana Mae Barbosa,

A denominação *ensino de arte* vinha sendo ensaiada em 1980, concomitantemente com *arte-educação*, no evento *Semana de Arte e Ensino*. Ganhou reforço com a realização dos congressos *Ensino da Arte e sua história*. O 3º seminário, de âmbito internacional, realizado em 1989, foi decisivo porque se propôs a intensificar as bases teóricas, inseri-las no contexto histórico e combater os espontaneísmo, tanto nos níveis elementares como no superior. (BARBOSA, 2004 apud NASCIMENTO, 2005, p. 203, grifo do autor).

Para Nascimento,

(...) a vigência da denominação *ensino de arte* está associada à luta em prol do estabelecimento e configuração de um “saber de base”, de um “saber específico” capaz de diferenciar essa disciplina das demais e da área de arte, consolidando sua importância no processo educacional. (2005, p. 205).

Atualmente é entendido que o termo arte-educação abrange uma área de trabalho mais abrangente, pois se refere ao ensino artístico que pode ser realizado em espaços expositivos ONGs, museus, empresas e também escolas. Já o termo Ensino de Arte é menos abrangente que o primeiro, referindo-se apenas ao trabalho em escolas e universidades, ou seja, o ensino de Arte na educação formal.

Enquanto uma das ações em prol da qualidade do ensino de Arte, as modificações das denominações trouxeram consigo a busca por especificidade da

área, uma nova configuração no ensino da disciplina, a luta pelo reconhecimento da mesma enquanto área de conhecimento, a importância na formação do aluno e sua valorização no contexto escolar.

1.4. As diferentes linguagens artísticas no ensino de Arte

A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs – Arte - 1997) e o atual Currículo de Arte em vigor na rede estadual de Ensino de São Paulo, apresentam a disciplina de Arte como uma grande área do conhecimento e as Linguagens Artísticas que são: as Artes Visuais, a Dança, a Música e o Teatro como subáreas pertencentes a área de Arte. Sendo assim o/a professor/a de Arte, independente de sua linguagem artística de formação, ao entrar para o ensino formal é um professor de Arte, ou seja, aquele que ensina as diferentes linguagens artísticas.

As subáreas relacionadas ao ensino de Arte são chamadas de Linguagens pelos documentos oficiais por tratarem essas áreas de conhecimento como gramáticas a serem aprendidas, possíveis de alfabetização, tendo como objetivo final que o aluno consiga ler e se expressar através delas de forma autônoma.

Porém, até os dias atuais as atividades relacionadas ao desenho e aos trabalhos manuais são vinculadas a disciplina de Arte, enquanto os trabalhos corporais, como o Teatro e a Dança são pouco atrelados à área. A escola, algumas vezes ainda relaciona o/a professor/a de Arte a um/a decorador/a do ambiente escolar, esquecendo que muitas vezes, mesmo licenciado em Artes Visuais ou Artes Plásticas o/a educador/a não teve formação ou como objetivo em sua formação profissional o de desenvolver habilidades de um decorar de ambientes.

Resultado do mundo contemporâneo e do mercado de trabalho atual em educação, reflexo algumas vezes da desvalorização da disciplina, mesmo em cidades que possuem um grande número de arte/educadores/as ainda presenciamos a falta deles nas escolas em todo o Brasil. Na cidade de Sorocaba, não é diferente. Essa associação da palavra Arte com as Artes Visuais e trabalhos manuais, desconsidera alguns profissionais possuem formações em outras modalidades artísticas, como Teatro, Música e Dança.

Participando recentemente de uma reunião com arte/educadores/as, presenciei uma professora de Arte comentar que sentia seu trabalho depreciado pela equipe

gestora da escola em que atua. Mesmo sendo licenciada em Teatro - Arte-Educação há seis anos, não havia sido escolhida para ensaiar uma peça de teatro na escola para o evento do dia das mães, enquanto que, as lembrancinhas deveriam ser feitas por ela, por ser professora de Arte.

Este é um exemplo prático de como, mesmo tendo profissionais das diferentes linguagens da Arte inseridas no espaço escolar, há muitos anos o ensino de Arte ainda é visto como trabalhos manuais por muitos integrantes deste processo, desconsiderando até mesmo a formação do educador, que pode ser músico, artista da dança, ator, artista visual, ou mesmo possuir outras formações como, Desenho Geométrico, Artes Industriais, Artes Plásticas, entre outras.

Outro ponto interessante na fala da professora a ser destacado além da imposição ao/a professor/a de Arte sobre o fazer das lembrancinhas, decorações e organização de festinhas com apresentações artísticas, é a espera desta professora pela imposição e a frustração por não ter sido escolhido/a.

A discussão sobre a apresentação de teatro e a confecção de lembrancinhas é apenas a ponta do iceberg no que se refere à cultura escolar que foi sendo cristalizada e os inúmeros problemas que estão por trás disso. Algumas hipóteses sobre este discurso podem ser levantadas, como a visão deturpada de ensino de Arte que este discurso pode carregar, sobre o lugar do ensino de Arte na escola, entre outras questões que serão discutidas ao longo desta dissertação.

1.5. As reformas curriculares brasileiras e a valorização das múltiplas linguagens da Arte nos currículos escolares

A inserção das diversas linguagens da Arte nos currículos escolares data desde a república. A reforma curricular Francisco Campos consolidada em 1932 trouxe primeiramente o desenho e o canto orfeônico. Com a promulgação da Lei 4062/61, primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, os currículos escolares brasileiros foram constituídos de disciplinas obrigatórias básicas, complementares, optativas e práticas educativas. O ensino de Arte foi incluído a época como atividades complementares em horários extras da grade curricular, incluindo ensino de desenho, pintura, escultura, modelagem, canto orfeônico, música e visitas a exposições e museus. (MARIN, 1981 apud FERRI, 2008, p. 17).

Com a reforma curricular do 1º e 2º grau em 1971- Lei 5692/71, os currículos escolares passaram a ser organizados por: atividades, áreas de estudo e disciplinas (Geografia, História, Língua Portuguesa e Matemática). Orientado pelos estudos piagetianos, a proposta deste currículo era desenvolver no aluno os conhecimentos conforme seu desenvolvimento psicológico.

Por meio do artigo 7º da referida lei, o ensino de Arte foi incluído como atividade, mas agora de forma obrigatória nos currículos escolares, exigindo como formação mínima para lecionar, o curso de Licenciatura Curta em Educação Artística.

A obrigatoriedade do Ensino de Arte foi sem dúvida um avanço para a História do ensino de Arte no Brasil, porém, para suprir a demanda criada por esta lei, as instituições de Ensino Superior à época criaram os cursos de Educação Artística em formato de licenciatura curta visando formar os educadores em um período de um ano e meio ou dois anos em Artes Plásticas, Artes Cênicas e Música, para lecionar nas escolas. As faculdades de Educação Artística, criadas, não estavam instrumentalizadas para oferecer uma formação sólida a esse professor numa carga horária tão reduzida.

Com isso, criou-se uma prática experimentalista de ensino de Arte, ou seja, desenvolveu-se a ideia de que bastavam proporcionar aos alunos atividades expressivas e espontâneas de Música, Teatro ou Artes Plásticas que já teriam desenvolvido todas as suas potencialidades artísticas. Enquanto proposta para apenas uma “atividade”, a ideia talvez estivesse coerente, porém, a lei carregava uma concepção que tinha como objetivo principal que o aluno passasse por um processo expressivo e criativo, não apenas experimental. E isto trouxe heranças ao ensino contemporâneo de Arte, pois, mesmo depois de anos, tendo o ensino de Arte se tornado disciplina e sendo embasado por outras concepções filosóficas, este tipo de prática ainda tende a persistir no espaço escolar.

Na década de 80, o ensino de Arte sofreu reorientações, em várias partes do mundo, se discutia sua valorização enquanto disciplina escolar. No Brasil a maior contribuição foi de Ana Mae Barbosa, que sistematizou a Abordagem Triangular, orientando um ensino combinado por três aspectos: o fazer artístico, a leitura e a contextualização. Nas salas de aula o produto e o processo passaram a ser considerados fundamentais.

Em 1988, com a promulgação da Constituição, iniciam-se discussões sobre a nova lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, sancionada em 1996 como leis nº 9.394, além da obrigatoriedade no ensino de Arte, também exige formação plena para o/a professor/a de Arte, esta lei dita as diretrizes da educação até os dias atuais. No ano seguinte a publicação da nova lei, publicou-se no Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais; estes tratam de um conjunto de documentos que oferece até os dias atuais, parâmetros para planejamento e formulação dos currículos escolares. No caso do ensino de Arte, os Parâmetros Curriculares Nacionais trouxeram uma direção, pois, traçaram o que seria realmente fundamental para ensinar nas aulas, dentro de cada especificidade artística.

Os PCNs trazem em si como proposta geral, um conjunto de princípios que reorientam a visão do ensino de Arte, colocando-o como uma área de conhecimento em ações disciplinares, interdisciplinares e articulando com os temas transversais. Elege o aluno como sujeito da aprendizagem, onde ele constrói seus saberes, experimenta as diferentes linguagens, comunica, faz uma reflexão sobre seu processo de criação. Para a formação de educadores o lema é aprender a aprender, os modos de aprendizagens requerem conteúdos vinculados às habilidades e competências, articulado as modalidades de acesso aos saberes da atualidade, formação contínua para professor e aluno. Educador prático-reflexivo, ou seja, que reflète sobre sua prática.

O/a professor/a tem papel significativo na construção da identidade artística das crianças e jovens, deve ser um mediador no seu percurso de criação, promovendo leitura, reflexão e construção de ideias sobre Arte, possibilitando também a leitura de objetos artísticos nas diferentes linguagens artísticas, sendo que a organização de como abordar as linguagens, ficam por conta da organização do planejamento de cada escola. Sendo que o documento orienta que os conhecimentos nas diferentes linguagens, tenham, por parte do educador um certo aprofundamento tanto nos Anos Iniciais, quanto nos anos Finais do Ensino Fundamental, assim como no Ensino Médio.

É necessário que a escola planeje para cada modalidade artística no mínimo duas aulas semanais e que a área de Arte esteja presente em todos os níveis de ensino. Para tanto, sugere-se que, por exemplo, se Artes Visuais e Teatro forem eleitos respectivamente em duas das séries de um ciclo, as demais formas de arte poderão ser abordadas por meios de projetos interdisciplinares, com visitas a

espetáculos, apresentações ou apreciação de produções em vídeos, pôsteres etc. A mesma escola trabalhará com Dança e Música nas demais séries, invertendo a opção pelos projetos interdisciplinares. É importante que o aluno, ao longo da escolaridade, possa se desenvolver e aprofundar conhecimento em cada modalidade artística. (BRASIL, 1998, p. 47).

A exigência do aprofundamento em cada modalidade artística é um grande dificultador para o/a professor/a que trabalha com Arte no ensino regular, primeiramente pela sua formação que não lhes dá embasamento suficiente em todas as linguagens, segundo, pela carga horária que é destinada a disciplina e terceiro, pela estrutura existente nas escolas. Penso que para o desenvolvimento de um trabalho aprofundado, o educador necessita de condições para isso. Nos PCNs referente aos Anos iniciais do Ensino Fundamental, a orientação de aprofundamento se repete,

É desejável que o aluno, ao longo da escolaridade, tenha oportunidade de vivenciar o maior número de formas de arte; entretanto, isso precisa ocorrer de modo que cada modalidade artística possa ser desenvolvida e aprofundada. (BRASIL, 1997, p. 41)

Apesar dessa problemática, vejo como um grande avanço a inclusão de todas as linguagens artísticas por parte dos PCN, visto que durante muitos anos o ensino de Arte privilegiou o ensino de Artes Visuais e Música, desconsiderando completamente o Teatro e a Dança. Porém, reconheço que o documento apresenta uma visão deturpada neste sentido, pois, por exigir aprofundamento nas linguagens apresenta um caráter de polivalência. Um aprofundamento só é possível se realizado por professor/a com formação e experiência nas quatro linguagens artísticas ou por profissionais com formação específica. Uma coisa é contextualizar, explorar, observar, vivenciar, ensinar de outra forma inter ou transdisciplinar outra é aprofundar os conhecimentos numa linguagem.

O Currículo do Estado de São Paulo (2008), documento que orienta os professores sujeitos desta pesquisa, apesar de ser orientado pelos PCNs, elimina a questão do aprofundamento nas diferentes linguagens, sugerindo que o educador trabalhe sua linguagem de formação realizando projetos curriculares que garantam ao aluno o acesso às diferentes linguagens artísticas durante sua formação escolar.

A critério das escolas e respectivos professores, sugere-se que os projetos curriculares se preocupem em variar as formas artísticas

propostas ao longo da escolaridade quando serão trabalhadas, artes visuais, dança, música ou teatro. (BRASIL, 1998 apud SÃO PAULO, 2010, p. 144).

O trabalho com as diferentes linguagens visando a uma abordagem interdisciplinar entre as linguagens me parece mais realista e ideal, visto que o professor tem a oportunidade de aproximar os alunos de todas as linguagens, porém com um aprofundamento em sua linguagem de formação, visto que nela ele terá embasamento suficiente para um aprofundamento.

1.6. Interterritorialidade e interdisciplinaridade no ensino de Arte.

Vivemos atualmente num mundo de conexões, onde a comunicação é rápida. A informação caminha tão rápido que tudo se imbrica, somos tomados pelas mídias, é fácil confundir o mundo real do mundo virtual, ao ouvir uma conversa de estranhos, algumas vezes não sabemos se as pessoas falam da novela, do telejornal ou da vida real. Barbosa, 2008, afirma que vivemos numa época em que

[...] a atenção está voltada para a internet, a interculturalidade, a interdisciplinaridade e a integração das artes e dos meios como modos de produção e significação desafiadores de limites fronteiras e territórios. Entretanto, os arte-educadores têm dificuldades de entender a arte 'inter' produzida hoje. (BARBOSA, 2008, p.23).

Essa dificuldade advém da formação inicial e principalmente da falta de políticas públicas de formação continuada, bem como a falta de acesso a produção artística. Enquanto ainda se estuda na universidade Arte pelo viés dos cânones europeus e pela linha do tempo traçado pelos livros de História da Arte e das Artes Plásticas, as linguagens contemporâneas da Arte quebram barreiras e interligam as diferentes linguagens artísticas.

Quando a fotografia foi inventada pelo homem, a produção plástica não deixou de existir, foi se imbricando com outras mídias, interagindo com outros materiais, modificando sua estética ou mesmo sua função social. Quando o homem percebeu que conseguia fazer a imagem se movimentar, rapidamente foi integrando esses recursos a sua produção artística. A Arte interage com as invenções da humanidade, utilizando-as como ferramenta ou suporte da produção artística nas diferentes formas de expressão.

A videoarte, a videodança, a arte interativa, a web arte, a performance, a dança teatro, a tecnomúsica, entre outras, são hibridizações entre Arte e tecnologia, e mesmo, entre linguagens artísticas e diferentes formas de expressão. E isso só vem se intensificando com o passar do tempo. A Arte Contemporânea estreitou suas fronteiras e nós¹¹ arte/educadores/as, ficamos, por vezes, embasbacados com as multiplicidades de possibilidades que se abrem com as linguagens contemporâneas da Arte. Por vezes temos dificuldades de entender a produção artística atual e muitas vezes também pela falta de acesso, insistimos em modelos ultrapassados de ensino.

Para o aluno ter sensibilidade de perceber, entender e se deixar tocar pela arte produzida atualmente, além de conhecer, ele necessita passar pela experiência do fazer artístico nas diferentes linguagens artísticas. Isso não significa uma defesa da polivalência do ensino de Arte, não acredito que um mesmo educador possa ensinar Música, Dança Teatro e Artes Visuais se aprofundando em suas especificidades, mas penso que o aluno tem direito de conhecer e ter um repertório das diferentes formas de expressão para que possa escolher sua forma de se expressar.

Isto exige do/a arte/educador/a um olhar mais generalista das artes e uma formação e experiência nas diferentes linguagens artísticas, não impedindo que tenha uma formação específica em uma linguagem.

[...] a arte contemporânea trata de interdisciplinarizar, isto é, pessoas com suas competências específicas interagem com outras pessoas de diferentes competências e criam, transcendendo cada uma seus próprios limites ou simplesmente estabelecendo diálogos. São exemplos o *happening*, a performance, a *body art*, a arte ambiental, a *vídeo art*, a arte computacional, as instalações, a arte na web, etc. (BARBOSA, 2008, p.24)

A escola é um lugar de encontros, alunos e professores possuem suas facilidades, interesses, repertórios e experiências de vida. Neste sentido, não cabe mais o currículo escolar da disciplina de Arte apenas priorizar uma única linguagem artística, ou mesmo, o educador só valorizar a sua linguagem de formação. O aluno precisa ter acesso ao universo da Arte, pois,

[...] os currículos engessados pelas especialidades já não respondem às interconexões, interpenetrações e sincretismos gerados por

¹¹ Incluo-me nesta discussão, pois, a dúvida e a insegurança faz parte do processo de qualquer profissional e é natural, algumas vezes, repetimos práticas que consideramos mais seguras.

valores culturais mais democráticos e pelas novas tecnologias (BARBOSA, 2008, p.24).

A escola necessita ser um lugar desafiador e de acesso ao conhecimento, não apenas um reprodutor de práticas cristalizadas, assim como, o educador precisa estar aberto para novas experiências, sendo provocado por problematizações, permanecendo sempre em processo de aprendizagem, nas palavras de Kastrup, um processo de “desaprendizagem permanente” (KASTRUP, 1999 apud PICOSQUE; MARTINS, 2007, p. 350).

Desaprendizagem no sentido de que um educador que repete vinte anos a mesma prática não possui vinte anos de experiência, possui apenas um ano de experiência e dezenove anos de repetição, acabando por cristalizar hábitos, deixando de enxergar possibilidades de construção do conhecimento, permanecendo num lugar confortável de repetição de saberes, desmotivando a si e ao outro no fazer educativo, tornando assim urgente uma desconstrução dessa prática.

Para BARBOSA,

[...] a função da interdisciplinaridade não é comunicar ao indivíduo uma visão integrada de todo o conhecimento, mas desenvolver nele um processo de pensamento que o torne capaz de, frente a novos objetos de conhecimento, buscar uma nova síntese. Nesse sentido a integração do conhecimento será sempre tentativa, nunca terminal, e o método analítico-sintético, portanto o eixo em torno do qual a interdisciplinaridade se realiza. (2010, p. 18).

O ensino de Arte interdisciplinar busca como fundamento a ideia de totalidade. Entende, pois, o humano como um ser total e global, defendendo aqui uma posição onde o/a arte/educador/a precisa minimamente oportunizar uma integração entre as diferentes linguagens artísticas para que o aluno tenha um panorama do que é a Arte.

O educador pode se utilizar de vídeos de grupos de Dança e/ou Teatro que já produziram algo relacionado e integrar este conhecimento, fazendo com que os alunos ampliem seus repertórios e conheçam outras produções artísticas relacionadas à temática estudada, ampliando então o conhecimento que seria antes de apenas uma linguagem e agora, para um conhecimento integrado entre as diferentes linguagens, sendo este formato de trabalho um ensino interdisciplinar conhecido por integração concêntrica.

A interdisciplinaridade, portanto, tem como função integrar a colcha de retalhos de competências altamente desenvolvidas e de interesses diversificados e muitas vezes antagônicos. Esta integração é uma organização que tem lugar na mente do aluno, provocada pela forma como o conhecimento lhe é apresentado. (BARBOSA, 2010, p. 18)

Entendendo a interdisciplinaridade como mais uma ferramenta para ensinar Arte em que o/a educador/a traz o conhecimento das diferentes linguagens artísticas para complementar e dialogar com o trabalho referente à linguagem de base selecionada para encabeçar o trabalho de forma concêntrica, alocêntrica, polivalente ou transversal.

No ensino de Arte, a integração concêntrica é uma ferramenta em que as diferentes linguagens da Arte estão a serviço de uma única finalidade, temática ou metodologia de ensino. A Integração alocêntrica é quando se busca o conhecimento de diferentes linguagens ou disciplinas para solucionar um único problema ou para um aprofundamento contextual e a Integração transversal, quando uma linguagem artística ou disciplina atravessa todo o currículo.

[...] a interdisciplinaridade é hoje uma resposta adequada e possível, mas não ideal para abarcar a diversidade cultural que rodeia a escola e a educação. A transdisciplinaridade seria uma resposta mais revolucionária, porém é ainda uma utopia que devemos trabalhar para alcançar. (BARBOSA, 2010, p.26)

Para Ana Mae Barbosa, a polivalência é uma das categorias interdisciplinares do Ensino de Arte possíveis e aceitáveis no trabalho com crianças pequenas (até os 11 anos de idade), pois, nesta idade as crianças estão tendo um primeiro contato com as diferentes linguagens artísticas.

[...] a Polivalência é admissível na idade dominada pelo pensamento sincrético, quando o conhecimento é apresentado de modo globalizado e até unificado pelo agente estimulador, um professor único. A este professor, entretanto deve se dar uma supervisão específica nas diversas áreas de arte e também possibilitar-lhe fazer um trabalho pessoal em arte que desenvolva seu processo criativo. A partir de 10 ou 11 anos quando se iniciam o desenvolvimento da capacidade de análise, da abstração e da tomada de consciência do próprio processo criador, torna-se necessário o ensino que possibilite o aprofundamento nas diversas áreas de pensamento: discursivo, científico e presentacional. (BARBOSA, 2010, p.20).

A transdisciplinaridade entre as linguagens da Arte, ainda é uma utopia, visto que ainda não temos no nosso país, profissionais que pudessem atuar dentro de

cada escola com formação nas diferentes linguagens artísticas ou mesmo, a contratação de diferentes profissionais da área de Dança, de Teatro de Música e de Artes Visuais para que as linguagens fossem desenvolvidas no currículo de forma transdisciplinar.

O pensador cultural Homi Bhabha faz uma distinção importante entre uma postura crítica interdisciplinar e uma postura crítica transdisciplinar: na primeira, o crítico se localiza claramente numa determinada disciplina de origem e busca em outras disciplinas subsídios para entender e/ou explicar fenômenos que lhe interessam; esses subsídios novos, porém, são trazidos para e transformados pela disciplina de origem do crítico; a disciplina de origem do crítico e a identidade disciplinar do crítico, apesar de se beneficiarem dos subsídios novos, não se alteram. Por outro lado, na postura transdisciplinar, o crítico busca subsídios novos em outras disciplinas e procura trazê-los de volta a sua disciplina de origem para que essa possa se transformar, ora alimentada por esses insumos novos, gerando assim novos conhecimentos, novas posturas e novos objetos de estudo. (SOUZA, 2007 apud BARBOSA, 2010, p. 26).

Ana Mae Barbosa também apresenta o termo interterritorialidade, termo este que implica na recusa da divisão do conhecimento em disciplinas, defendendo um pensamento mais amplo, onde o mapeamento de territórios abrange uma busca sem fronteiras do conhecimento. Sendo o educador o responsável por manipular a bússola por onde os alunos farão a imersão no universo da Arte. Isso é claro, exige do educador uma formação mais aprofundada, para que este possa quebrar as fronteiras e consiga trazer para as salas de aula a Arte enquanto universo de possibilidades e conhecimentos a serem descobertos pelos alunos e não apenas enquanto uma disciplina composta por diferentes linguagens a serem ensinadas separadamente.

Para Fusari e Ferraz, o universo das Artes Visuais amplia-se ao abrangermos diferentes formas de expressão artística que possibilitem serem lidas e apreciadas através do sentido visual, considerando assim, diversas manifestações artísticas como “fotografia, artes gráficas, os quadrinhos, a eletrografia, o teatro, a dança, a publicidade, o cinema, a televisão, o vídeo, a holografia, a computação”, pelas suas características de visuais. (FUSARI; FERRAZ, 1993, p. 73). Abrindo assim a possibilidade de atuação do arte/educador/a com formação em Artes Visuais ampliar seu campo de atuação transitando em outras territorialidades, como no Teatro, na Dança ou na música, olhando para essas produções artísticas pelo seu âmbito estético, artístico e cultural, bem como, objetos que podem trazer discussões,

reflexões e possibilidades de ampliação do repertório visual do aluno, colocando a Dança, o Teatro e até a Música em outra dimensão que sai do palco, recorta a cena e trás para o lugar da imagem em movimento, lugar do cinema ou mesmo da paisagem sonora.

Penso que um ensino de Arte global e interterritorializado é uma busca constante do educador que procura dialogar e transitar entre as linguagens artísticas. Percebi durante o estudo de caso algumas experiências neste sentido, um exemplo é quando a professora Rê¹² descreve sua forma de trabalhar mostrando que o desenho e o trabalho de corpo são partes de um mesmo processo, não há uma divisão marcada que diga onde acaba o trabalho de Artes Visuais, onde começa o de Dança,

[...] uma coisa que eu faço muito, eu pego um vídeo, eu pego aquilo pra transformar no corpo, do desenho parte para o corpo, eu sempre uso o corpo, o corpo pra mim é fundamental para o aprendizado, não sei se eu estou certa, mas, funciona comigo, então eu acho que funciona com a maioria, ele tem que sentir aquilo que ele tá fazendo, então é da tela para o corpo, sempre, é do desenho para o corpo, desde o pequenininho, ele desenhou aquela casinha lá com os bichinhos, deste tamanhinho na folha aí ele tem que expressar aquilo com o corpo da maneira como ele quiser, tem aula que eu fico pegando aquele petitiquinho e faço, sem ele falar *“Oh, mostra com o corpo o que você desenhou!”* Ele tem que se expressar, sempre! Eu pego o corpo, fica até um pouco cansativa a aula as vezes, pra mim, né? Porque eles gostam (risos) os pequenos principalmente. Os grandes é mais complicado chegar nesse processo! Eu preciso de muitos vídeos! Muito! Principalmente dos Cadernos dos Alunos, tudo que eu posso, eu mostro, mostro de 5º ano pra frente. Mostro, mostro, mostro. Aí eles conseguem perceber um pouco do que é uma dança contemporânea, por exemplo. Mas eu sou um pouco assim, eu parto pelo desenho, ele vê, ele desenha, ele fala... o último é o corpo. O último processo! Eu não chego falando, vamos montar uma coreografia, vamos criar, não dá certo comigo! É o meu jeito de trabalhar é a última parte. (ANEXO G, entrevista com a professora Rê, 07/04/2014)

A professora Rê foi uma das professoras entrevistadas que apresentou muita segurança ao falar sobre suas práticas em Dança. Percebi que, por ter formação em Artes Cênicas e vivência de muitos anos em grupos de Teatro ela passou por muitas formações em Dança, demonstrou ter muito conhecimento e suas aulas não considero que sejam pensados de forma polivalente, mas com um pensamento no

¹² Optei por utilizar uma sílaba do nome dos/as professores/as entrevistados/as para preservar a identidade deles/as e ao mesmo tempo não tratá-los/as como um número ou algo parecido.

qual não há fronteiras entre as linguagens, como o movimento de “arte total” europeu explicado por Barbosa e Amaral,

Os projetos europeus em direção à “arte total” incorporavam pintura, poesia, música e dança e rejeitavam a separação das artes em instituições que as isolassem uma das outras, como em museus e teatros. As vanguardas não só queriam transformar, mas principalmente totalizar a arte. A dança passou a ter nesse projeto de “arte total” importância capital porque é por meio do corpo que os sentidos estão associados. O corpo, instrumento de dança, realiza a síntese perceptiva e, por meio do movimento, espaço e tempo combinam-se em unidade. (BARBOSA, 2008, p. 27).

Apesar da professora Rê utilizar os Cadernos do Professor e os Cadernos do Aluno e declarar seguir os conteúdos do currículo, em sala de aula age conforme a necessidade que percebe durante a aula e isto dá a ela mais liberdade para criar, não fica presa em cânones impostos, seu currículo é flexível e criado dia após dia guiado e inspirado nos documentos orientadores,

Eu só não faço mais porque não tem tempo, isso que eu acho triste e muitas vezes eu fujo um pouco do conteúdo, fujo bastante, porque eu me prendo naquilo que a sala de aula esta mostrando pra mim. (ANEXO G, entrevista com a professora Rê, 07/04/2014)

De forma muito versátil e muito animada ao contar sua forma de trabalhar ela adapta os conteúdos do currículo aos interesses dos alunos e ao tempo restrito que tem por turma que são em média 64 horas - aulas anuais, ou seja, o equivalente a um curso de 53 horas divididas em nove meses letivos¹³ contando com as pausas de janeiro, julho e também o mês de dezembro que apesar de estar no calendário oficial não existe na prática. Um tempo muito restrito para se aprofundar em quatro linguagens da Arte e ainda ensinar os diferentes conteúdos previstos no currículo e no Plano Político Pedagógico da escola. Penso que mesmo com o pouco tempo se o/a professor/a souber gerir o tempo que tem nas diferentes séries fazendo as linguagens conversarem entre si como apresentou a professora Rê, acredito que é possível realizar um trabalho de qualidade em Arte dentro do Ensino Regular.

¹³ A carga horária destinada ao ensino de Arte nas escolas pesquisadas é extremamente restrita para se pensar num aprofundamento de conteúdos em quatro linguagens artísticas, visto que durante o ano letivo de fevereiro à dezembro o/a professor/a oficialmente tem 53 horas por turma, isso sem contar com os inúmeros dias que a escola desenvolve trabalhos em que o professor não leciona sua disciplina porque participa ou promove outras atividades como: festa junina, semana da criança, feira cultural, reunião de pais e mestres, conselho de classe e série, dentre outras.

1.7. A Linguagem da Dança na escola

A Dança entra para os currículos escolares objetivando dar aos alunos melhores subsídios para "compreender, desvelar, desconstruir, revelar e, se for o caso, transformar as relações que se estabelecem entre corpo, dança e sociedade" (BRASIL, 1997, p.70). Não vem com o intuito de reproduzir, divertir, imitar modelos midiáticos, ilustrar festas escolares, relaxar os alunos, entre outros equívocos que insistem e persistem em rondar os espaços escolares.

Como qualquer outra manifestação artística, a dança é forma de conhecimento que envolve a intuição, a emoção, a imaginação e a capacidade de comunicação, assim como o uso da memória, da interpretação, da análise, da síntese e da avaliação crítica. (BRASIL, 1997, p. 74)

A linguagem da Dança, assim como as outras linguagens artísticas, possui conteúdos próprios capazes de desenvolver no indivíduo uma melhor compreensão estética do mundo. Entender a Dança como expressão artística, que faz parte da cultura de diversos povos percebendo, como esses corpos se movimentam no espaço nas diferentes manifestações artísticas e culturais, fazem parte dos objetivos do ensino de Dança na escola.

A sociedade contemporânea exige um novo posicionamento sobre o currículo da escola regular e o quanto é preciso avançar e refletir sobre função social da escola atual frente a séculos de negligência do corpo, da Arte e da Dança. A escola é um lugar onde se reúnem diferentes corpos e tribos, por isso é o lugar privilegiado onde podemos pensar, aprender e experienciar¹⁴ a Dança enquanto linguagem e conhecimento.

O ensino de Dança na escola, enquanto linguagem artística está muito longe de um ensino que visa à educação pelo movimento corporal. A linguagem da Dança está relacionada à construção e reconstrução de sentidos e significados. Entendendo a linguagem da dança conforme proposto por Ferreira,

[...] a dança pode ser considerada como linguagem na qual alguns dos corpos no ambiente cênico (dançarino-espectador) realizam uma ação cognitiva de caráter textual - comunicam signos verbais e não verbais realizados com o entorno, compondo uma escrita metafórica. (2013, p. 2)

¹⁴ O termo Experienciar é muito utilizado no universo da Arte para se referir ao que seria uma experiência real movida pelo sentido conforme propõe BONDÍA (2002, p. 20).

O corpo exerce um importante papel no processo de leitura e escrita, por meio dele podemos ler os códigos verbais e não verbais que nos rodeiam. A linguagem da Dança na escola possibilita ao aluno não apenas escrever por meio do movimento corporal, mas ler, expressar, representar, dialogar, interpretar, copiar, comunicar, criar, compor, etc.

[...] a dança é um sistema de signos que permite a produção de significados. A dança, como sistema, prevê um conjunto organizado de elementos com variadas possibilidades de combinações. Essas combinações são os códigos. Dessa forma, a linguagem da dança tem códigos próprios que permitem leituras diversas para quem assiste a ela e para quem a executa. Torna possível a construção de uma rede de comunicação entre a criança e o mundo, por meio do corpo em movimento no espaço, em um tempo pessoal e/ou coletivo, no qual ela expressa emoções, sentimentos, sensações do momento presente, passado ou futuro (GODOY, 2012, p. 22-23)

Os conteúdos de Dança dentro de uma perspectiva efetiva de arte-educação, devem estar ligados a experiência, imaginação, observação, jogo, sentimento, cultura, vivência, percepção, entre outros conhecimentos que precisam ser facilitados pelo professor durante o processo de ensino-aprendizagem da linguagem. Conforme Marques, o ensino de dança no contexto escolar deve possibilitar uma interligação entre "os próprios conteúdos da dança" e os "conteúdos individuais, culturais e sociais dos alunos". (2001, p. 96)

Mesmo Roger Garaudy tendo declarado ser a dança "o primo pobre da educação" (GARAUDY, 1989 apud MARQUES, 2007, p. 15) percebo vivenciando o dia a dia das escolas da rede estadual da cidade de Sorocaba, um crescente reconhecimento por parte dos/as professores/as da importância de se desenvolver trabalhos com Dança em seus projetos escolares no ensino de Arte no ensino regular.

Após a distribuição dos Cadernos do Professor e Aluno que desde o ano de 2007 circulam dentro das escolas estaduais, foi perceptível uma preocupação latente por parte dos docentes em reconhecer e inserir em suas aulas os conteúdos de Dança dispostos nesses materiais didáticos, por trazerem bimestralmente Situações de Aprendizagens ¹⁵ com conteúdos, nomes, imagens, fatos históricos da

¹⁵ Situações de Aprendizagens é o termo utilizado nos Cadernos do Professor da rede estadual para definir as propostas de aulas que foram construídas para que os professores pudessem desenvolver em suas aulas para ensinar os conteúdos previstos no currículo oficial. Sendo assim, o professor

Dança, assim como das outras linguagens artísticas. A questão mais latente a partir de então foi: Como colocar isso em prática?

Apesar dos Parâmetros Curriculares Nacionais terem sido publicados há quase vinte anos, trazendo a Dança como conhecimento a ser desenvolvido na disciplina de Arte, não trouxe tão abertamente o como desenvolvê-la. A partir da distribuição dos Cadernos contendo as Situações de Aprendizagens, o/a professor/a teve acesso a um documento que demonstrou propostas práticas de ensinar a dança relacionando-a a outras Linguagens da Arte. Isso causou um estranhamento por parte da maioria dos professores, pois, até aquele momento a Dança não havia sido pensada por muitos como parte integrante da aula de Arte, na maioria das vezes era apenas lembrada como parte das festividades escolares.

Esse material exigiu que o educador buscasse novos conhecimentos para o desenvolvimento desse trabalho, indo além da sua formação artística e do conhecimento especializado adquirido durante a graduação. Se por um lado tirou o professor da sua zona de conforto por ter exigido dele/a uma busca de novos conhecimentos, por outro lado, engessou o trabalho, visto que, por não saberem como ensinar, ou mesmo talvez por comodismo, os Cadernos do Aluno acabaram virando para alguns os antigos cadernos de atividades da década de 70, onde se bastava preencher e ganhar um visto¹⁶ para contar como conteúdo ensinado. Temos aí um novo tecnicismo.

Isso influenciou o resultado desta pesquisa, pois, alguns educadores ao responder se ensinam Dança, confirmaram apenas por utilizar esses materiais, porém, existe um grande abismo entre ensinar e mandar preencher um caderno. O ensino de Dança não pode ser resumido a ver e manipular imagens sejam elas em vídeo ou livros e apostilas. Pois,

recebe o currículo com as quatro linguagens e recebe também os cadernos com as aulas de cada linguagem pronta. Ele tem a opção de seguir exatamente como está ali ou construir novas Situações de Aprendizagens que atendam aqueles mesmos objetivos. Isso para alguns professores acabou sendo muito confuso, pois, entenderam serem obrigados a apenas executar aquelas tarefas sem ter liberdade para criar, para outros, uma ferramenta para acomodação, pois, a partir de então, só precisaria seguir o que a chamada apostila pede. E como cada aluno recebe um caderno com imagens textos e questões, isso ficou ainda mais acirrado. Infelizmente isso tornou muito comum a velha frase “*Abra a página e preencha para nota*”.

¹⁶ Dar *visto* é uma prática comum na cultura escolar, os alunos pedem o *visto*, mesmo aqueles que não têm a prática de *vistar* as atividades são cobrados pelos alunos. *Vistar* a atividade é o ato de fazer uma rubrica, dar um carimbo, assinar, algo que comprove que o professor olhou aquele trabalho.

O corpo é uma figura tridimensional com muitas articulações que servem como alavancas para o movimento. É plástico, e o movimento o transporta desenhando formas no espaço em variadas direções. Nesse sentido, o corpo não pode ser reduzido a uma figura plana, bidimensional. A visualidade produzida pelo corpo em movimento no espaço favorece uma leitura estética dessa linguagem. (GODOY, 2012, p. 23)

O grande problema é que existe um enorme descompasso entre se ter a informação sobre a Dança conforme trazem os materiais didáticos distribuídos às escolas e se ter a formação nesta linguagem para desenvolvê-la adequadamente na escola.

Conforme nos lembra Deleuze, “[...] nenhuma teoria pode se desenvolver sem encontrar uma espécie de muro e é preciso a prática para atravessar este muro” (DELEUZE in FOUCAULT, 1998, p. 70) Apenas a distribuição de cadernos, documentos orientadores e materiais didáticos não garantem a presença viva da Dança na escola.

1.7.1. Alguns muros a ultrapassar...

Marques (2007, p. 17-23) aponta alguns obstáculos a serem superados pela instituição escolar para que a Dança possa adentrar aos espaços escolares pela porta da frente, sendo que alguns deles seriam relacionados a preconceitos, questões culturais e falta de formação:

- O fato de o Brasil *ser considerado* um país onde o povo tem facilidade com a dança possa também ser um agravante na efetivação deste ensino na educação formal, a ideia de que os alunos já dançam e aprendem com a mídia e a internet faz com que o conhecimento formal seja por vezes dispensado do ensino regular. Fazendo com que os alunos reproduzam coreografias da mídia, ingenuamente, sem um olhar artístico, sem sentido ou olhar crítico de seu fazer. E o educador, também ingenuamente o expõe em festas orgulhosamente como sendo o resultado do conteúdo de dança das suas aulas de Arte, onde só dança quem tem o tal jeito pra dançar.
- O pensamento de que conversar e pensar sobre Dança não é ensinar Dança.
- Preconceitos em relação ao gênero, no qual a Dança é considerada exclusividade feminina e apenas alguns estilos, principalmente aqueles em que a

mídia já lavrou como masculinos possam ser realizados tranquilamente pelos homens;

- A ideia do corpo impuro religiosamente faz com que a Dança no contexto escolar, algumas vezes, não seja entendida como conhecimento, sendo abordado apenas teoricamente, sem que haja uma experiência corporal crítica e criadora;
- O equívoco que a dança que não seja codificada é sinal de falta de conteúdo, onde mais uma vez não é permitido experimentar ou criar, apenas reproduzir;
- A falta de formação, experiência prática e discussões críticas faz com que muitos educadores não saibam “exatamente o que, o como ou até mesmo porque ensinar a dança na escola” (MARQUES, 2007, p. 22);
- A Dança de forma utilitária, a serviço de fazer relaxar, desenvolver a coordenação motora ou mesmo prevenir o estresse do aluno, entre outras. Não levando em conta de que a dança enquanto linguagem artística no currículo escolar, tem assim como outros conteúdos de outras disciplinas o papel de construir conhecimento.

Para Marques, uma das grandes contribuições da Dança para a educação é “educar corpos que sejam capazes de criar pensando e resignificar o mundo em forma de arte”, sendo por meio do corpo e dançando que ativamos nossos “sentimentos cognitivos e processos mentais” e compreendemos o mundo artística e esteticamente, sendo assim, o corpo que dança na escola torna-se “fonte de conhecimento sistematizado e transformador”. (2007, p. 24-25).

Em virtude do aparecimento das novas tecnologias digitais, o conhecimento que anteriormente se dava apenas por via oral, em rodas de conversas e contação de histórias e que posteriormente deu lugar a escrita, hoje abre espaço para as tecnologias digitais e redes sociais. A imagem em movimento, o som, a luz, o sentir, o movimento corporal, são vias de educação. A Dança no contexto escolar e artístico é resposta do corpo criador e pensante, vai além da visão estereotipada e preconcebida de que a dança é algo apenas mecânico e automático.

No livro “*Danza Educativa Moderna*” (1984), Laban coloca como um dos princípios da Dança criativa ou dança livre que toda criança/adolescente tem o direito de dançar, para Marques (2001, p. 83), por trás dessa afirmação, está a justificativa da inclusão da Dança como conteúdo obrigatório nos currículos escolares, ou seja, a “dança criativa” seria para *todos*, por direito humano. Neste

sentido, não é possível mais a escola ignorar o “papel social, cultural e político do corpo em nossa sociedade, portanto, da dança”. (MARQUES, 2007, p. 26).

Mas nem tudo são pétalas, as aulas de Dança também podem ser verdadeiras camisas de força, principalmente quando ditam regras e padrões rígidos estéticos e corporais ou repertórios rígidos. Podem, além disso, conter em seu currículo oculto mensagens sobre gênero, comportamento, hierarquia, poder e sexualidade. O educador que trabalha com Dança na escola precisa ter claro esse conhecimento para denunciar e trabalhar de forma mais crítica essas mensagens.

Um exemplo são as tradicionais quadrilhas, qual a imagem que ensinamos do homem do campo ao caracterizar nossos alunos com a roupa remendada e o dente pintado de preto para dançar a quadrilha? E a imagem corporal do homem do campo? Que tipo de estereótipos está sendo reforçado ao reproduzirmos inocentemente uma quadrilha tradicional? Outro exemplo são as danças veiculadas pela mídia que acabam sendo reproduzidas em festas escolares carregando um enorme apelo sexual. (2007, p. 27)

Por meio de um ensino de Dança que permita reflexões, pesquisas, comparações, desconstruções, nossos alunos podem compreender, desconstruir e transformar seu olhar perante a sociedade, desenvolvendo uma visão mais crítica e reflexiva sobre ela, no que diz respeito à moda, mídia, medicina, padrões, etc.

É através do “fazer-pensar dança” que possibilitaremos aos nossos alunos “experimentar, sentir, articular e pensar a arte como criadores e sujeitos do mundo”, para isso, o educador deve ser um propositor, ou seja, deve conhecer também os contextos dos alunos, sabendo articular seus repertórios ao conhecimento a ser ensinado na escola. (MARQUES, 2007, p. 32).

Devido à ausência de professores com formação ou experiência em Dança, publicações como os PCNs ou os Cadernos do Professor e/ou do Aluno podem indicar parâmetros e apoio ao trabalho do arte/educador/a, sugerindo caminhos e indicações para o ensino de Dança na escola. Esses documentos não capacitarão ou formarão os/as professores/as em Dança, mas é uma alternativa para os/as docentes que desconhecem as especificidades desta linguagem artística, possibilitando que introduzam esses conteúdos em conexão ao ensino das outras linguagens, principalmente, dialogando com a linguagem de formação do/a professor/a.

Dançar, compreender, apreciar e contextualizar danças de diversas origens culturais pode ser uma maneira de trabalharmos e discutirmos preconceitos e de incentivarmos nossos alunos a criarem danças que não ignorem ou reforcem negativamente diferenças de gênero. (MARQUES, 2007, p. 40).

As relações de gênero, a etnia, a idade, a classe social ou a deficiência física, são impostos pelo senso comum, muitas vezes, como obstáculos no ensino de Dança. Ideias preconcebidas e alguns estereótipos rondam a cabeça das pessoas, relacionam a Dança como uma prática exclusivamente feminina, ou determinam um tipo de Dança a uma etnia, disseminam a ideia de que a idade ou a deficiência física possam impossibilitar uma pessoa de dançar e até mesmo relacionam um tipo de dança a classes sociais. Como todo senso comum, esse tipo de pensamento só será superado por meio do estudo.

Toda produção de Dança, enquanto Arte que é, tem origem em um determinado espaço e tempo. Pensar, problematizar e discutir os aspectos sociais, políticos e culturais de uma criação coreográfica possibilita um trabalho artístico educativo muito rico, pois permite um trabalho interdisciplinar que dialoga com outros tempos, culturas e povos.

A produção artística universal há muitas décadas nos vem mostrando que a Arte não tem fronteiras. O corpo, as tecnologias digitais, as linguagens artísticas, tudo se relaciona, sendo assim, não cabe mais pensar no ensino e aprendizagem de Arte que crie muralhas na produção do aluno, onde a Dança só aconteça nas festas, o desenho tenha contornos previstos e o corpo seja apenas o sustentáculo do cérebro.

1.7.2. O Lugar da Arte dentro da instituição disciplinar: escola

Marques aponta que um dos problemas é que a educação formal em nosso país há séculos tem valorizado o conhecimento “analítico, descritivo e linear em detrimento do conhecimento sintético, sistêmico corporal e intuitivo”. A disciplina de Arte vem sendo colocada em último plano na escala de necessidade e a Dança ignorada pela escola, pelo fato de ameaçar o ambiente escolar como ele é, devido a sua característica libertadora, transformadora, imprevisível e indeterminada diferente do padrão que rege o modelo Idade Média das nossas escolas. (2007, p. 18)

Escolas estas, que apesar do mundo contemporâneo nos mostrar que é possível transgredir limites de espaço e tempo via tecnologia, ainda coloca um aluno atrás do outro, imóvel, quieto e estático frente a um professor e um quadro negro empoeirado.

Lugar onde cada pessoa tem seu espaço corporal delimitado por uma cadeira e por vezes é impedido de modificá-la de lugar, pois, aquele espaço está definido por um mapa da classe¹⁷, prática defendida por muitos por manter a ordem e o aprendizado. Segundo Foucault, o mapa de classe seria um princípio de "quadriculamento", "Cada indivíduo no seu lugar e em cada lugar um indivíduo" (2013, p. 138).

Foucault (2013) nos ensina que desde o período moderno clássico¹⁸ e principalmente a partir do século XVII, o domínio sobre o corpo do outro passou a ser um exercício de poder. A fabricação de corpos dóceis, submissos e disciplinados faz parte da rotina das instituições disciplinares desde então (escolas, quartéis, hospitais, oficinas, prisões, etc.).

Concebida pelas sociedades industriais, a escola passou a ser uma instituição onde os corpos tornaram-se peças de uma grande engrenagem. A disciplina tornou-se sinônimo de corpo estático. Ocupar os alunos com atividades, rotinas e instruções tornou-se parte do adestramento infantil, para que ao final de muitos anos de treinamento, tornem-se adultos prontos para ocupar outras instituições disciplinares.

O tempo e o espaço são divididos em partes. A existência de muros, grades, o toque do sinal que soa pra avisar o reinício dos trabalhos. As câmeras de vídeo que atualmente ocupam todas as escolas estão por toda parte, seriam os olhos do diretor de escola a observar o tempo todo, todos os lugares, todas as aulas, a disciplina em sala de aula, a organização do espaço, a utilização do livro didático ou do Caderno do Aluno?

¹⁷ O Mapa da Classe é muito comum nas escolas, os alunos precisam sentar um atrás do outro, em carteiras enfileiradas, em algumas escolas os professores recebem um mapa da classe onde cada aluno deve sentar. Algumas vezes esses mapas são organizados por ordem alfabética e outras vezes são organizados pelo professor da sala se for nos Anos Iniciais (EF) ou pelo professor de Língua Portuguesa ou Matemática nos Anos Finais (EF) ou Ensino Médio, de forma que os grupos sejam divididos e se evitem as conversas paralelas.

¹⁸ Podemos dividir o período moderno em: Período moderno clássico (séculos XVI e XVII) e Período moderno pós-clássico (séculos subsequentes).

O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir. É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antideserção, de antivadiagem, de antiaglomeração. Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. (FOUCAULT, 2013, p. 138)

Quase como se fosse uma mordança, cinco horas ou mais por dia onde o único momento de quase liberdade é vivido nos vinte minutos previstos para o intervalo e algumas vezes nas aulas de Educação Física, quando o lúdico é explorado. Nesta perspectiva,

Os processos de criação em dança acabam não se encaixando nos modelos tradicionais de educação. Nossas escolas permanecem advogando por um ensino 'garantido'(sabemos onde vamos chegar), conhecido (já temos experiências de muitos anos na área), determinado e pré-planejado (não haverá surpresas). (MARQUES, 2007, p. 18).

Então por que a Dança teria entrado para o currículo escolar? Qual foi a problemática da vida ou na vida escolar que trouxe a necessidade das linguagens artísticas para dentro desta instituição disciplinar? Outra questão latente é: Os documentos oficiais, currículo, PCNs, Cadernos, escritos por arte/educadores/as, estudiosos/as do ensino de Arte e artistas, dialogam com essa problemática inicial imposta pelos interesses desta instituição disciplinar?

Para Sibília, a instituição escolar foi idealizada com o objetivo de atender as demandas da modernidade, a partir dos escritos de Kant, afirma que a disciplina escolar serviria para humanizar a espécie humana, ensinando a pensar e a agir conforme os parâmetros da época, a escola "como afirmara Kant não consistia prioritariamente em instruir os alunos em determinados saberes e conhecimentos práticos", mas em adestrá-los para o trabalho industrial. (2012, p. 28).

Esse seria um dos indicativos da crise que afeta a escola nos dias de hoje. O formato disciplinador da escola tornou-se incompatível com a época que vivemos hoje, não atende as necessidades do mundo contemporâneo, muito menos os interesses dos jovens do século XXI.

"Como fruto das várias lutas e disputas travadas ao longo do século XX, que dinamitaram certas asperezas dos códigos disciplinares e

conquistaram a fusão entre trabalho e ócio, por exemplo, hoje se estimulam a criatividade e o prazer, inclusive nos ambientes laborais. E, é claro, também nos outrora circunspectos territórios escolares. Nessa mesma linha, o circuito produtivo contemporâneo busca características antes combatidas, como originalidade associada a certa espontaneidade inventiva, além da capacidade de mudar com rapidez, reciclando o que se é em veloz sintonia com as tendências globais. Também se valorizam a livre iniciativa, a motivação, o perfil empreendedor e a vocação proativa, como atitudes capazes de mover os mercados e gerar benefícios. Sem esquecer que tudo isso se dá numa cultura que enaltece a busca da celebridade e o sucesso imediato, combinando nesse projeto a realização pessoal e a satisfação instantânea, exaltando valores como autoestima, a aparência juvenil e o gozo constante." (SIBILIA, 2012, p. 48)

É nessa perspectiva que a Arte, enquanto linguagem e conhecimento, adentra aos currículos escolares nos anos 90 por meio dos PCNs, trazendo a Dança oficialmente para o ensino de Arte enquanto conhecimento específico, separada do Teatro, com seus objetivos e conteúdos a serem ensinados em toda a vida escolar dos alunos.

Com isso, ao final dos Anos Finais do Ensino Fundamental é desejável que, após as aulas de Dança, o aluno apresente as seguintes habilidades:

• Saber mover-se com consciência, desenvoltura, qualidade e clareza dentro de suas possibilidades de movimento e das escolhas que faz. Com este critério busca-se que o aluno conheça as possibilidades de movimento humano e possa fazer/criar movimentos/danças próprios de acordo com suas escolhas pessoais, respeitando e compreendendo seus limites/possibilidades físicas, emocionais e intelectuais. *• Conhecer as diversas possibilidades dos processos criativos em dança e suas interações com a sociedade.* Com este critério busca-se que o aluno possa escolher consciente e criticamente papéis e propostas criativas que sejam significativas para ele, para o desenvolvimento da arte e para a convivência em sociedade. *• Tomar decisões próprias na organização dos processos criativos individuais e de grupo em relação a movimentos, música, cenário e espaço cênico.* Com este critério busca-se que o aluno integre os diversos elementos que constituem o processo de elaboração de uma dança, relacionando-os entre si, com as outras linguagens artísticas e com a sociedade. *• Conhecer as principais correntes históricas da dança e as manifestações culturais populares e suas influências nos processos criativos pessoais.* Com este critério busca-se que o aluno possa situar os movimentos artísticos no tempo e no espaço para que estabeleça relações entre a história da dança e os processos criativos pessoais de forma crítica e transformadora. *• Saber expressar com desenvoltura, clareza, critério suas idéias e juízos de valor a respeito das danças que cria e assiste.* Com este critério espera-se que o aluno integre seu conhecimento corporal, intuitivo, sintético, imaginativo, perceptivo

aos processos analíticos, mentais, lógicos e racionais da dança. (BRASIL, 1998, p. 77-78).

Com tais critérios de avaliação definidos pelos PCNs, é possível afirmar que a Dança apresenta objetivos divergentes do sistema disciplinar, assim como a Arte e suas outras linguagens artísticas. Objetivando formar pessoas criativas, determinadas, desenvoltas, observadoras, expressivas, etc. O pensamento artístico trazido pelos documentos oficiais, vem para dentro da escola e entra em choque com o formato disciplinar da instituição. O/a professor/a que, em sua maioria, passou por uma formação dentro deste sistema, se não teve uma vivência artística significativa e/ou uma formação que o/a fez refletir sobre esta problemática, encontra dificuldades para entender ou mesmo tentar ultrapassar as barreiras já cristalizadas neste espaço, não tendo forças para transformar suas aulas em espaços efetivos de ensino de Arte.

James S. Catteral examinou mais de cem pesquisas científicas que apresentavam constatações, que a Arte intervém de forma positiva no desenvolvimento cognitivo do estudante. Em sua pesquisa foi encontrado um grande número de trabalhos referentes ao ensino de Música e Teatro. Já as Artes Visuais e a Dança tiveram menos investigações. Ficou comprovado em seu trabalho intitulado "*Critical Links: Learning in the Arts and Student Social and Academic Development*" que os alunos que foram estimulados artisticamente por meio de aulas específicas de Arte desenvolveram mais rapidamente algumas capacidades do que os que não tiveram essa oportunidade. As áreas mais desenvolvidas, segundo Catteral, foram: leitura, escrita, oralidade, foco, atenção e inteligência espacial. (BARBOSA; 2008, p. 25).

A pesquisa de Catteral, apesar de não trazer novidades, vem apenas confirmar o quanto a Arte pode ser potente dentro da escola, porém, esta por ser uma instituição disciplinar que divergente aos objetivos da Arte na educação a torna uma disciplina menor dentro da hierarquia do currículo escolar.

Segundo Barbosa foram encontrados "84 efeitos positivos das artes, entre eles a habilidade de resolver conflitos, facilidade de expressão, persistência, imaginação, criatividade, espírito de colaboração, cortesia, tolerância, etc." (2008, p. 26). Isso só vem demonstrar o quanto a escola precisa avançar em relação ao lugar da Arte nesta instituição do século XXI, não basta apenas esperar uma mudança de postura

do professor, a instituição escolar, dentro de sua arquitetura, divisões de tempo, espaço e currículo está muito longe de atender as demanda do mundo atual.

1.7.3. A Dança na construção da subjetivação do sujeito

O trabalho de dança na formação do indivíduo, pode trazer uma nova percepção a ele de seu próprio corpo, a escola por não estimular suficientemente os alunos neste aspecto, forma seres que não percebem seu próprio instrumento de vida, que é o seu corpo

O trabalho com o corpo gera a consciência corporal. O aluno questiona-se e começa a compreender o que passa consigo e ao seu redor, torna-se mais espontâneo e expressa seus desejos de modo mais natural, que pode criar dificuldades para a prática pedagógica autoritária, que ainda acredita que o aluno só aprende sentado na carteira. (SCARPATO, 2001, p. 58).

Trabalhando a dança com nossos alunos podemos oferecer-lhes ampliação de seu repertório corporal e estímulo de sua criatividade. O ensino de dança deve partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torná-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a autoexpressão e aprendendo a pensar em termos de movimento.

Segundo Inês Bogéa é no corpo que se operam nossas transformações, ele é nosso “primeiro instrumento” e para desenvolvermos a capacidade da fala, primeiramente precisamos desenvolver as destrezas corporais e visuais que possibilitarão a comunicação pela palavra. (BOGÉA, 2004, p. 9).

Por meio da Dança podemos investigar nossas estruturas corporais, estudar o movimento implica observação, elaboração e internalização e compreensão. Por isso, para o desenvolvimento de uma criança é tão importante que ela viva diferentes experiências, caia, levante, escorregue, se suje, assim, ela vai aprendendo seus limites e vai desenvolvendo-se corporal, física e mentalmente, pois o nosso corpo está todo interligado. Nosso cérebro está conectado a um corpo, não há como dissociá-lo, mente e corpo caminham juntos.

Dentro desta perspectiva, projetos europeus de Arte Total, rejeitavam a separação das artes em instituições e a Dança tinha uma importância capital neste

projeto, pois, os sentidos estão todos associados ao corpo que é o instrumento da Dança (BARBOSA, 2008, p. 27).

O ensino de Dança reflete uma pedagogia voltada para o ser humano, além de trazer o prazer da convivência consigo e com o outro, prepara para a vida urbana desenvolvendo sua capacidade de comunicação, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida. Correr, pular, rolar, subir nos objetos, são atividades do cotidiano da criança, fazem parte da necessidade de experimentar o seu corpo para construção da autonomia. Essas ações corporais segundo os PCNs de Arte são as primeiras formas de aprendizagem da criança, mas ela se movimentam pelo prazer do exercício, explorando seu espaço e construindo seu vocabulário gestual.

A atividade da dança na escola pode desenvolver na criança a compreensão de sua capacidade de movimento, mediante um maior entendimento de como seu corpo funciona. Assim, poderá usá-lo expressivamente com maior inteligência, autonomia, responsabilidade e sensibilidade. (BRASIL, 1997, p. 67)

Rengel e Mommensohn (1992) fazem um questionamento: “A ação transforma o pensamento ou o pensamento se modifica pela ação?”, mas segundo Piaget, “todo conhecimento está ligado a uma ação e [que] conhecer um objeto ou acontecimento é utilizá-lo, assimilando-o a esquemas de ação [...]” (PIAGET, 1973 apud RENGEL; MOMMENSohn, 1992, p. 100). Pensando nisso afirmo que as ações físicas são necessárias para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança, pois, é por meio do corpo que conhecemos o que está ao nosso redor, sentimos o calor, o frio, tomamos um choque ou queimamos as mãos.

A experiência corporal é a primeira base do que dizemos, pensamos e comunicamos. As atividades coletivas, as improvisações dão a oportunidade de experimentar a plasticidade do corpo, das potencialidades motoras e expressivas, exercitando a atenção, a percepção, a colaboração e a solidariedade, além de possibilitar a criação e a comunicação através do corpo. É extremamente importante que os alunos saibam que todos os corpos dançam, respeitando seu próprio corpo e do outro, aceitando as diversidades e se aceitando. “Aprender uma dança significa antes de tudo literalmente *incorporar* valores e atitudes.” (MARQUES, 2007, p. 39).

O uso do vídeo pode ser um excelente recurso didático para o ensino aprendizagem da Dança e pode ser utilizado por qualquer professor, mesmo que não tenha tido formação nem práticas na área. Através do vídeo os alunos podem

observar novos movimentos, diferentes estilos de Dança, ampliando seus repertórios. Podem ser encorajados a tentarem realizar algum dos movimentos observados, não copiando, mas adaptando. O professor por meio da observação, pode levá-los a reconhecer: níveis, uso do espaço, semelhanças ou diferenças de estilo, entre outros conteúdos.

Rudolf Laban¹⁹, um dos primeiros teóricos de Dança a pensar uma proposta para o ensino regular, já enfatizava a importância da observação,

É essencial a aqueles que estudam o movimento no palco, cultivarem a faculdade de observação, o que é de muito mais fácil consecução do que geralmente se acredita. Os atores, bailarinos e professores de dança usualmente possuem tal capacidade como dom natural, a qual, no entanto, pode ser refinada a tal ponto que se torne inestimável para os objetivos da representação artística. É obvio que o procedimento do artista ao observar e analisar o movimento e depois ao aplicar seu conhecimento difere em vários aspectos do procedimento do cientista. Mas é muitíssimo desejável que se dê uma síntese das observações artísticas e científicas do movimento já que, de outro modo, a pesquisa sobre o movimento do artista tende a especializar-se tanto numa só direção quanto à do cientista em outra. Somente quando o cientista aprender com o artista o modo de adquirir a necessária sensibilidade para o significado do movimento, e quando o artista aprender com o cientista como organizar sua própria percepção visionária do significado interno no movimento, é que haverá condições de ser criado um todo equilibrado. (LABAN, 1978, p. 154).

As contribuições de Laban para o ensino de Dança na escola não estão superadas, visto que o autor pesquisava os movimentos naturais, próprios da espontaneidade do ser. Observou que o movimento humano é constituído dos mesmos elementos em qualquer atividade, seja dançar, correr, trabalhar, etc. Os estudos de Laban já foram objeto de estudo para pesquisadores em diferentes áreas do conhecimento, na área de Saúde, Arte, Ciências Exatas, entre outros. Foi comprovado que o estudo da arte do movimento é fundamental para qualquer pessoa, tanto no âmbito profissional quanto pessoal. E também é facilmente reconhecível a influência de Laban nas construções dos currículos escolares de

¹⁹ Rudolf Laban nasceu na Bratislava, Hungria em 1879, além de bailarino, coreógrafo, realizou muitos estudos sobre o movimento humano, fruto de anos de pesquisa, buscou codificar os princípios gerais do movimento e classificou seus fatores em fluência, peso, espaço e tempo. Tais fatores compõem qualquer movimento. Nestas quatro palavras Laban criou um tipo de alfabeto do movimento humano, além disso, desenvolveu uma notação para registrar qualquer movimento, essa notação é muito usada até hoje e é conhecida como "Labanotação". Laban viveu até seus 79 anos e dedicou sua vida ao estudo e sistematização linguagem do movimento em seus diversos aspectos: criação, notação, apreciação e educação.

Dança desde os guias curriculares da década de 70 até os atuais documentos orientadores da Rede Estadual de Ensino.

Capítulo 2. A DANÇA NO ENSINO DE ARTE: BASES QUE FUNDAMENTAM O ENSINO DE DANÇA NO CURRÍCULO DE ARTE NA REDE ESTADUAL-SP

Este capítulo tem o objetivo de analisar e colher informações dos documentos estaduais oficiais que orientam o currículo de Dança desenvolvido pelos arte/educadores/as que participaram desta pesquisa. Busca-se conhecer nestes documentos as bases que fundamentam o ensino de Dança na rede estadual de Sorocaba- SP.

Os documentos estaduais de educação são um recorte e uma interpretação dos Referenciais Curriculares Nacionais e dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que por sua vez, são recortados e interpretados pelos/as educadores/as e pelos/as formadores/as desses professores, que conforme suas concepções e condições reais de trabalho constroem seus próprios currículos, caracterizando o currículo real da escola. Dessa forma, é previsível uma grande distância no que está prescrito em documentos oficiais e o que acontece na realidade de cada unidade escolar, que será apontado nesta pesquisa. A partir desta perspectiva, proponho analisar o currículo escolar “como o projeto seletivo de cultura, cultural, social, política e administrativamente condicionado, que preenche a atividade escolar e que se torna realidade dentro das condições da escola tal como se acha configurada.” (SACRISTAN, 2000, p.34)

Os documentos aqui analisados são publicações de âmbito estadual que de alguma forma impactam o ensino nessas escolas, visto que, são distribuídos para todas elas, além de serem divulgados e utilizados em reuniões de formação. Outro aspecto importante de se observar é que para garantir o desenvolvimento das proposições indicadas nestas publicações, as escolas também recebem os materiais de áudio, vídeo, além de mídias digitais como jogos musicais e os livros citados nesses cadernos.

Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, um dos documentos orientadores é acessado apenas em formato digital, visto que ainda não foram distribuídos de forma física para as escolas. Nos Anos Finais do Ensino Fundamental e nas duas primeiras séries do Ensino Médio, além dos/as professores/as receberem o currículo com as orientações curriculares, conteúdos, sugestões de avaliação e as

habilidades a serem desenvolvidas eles/as também recebem os Cadernos do Professor com Situações de Aprendizagens de cada linguagem artística (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro). Os alunos possuem os Cadernos do Aluno, que são cadernos ilustrados com muitas imagens e questões referentes às Situações de Aprendizagens publicadas no Caderno do Professor. Esses materiais são distribuídos semestralmente para as escolas, apesar de existir uma grande reclamação por parte dos professores devido à demora no recebimento destas publicações.

É importante ressaltar que após a entrega do material para o aluno, mesmo que o professor/a opte por elaborar aulas diferenciadas daquelas publicadas nos Cadernos do Professor, ele acaba sendo cobrado por não utilizar o Caderno do Aluno, seja pela equipe gestora da escola, pelos próprios alunos ou mesmo pela comunidade escolar. Tornando o currículo, neste sentido, uma ferramenta de controle importantíssima do trabalho docente, associado nos discursos escolares às avaliações externas e com elas, ao pagamento de bônus salarial do professor.

Diante desse contexto, o professor acaba sendo um mero executor do currículo, ficando à margem sobre as decisões na elaboração, escolhas metodológicas e didáticas, em algumas vezes, até na avaliação de seus alunos. No entanto, o material foi recebido com bons olhos pela maioria dos docentes pesquisados, visto que trouxeram a possibilidade de ensinar aquelas linguagens que pareciam impossíveis de se colocar em prática na escola. Como é possível observar no discurso da professora Sá em relação ao ensino da linguagem da Dança em suas aulas,

Eu tenho meio dificuldade, meio, não! Tenho bastante dificuldade pela minha formação! Agora, esse desenvolver que a gente tá começando sair com os alunos também e eles não entendem muito bem... É por causa do caderninho que a gente agora que tá começando a desenvolver, mas dentro da sala de aula por enquanto. Porque antes a gente não tinha nem como saber, a gente não tinha lugar de pesquisa nem nada e com o caderninho ajudou! (ANEXO G, entrevista com a professora Sá, 19/05/2014)

Os cadernos trouxeram imagens e atividades valorizando as múltiplas linguagens da Arte e isto obrigou os/as professores/as e os/as alunos/as a entenderem que apesar das Artes Visuais terem um histórico de predominância nos currículos escolares, a Dança, a Música e o Teatro também fazem parte deste

currículo e necessitam de espaço, pois é direito do aluno que estes conteúdos estejam dentro da escola enquanto conhecimento e linguagem.

[...] o facilitador, eu acho que hoje em dia foram os Cadernos, muitos professores não gostam, mas eu achei maravilhoso, por que eles visualizam, às vezes eu pego uma imagem só de uma Dança, uma fotografia e dali eu peço para eles criarem a continuação daquilo. - O que veio antes, o que vai vir depois? Eles estão visualizando! (ANEXO G, entrevista com professora Rê, 07/04/2014)

Além das imagens, foi reconhecido por alguns professores que os cadernos também o fizeram buscar os conhecimentos nas diferentes linguagens. De certa forma desestabilizou o/a professor/a interessado/a em desenvolver o trabalho de forma mais criteriosa, pois, fez com que este/a tivesse que estudar para executar as Situações de Aprendizagens, principalmente, os conhecimentos que não são de seu domínio, conforme declarado pela professora Rê em entrevista: “Eu amei os cadernos, tem atividade que até hoje eu tenho dificuldades de aplicar, mas aí é parte do professor, né? A gente tem que estudar mais, tem que ir atrás do conhecimento.” (ANEXO G, entrevista com a professora Rê, 07/04/2014)

Os/As professores/as também atribuem a estes materiais uma importância na modificação da visão dos alunos em relação ao ensino de Arte.

Então, de 10 anos pra cá os alunos já entenderam o que é Arte, pouquíssimos alunos pensam que aula de Arte é só desenho, já foi desconstruindo essa ideia que, com todos os cadernos, com todos esses... Tudo! Que foi tendo, que o estado, não só o estado, todas as redes, todo o mundo, fez isso. Todas as outras escolas tiveram que fazer, então aí foi desconstruindo um pouco. Então, na época já tinha essa ideia também: Como assim, vai ter aula de Dança? A aula não é de Arte, de desenho, Educação Artística? Alguns falavam Educação Artística ainda! O antigo nome... Que hoje, não se fala mais. (ANEXO G, entrevista com a professora Lâ, 16/04/2014).

Destaco também que os cadernos, mesmo para aqueles/as professores/as que têm maior resistência em trabalhar com a Dança na escola, devido à falta de formação, foi ainda na visão destes, como uma oportunidade de trazer o pensar em Dança para a sala de aula, independente do fazer.

Além da falta de formação de professores em Dança existem poucas publicações ou materiais didático-pedagógicos sobre a linguagem nas escolas, basta dar uma pequena volta dentro de uma biblioteca escolar para se averiguar essa escassez de materiais, é possível encontrar alguns poucos livros de História da

Dança por que estes fazem parte da Biblioteca do professor²⁰. Neste sentido, os Cadernos do Professor e do Aluno foram para muitos docentes um agente para este trabalho iniciar, como declara a professora Sá. Em entrevista,

Eu ainda tenho um pouco de dificuldade, eu tenho medo de não fazer a coisa de acordo, então, antes eu quero me aprofundar primeiro pra começar a desenvolver, por enquanto tá sendo na imagem e no caderninho e através de pesquisas que eles vão também. Daí eles tem uma ideia, né? Do que é uma Dança Contemporânea ou outro tipo de Dança. (ANEXO G, entrevista com a professora Sá, 19/05/2014).

Apesar dos pontos positivos encontrados nesses cadernos, entendo que o/a educador/a não pode tê-lo como um instrumento único e absoluto, deve ser um norteador, assim como, um motivador para a utilização de outras ferramentas e buscas, tornando-se apenas uma referencia para o trabalho em sala de aula. As entrevistas apontaram que muitos professores possuem esta clareza conforme exemplifica a professora Rê:

Mas os exercícios que o próprio Caderno do Aluno pede pra gente fazer, geralmente dão certo! Mas eu, como eu falei, eu vou inventando, fazendo e vendo o que a sala tá gostando. Eu vou criando! Quando eu vejo que não tá dando certo, eu faço do meu jeito! (ANEXO G, entrevista com a professora Rê, 07/04/2014)

Para que ocorra essa abordagem, não apenas observando "o que a sala tá gostando" na aula de Arte, mas, diagnosticando o que é necessário fazer para orientar os processos de descoberta e criação por parte dos estudantes, para isso, é necessário que o professor/a de Arte esteja seguro em relação ao conteúdo abordado, conhecendo o assunto de forma a garantir a aprendizagem e o interesse dos alunos. Um/a professor/a inseguro/a apoiado/a apenas à um caderno de atividades, sem nenhum conhecimento em Dança, dificilmente mobilizará nos alunos um aprendizado efetivo da linguagem.

Olhar imagens, realizar pesquisa na internet, assistir a vídeos podem ser algumas ferramentas muito significativas e importantes para o ensino de Dança. O/A professor/a deve ter liberdade para selecionar diferentes materiais que possam facilitar o ensino/aprendizagem em Arte, porém, um ensino de Dança não pode estar pautado apenas em leitura de imagens e textos, precisa haver a experimentação, a

²⁰ A Biblioteca do professor é a coleção de livros referentes a bibliografia oficial do concurso de professores da rede estadual que são distribuídos as escolas.

criação, a improvisação, a pesquisa de movimentos corporais, afinal, o corpo é o principal instrumento para o ensino de Dança.

2.1 Documentos que orientam o ensino de Dança nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

O ensino de Dança nos Anos Iniciais no Ensino Fundamental (EF) nas escolas estaduais de Sorocaba- SP são orientados por duas publicações oficiais²¹. A primeira publicação é um livro chamado Ensino de Arte nas Séries Iniciais - Ciclo I, fornecido em 2006 pela Secretaria Estadual de Educação de São Paulo e entregue para todos os professores que atuavam nos Anos Iniciais (EF) naquela época e para todas as escolas que possuíam este nível de ensino a época. A segunda publicação são as Orientações Curriculares Didáticas de Dança para os Anos Iniciais publicados no site do Programa Ler e Escrever – FDE em 2013.

2.1.1. O “Projeto Alice” no ensino de Arte nos anos iniciais e o “Trem feito de gente”

No final da década de 80 a Secretaria de Estado da Educação instituiu por meio da Resolução SE nº 17, de 28 de janeiro de 1988, que para subsidiar as escolas de Ciclo Básico do 1º grau (Atualmente Anos Iniciais do Ensino Fundamental) seriam contratados professores especialistas para ministrar aulas de Arte e Educação Física (com Licenciatura Plena em Educação Artística e Educação Física, respectivamente) juntamente com o professor regente.

À época era orientado que o ensino de Arte fosse pautado no dia-a-dia da criança, sendo abordado como uma atividade a ser desenvolvida de forma a percorrer todos os conteúdos, sendo mais um elemento facilitador de aprendizagem e da alfabetização. As propostas de operacionalização deste projeto não foram suficientes para garantir o sucesso nessas aulas, sendo então interrompida em 1995.

No ano de 2002, por meio da Resolução SE nº 184, de 27 de dezembro de 2002 alterada posteriormente pela Resolução SE nº 71, de 22 de julho de 2003, foi

²¹ Optei por citar a cidade de Sorocaba que é foco da pesquisa, porém esses documentos orientam o ensino de Dança em toda rede estadual de São Paulo.

novamente introduzido aulas de Arte e de Educação Física, ministradas por professores especialistas nas turmas de Anos Iniciais do Ensino Fundamental . A partir do ano de 2003, a rede Estadual de São Paulo, após quase dez anos sem contar com um profissional de Arte em suas escolas de Anos Iniciais do Ensino Fundamental²², chamadas à época, de escolas de “Ciclo I”, passaram a contratar esses profissionais para o desenvolvimento de um projeto chamado “O Ensino de Arte no Ciclo I”. Para não correr o risco de repetir os mesmos erros da década de 80, este projeto foi composto por uma série de formações tanto aos ATPs de Arte²³ que a época faziam a coordenação do trabalho dos/as professores/as que atuavam em sala de aula quanto para os docentes.

Enquanto professora que iniciava minha carreira como arte/educadora fui beneficiada pelo grande número de capacitações que tive acesso nas diferentes linguagens artísticas e isto foi muito importante, pois, foi ali que conheci muitos referenciais teóricos que tive pouco acesso durante o curso de licenciatura em Educação Artística- Artes Plásticas. Foi neste momento também que iniciou a minha busca em relação ao ensino de Dança, pois, infelizmente as formações que foram oferecidas nesta linguagem não trouxeram bons referenciais para o meu trabalho, eram oferecidas por professores de Educação Física, de academias de Dança e se resumia em *Do In*, Dança de Salão e relaxamento, não priorizando o enfoque do material, mas a experiência do facilitador convidado para mediar o encontro.

As capacitações oferecidas e o material produzido foram transformados posteriormente numa publicação chamada "O Ensino de Arte no Ciclo I" e lançado em 2006. O livro em questão é uma organização do material e registros de parte do processo de formação dos profissionais de Arte durante a realização deste projeto em todo o estado. Seu referencial teórico é composto por, além dos PCNs, autores como: Rudolf Laban, Valerie Preston Dunlop, Lenira Peral Rengel e Maria Duschenes. E traz a concepção de que a Arte é Linguagem e Conhecimento. A introdução do material orienta que:

²² A Resolução SE nº 17, de 28 de janeiro de 1988, referente ao trabalho desenvolvido na Jornada Única de trabalho discente e docente, orientava uma nova organização do trabalho na escola, oferecendo subsídios para os professores do Ciclo Básico. Um desses subsídios constava de atividades artísticas e atividades físicas ministradas por professores especialistas em carga horária referentes a duas aulas semanais

²³ ATPs (Assistentes Técnicos Pedagógicos) de Arte, mesmo profissional que seria hoje os PCNPs (Professores Coordenadores do Núcleo Pedagógico) de Arte nas Diretorias de Ensino.

O professor que leciona nas séries iniciais, tendo como foco principal o desenvolvimento das competências da leitura e da escrita, tem o dever de possibilitar às crianças o acesso também à leitura e produção de textos nas linguagens não verbais, matéria-prima do universo da Arte. Manipular, organizar, compor, significar, decodificar, interpretar, produzir, conhecer imagens visuais, sonoras e gestuais/ corporais são requisitos indispensáveis ao cidadão contemporâneo. A leitura de mundo, o letramento, vão além do texto escrito... (SÃO PAULO, 2006, p. 9).

Enquanto linguagem, a Dança nesta perspectiva seria como textos corporais que devem ser acessados pelos alunos/as e pelos/as professores/as para o desenvolvimento de suas capacidades leitora e escritora. O documento reforça a importância de focar as múltiplas linguagens no ensino de Arte,

Na escola fundamental o foco dos estudos artísticos está centrado em algumas de suas linguagens: a música, o teatro, a dança e as artes visuais, vistas como um tipo de conhecimento que envolve tanto a experiência de apropriação de produtos artísticos quanto o desenvolvimento da competência de configurar situações mediante a realização de formas artísticas. (SÃO PAULO, 2006, p. 9).

Seguindo as orientações dos PCNs o documento orienta a articulação de três eixos no Ensino e Aprendizagem das diferentes Linguagens Artísticas:

1. Produção em Arte: o fazer artístico;
2. Fruição: apreciação significativa da Arte e do universo a ela relacionado;
3. Reflexão: a Arte é produto da história e da multiplicidade das culturas humanas.

Em Dança as orientações para articular esses três eixos são:

1. *O fazer artístico*: interpretações, arranjos, improvisações e composições dos próprios alunos individual e grupal baseados nos elementos da linguagem da dança; criação de pequenas coreografias...
2. *Apreciação significativa*: reconhecimento de e distinção das diversas modalidades de movimentos e suas combinações como são apresentadas nos vários estilos de dança; identificação de forma, volume, peso, formas de locomoção, deslocamento, orientação no espaço, direções, planos, velocidade, tempo, ritmo, desenho do corpo no espaço...
3. *Produção cultural e histórica*: identificação e reconhecimento da dança e suas concepções estéticas nas diversas culturas, considerando as criações regionais, nacionais e internacionais; contextualização da produção em dança e compreensão desta como manifestação autêntica, sintetizadora e representante de

determinada cultura; identificação dos produtores em dança como agentes sociais em diferentes épocas e culturas; pesquisa e frequência às fontes de informação e comunicação presentes em sua localidade (livros, revistas, vídeos, filmes e outros tipos de registros em dança), assim como junto a grupos de dança, manifestações culturais e espetáculos; registros pessoais para sistematização das experiências observadas e documentação consultada. (SÃO PAULO, 2006, p.14).

O projeto inicia com uma proposta de sondagem fazendo uma relação entre a obra literária de Lewis Carrol e cinematográfica de Walt Disney da história “Alice no País das Maravilhas”. Algumas cenas e trechos da história foram selecionadas para serem desenvolvidas como mote para a produção artística das crianças e são sugeridas em situações de aprendizagem nas quatro linguagens.

Para o diagnóstico em Dança a escolha é da cena do filme em que Alice se encontra com os gêmeos Dum e Dee, com a proposta que os alunos observem os movimentos e criem sua composição coreográfica com os movimentos observados. Primeiramente em círculo, as crianças apresentam um movimento observado e escolhido que depois será repetido por todos, depois o/a professor/a organiza as crianças em grupos para que explorem e criem uma coreografia com as ações de dobrar, pular e tremer, esticar, deslizar, girar, torcer, abaixar e enrolar. Após a atividade prática é proposto um registro em forma de texto ou visual para que o/a professor/a tenha além da observação mais um elemento para avaliar a aprendizagem dos alunos. Para esta avaliação diagnóstica o professor deverá observar as seguintes peculiaridades:

Observar: a não repetição de estereótipos; a utilização do espaço; a utilização do corpo; a criação de movimentos; inibição, exibição, medo; o trabalho em grupo. O aluno (dependendo da série) preendeu que: no filme a que assistiu a dança está sempre presente; o movimento faz parte do ser; o movimento pode criar coreografias; todo mundo pode dançar. (SÃO PAULO, 2006, p. 40).

O projeto referente à Linguagem Dança se chamou “Um trem feito de gente” e foi escrito pela professora Dra. Lenira Peral Rengel. Como uma dedicada pesquisadora da obra de Laban no Brasil, fundamentou toda a proposta nos Temas do Movimento criados pelo autor. A publicação, por ser um resumo do trabalho realizado nas formações realizadas aos ATPs que depois deveriam ser repassados aos professores, não traz um aprofundamento na teoria de Laban, porém, além de problematizar os dificultadores da Dança no contexto escolar para situar o educador

da importância do trabalho que eles estão prestes a desenvolver, de forma didática traz uma introdução básica dos estudos de Laban para a educação e também apresenta um estudo básico sobre a anatomia.

Ele é intitulado “Trem”, pois sugere alguns locais por onde o trem passará e desta forma ludicamente o aluno tem a possibilidade de experimentar diferentes movimentos corporais além de desenvolver por meio de jogos, os Temas de Movimento²⁴ de Laban presentes nas atividades.

A primeira estação onde o Trem pára chama-se “Estação Dobrar, Esticar e Torcer”, as ações propõem um trabalho com o primeiro Tema de Movimento de Laban, relacionado com a consciência do corpo, trabalhando movimentos elementares do corpo. Através de ações físicas básicas do movimento, dobrando, esticando e torcendo o aluno trabalha grupos musculares muito importantes, fazendo as três ações ao mesmo tempo, com os braços, depois com as pernas, com o tronco, se deslocando, ao som de músicas, em ritmos diferentes, experimentando planos no espaço, tempo, enfim, entrando em contato com os Fatores do movimento²⁵: Fluência, Peso, Espaço e Tempo.

A segunda estação foi intitulada por Lenira de “Estação das ações corporais”, nesta estação podemos observar a presença dos Temas de Movimento II e V de Rudolf Laban, relacionado com a consciência do peso e do tempo e relacionado com adaptação a parceiros, respectivamente. Sugerindo ações contrastantes como: correr - parar, crescer – diminuir, sumir - aparecer, etc. Ou ações complementares como desmanchar – derreter, desmoronar - ruir, entre outras. Sugerir ações comparando com animais, objetos, como por exemplo, desmanchar como uma pedra de gelo, ou crescer como uma plantinha, trabalhando essas ações em grupo ou individualmente.

A terceira estação chama-se: “Estação das Partes do Corpo”, enfatizando movimentos de partes do corpo individualmente ou em grupos, possibilitando ao aluno vivenciar a experiência de trabalhar partes inusitadas de seu corpo, como o

²⁴ No livro *A Dança Educativa Moderna* (1984) de Rudolf Laban, ele apresenta dezesseis Temas do Movimento, sendo eles um conjunto de possibilidades para se explorar a dança, é um material para o estudo do movimento e de Dança de valor educativo. Os oito primeiros Temas ele nomeia de elementares, isso significa que seriam próprios para crianças menores de onze anos, já os temas do IX ao XVI são nomeados por ele de avançados, para crianças maiores de onze anos

²⁵ De acordo com Laban, os Fatores do Movimento são os quatro elementos que fundamentam a Arte do Movimento e sua combinação pode gerar vocabulários corporais, não sendo apenas relacionada ao movimento na dança, mas sim, no cotidiano em geral.

dedinho do pé ou a ponta do nariz. É possível relacionar essa estação aos Temas I e V, relacionado a consciência do corpo e adaptação a parceiros.

Na quarta estação, Rengel sugere um trabalho com gênero de danças, buscando no repertório do aluno os tipos de dança de que conhecem e apresentando outros tipos de dança, deu o título desta estação de “Estação forró”, pois, sugere uma atividade iniciando com passos básicos de forró para depois deixar que os alunos tragam as danças que conhecem para a aula.

A quinta estação, chamada de “Estação das formas do corpo no espaço e palavras espaciais” e a sexta, “Estação da escrita”, nestas estações é perceptível que Rengel sugere um trabalho com o Tema elementar III e avançado IX, relacionado com a consciência do espaço e com as formas do movimento, sugerindo desenhos no ar com o corpo, formas geométricas, cenários explorando o movimento no espaço, escrita de palavras ou nomes no espaço utilizando o corpo. Trazendo para as crianças novos significados do desenho e da escrita, de forma que seu lápis será seu corpo no momento de escrever e desenhar.

Na sétima estação, o projeto traz o Tema VI, relacionado ao uso instrumental do corpo, de modo que o aluno explore movimentos em que seu corpo se transformará em objetos, realizando suas ações. Realizando movimentos miméticos de dança, imitando alguma coisa que para a criança seja significativa. Na penúltima estação a autora propõe um trabalho com elementos da natureza, o nome desta estação é “Estação água e pedra”, nela o aluno improvisa, utilizando uso do espaço, formas instrumentais do corpo, ações elementares, criando elementos da natureza, trabalhando o controle e liberação da fluência.

E finalmente na última estação, nona, chama-se “Um trem feito de gente”, nela Lenira propõe que o aluno crie sua própria dança, como no Tema XVI de Laban: *“Así como las letras del alfabeto forman palabras y las palabras se disponen en oraciones, los elementos simples del movimiento se integran em otros más complejos y finalmente em frases de danza.”*²⁶ (LABAN, 1984, p. 50), ou seja, nesta estação o aluno formará frases coreográficas.

Neste projeto a professora Lenira Peral Rengel ao formulá-lo, teve a preocupação de colocar em prática os Temas de Movimento de Rudolf Laban,

²⁶ Assim como as letras do alfabeto formam palavras e produzem orações, os elementos simples do movimento se transformam em outros mais complexos e finalmente em frases de dança. Tradução própria.

mostrando a importância da alfabetização dos elementos do movimento para a conscientização corporal do aluno e do desenvolvimento da linguagem da Dança no Ensino Fundamental. Rengel também teve todo o cuidado de não esquecer conteúdos importantes como Noções de Anatomia e os Fatores de Movimento.

2.1.2. Orientações Curriculares e Didáticas de Arte - Anos Iniciais - EF: Dança

As Orientações Curriculares e Didáticas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental – Dança, é composto das expectativas curriculares de Dança para os Anos Iniciais, contém um texto orientador sobre o trabalho com as crianças e uma Situação de Aprendizagem construída para o primeiro ano. O material do primeiro ao quinto ano foi todo elaborado por um grupo de PCNPs durante os anos de 2011, 2012 e 2013, sob orientação das professoras Uxa Xavier²⁷ e Ana Terra²⁸ que foram as consultoras deste trabalho.

Participei deste grupo, composto por quatro PCNPs, contando comigo, e as duas consultoras, responsáveis pela Linguagem da Dança, durante o ano de 2013. O material já estava quase todo pronto, acabei participando da construção da situação de aprendizagem referente às expectativas de aprendizagens dos 4ºs e 5ºs anos, foi uma oportunidade muito interessante fazer parte deste trabalho, porém como estive apenas no final, minha atuação foi maior na correção dos materiais de 1º ao 3º ano e na elaboração das sequências didáticas para os 4ºs e 5ºs anos, não tive a oportunidade de participar das reuniões de formação que o grupo inicialmente participou.

Dos momentos de estudo que participei com este grupo, os temas estudados foram: Danças Populares Brasileiras, Método Klauss Viana e o Método Teatro do Movimento de Lenora Lobo e Cássia Navas. Neste período de finalização do material, tivemos poucos espaços destinados para o estudo, pois tínhamos que dar conta de todo o trabalho de correção, elaboração dos materiais de cada ano ou

²⁷ Especialista no Método Laban Especialização pela USP; coordena o “Lagartixa na janela” grupo de pesquisa e criação em Dança/ Educação; Curadora de Dança do projeto Casas de Cultura e Cidadania AES/Eletropaulo

²⁸ Educadora e artista da dança, socióloga (FFLCH/USP), mestre em Artes (IA/UNICAMP) e doutora em Educação (FE/UNICAMP). É professora titular do Curso de Dança da Universidade Anhembi Morumbi. Presta consultorias a projetos de formação profissional e educação continuada para artistas e professores de dança

mesmo planejamento dos fóruns para apresentar o material aos outros PCNPs e professores.

Os encontros de estudo e construção do material foram realizados em três dias de encontros mensais. Apesar dos poucos momentos dedicados ao estudo nesses encontros, os referenciais teóricos apresentados foram fundamentais para o nosso exercício de escrita.

As Orientações Curriculares e Didáticas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, ainda não foram impressas, nem distribuídas para as escolas, porém as Situações de Aprendizagens do 1º ano de todas as linguagens e as Expectativas de Aprendizagens de todos os anos estão publicadas no site da FDE desde 2012 para que os professores acessem.

Também foram realizados três fóruns durante os três anos de formulação do material (2011, 2012 e 2013), que contou com a participação de professores, supervisores de ensino, PCNPs de Arte, a equipe Técnica de Arte da CGEB, os consultores das diferentes linguagens e alguns convidados. Nesses fóruns os professores participantes puderam conhecer o material, vivenciar algumas Situações de Aprendizagens e dialogar sobre a proposta.

O documento traz como embasamento teórico, além dos PCNs, autores como: Klauss Vianna, Angel Vianna, Lenora Lobo, Cássia Navas, Regina Leite Garcia e a dissertação de mestrado da própria Ana Terra. E apresenta um convite aos arte/educadores:

Estamos então convidando os professores de Arte para enfrentar um desafio: aproximar-se da Dança como uma linguagem artística, procurando pontes com as demais linguagens de seu conhecimento, com suas histórias pessoais de corpo e movimento, com suas memórias e desejos dançantes, por vezes não manifestos. (SÃO PAULO, 2013, p. 2).

O texto orientador define que “a linguagem da dança é o movimento do(s) corpo(s) do(s) dançarino(s) no espaço e no tempo” e enfatiza que “estudo da dança na escola não pode estar restrito ao aprendizado de coreografias” apresenta como foco do estudo a “experimentação, improvisação, apreciação” por meio de diferentes estímulos, sejam visuais, sonoros, etc. (SÃO PAULO, 2013, p.4).

As Situações de Aprendizagens são apresentadas como proposições em Dança, as quais são organizadas no formato de um ciclo que deve ser composto por cinco ações básicas que orientarão a aula de Dança na escola que são:

- 1. A Criação do Ambiente-** Orienta para a organização de uma sala apropriada ou um lugar na escola que seja propício para o desenvolvimento da proposição que vá além do espaço físico, mas sim de uma ambientação para a aula de dança, alertando para a possibilidade de utilização de músicas ou não;
- 2. A Roda Inicial-** Propõe que todas as proposições iniciem com uma roda onde as crianças serão preparadas para o trabalho de Dança, seja com um bate-papo, observação de uma imagem, um vídeo ou mesmo de uma história ou um texto literário;
- 3. Aquecimento-** Descreve seis tipos diferentes de aquecimentos sugeridos nas proposições de Dança que são: O Banho, Acordando o esqueleto, Boneco articulado, Barco, Caminhando e o Rolinho;
- 4. O Desenvolvimento da Proposição-** Alerta para a necessidade da observação constante do professor visto que a Dança é efêmera e acontece enquanto dura a ação, sendo a observação a principal avaliação do professor;
- 5. A Roda Final-** Acontece o fechamento da aula no qual os presentes podem avaliar o que vivenciaram, o que aprenderam e o que sentiram. Algumas proposições podem propor um registro visual ou escrito da aula.

O Quadro 1 a seguir, apresenta a proposta curricular de Dança que orienta o trabalho dos/as professores/as de Arte que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Rede Estadual de São Paulo.

Quadro 1 - Ensino de Dança para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental: Secretaria Estadual de Educação de São Paulo

(continuação)

Expectativa de aprendizagem	Condições didáticas e indicadores para a elaboração de atividades	Observar se o aluno
<p>Vivenciar/explorar os diferentes tecidos corporais – a pele, as estruturas ósseas e articulares, os músculos – percebendo e se apropriando da constituição do próprio CORPO como um sistema vivo, dinâmico e expressivo.</p>	<p>Oferecer, regularmente um momento de preparação corporal – o <i>aquecimento</i> – destinado ao estímulo e a integração dos sentidos (visão, audição, tato, <i>propriocepção</i>, etc.), a percepção das diferentes estruturas corporais (pele, ossos, articulações, músculos) e a organização gestual e motora (ações de expandir, recolher, dobrar, esticar, torcer) em seu desenvolvimento no espaço.</p>	<p>Consegue entrar em contato com seu corpo durante a proposta de aquecimento, percebendo que esse momento da aula é uma ação individual, e uma preparação para o ato de dançar.</p>
<p>Estudar e apropriar-se do MOVIMENTO em seus diferentes aspectos expressivos e estruturais – as partes do corpo, as ações corporais, os fatores peso, tempo, espaço e fluência em suas relações (dinâmicas), o espaço pessoal e geral – favorecendo a construção de repertórios próprios, assim como, em relacionamento com os colegas na ação dançante.</p>	<p>Por meio de estímulos táteis, visuais, sonoros, imagéticos e <i>cinestésicos</i>, proporcionar momentos de <i>experimentação individual, duplas e grupos maiores valorizando, tanto o caráter colaborativo no processo de aprendizagem, quanto a singularidade de cada criança</i>, ao vivenciar atividades propostas. Proporcionar momentos de observação, imitação e apropriação de gestos e movimentos (vocabulários) criados pelos integrantes do grupo e/ou sugeridos pelo professor favorecendo a articulação da inventividade ao domínio das habilidades da execução de pequenas sequências e/ou roteiros de movimento (repertórios dançantes).</p>	<p>Estabelece contato de seu corpo com o ambiente, explorando o espaço em suas variações de níveis e direções e ritmos, como também, se consegue fluir nas relações em grupo e em sua dança individual. No processo das aulas apropriou-se das nomenclaturas apresentadas pelo professor em relação aos aspectos expressivos e estruturais do movimento, pois esses constituem-se conteúdos fundamentais na ação de criar danças individuais e coletivas.</p>
<p>Relacionar as experimentações e estudos do CORPO em MOVIMENTO a outros elementos também pertencentes à linguagem da dança, a saber, os ELEMENTOS VISUAIS (figurinos, cenários, objetos de cena, etc.) e os ELEMENTOS SONOROS (músicas, silêncio, voz, etc.), apropriando-se destes elementos nos processos de criar, executar, apreciar e contextualizar a dança nas diferentes atividades propostas.</p>	<p>Disponibilizar materiais – tecidos (com elasticidade e medindo aproximadamente dos ombros aos joelhos das crianças), bexigas, caixas de papelão, bambolês, cordas, barbantes, elásticos, fitas, etc. – que possam ser usados como figurinos, como objetos cênicos e/ou como cenários para a compreensão e construção de espaços imaginários, espaços cênicos.</p> <p>Conduzir as atividades a partir de diferentes sonoridades (inclusive o silêncio) e músicas, ampliando o repertório dos alunos quanto às relações do som/música e movimento/dança;</p> <p>Sediar as atividades de dança em diferentes ambientes da escola – sala, pátio, quadra, parque, etc. –, propondo o reconhecimento de suas características (amplos, restritos, fechados, abertos, etc.) através da exploração do corpo em movimento (percursos, deslocamentos, ocupações, esvaziamentos, etc.), alimentando a imaginação nas investigações espaciais das crianças.</p>	<p>Consegue criar sentidos e significados nas relações do movimento expressivo com os elementos visuais e sonoros na construção de sua própria dança, na apreciação e na contextualização da dança de seus colegas e daquela produzida por outros artistas.</p>

Quadro 1 - Ensino de Dança para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental: Secretaria Estadual de Educação de São Paulo
(continuação)

Expectativa de aprendizagem	Condições didáticas e indicadores para a elaboração de atividades	Observar se o aluno
<p>Conhecer brincadeiras, jogos e danças coletivas de diferentes matrizes estéticas e culturais como território de investigação para a criação/composição de danças autorais, individuais e de grupo, relacionando seus sentidos e significados ao contexto sociocultural dos alunos.</p>	<p>Conhecer as brincadeiras e danças assistidas e/ou vivenciadas pelos alunos, ampliando e diversificando esse repertório com a prática de outras brincadeiras e danças tradicionais, pesquisadas e sugeridas pelo professor, adequadas ao desenvolvimento sensório-motor da criança.</p> <p>Tendo em vista os conteúdos da linguagem da dança, em especial, o estudo do movimento, proporcionar atividades de <i>experimentação, improvisação e recriação</i> de brincadeiras, jogos e danças trazidas pelos alunos e pelo professor, conversando sobre seus sentidos e significados no processo de apropriação e diálogo corporal entre esses diferentes repertórios culturais e pessoais.</p> <p>Partindo das matrizes corporais e de movimento oriundas dos estudos das brincadeiras, jogos e danças coletivas, construir (ou sugerir) pautas e/ou roteiros para a composição de danças autorais – individuais, em duplas, em pequenos grupos – pelos alunos.</p>	<p>Apropriou-se das vivências dançadas em sala de aula para relacioná-las com as propostas de recriação de jogos e brincadeiras, estabelecendo associações e dialogando com as propostas apresentadas pelo professor.</p> <p>Consegue criar frases de movimento individualmente, como também compartilhar suas ideias de movimentos com o grupo.</p>
<p>Desenvolver o gosto e a curiosidade sobre a arte da dança, apropriando-se de informações sobre suas estéticas, seus artistas, suas ideias e produções, associando a própria experiência com a dança na escola.</p>	<p>Mediar informações sobre artistas da dança, suas ideias e produções, de diferentes matrizes estéticas promovendo atividades de apreciação de filmes, vídeos e outras imagens (fotos, desenhos, pinturas) sensibilizando os alunos quanto à observação dos elementos da linguagem que estão sendo trabalhados em sala de aula.</p> <p>Oferecer apresentações de dança aos alunos, sempre que possível, incentivando o contato com a linguagem, promovendo rodas de conversas sobre as curiosidades e as descobertas das crianças, relacionando-as aos conteúdos trabalhados em sala.</p>	<p>Consegue entender a dança através de sua experiência corporal e das apreciações de obras, como a arte do movimento com suas especificidades e particularidades, diferenciando-a das outras linguagens cênicas.</p> <p>Ou reconhecer quando ela está inserida em outro contexto. Um exemplo: tanto em espetáculos de teatro como de circo podem acontecer momentos de dança e vice versa.</p> <p>Apropriar-se de informações apreciadas em vídeos e espetáculos em suas criações, como também consegue compartilhá-las nas criações em grupo.</p>

Quadro 1 - Ensino de Dança para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental: Secretaria Estadual de Educação de São Paulo
(continuação)

Expectativa de aprendizagem	Condições didáticas e indicadores para a elaboração de atividades	Observar se o aluno
<p>Estudar o Bumba Meu Boi como matriz para a criação/composição de danças autorais e de grupo.</p>	<p>Tendo em vista os conteúdos da linguagem da dança, proporcionar atividades de pesquisa (prática e teórica), na experimentação e <i>recriação</i> da dança Bumba Meu Boi.</p> <p>Partindo das matrizes corporais e de movimento oriundas dos estudos da dança Bumba Meu Boi, construir (ou sugerir) pautas e/ou roteiros tanto para a execução, quanto para a <i>recriação</i> dessa matriz na composição de uma <i>dança autoral dos alunos</i>.</p> <p>Mediar rodas de conversa sobre os sentidos e significados no processo de estudo, apropriação e/ou recriação da dança Bumba Meu Boi. Favorecer o diálogo entre as diferentes corporeidades e repertórios de movimento de dança regionais e dos alunos.</p> <p>Realizar apresentações – processuais ou de encerramento do processo de estudo – dos trabalhos realizados pelos alunos, incentivando o contato com as diferentes etapas de criação e produção da dança para um espaço cênico (convencional ou não convencional), permitindo a troca e a reflexão sobre sua produção com outros sujeitos da comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, pais, etc.).</p>	<p>Apropria-se dos conteúdos oferecidos pelo professor em sala de aula para relacioná-los com as propostas de dançar e recriar o Bumba Meu Boi, estabelecendo assim associações e diálogos criativos através de seus movimentos com essa dança. Consegue apro-priar-se do repertório das ações rítmicas e espaciais do Bumba Meu Boi e de outras danças relacionadas ao tema. Consegue compartilhar suas ideias de movimentos com o grupo no processo de recriação do Bumba Meu Boi.</p>
<p>Compreender o registro das atividades corporais e de movimento como ação pertinente ao resgate e à criação desta dança.</p>	<p>Proporcionar regularmente momentos para o registro das atividades, (desenhos, mapas, esquemas, fotos, etc.) pelas crianças e pelo professor. Utilizar desses registros como um material para lembrar, compreender e organizar os processos de estudo e criação das danças.</p>	<p>Consegue interpretar o Bumba Meu Boi, suas criações e do grupo em roteiros e mapas visuais, iniciando-se na prática de registros em dança.</p>
<p>Apropriar-se de informações sobre as danças populares brasileiras como fonte de pesquisa e criação de outros artistas da dança cênica atual.</p>	<p>Mediar informações sobre artistas da dança – de diferentes matrizes estéticas – que se dedicaram a pesquisar a dança Bumba Meu Boi, promovendo atividades de leitura de textos, apreciação de filmes, vídeos e outros registros de suas investigações e produções, sensibilizando os alunos quanto à observação dos elementos da linguagem e do processo criativo que está sendo trabalhado em sala de aula.</p>	<p>Apropria-se das informações apreciadas em vídeos de espetáculos, e consegue compartilhá-las e relacioná-las nas criações em grupo.</p>

Quadro 1 - Ensino de Dança para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental: Secretaria Estadual de Educação de São Paulo

(conclusão)

Expectativa de aprendizagem	Condições didáticas e indicadores para a elaboração de atividades	Observar se o aluno
<p>Apropriar-se de conhecimentos de outras linguagens – visuais e sonoras – que dialogam com a dança: figurinos, cenários, iluminação, trilha sonora, etc.</p>	<p>Tendo em vista o diálogo entre diferentes linguagens que caracteriza o Bumba Meu Boi, promover atividades de estudo e execução dos elementos cênicos (figurinos, adereços, cenário) e dos elementos sonoros (trilha, canto, instrumentos musicais, etc.) favorecendo o estudo da dança como fenômeno espetacular e/ou cênico.</p>	<p>Consegue entender a dança, por meio de sua experiência corporal e das apreciações de obras, como a arte do movimento com suas especificidades e particularidades, diferenciando-a das outras linguagens cênicas, e entendendo o diálogo entre elas: trilha sonora, representação, figurinos e cenários.</p>

Fonte: São Paulo, 2014, p.47-50.

Experimentação, recriação, propriocepção, improvisação, estudo, criação, pesquisa, observação, experiência... São palavras que norteiam o ensino de Dança nos anos Iniciais do Ensino Fundamental. A linha de pesquisa de movimento deste material publicado mais recentemente traz como uma referência importante o trabalho de Klauss Vianna.

De acordo com Strazzacappa (2012b, p. 63-64) Klauss Vianna foi um dos "Reformadores do Movimento" no Brasil, sendo considerado pela autora como um sistematizador da Educação Somática em suas pesquisas corporais. Neste sentido, considero como proposto para o ensino de Arte nos Anos Iniciais, uma abordagem de educação somática²⁹ para o ensino de Dança, tornando necessário um estudo e aprofundamento por parte dos/as professores/as sobre a abordagem desta técnica corporal na educação, pelo menos para conhecer o pensamento que embasa o ensino de dança a partir desta abordagem.

O texto de introdução que apresenta a Linguagem da Dança no documento "Orientações Curriculares Didáticas para dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental", traz primeiramente um convite ao professor de Arte para que mesmo com todos os seus questionamentos e dificuldades referentes ao ensino da Dança na escola, se aproxime da dela enquanto linguagem, buscando "[...] pontes com as demais linguagens de seu conhecimento, com suas histórias pessoais de corpo e movimento, com suas memórias e desejos dançantes, por vezes não manifestos." (SÃO PAULO, 2014, p. 63).

Justificando que,

A dança é uma linguagem artística do corpo em movimento. A prática da dança possibilita o desenvolvimento da sensibilidade e da motricidade como pares entrelaçados. O domínio do movimento na dança propicia a ampliação de repertórios gestuais, novas possibilidades de expressão e comunicação de sensações, sentimentos, pensamentos. O refinamento do corpo em movimento encontra-se articulado à expressividade e à criatividade, envolvendo processos de consciência corporal (individual) e social (relacional), assim como, processos de memória, imaginação, concepção, e

²⁹ Segundo Strazzacappa (2012) as técnicas corporais de educação somática afirmam uma unidade entre corpo e espírito, buscando suscitar nos praticantes uma tomada de consciência sobre o estudo de movimento realizado. Para a autora, tanto Laban como Vianna foram reformadores do movimento com um trabalho mais enfático no movimento e no corpo, outros reformadores de movimento desta linha de Educação Somática enfatizavam o pensamento como ferramenta. Laban foi considerado um reformador do movimento por influenciar discípulos que posteriormente, sustentados por sua pesquisa desenvolveram um trabalho com técnicas corporais de educação somática como: Bartenieff e Bainbrigde Cohen. Porém Laban, segundo a autora, não deliberou, nem desenvolveu técnicas corporais de educação somática em sua pesquisa.

criação em dança nos âmbitos artístico e estético. (SÃO PAULO, 2014, p. 62).

O documento propõe que o educador não apenas leia as proposições, mas sim as estude, para que ocorra um significativo conhecimento na linguagem (SÃO PAULO, 2014, p. 63). Mas se não houver um trabalho de formação dos professores para que conheçam a ideia central do trabalho de educação somática e vivenciem o ensino de dança enquanto linguagem, a distância entre o real da sala de aula e o prescrito no material será enorme, podendo se transformar em mais uma proposta expressão corporal na escola, entendendo que esta não é a proposta exclusiva e ideal para o ensino de Dança escolar.

2.2. O Currículo de Arte na Rede Estadual de São Paulo: Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

A Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo implantou entre os anos de 2007 e 2008 um currículo básico unificado para todas as escolas da rede com os níveis de Ensino Fundamental II e Ensino Médio, baseado nos Parâmetros PCNs. A partir de então, a Proposta Curricular, como foi chamado à época, hoje, atual Currículo, tornou-se referencial básico obrigatório para a construção do plano de ensino das escolas da rede estadual de São Paulo, norteando, portanto, o trabalho dos professores aqui pesquisados. Com esta ação, pretendeu-se subsidiar o trabalho destas escolas e melhorar a qualidade de Ensino. (SÃO PAULO, 2010, p. 7).

Junto a esta ação, chegaram às escolas diferentes publicações, primeiramente, um jornal, recebido por professores e alunos para o apoio e desenvolvimento de uma sondagem dos conhecimentos dos estudantes, trazendo conteúdos em Teatro, Dança Música e Artes Visuais e sequências didáticas para o início do ano letivo de 2007. Depois em 2008, a Proposta Curricular, juntamente com cadernos para os gestores e em seguida, os cadernos dos professores e dos alunos.

Segundo SÃO PAULO (2010), para dar sentido e significado ao ensino e aprendizado na escola, esses documentos foram construídos sobre alguns princípios:

- a) Uma escola que também aprende;
- b) O currículo como espaço de cultura;

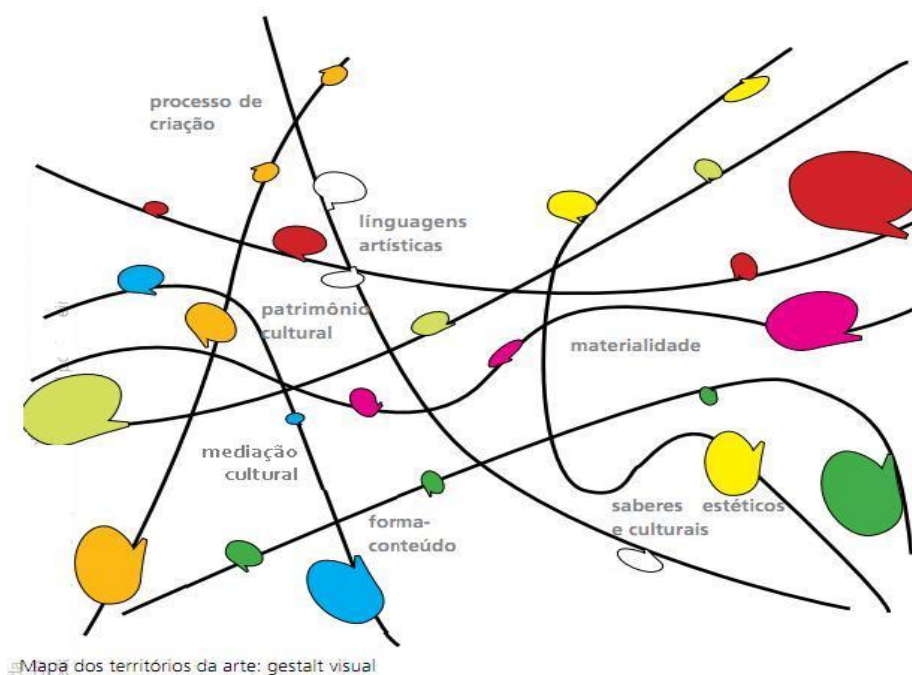
- c) As competências como referência;
- d) Prioridade para a competência da leitura e escrita;
- e) Articulação das competências para ensinar;
- f) Articulação para o mundo do trabalho.

O currículo da disciplina de Arte foi construído dentro de um pensamento curricular baseado num mapa de territórios da Arte. Este mapa, inédito, criado exclusivamente pelos autores deste documento, propõe que “a partir deles e em conexão entre eles, conceitos e conteúdos geradores de processos educativos da 5ª série/6º ano do Ensino Fundamental à 2ª série do Ensino Médio.” (SÃO PAULO, 2010, p. 143).

Tal pensamento curricular, distante de organizar sequencialmente os conteúdos de Arte nas diferentes linguagens artísticas, apresenta uma nova forma de olhar [...] e organização de outro modo de estudo de Arte no contexto escolar. (SÃO PAULO, 2010, p.148).

Trazendo um conceito de rede, o mapa apresenta trilhas onde os/as professores/as e alunos/as podem fazer seu percurso de pesquisa em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro.

Figura 1- Mapa dos Territórios das Artes



Fonte: SÃO PAULO (2010, p. 148).

“Imagem elaborada por Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque apresenta a criação e composição do pensamento curricular em Arte para o mapeamento dos conteúdos direcionados no currículo.” (SÃO PAULO, 2010, p. 148) O mapa apresenta visualmente os territórios da Arte como peças móveis de organização e construção do estudo e ensino de Arte. O desenho do mapa, associado ao conceito de rede foi criado a partir das formas da obra *Estudo para a superfície e linha*, da artista Iole de Freitas. (SÃO PAULO, 2010, p. 148).

Os Territórios da Arte, segundo o currículo são:

- I. Linguagens Artísticas: Artes Visuais, Música, Teatro, Dança e Artes Audiovisuais;
- II. Processos de Criação: O estudo do percurso criador e do fazer artístico, envolve os diálogos do artista com a matéria, projetos e fazer artístico e a procura incansável pela poética pessoal.
- III. Materialidade: Matéria, procedimentos com matéria, suportes e ferramentas são o universo deste território;
- IV. Forma-Conteúdo: Os elementos que compõem a obra de arte nas diferentes linguagens artísticas. A forma é o que torna visível o conteúdo e este é o que dá sentido e significado a forma;
- V. Mediação Cultural: Estudo sobre os modos de promover a experiência estética ao público;
- VI. Patrimônio Cultural: Investigação sobre os bens culturais, materiais e imateriais;
- VII. Saberes Estéticos E Culturais: Estudo da Arte por intermédio de saberes que embasam o conhecimento sobre a obra de arte, como, a História da Arte, as Teorias Estéticas, a Psicologia da Arte, a Sociologia e a Antropologia da Arte;
- VIII. Zarpando: ponto de partida para a criação em qualquer um dos territórios.

O currículo de Arte da rede estadual, baseado nos Parâmetros Curriculares Nacionais, traz um pensamento de ensino de Arte, visto como área de Conhecimento e Linguagem, ou seja, o *Conhecimento* artístico construído pela humanidade como Patrimônio Histórico e Cultural. E *Linguagem*, entendido como um sistema sócio-cultural de representação de ideias, sentimentos e pensamentos por meio de códigos não verbais.

Este documento orientador traz um desenho metodológico, buscando,

[...] articular os três eixos metodológicos, a saber: *Criação/produção em Arte* – o fazer artístico; *A Fruição estética – apreciação significativa da Arte* e do universo a ela relacionado; leitura; crítica; *Reflexão*: a Arte como produto da história e da multiplicidade de culturas. (SÃO PAULO, 2010, p. 153, grifo da autora).

A Abordagem/Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa vem neste documento como metodologia de ensino, assim como os PCNs. A autora em questão apresentou na década de 80 esta proposta como um novo formato de trabalho para arte educação no Brasil, ou seja, basear o *Fazer Arte ao Ler Arte e ao Refletir sobre Arte*, levando o/a arte/educador/a a buscar correspondência entre os seus trabalhos e o mundo da Arte.

Por acreditar que a metodologia é a construção de cada professor/a em sua sala de aula, Barbosa substituiu posteriormente a palavra Metodologia por Abordagem ou Proposta. (ARRIAGA, 2012, p. 17).

Segundo, SÃO PAULO (2010), os conteúdos e conceitos esquematizados neste documento devem ser desenvolvidos pelo professor com ênfase em sua linguagem de formação: Artes Visuais, Música, Teatro ou Dança e outras linguagens, sendo abordadas como ampliação de referências sobre a linguagem em que enfatizada no processo educativo. Assim, não cabe ao/a professor/a de Arte ser *especialista* em todas as linguagens, mas este/a precisará dedicar alguns ou talvez muitos momentos de estudo, pesquisa e experimentação nas diferentes Linguagens da Arte para que conheça o mínimo necessário de suas especificidades.

O documento explicita que o ensino de Arte, nesta perspectiva, deverá garantir o acesso do aluno a uma linguagem, a de formação do professor, com aprofundamento e as demais linguagens artísticas, deverão ampliar o repertório cultural dos alunos e com isso, seu olhar sobre a Arte.

2.2.1- Orientações Curriculares Didáticas para o Ensino de Dança nos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Dentro desta perspectiva de um ensino de Dança interligado aos conteúdos das outras linguagens artísticas proposta no currículo, por meio dos Territórios da Arte, apresento a seguir (QUADRO 2) os conteúdos a serem desenvolvidos em Dança na rede estadual de São Paulo nos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Quadro 2 - Ensino de Dança para os Anos Finais do Ensino Fundamental: Secretaria Estadual de Educação de São Paulo
(continuação)

BIMESTRE/SÉRIE	5ª SÉRIE/6º ANO-EF	6ª SÉRIE/ 7º ANO-EF	7ª SÉRIE/ 8º ANO-EF	8ª SÉRIE/9º ANO-EF
1º Bimestre	<p>A tridimensionalidade nas linguagens artísticas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Forma tridimensional do corpo em movimento, com ênfase nos eixos vertical (altura), horizontal (lateralidade) e sagital (profundidade). 	<p>O desenho e a potencialidade do registro nas linguagens artísticas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desenho coreográfico que o olho vê. • A linha e a forma como elemento e registro nas linguagens artísticas. 	<p>O suporte na materialidade da arte:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O corpo como suporte físico da dança; leveza; peso; flexões; ritmos; objetos cênicos 	<p>Processos de criação nas linguagens artísticas- Procedimentos criativos na construção de obras cênicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ação inventiva; corpo perceptivo; imaginação criadora; coleta sensorial; vigília criativa; Percurso de experimentação; esboços; séries; cadernos de anotações; apropriações; • processo colaborativo; pensamento corporal; • Repertório pessoal e cultural; poética pessoal. • O diálogo com a matéria cênica em processos de criação.
2º Bimestre	<p>O espaço no território das linguagens artísticas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Linguagem das danças clássica, moderna e contemporânea 	<p>A forma como elemento e registro na arte:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A forma como registro: notações em dança; 	<p>A ruptura das tradições nas linguagens artísticas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A linguagem da capoeira, do hip-hop, do balé clássico, da dança moderna, da dança contemporânea 	<p>Materialidade e gramática das linguagens artísticas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O corpo como suporte físico na dança. • Cenário; adereços; objetos cênicos; • Suportes, ferramentas e procedimentos técnicos • Elementos básicos da linguagem da dança; • Temáticas que impulsionam a criação

Quadro 2 - Ensino de Dança para os Anos Finais do Ensino Fundamental: Secretaria Estadual de Educação de São Paulo
(conclusão)

BIMESTRE/SÉRIE	5ª SÉRIE/6º ANO-EF	6ª SÉRIE/ 7º ANO-EF	7ª SÉRIE/ 8º ANO-EF	8ª SÉRIE/9º ANO-EF
3º Bimestre	<p>Luz: suporte, ferramenta e matéria pulsante na Arte:</p> <ul style="list-style-type: none"> •A luz e a contraluz na dança. •A materialidade da luz nas linguagens artísticas. 	<p>O “trans-formar” matérico em materialidade na arte:</p> <ul style="list-style-type: none"> •A apropriação de matéria e ferramentas no fazer arte: •A qualidade do movimento do corpo que dança: espaço, tempo, força, ritmo • As linguagens da arte: ampliações de referências a partir do diálogo com a materialidade. 	<p>Reflexos e reflexões da vida na Arte – as temáticas no território de forma-conteúdo:</p> <ul style="list-style-type: none"> •Temáticas que se revelam pelas formas •Temas que se fazem forma pela observação e imitação de corporeidades • Relações entre imagem-forma e conteúdo de figuras cênicas •Relações potenciais entre temáticas, épocas e culturas •Temáticas idealizadas, realistas, expressionistas, surreais, abstratas; temas históricos, questões políticas, religiosas, de natureza; o ser humano, sua identidade, seu anonimato; a visão feminina; o corpo; a complexidade formal etc. •Temáticas contemporâneas: arte e vida; histórias de vida; cenas de rua. 	<p>Fusão, mistura, contaminação de linguagens:</p> <ul style="list-style-type: none"> •Ballet de repertório; dança moderna do início século XX; dança teatral. •Hibridismo das relações entre forma-conteúdo nas várias linguagens; elementos básicos da linguagem da dança.

Quadro 2 - Ensino de Dança para os Anos Finais do Ensino Fundamental: Secretaria Estadual de Educação de São Paulo
(conclusão)

BIMESTRE/SÉRIE	5ª SÉRIE/6º ANO-EF	6ª SÉRIE/ 7º ANO-EF	7ª SÉRIE/ 8º ANO-EF	8ª SÉRIE/9º ANO-EF
4º Bimestre	<p>Olhares sobre a matéria da arte: Suportes, ferramentas, matérias:</p> <ul style="list-style-type: none"> •Corpos perceptivos; improvisação, intuição, imaginação criadora, coleta sensorial; vigília criativa; repertório pessoal e cultural; poética pessoal; pensamento visual; pensamento corporal e sinestésico; pensamento musical. •Percurso de experimentação; •Processo colaborativo •O corpo e a voz como suporte e matéria da arte Conceitos, procedimentos e conteúdos investigados durante o ano letivo. 	<p>Experimentação: uma fresta para respirar o poético:</p> <p>Improvisação, acaso, ludicidade, espontaneidade.</p> <ul style="list-style-type: none"> •Corpos perceptivos, intuição, acaso, imaginação criadora, coleta sensorial, vigília criativa, repertório pessoal e cultural, poética pessoal, pensamentos visual, musical, corporal e sinestésico. •Percurso de experimentação, perseguir ideias, esboços, séries, cadernos de anotação, Estudo e pesquisa, apropriações, combinações, processo coletivo e colaborativo. •Linguagens da Arte e procedimentos criativos de experimentação •Conceitos, procedimentos e conteúdos investigados durante o ano letivo. 	<p>“Misturanga” étnica: marcas no patrimônio cultural, rastros na cultura popular:</p> <ul style="list-style-type: none"> •Heranças culturais; patrimônios culturais imateriais e materiais; •Arte indígena •Arte afro-brasileira •Poéticas contemporâneas •Conceitos, procedimentos e conteúdos investigados durante o ano. 	<p>Travessia poética: do fazer artístico ao ritual de passagem:</p> <p>Arte e documentação</p> <ul style="list-style-type: none"> •Exposição ou apresentação artística e o registro como documentação •Modos de documentar a arte •Conceitos, procedimentos e conteúdos investigados durante o ano.

Fonte: Adaptação da autora³⁰

³⁰ Recorte dos Conteúdos de Dança do Currículo de Arte presente no documento: SÃO PAULO (2010, p. 155-170).

A tridimensionalidade do corpo no espaço; Materialidade na Dança; A luz , a contraluz e o uso do espaço, Ruptura, Patrimônio, Tradição, Experimentação, Fusão, Vigília Criativa, são alguns conteúdos a serem apreendidos e experimentados durante os Anos Finais do Ensino Fundamental pelos alunos. A ideia de relacionar conteúdos das diferentes linguagens artísticas é uma forma de abrir as possibilidades do professor que não tem formação ou experiência em Dança pesquisar e interligar as linguagens artísticas.

Longe de ser a proposta ideal para o ensino de Dança, tenho que reconhecer que os profissionais que construíram este currículo foram bem realistas, não colocando a Dança como linguagem específica no material³¹, visto que a faixa etária dos alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental já não aceita nada imposto de forma autoritária, muito menos se o professor apresentar insegurança no assunto. A possibilidade de investigar, experimentar e conhecer a Dança pode ser uma pesquisa feita junto com os/as alunos/as partindo da linguagem de formação do/a professor/a, para isso será necessário que o/a professor/a de Arte se coloque também aberto a reconhecer que também está em processo de aprendizagem.

2.2.2 Orientações Curriculares Didáticas para o Ensino Médio Dança

Para o trabalho com o Ensino Médio, a proposta é pouco diferenciada dos Anos Finais do Ensino Fundamental nas 1^{as} e 2^{os} séries. Já na 3^a série existe uma modificação no material³² devido a este ter sido criado muito posteriormente e por outros autores. Conforme apresento no quadro a seguir:

³¹ Apesar dos Cadernos do Professor e do Aluno serem divididos por linguagem em cada bimestre , são compostos por todas as linguagens, articulando o mesmo conteúdo entre elas. Por exemplo, a Tridimensionalidade no primeiro bimestre é estudada em Artes Visuais, Teatro, Música e Dança, dando liberdade ao/à professor/a transitar entre as linguagens durante o bimestre, não forçando o/a professor/a a desenvolver uma única linguagem em cada bimestre.

³² Documento ainda em fase de construção e revisão apresentado à rede estadual em 2013 como uma sugestão de trabalho interligando as profissões contemporâneas no campo da Arte e das Tecnologias Digitais. A Dança seria conteúdo sugerido para o 2º Bimestre.

Quadro 3 - Ensino de Dança para o Ensino Médio: Secretaria Estadual de Educação de São Paulo

BIMESTRE / SÉRIE	1ª SÉRIE/EM	2ª SÉRIE/ EM	3ª SÉRIE/EM
1º Bimestre	<p>Arte, cidade e patrimônio cultural: Heranças culturais; patrimônio cultural imaterial e material; estética do cotidiano; tradição e ruptura; ligação arte e vida; arte contemporânea.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Escola de samba; tambor de crioula; jongo; roda de samba; frevo; forró; dança contemporânea; dança popular 	<p>O encontro entre a arte e o público:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Festivais de dança, mostra universitária, espaços alternativos de dança. 	<p>Artes Visuais</p>
2º Bimestre	<p>In[ter]venção em arte: projetos poéticos na escola:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Modos de intervenção artística e seus processos de criação em dança • Ações de intervenção e mediação cultural por meio de projetos poéticos individuais ou Colaborativos. 	<p>Poéticas pessoais e processos colaborativos em arte:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A potencialidade e a singularidade poética nas linguagens artísticas • As linguagens das linguagens da Arte • A operação poética de levantamento de hipóteses, escolha e testes de elementos da gramática das linguagens artísticas • O revelar das temáticas • Projetos de poética pessoal ou colaborativa 	<p>As Profissões Contemporâneas do Campo da Dança com Interfaces em Tecnologias Digitaisⁱ</p> <ul style="list-style-type: none"> • Coreografias e coreógrafos; o corpo e suas articulações; o movimento; suportes e ferramentas tecnológicas digitais
3º Bimestre	<p>In[ter]venção na escola: arte e ação: Suportes, ferramentas e procedimentos técnicos e inventivos</p> <ul style="list-style-type: none"> • O corpo como suporte físico na dança • Corpo espetacular; intervenção em espaços não convencionais; texto/escritura/temas de intervenção cênica 	<p>Tempo de fazer, gestando o mostrar:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A dança e suas modalidades • O festival e o salão como modo de mostrar a produção 	<p>Música</p>
4º Bimestre	<p>In[ter]venção: instantâneos poéticos na escola: A intervenção e seu registro como documentação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Modos de documentação em Arte • Conceitos, procedimentos e conteúdos investigados durante o ano 	<p>O mostrar anunciado: a produção poética na escola: Amostra poética: festival, salão</p> <ul style="list-style-type: none"> • Modos de divulgação em Arte: cartaz, folder, programa • Conceitos, procedimentos e conteúdos investigados em Arte durante o ano. 	<p>Teatro</p>

Fonte: Adaptado pela autora.³³

³³ Os conteúdos de Dança das 1ªs e 2ªs séries do Ensino Médio foram recortados do documento: SÃO PAULO, 2010, p.171-178. Já os conteúdos de Dança da 3ª série do Ensino Médio foram retirados do documento "Orientações Didáticas para Professores de Arte da 3ª Série do Ensino Médio" enviado às escolas pela CGEB como sugestão de trabalho.

A mesma articulação entre os conteúdos dos Anos Finais é possível observar nos Cadernos da 1ª e 2ª séries do Ensino Médio. Na 1ª série o Patrimônio é novamente trazido à sala de aula, porém, durante o ano, os alunos também aprendem sobre e posteriormente elaboram um projeto de Intervenção na escola, nas diferentes linguagens artísticas. Na 2ª série o tema central são os Festivais e Mostras Culturais em Dança, assim como na 1ª série, a proposta é que após o estudo e pesquisa sobre os festivais, os alunos organizem uma mostra ou um festival, dependendo da decisão da turma sobre qual ou quais linguagens podem entrar neste evento.

Na 3ª série a proposta que está ainda em elaboração e estudo, isso significa que pode ser modificada³⁴, apresenta um formato diferenciado, trazendo um trabalho de pesquisa específico por linguagem em cada bimestre, trazendo como temática "As profissões Contemporâneas no campo das Artes", sendo a Dança trabalhada apenas no 2º bimestre. Apesar desse documento ter sido divulgado para as escolas, ele ainda está passando por análise de profissionais da área. Sua elaboração foi feita sem a consultoria de nenhum especialista na área de Dança e ficou extremamente falho no que se refere aos conteúdos desta linguagem, por este motivo e por ainda estar em processo de análise e construção não vou me ater a analisá-lo nesta dissertação, apenas vou apresentá-lo.

A época da elaboração dos Cadernos do Professor e do Aluno as escolas não tinham em sua matriz curricular o ensino de Arte para as 3ªs séries do Ensino Médio, pois, no final do ano 2002, foi imposto às escolas que no ano seguinte o ensino de Arte nestas séries seria substituído por Disciplinas de Apoio Curricular (DAC), uma espécie de aulas de atualidades.

A justificativa apresentada era que se objetivava capacitar o aluno para o mercado de trabalho e para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Neste sentido, a prioridade era inserir na grade curricular do Ensino Médio uma disciplina que fosse eficaz para este objetivo, a partir de então, foram diminuídas o número de horas aulas nas disciplinas da área de Ciências Humanas como Filosofia, História e Geografia³⁵ e a disciplina de Arte foi excluída da matriz curricular dessas turmas. Por trás deste discurso, existiam interesses políticos e econômicos. As escolas

³⁴ A proposta aqui citada é um documento elaborado pela CGEB apresentado e distribuído para as escolas em 2013 intitulado: Orientações Didáticas para Professores de Arte da 3ª Série do Ensino Médio. Coordenadoria de Gestão da Educação Básica. São Paulo: 2013

³⁵ Os alunos neste período não contavam com aulas de Sociologia na grade curricular.

passaram a receber mês a mês uma publicação de uma revista de atualidades que seriam distribuídas aos alunos e nas DACs.

No ano de 2012, a grade curricular foi reformulada, as DAC foram excluídas do Ensino Médio, as escolas passaram a ter novamente duas horas – aula semanais de Arte, e ampliaram novamente a carga horária das disciplinas de Ciências Humanas nas terceiras séries do Ensino Médio.

Devido à urgência de orientar o trabalho dos professores de Arte que lecionavam nessas séries, em 2012 a Equipe Técnica de Arte da CGEB-SP reuniu-se a um grupo de PCNPs de Arte e Tecnologia e elaboraram uma Situação de Aprendizagem (SA) para cada uma das Linguagens Artísticas, relacionando-as à profissões contemporâneas no campo da Arte e das tecnologias digitais. Seguindo as orientações dos Referenciais Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, a preocupação ainda era capacitar para o mercado de trabalho, mas agora com o foco na própria disciplina.

No caso da Linguagem da Dança, foi elaborada uma Sequencia Didática (SD) com ênfase na profissão do coreógrafo, porém a interface com as tecnologias digitais ficou por conta de um *software* de animação chamado STIKZ. A SD basicamente se resume em pesquisa teórica sobre a profissão do coreógrafo, elaboração de uma *coreografia* utilizando a ferramenta digital de animação.

A linguagem da Dança proposta pelo currículo de Arte traz uma reflexão do corpo enquanto instrumento para a criação, expressão e comunicação nas diferentes culturas. Enquanto conhecimento produzido pelo homem no universo da Arte precisa ser vivenciado, experimentado e estudado pelos/as docentes que se propõem a ensiná-la. Não basta apenas oferecer documentos orientadores, materiais didáticos pedagógicos para os alunos e professores. Os/As educadores/as precisam de momentos efetivos de estudo e formação continuada, momentos estes que possibilitem a reflexão sobre a prática do/a professor em sala de aula.

CAPÍTULO 3. PERCURSO METODOLÓGICO: PESQUISA DE CAMPO

3.1 Cenário da Pesquisa e Sujeitos Pesquisados

A cidade de Sorocaba ocupa uma área de aproximadamente 450,382 Km² na região Sudoeste do Estado de São Paulo a cerca de 90 km de distância da capital. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e conforme o Censo de 2015 tem 637.187 habitantes³⁶. A Diretoria de Ensino- Região de Sorocaba possui 85 escolas estaduais, todas dentro do território da cidade. Essas escolas atendem os Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos, Fundação CASA, Sistema Prisional e Escolas de Ensino Integral na seguinte conformidade³⁷:

- 30 escolas recebem os alunos de Ensino Fundamental Anos Iniciais;
- 60 escolas recebem os alunos de Ensino Fundamental Anos Finais;
- 52 escolas com alunos de Ensino Médio;
- 4 escolas do Programa de Ensino Integral de Anos Finais do Ensino Fundamental;
- 2 Escolas do Programa de Ensino Integral de Anos Iniciais³⁸ do Ensino Fundamental;
- 1 Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEEJA);
- 5 Escolas com modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) de ensino presencial;

³⁶ Informações retiradas do site do IBGE: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras>> Acesso em 01 de abril de 2015

³⁷ Informações retiradas do documento Portfólio da Diretoria de Ensino de Sorocaba disponível no site: <<http://www.intranet.educacao.sp.gov.br>> Acesso em 01 de abril de 2015

³⁸ O Programa de Ensino Integral trata-se de uma nova versão para o Programa Escola de Tempo Integral que já existia na rede estadual desde 2006, porém, este novo modelo apresenta em sua proposta um discurso de compromisso com a valorização do magistério. Foi instituído na rede estadual de São Paulo pela Lei Complementar nº 1.164, de 4 de janeiro de 2012, alterada pela Lei Complementar nº 1.191, de 28 de dezembro de 2012, começando inicialmente com um número bem reduzido de escolas apenas na capital e em escolas de Ensino Médio, depois, ano após ano ampliou-se para os Anos Finais e Iniciais de Ensino Fundamental e também no interior paulista. Em Sorocaba no ano de 2013 existia apenas 1 EEI, após ampliação, atualmente possui 6 escolas funcionando neste formato.

- 2 Escolas atendem 2 Unidades da Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (CASA),
- 1 Escola atende o Sistema Prisional;
- 2 Centros de Línguas (CEL).

Com o intuito de encontrar possíveis colaboradores com a pesquisa, primeiramente enviei aos docentes um questionário (ANEXO A) online pelo e-mail oficial das escolas e eles/as foram convidados/as a respondê-lo. O questionário foi elaborado com 6 questões objetivas para compor o perfil dos pesquisados com questões referentes a linguagem e ano de formação, idade, sexo e se tiveram o conteúdo Dança durante o curso de graduação, além de 6 questões abertas referentes ao trabalho com Dança que realizam ou não nas aulas de Arte.

Dos 52 professores/as que responderam ao questionário duas professoras não autorizaram a publicação de suas respostas, então não vou contabilizá-las na contagem total da pesquisa.

Dos 50 professores que participaram da pesquisa e autorizaram a publicação dos resultados, verificou-se uma maior predominância em professoras do sexo feminino (88%), acima dos 40 anos de idade (68%), que cursaram licenciatura em Artes Visuais (71%) durante os anos de 2003 a 2007(42%), lecionavam à época da pesquisa no Ensino Médio (44%) e quanto a formação em Dança durante o Ensino superior, verificou-se que pouco mais da metade dos/as entrevistados/as não tiveram nenhuma disciplina referente à Dança durante sua formação universitária (54%).

Dez desses/as professores/as após convite, se submeteram a uma entrevista semiestruturada. O motivo da seleção foi que além de afirmarem em suas respostas que ensinam Dança em suas aulas de Arte, aceitaram prontamente ao convite possibilitando a realização da entrevista posteriormente. Diferentemente das inúmeras respostas que só apontavam as dificuldades dessas aulas, estes professores apontavam suas experiências e/ou a importância de se desenvolver um trabalho com Dança nas aulas de Arte, mesmo com todas as dificuldades que encontram em desenvolvê-la, isso também foi um diferencial que favoreceu a escolha.

A fim de conhecer melhor o trabalho realizado por esses docentes, de maneira geral, as entrevistas foram realizadas dentro do ambiente escolar em que

lecionavam, em horário de ATPC ou aula vaga, em salas de leitura, sala dos professores ou em sala de aula, fora do horário de aula desses docentes.

Após contatar os professores pessoalmente agendei com eles um horário que pudessem me atender, pedi autorização à equipe gestora da escola e aos entrevistados (ANEXO B). De modo geral, senti que os professores convidados se sentiram lisonjeados por dividirem suas experiências em entrevista, foi como se naquele momento alguém tivesse valorizado o trabalho que realizam em sala de aula, sendo assim, não tive nenhuma resistência nem dificuldades para realizar este trabalho. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas (ANEXO G), os/as professores/as se apresentaram bem à vontade em frente ao gravador. Outro facilitador foi o fato de eu atuar como PCNP de Arte na Diretoria de Ensino de Sorocaba desde 2009, isso me fez ter o contato e um bom relacionamento com a maioria dos professores de Arte durante a realização da pesquisa.

A entrevista semiestruturada foi elaborada partindo dos estudos de Maria Cecília Minayo, combinando perguntas abertas e fechadas e dando a possibilidade dos/as entrevistados/as "discorrer sobre o tema em questão sem se prender a indagação formulada" (MINAYO, 2010, p. 261). As transcrições foram organizadas pela ordem das questões e as respostas foram categorizadas por temas em "comum no grupo", sendo assim, as análises foram realizadas buscando "o que há de comum no grupo e o que há de específico no discurso individual".(MINAYO,2010,p.208)

3.2. Método - Análise de Discurso

A utilização da metodologia de Análise de discurso (AD) para interpretação das entrevistas realizadas foi uma sugestão dada pela banca presente em meu exame de qualificação, por considerarem que o tratamento dado pela Análise de Discurso sob a ótica Francesa, proposto por Orlandi (2013) a partir dos estudos de Pêcheux, seria o mais adequado para problematizar e buscar as respostas inerentes à pesquisa, além de possibilitar encontrar e analisar os ditos e "não ditos" durante as entrevistas. (ORLANDI, 2013, p. 82).

A Análise de discurso é um conceito relativamente jovem no campo entre as Ciências Sociais e a Linguística. Seu criador nas Ciências Sociais é o filósofo francês Michel Pêcheux, que fundou, na década de 1960, a Escola Francesa de Análise do Discurso com o propósito

de substituir a *Análise de Conteúdo* tradicional. (MINAYO, 2010, p. 318)

O objetivo da AD é compreender o sentido da palavra, buscando a formação ideológica que está por trás dela, não considera a linguagem transparente, procura compreender a fala do sujeito além da sua língua, ou seja, sua simbologia e seu percurso ideológico.

Eni Puccinelli Orlandi, discípula de Pêcheux, trouxe para o Brasil esta metodologia. Para Orlandi, a palavra discurso etimologicamente traz a ideia de movimento, ou seja, com o estudo do discurso analisa-se a fala em curso.

Sendo então, "o texto uma unidade significativa, pragmática e portadora do contexto situacional dos falantes", podendo ser considerado como um texto, uma palavra, um conjunto de frases ou um documento, diferentemente de discurso, que é a linguagem em interação. (MINAYO, 2010, p. 320)

Nessa perspectiva teórica os sujeitos são entendidos como uma posição ocupada no discurso, atravessadas por dizeres de outros, por vozes e por discursos que já circularam antes e em outros lugares, nomeados de interdiscursos, ao qual fornecem ingredientes para a linha discursiva construída, o intradiscurso. Os interdiscursos transitam pela paráfrase e pela polissemia, ou seja, o sujeito para dar sentido ao que enuncia precisa perpassar pelo que já foi dito e construir algo novo.

Para a Análise de Discurso não há uma verdade oculta por trás do texto ou da fala. "Em suma, a Análise de Discurso visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos" (ORLANDI, 2013, p. 26). Sendo que uma análise jamais poderá ser igual à outra, pois, mobiliza conceitos, questões e recortes conceituais diferentes.

Para realizar a análise do material das entrevistas optei por agrupar as falas dos professores verticalmente por categorias que perpassassem por todas as entrevistas e depois horizontalmente por subcategorias facilitando assim a discussão.

3.3 Perfil e formação dos/as professores/as entrevistados/as

Traçar um perfil dos/as professores entrevistados/as antes de entrar no tema da pesquisa foi uma preocupação inicial. Para isso, inicialmente, eles/as responderam no próprio termo de autorização de uso das informações coletadas

questões como: nome, idade, sexo, formação superior, universidade que estudou, linguagem artística de formação e curso de pós-graduação.

Quadro 4 - Perfil dos/as professores/as entrevistados/as e formação acadêmica

Nº	Professor/a	Idade	Sexo	Formação Superior: curso e instituição	Linguagem artística de formação.	Pós-graduação
1.	Rê	36	F	Educação Artística - Teatro (Licenciatura)/ FAMOSP - São Paulo-SP	Teatro	----
2.	Má.	26	M	Educação Artística- Artes Plástica (Licenciatura)/ ASSETA - Tatuí-SP	Artes Plásticas	Especialização em Linguagens da Arte
3.	Lá	32	F	Dança (Bacharelado e Licenciatura)/ UNICAMP - Campinas - SP	Dança	Especialização no Método Klauss Vianna (Dança)
4.	Sá	55	F	Educação Artística- Artes Plásticas (Licenciatura)/ CEUNSP-Itu- SP	Artes Plásticas	----
5.	Vá	35	F	Educação Artísticas- Artes Plásticas e Letras - UNAR- Araras-SP	Artes Plásticas	Especialização em Literatura Brasileira e Língua Portuguesa
6.	Vi	29	F	Educação Artística- Artes Plásticas (Licenciatura)/ FPA- São Paulo-SP	Artes Plásticas	Especialização em História da Arte
7.	Pê	26	M	Música-Arte educação (Licenciatura)/ UNISO-Sorocaba-SP.	Música	Especialização em Educação Musical - Musicalização
8.	Bê	47	F	Teatro- Arte educação (Licenciatura)/ UNISO-Sorocaba-SP.	Teatro	----
9.	Ná	54	F	Educação Artística- Música (Licenciatura) UNESPAR- Curitiba - PR	Música	----
10.	Dé.	29	F	Educação Artísticas- Artes Plásticas (Licenciatura) FESLJ- Jaboticabal-SP	Artes Plásticas	----

Fonte: Da autora.

Legenda: M – Masculino / F - Feminino

No Quadro 4 acima apresento o perfil dos professores entrevistados para esta pesquisa. Foram entrevistados 2 professores do sexo masculino e 8 professoras do sexo feminino. A formação acadêmica dos profissionais entrevistados configura-se da seguinte forma:

- 5 com licenciatura em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas;
- 2 com formação na área de Teatro, sendo, um com licenciatura em Arte Educação com habilitação em Teatro e outro/a em Educação Artística com habilitação em Teatro;
- 2 com formação na área de Música, sendo um com licenciatura em Educação Artística com habilitação em Música e o outro/a com licenciatura em Arte Educação com habilitação em Música.
- 1 professor/a com formação em Dança, sendo que sua formação é Licenciatura e Bacharelado.

50% dos/as professores/as entrevistados/as declararam possuir especialização Lato-Sensu na área da graduação e 80 % deles/as cursaram sua licenciatura em Instituições Particulares de Ensino Superior.

Uma professora declarou ser licenciada em três disciplinas do currículo escolar: em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Inglês, Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas, além de ter cursado Magistério que a habilita no ensino dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Isso é muito comum no magistério, devido à facilidade de cursar complementação pedagógica para professores habilitados, muitos professores fazem o curso de Artes Visuais como segunda licenciatura assim que começam a lecionar, motivados pela falta de professores habilitados na disciplina e sobra de vagas de Arte para lecionar nas escolas e pela Facilidade dos cursos EAD de Complementação Pedagógica.

Devido a esta ausência de professores habilitados na disciplina de Arte, isso se compararmos com outras disciplinas, essas aulas acabam ficando sem professor³⁹. Muitos professores das disciplinas de Língua Portuguesa, Educação Física, História, Anos Iniciais e até Matemática, percebendo a falta de professores de Arte no processo de atribuição, acabam procurando se habilitar na disciplina para facilitar a

³⁹ No ano de 2015 na lista oficial da Diretoria de Ensino de Sorocaba conta com 163 professores titulares de cargo de Arte classificados, em contrapartida na disciplina de Língua Portuguesa temos 400, em História 227, Matemática 374 e assim por diante. Esse é o motivo pelo qual sobram aulas de Arte no processo de atribuição de aulas e faltam aulas para os professores classificados em Língua Portuguesa, motivando muitos deles a procurarem uma faculdade EAD para obter a complementação no diploma e a habilitação em Artes Visuais.

vida no início do ano letivo, pois, na falta de aulas em sua disciplina de formação, sempre restam aulas de Arte.

O problema disso tudo, é como se dá esta formação e que tipo de profissional é este, pois, se for um profissional comprometido com o magistério e sério com seu trabalho, por mais rasa que tenha sido a formação realizada como complementação, este fará de tudo para se aprimorar e oferecer uma aula com o mínimo de qualidade, o entrave está quando este se acomoda ou tem aquela visão ultrapassada que aula de Arte é aula de desenho, faz uma formação complementar de duração de um ano à distância (EAD) e se transforma em mais um professor de Arte apenas para ocupar as aulas, não para ensinar.

Com a formação dada de forma aligeirada feita apenas para suprir a demanda do mercado de trabalho e suprir as necessidades pessoais de trabalho, isso traz ainda maiores dificuldades para que as diferentes linguagens artísticas cheguem à sala de aula conforme proposto pelos documentos oficiais.

Não vou discutir aqui o Ensino Superior no formato em EAD, pois, além de ser uma realidade do mundo atual, considero muito positivo o uso da ferramenta on line para o aprofundamento dos estudos e me utilizo amplamente deste recurso. Mas é preciso lembrar que após a democratização da educação básica e da exigência de formação superior do professor para lecionar no Ensino Básico, o MEC tratou de lançar políticas públicas de expansão do Ensino Superior, tornando esse um meio muito vantajoso para empresários como oportunidade de negócio e aquisição de lucro.

Questiono a qualidade dessa formação por reconhecer e observar que mesmo o ensino superior presencial tem deixado muitas falhas na formação dos professores de Arte assim como de outras áreas, não sendo fácil para que o/a professor/a consiga relacionar sua Linguagem de formação com as outras exigidas, tornando então, muito questionável a formação em Arte realizada em formato totalmente EAD, em nove ou 12 meses, apenas como complementação pedagógica, não tendo o docente nenhuma ou pouquíssimas experiências artísticas de qualidade. Essa problemática da formação inicial também esbarra na falta de formação continuada nas instituições de ensino, no excesso de trabalho e falta de valorização salarial do professor que também o impede de continuar sua formação após habilitado.

A problemática do dia a dia de trabalho enquanto PCNP de Arte é o que me motiva a refletir sobre esta problemática da formação inicial e continuada dos/as

professores/as, pois é muito recorrente as solicitações de orientação e apoio mais regulares a estes professores que mesmo tendo duas habilitações e experiência no magistério em diferentes disciplinas, quando se deparam com os conteúdos artísticos a serem desenvolvidos na escola após terem feito apenas a complementação pedagógica, apresentam uma maior resistência de saírem do tradicional ‘copiem da lousa’.

Com falta de espaço para formação continuada na escola os problemas estruturais da formação inicial dificilmente são sanados apenas com orientações pontuais na escola ou reuniões na Diretoria de Ensino, o resultado disso é a famosa frase “Finjo que ensino e você finge que aprende”.

Já os professores recém-formados em Arte em cursos regulares apresentam dificuldades mais simples como: gestão de sala de aula, didática ou mesmo o medo do novo que é tão natural no início de qualquer profissão, são menos resistentes e rapidamente se adaptam ao ambiente escolar.

Todos/as os/as professores/as entrevistados/as declaram possuir, a época, mais de 04 anos de experiência no magistério da rede estadual de São Paulo e 90% deles/as exerciam uma jornada de trabalho superior a 30 horas/aula⁴⁰ semanais em sala de aula chegando a 46 horas/aula

Quadro 5 - Tempo de serviço no magistério público estadual de São Paulo e jornada de trabalho dos sujeitos pesquisados

Questões fechadas iniciais: Quanto tempo trabalha no magistério público estadual? Qual a sua jornada de trabalho semanal atualmente?		
Professor/a	Tempo de exercício no magistério	Jornada de trabalho
1. Rê.	10 anos	16 horas semanais
2. Má.	08 anos	40 horas semanais
3. Lá.	06 anos	30 horas semanais
4. Sá.	21 anos	40 horas semanais
5. Vá.	12 anos	32 horas semanais
6. Vi.	09 anos	32 horas semanais
7. Pê.	04 anos	32 horas semanais
8. Bê.	04 anos	36 horas semanais
9. Ná.	15 anos	30 horas semanais
10. Dé.	08 anos	46 horas de trabalho semanais

Fonte: Da autora.

Uma jornada excessiva de trabalho se for considerado que um professor que possui 32 horas/aula de trabalho atuando em sala de aula tem que cumprir mais 3

⁴⁰ A hora/aula equivale a 50 minutos da hora/relógio.

horas aulas em reuniões de ATPC⁴¹, ganhando por mais 13 horas/aulas de ATPL⁴² destinado ao preparo de suas aulas, totalizando uma jornada de 48 horas/aulas ou 40 horas/relógio semanais de trabalho.

Um/a professor/a de Arte atua apenas 2 horas/aula semanais por turma e para cumprir sua jornada de 32 horas/aulas de trabalho leciona em 16 turmas com uma média de 38 à 40 alunos por classe. Ou seja, este/a professor/a tem 16 diários de classe para registrar os conteúdos de suas aulas, a presença ou ausência de seus aproximadamente 608 alunos. São aulas mescladas por quatro linguagens artísticas (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro) com diferentes conteúdos a serem desenvolvidos por classe em aulas de apenas 50 minutos.

Entendo que uma aula bem desenvolvida demanda estudo, preparo e organização. Com uma jornada tão extensa de trabalho, somada às condições inadequadas de trabalho, indisciplina, um número excessivo de alunos em sala de aula, falta de espaço físico, materiais pedagógicos, despreparo e uma formação que não atende a real necessidade, torna a rotina do professor e do aluno insustentável, provocando mais indisciplina e desmotivação para ambas as partes.

Primeiramente é o espaço. As salas são muito lotadas, eu acho assim, eu dou razão, eu tenho dó até, de professores que não, porque eu vivenciei isso, foi a minha formação foi na dança também, e o Teatro que é pura expressão corporal. Então, eu tenho isso comigo já. E quem não tem? Então eu acho assim, é muito sofrido, eu acho que o professor que consegue fazer esse você tem que bater palma, elogiar, porque, é muito desafiador! Geralmente a escola não apoia algumas atividades, apesar de que a Dança não é tão barulhenta, dá pra você fazer em qualquer lugar, mas você precisa de um espaço, você precisa tirar as crianças do lugar, você tem que ter um autodomínio muito grande com a sala, por que qualquer movimento diferente eles já acham que pode virar uma brincadeira, uma baguncinha, né? (Anexo G, entrevista com a professora Rê, 07/04/2014)

Para SAVIANI:

[...] as condições precárias de trabalho não apenas neutralizam a ação dos professores, mesmo que fossem bem formados. Tais condições dificultam também uma boa formação, pois operam como fator de desestímulo à procura pelos cursos de formação docente e a dedicação aos estudos. (SAVIANI, 2007, p. 75).

⁴¹ ATPC- Aula de trabalho Pedagógico Coletivo destinado a participação semanal em reuniões com a equipe gestora e os outros docentes da escola.

⁴² ATPL- Aula de trabalho pedagógico Livre destinado ao preparo de aulas, estudo, organização do material a ser utilizado em sala de aula, etc.

Observo que as condições dadas a este professor para motivar seus alunos: uma produção artística desenvolvida sob um estudo efetivo, baseado em uma leitura significativa e um conhecimento contextualizado nas diferentes linguagens artísticas em aulas de 50 minutos, truncadas pela preocupação do professor correr de sala em sala, numa jornada de 40 horas/aulas semanais ou mais (em caso de acúmulo de cargo) são extremamente precárias.

Nestas condições, como preparar aula? Como participar de cursos de formação continuada? E a questão mais latente, como manter a motivação para ensinar?

Para Giovedi (2012) trata-se de uma "violência curricular"⁴³, pois, os/as professores/as são excluídos das decisões de elaboração do currículo, conteúdos são homogeneizados à todos os alunos, falta recursos e infraestrutura nas escolas, formação e condições para que o trabalho seja colocado em prática conforme esperado pelo próprio docente e pelos alunos causando um imenso desgaste à todos.

Isto é muito sério e preocupante, pois, um professor desmotivado, mal formado, sem condições adequadas para ensinar, sem tempo para preparar suas aulas, pode ser o vetor de muitas frustrações dentro do espaço escolar, tanto para ele quanto para os alunos que esperam uma postura de liderança por parte do/a educador/a. O professor é como um artista da cena, só pode obter sucesso com muito preparo e ensaio. Para Paraíso,

Só com muito preparo e ensaiando muito (como faz um ator antes de entrar em cena) garantiremos os "dez minutos de inspiração" necessários para lançar textos e atirar flechas que podem ser recolhidas por alguém em uma aula ou em um currículo. (PARAÍSO, 2009, p. 281)

O planejamento de uma aula é fundamental para o sucesso do trabalho do/a professor/a, pois, é na aula que tudo acontece, inclusive o inusitado e o inesperado e o/a educador/a precisa estar preparado também para o imprevisto, que só será possível se este tiver uma boa base de formação e preparo.

⁴³ O Termo violência curricular foi cunhado em 2012 por Valter Martins Giovedi em tese de doutorado em Educação, intitulada: "O Currículo crítico-libertador, como forma de resistência e de superação da violência curricular na Pontifca Universidade Católica de São Paulo-SP.(PUC-SP)

3.3.1. Motivação para a formação na área de Arte.

Buscando entender o que levou esses profissionais a atuarem no ensino de Arte, sendo arte/educadores/as na educação formal, reconhecendo que nem sempre um/a professor/a de Arte foi ou será um artista, aquele/a que produz ou produziu arte fora da escola, contradizendo muitos teóricos que defendem essa necessidade, transformam-se após anos de estudos universitários num/a mediador/a do conhecimento artístico dentro da unidade escolar em que atua, ou mesmo um pensador/a ou um pesquisador/a na área de arte-educação com esta experiência e vivência artística ou não.

Conhecendo também todos os dificultadores que perpassam pela profissão docente, principalmente no que tange a escola pública, entendendo que a "experiência" artística ao professor de Arte é condição sine qua non para o ensino das linguagens artísticas e acima de tudo, com o intuito de conhecer a História de vida desses/as educadores/as, questionei aos entrevistados/as sobre a motivação que tiveram para cursar uma licenciatura na área de Arte. (BONDÍA, 2002, p. 20-28) A primeira categoria analisada foi nomeada de: Motivação para ser um professor/a de Arte. Esta categoria corresponde a uma das questões apresentadas aos/às professores/as durante as entrevistas. As respostas foram separadas em três subcategorias, sendo estas, as motivações em si apresentadas pelos/as docentes, como vemos a seguir (Quadro 6):

- a) Experiência significativa com Arte na educação formal ou informal;
- b) Emprego e estabilidade profissional;
- d) Disciplina atrativa como opção de Magistério.

Quadro 6 - Motivações para ser um professor de Arte

(continuação)

QUESTÃO ABERTA Nº1: O QUE MOTIVOU VOCÊ A ESTUDAR ARTE?			
Profs.	Experiência significativa com Arte na educação formal ou informal.	Emprego e estabilidade profissional	Disciplina atrativa como opção de Magistério
1. Rê.	Desde criança, sempre quis ser artista. Sempre dancei na escola, eu era parte do grêmio, desde a quarta série eu já fazia parte. Eu era da parte cultural da escola. Eu montava as apresentações. Lembro que eu tava na primeira à quarta série, eu já fazia a coreografia das meninas[...]no ano seguinte eu fui chamada pra participar do NAC-Núcleo de Artes Cênicas do SESI foi quando eu entrei como atriz ali. [...]era muito puxado, era muito rígido, mas ali eu aprendi tudo. Ali conheci o Laban, ali eu conheci todos os especialistas de teatro.		
2. Má.	Eu lembro que na época eu fui voluntário do "Programa Escola da Família" ⁴⁴ , a gente montava peça na escola, foi assim, quando eu completei a maioria fui fazer Arte, mas pensando sempre na questão do Teatro. É engraçado por que até agora eu não tenho formação em Teatro."		
3. Lá	Desde pequena sempre fiz a escolinha, aula de dança, de balé, aí depois eu entrei pra escola mesmo, ensino fundamental na adolescência voltei a fazer academia, sempre academia de dança [...] Decidi que meu hobby viraria minha profissão que eu iria ser bailarina profissional, iria fazer uma faculdade de Dança"		

⁴⁴ Programa Escola da Família- Programa da Rede Estadual onde as escolas funcionam aos finais de semana para atender a comunidade, oferecer serviços, cursos, oficinas, etc.

Quadro 6 - Motivações para ser um professor de Arte

(continuação)

QUESTÃO ABERTA Nº1: O QUE MOTIVOU VOCÊ A ESTUDAR ARTE?			
Profs.	Experiência significativa com Arte na educação formal ou informal.	Emprego e estabilidade profissional	Disciplina atrativa como opção de Magistério
4. Sá			Eu desde pequena tenho esse lado artístico, mas na parte de desenho. Eu tava fazendo magistério e depois do magistério eu achei que tinha que fazer a Arte porque era uma coisa que eu gostava de fazer"
5. Vá			Então, Quando eu fiz a faculdade de "Português" eu fui pra sala de aula e vi que a realidade é bem diferente do que a gente imagina. [...]Então, aí eu fui fazer Arte
6. Vi.		A princípio foi o fato de eu entrar para o Governo do Estado de São Paulo, minha mãe já era professora a um bom tempo e aí um colega meu começou a fazer Arte e entrou logo para o governo e eu vi que ele recebia um salário mais do que eu como estagiária, eu recebia seiscentos e pouco na época e ele tava recebendo novecentos e poucos...	
7. Pê.	Bom, o que me motivou a estudar Arte é que eu tocava um instrumento, eu comecei a estudar desde os treze anos, eu entrei para o conservatório, fiz o curso técnico em Música e eu queria além de tudo, né? Além de aprender Arte eu queria também ter uma licença, eu queria ter uma documentação que fizesse com que eu tivesse realmente a licença pra lecionar...		

Quadro 6 - Motivações para ser um professor de Arte

(conclusão)

QUESTÃO ABERTA Nº1: O QUE MOTIVOU VOCÊ A ESTUDAR ARTE?			
Profs.	Experiência significativa com Arte na educação formal ou informal.	Emprego e estabilidade profissional	Disciplina atrativa como opção de Magistério
8. Bê.		[...] eu tive meus filhos, casei filhos, me separei, comecei a cuidar da minha mãe, daí eu falei 'Gente, eu preciso fazer uma faculdade! Eu tenho que garantir o futuro dos meus filhos', e daí eu vi no site lá e minha filha também tava pesquisando uma faculdade pra ela fazer, daí ela pesquisou na UNISO e tinha Teatro, daí eu falei 'É licenciatura, eu posso dar aula?', daí ela 'É', nós fomos, as duas fazer faculdade, eu conclui, ela não.	
9. Ná	O que me motivou é que desde pequena eu mexia com Arte, no caso da minha família, minha mãe tocava piano meu pai na juventude tinha um grupinho lá de música, tocava bateria. Então eu cresci dentro das artes, frequentei... Em Curitiba tinha projeto dentro da biblioteca pública do Paraná, que você ia de manhã, tinha a parte de Artes Visuais, argila e pintura. Também tinha a parte da Música, então desde pequena eu tive sempre contato com a Arte		
10. Dé.	[...] na verdade eu sempre fui a artista da sala, na verdade desde a quarta série... Na quarta série eu montei uma peça de Teatro e depois nós apresentamos em outras escolas, eu montei tudo. Montei o roteiro, montei os figurinos, montei o cenário. [...] E aí, no magistério [...] eu organizava os eventos da escola mesmo estudando ainda, montava os desfiles, os cenários, montava peça de teatro, montava o musical de final de ano. Decorava a escola inteira, então eu era a artista da escola, não só da sala, mas da escola.		

Fonte: Da autora.

É possível observar analisando a tabela acima que 60% dos/as docentes foram motivados/as por vivências e experiências significativas com Arte dadas na escola e fora dela.

É notável também, que apesar dos docentes entrevistados, em relação as outras linguagens, possuírem em sua maioria formação em Artes Plásticas, poucos foram motivados a estudar Arte para aprimorar seus estudos na área Plástica ou Visual, as experiências significativas que se passaram dentro da escola, em sua maioria, foram com grupos ou montagem de peças de teatro ou dança, ou seja, linguagens que comumente trabalham a expressão corporal e o jogo. Penso que muitos educadores da área de Arte fizeram sua formação em Artes Visuais devido à ausência de oferta de cursos em outras linguagens artísticas por parte das Instituições de ensino superior. O depoimento do professor Má, em entrevista, deixa isto bem evidente,

Desde pequeno eu tenho uma ligação muito íntima com o Teatro, por gostar muito de Teatro, por querer muito fazer Teatro eu fui procurar uma faculdade que saciasse essas minhas vontades. Eu venho de uma cidade chamada Ribeirão Branco, ela é bem no interior do Estado de São Paulo e daí a faculdade mais próxima que tinha e que ia ao encontro das minhas necessidades foi a de Arte⁴⁵ em Tatuí é por isso que eu fui fazer Artes Plásticas, mas a minha vontade inicial era ter feito Teatro. (ANEXO G, entrevista com o professor Má, 08/04/2014)

Outro aspecto importante a se observar é que nenhum desses/as docentes ao falar de suas experiências na escola, citaram algum antigo professor de Arte que pudesse lhes ter proporcionado alguma experiência significativa nas aulas, suas práticas artísticas na escola se deram sempre fora da sala de aula, sem o olhar disciplinador do professor, sem o espaço delimitado das carteiras escolares e sem o controle do tempo marcado pelo sinal sonoro que divide cada aula, isso demonstra que o currículo oculto na escola pode muitas vezes ser mais potente que o currículo prescrito, penso que se esse espaço fosse mais bem aproveitado e pensado dentro das escolas, muitas oportunidades poderiam ser criadas.

As experiências artísticas tidas em educação não formal também foram motivadoras para a busca de uma habilitação profissional na área, tendo como vivências cursos livres de dança, música, profissionalizantes na área de Teatro, a

⁴⁵ O curso da Associação de Ensino Superior de Tatuí-SP (ASSETA-SP) na área de Arte à época era Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas.

experiência como um artista profissional e vivências em projetos sociais ou mesmo familiar.

Dentre os/as professores/as entrevistados encontramos aqueles que foram motivados pela estabilidade de trabalho ou escolheram a formação artística como uma opção para o magistério, por já terem alguma formação inicial na área de educação, seja em curso Normal⁴⁶ ou uma primeira Licenciatura em outra disciplina.

3.3.2. Ser um arte/educador é...

O que é ser um arte/educador/a dentro de uma escola formal? Como esses/as educadores/as enxergam a tarefa de ensinar Arte dentro da escola pública em meio a todas as disciplinas do currículo escolar? Conhecer a concepção de ensino de Arte partindo do olhar dos/as professores/as entrevistados/as foi uma preocupação inicial, para conhecer melhor como o sujeito desta pesquisa encara e pensa sobre sua profissão.

Para melhor analisar as respostas dadas pelos docentes, criei a Categoria “Autorretrato de um/a arte/educador (a)” (Quadro 7) e enquadrei as respostas em três subcategorias que possibilitaram retratar melhor o discurso que orienta o trabalho docente desses/as professores/as, são elas:

- Mediar conhecimentos e proporcionar experiências artísticas;
- Alfabetizar nas diferentes linguagens artísticas;
- Realização profissional.

⁴⁶ O curso Normal aqui em questão trata-se do antigo curso de Magistério de nível Médio.

Quadro 7 - Autorretrato de um/a Arte/educador/a

(continuação)

QUESTÃO ABERTA Nº2: E PRA VOCÊ, O QUE É SER ARTE EDUCADOR (A)?			
Profs.	Mediar conhecimentos e proporcionar experiências artísticas	Alfabetizar nas diferentes linguagens artísticas	Realização profissional
1. Rê.	"[...]arte/educador é fazer a criança e o adolescente, o jovem aprender a viver através da arte. Ele vai ser um ser humano completo em toda sua dimensão, corporal, psicológica, emocional...O arte educador, têm, na minha opinião, uma função mais que apenas passar conteúdo sobre arte pra criança, ele tem que integrar o cidadão dentro de uma sociedade que tem uma História Cultural"		
2. Má.	"Olha, eu sempre penso na arte educação como uma ferramenta para proporcionar para o aluno esta experiência mesmo com a Arte! A Arte na educação ela tem o conteúdo específico, ela tem as suas habilidades e competências ela tem toda essa questão do currículo, mas eu acho que o professor, o arte educador ele tem que ter o pensamento de artista. Por que se você passa para o aluno a Arte como a valorização do belo, a valorização da vida, o aluno ele vai ter mais interesse, vai ter mais significado pra sala de arte, agora quando a aula de Arte ela é vista só como conteúdo só como conteúdo em Arte, eu não sei se vai ter muito significado para o aluno. Eu procuro propor para o aluno, nas minhas aulas, essa questão de experimentação artística mesmo, não que eu vá formar artistas, mas eu quero propor pra eles experiências de artista."		

Quadro 7 - Autorretrato de um/a Arte/educador/a

(continuação)

QUESTÃO ABERTA Nº2: E PRA VOCÊ, O QUE É SER ARTE EDUCADOR (A)?			
Profs.	Mediar conhecimentos e proporcionar experiências artísticas	Alfabetizar nas diferentes linguagens artísticas	Realização profissional
3. Lá		<p>Para mim, ser arte/ educador, o nome já diz, ele educa em Arte. A Arte é uma linguagem como é a Língua Portuguesa, só que ela é uma linguagem feita de outra forma, então o Arte educador ele, eu to ensinando essa linguagem para o meu aluno, to ensinando ele a usar essa linguagem, apreciar ela em outros momentos e saber dizer em que momento ela aconteceu e porque que ela aconteceu daquele jeito, é bem o tripé que a Ana Mae⁴⁷ fala mesmo, né? Eu tenho que ensinar essas questões pra ele para que é uma linguagem, ele tem que dominar essa linguagem, essa ferramenta, então, dominar não é bem... dominar é meio uma palavra que é meio ruim assim, mas, o arte educador tem que ensinar o aluno a se apropriar dessa linguagem é claro que ele vai dar uma base, eu não vou me aprofundar, por que não é uma graduação, não é uma formação mais específica, mas eu tenho que dar essa noção pra ele, né, dessa linguagem, ele tem que se apropriar dela de alguma forma e poder usar e saber usar e saber falar sobre ela, então pra mim é isso!</p>	
4. Sá			<p>Pra mim, como eu gosto daquilo que eu faço, pra mim é tudo né? Você vê o aluno começar a tirar da ideia dele, ali, a gente dá um tema, desenvolve algum raciocínio e eles começam a pensar a tirar a ideia. Sair àqueles trabalhos... Mesmo nas releituras! Eles não são de copiar a releitura! Eles fazem uma interferência, uma intervenção naquela imagem e sai cada trabalho mais bonito do que o outro. Então a gente fica, né? Eu pelo menos gosto dos trabalhos deles, então a gente incentiva a sempre ele criar cada vez mais e não deixar ele ficar na cópia.</p>

⁴⁷ Referindo-se à Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa.

Quadro 7 - Autorretrato de um/a Arte/educador/a

(continuação)

QUESTÃO ABERTA Nº2: E PRA VOCÊ, O QUE É SER ARTE EDUCADOR (A)?			
Profs.	Mediar conhecimentos e proporcionar experiências artísticas	Alfabetizar nas diferentes linguagens artísticas	Realização profissional
5. Vá			No meu ponto de vista eu sou muito mais realizada trabalhando com Arte do que com outra disciplina que eu já trabalhei, gosto muito. o que eu faço, faço com amor! Quando eu fui fazer a faculdade eu já sabia que ser professor, não ia ficar rico mesmo. Que eu não conhecia nenhum rico, então eu já tinha consciência do que eu tava fazendo e faço o que eu gosto, agora se a gente tivesse mais valorização, todo mundo ia trabalhar mais feliz, sendo mais valorizado, todo mundo. Só que eu fico na carreira então eu tento fazer tudo da melhor forma possível com o que eu tenho de recurso, o que a escola pode oferecer, o que o governo oferece e tento fazer da melhor forma possível porque não adianta, porque se eu não to feliz tenho que partir pra outra coisa. E eu to feliz, eu gosto do que faço e não me vejo fazendo outra coisa a não sendo professora.
6. Vi.		Pra mim, ser arte educador e você dar a chance dele conhecer, simplesmente, não você ensinar isso é isso, isso é aquilo, é você dar a oportunidade dele conhecer e também buscar outras coisas, então é uma visão extremamente diferente, até do que o currículo as vezes passa, né? Que passa os artistas, tudo, mas se, por exemplo, eu quero ensinar arte contemporânea se eu vou direto no artista, então se eu vou falar diretamente aquilo, não funciona, então, eu tenho que pegar toda a base do aluno e a partir daquele para ele entender a arte.	

Quadro 7 - Autorretrato de um/a Arte/educador/a

(continuação)

QUESTÃO ABERTA Nº2: E PRA VOCÊ, O QUE É SER ARTE EDUCADOR (A)?			
Profs.	Mediar conhecimentos e proporcionar experiências artísticas	Alfabetizar nas diferentes linguagens artísticas	Realização profissional
7. Pê.		<p>Pra mim um arte/educador é você propiciar a Arte e as diferentes linguagens dela, eu acredito que... E os gêneros ali embutidos, então você propicia ali a aprendizagem musical e você abre o leque dos gêneros musicais e você propicia a aprendizagem de dança e ali você também... E propiciar, no sentido de você ativar a curiosidade do aluno, nesse sentido de você propor coisas novas a ele que ele não conhecia, fazer relações com o que ele já conhece e também relações até interdisciplinares, porque numa aula de dança você tem ali física, você tem biologia, você pode trabalhar as alavancas, dependendo do movimento. Na música você tem contextos históricos, você tem tipos de mensagens, então assim acredito que é você propiciar o aluno a apreciação dessas artes em todos os seus gêneros estilos!</p>	
8. Bê.			<p>Olha, tirando a dificuldade dos alunos, eu acho que é assim a minha vida! Você ensinar, você ver, sabe quando o aluno faz alguma coisa assim e você, "Nossa, eu ensinei isso!" Então eu acho que ser arte/educador é passar um pouquinho daquilo que você sabe para o aluno, não é todos que "vai" aprender, mas eu acho assim que eu não poderia ser outra coisa.</p>

Quadro 7 - Autorretrato de um/a Arte/educador/a

(conclusão)

QUESTÃO ABERTA Nº2: E PRA VOCÊ, O QUE É SER ARTE EDUCADOR (A)?			
Profs.	Mediar conhecimentos e proporcionar experiências artísticas	Alfabetizar nas diferentes linguagens artísticas	Realização profissional
9. Ná		É complicado pra criança entender essa diferença do conhecimento da Arte pra você como criador ter a liberdade de uma técnica que você vai adquirir, essa é a confusão, a escola não é pra dar a técnica, eu acho que é primeiro a formação de plateia, como eu compreendo a Arte no meu dia a dia no cotidiano, porque que ela existe em qualquer cultura não importa se é complexa ou primitiva, porque que ela faz parte da vida do ser humano, ela é vida, na verdade para o ser humano, então eu acho que é até uma questão de desafios, mostrar que não existe essa coisa do talento, você tem um dom, todos nós temos, dentro da linguagem que você escolhe.	
10. Dé.	É ser mediador do conhecimento, é mais um mediador. Por que na verdade, eles, o jovem e o adolescente de hoje ele tem tanta informação em volta dele que muitas vezes ele não sabe usar, né? Eu falo que essa é a nossa função, sabe? Dar direção, não impor, jamais! Mas direcionar- Olha, olha ali oh!- Então é mediar mesmo, mediar o conhecimento, fazer com que o aluno descubra o conhecimento, sempre mediado por você e você sempre ali por perto pra estar orientando, mas deixar com que ele construa esse conhecimento.		

Fonte: Da autora.

Para os docentes entrevistados, um arte/educador deve proporcionar experiências e conhecimentos artísticos aos estudantes, além de alfabetizá-los nas diferentes linguagens artísticas. O ensino das linguagens é visto como uma oportunidade do aluno vivenciar uma educação globalizadora, por meio de experiências artísticas nas diferentes linguagens, sendo um mediador do conhecimento, propiciando vivências, apreciação e ao mesmo tempo fazer o aluno se apropriar da linguagem como um leitor, um pensador ou aquele que produz e transmite seu pensamento e ideias através da Arte.

Os/as professores/as em sua maioria, demonstraram em seus discursos, possuírem clareza sobre seus objetivos em sala de aula. Apenas três respostas foram muito pessoais e foram aqui categorizadas com uma ideia de realização profissional, ser um arte educador para esses professores é fazer o que gosta e realizar-se como profissional. Apesar de apresentarem em seu discurso uma ideia de realização, colocando o ensino de Arte como quase que exclusiva opção para ser feliz profissionalmente, este discurso pode trazer como Não Dito uma frustração como artista.

A carreira de professor, em muitos casos, é a garantia de sobrevivência no campo artístico, e aparentemente apresenta maior estabilidade. Mas muitos profissionais encaram-na como substituta, deixando de lado a sua própria vivência artística. Essa dissociação acaba repercutindo na própria atividade docente. Quando um profissional tem sua obra para cumprir, ele dá liberdade para os próprios alunos trilharem seus próprios caminhos. Quando não, ele busca no aluno a realização de sua obra. E no estabelecimento dessas relações acaba sempre prevalecendo a frustração tanto do professor por não vivenciar sua arte, como do aluno, por não corresponder às expectativas do professor. (STRAZZACAPPA; MORANDI, 2006, p.87)

Da mesma forma que a arte educação pode representar estabilidade profissional, garantia salarial para o artista, isso pode se transformar num distanciamento da Arte para muitos, uma carga horária excessiva de trabalho, a falta de espaço e as dificuldades para exercer o trabalho como artista dentro e fora da escola, o pode transformá-lo em mais um professor de Arte que não vivencia Arte. Conforme propõe Rachel (2013), em sua dissertação de Mestrado intitulada "*Adote o artista não deixe ele virar professor: reflexões em torno do híbrido professor performer*", este é um questionamento e uma reflexão instigada por Ivald Granato quando imprimiu em um panfleto no ano de 1977 a seguinte frase: "Adote o artista

não deixe ele virar professor". - O quê acontece quando um artista entra dentro de uma instituição escolar e vira professor? - O quanto a escola, instituição disciplinar, pode moldar e amordaçar um artista dentro de suas paredes e regras? - Ou, dependendo do ponto de vista- O quanto um artista pode transformar o espaço e as experiências dos alunos dentro dessa instituição? São formas diferentes de olhar e enfrentar essa problemática e isso depende muito da escolha do/a professor/a artista.

3.3.3. A Dança na escola na visão dos/as professores/as entrevistados/as

Na categoria “Definição de Dança na visão dos/as arte/educadores/as foi possível encontrar dois tipos de definição de Dança, apresentadas aqui (Quadro 8) como subcategorias:

- Dança como Arte: Conhecimento, linguagem e expressão;
- Dança como Técnica: Movimento e Consciência Corporal.

Quadro 8 - Definição de Dança na visão dos arte/educadores

(continuação)

QUESTÃO ABERTA Nº2: PRA VOCÊ O QUE É DANÇA?		
Profs.	Arte: Conhecimento, linguagem e expressão	Técnica: Movimento e consciência corporal
1. Rê.	[...] a minha maior preocupação é fazer o aluno entender que ele pode se expressar pelo corpo e pode expressar suas emoções, seus sentimentos através dos movimentos corporais	
2. Má.	Pra mim dança é conhecimento! O aluno quando ele começa a desenvolver experiências em Dança ele vai estar conhecendo seu corpo e ele vai ver que esse corpo tem as suas potencialidades. Então assim, o aluno que experimenta a Dança na escola ele vai ver que o corpo dele pode falar, o corpo dele vai contar uma história através da Dança	
3. Lá	Em primeiro lugar dança é, pra mim, uma forma de expressão, eu to me expressando, eu quero dizer, eu to mandando um recado, pra alguém pra quem quiser ouvir de uma forma não verbal, eu to dizendo meus sentimentos, minha visão de mundo, minhas expressões sobre esse Mundo, sobre um tema, sobre qualquer coisa que eu quero falar, por que é muito amplo o tema que você pode usar, pode ser um momento, pode ser um sentimento, uma vivência, então pra mim Dança é isso! Uma forma de comunicação	
4. Sá	Dança pra mim é o desenvolvimento do corpo, eles vão estar trabalhando a música e o corpo para desenvolver a ideia e o tema lá que eles se propuseram fazer	
5. Vá		Dança... Eu acho assim, os alunos têm dificuldades se você pedir para que eles façam alguma coisa na sala de aula uma apresentação ali, eles têm vergonha, pra mim eu chego, danço , falo alguma coisa pra eles, as vezes eu danço um pouco pra eles eu falo alguma coisa, falo do forró, falo de outros estilos de Dança, mas eles ficam tímidos, eles tem vergonha, por que eu gostava muito porquê eu vim do interior, tinha muito isso, as quadrilhas, as Danças caipiras...
6. Vi.	Para mim dança é expressão corporal é você ter vontade de dizer algo e também utilizar o corpo com relação a isso. No caso, como Arte você pode expressar desde as suas ideias, sentimentos ou também expressar uma história que você escutou, pra mim é isso!	

Quadro 8 - Definição de Dança na visão dos arte/educadores

(conclusão)

QUESTÃO ABERTA Nº2: PRA VOCÊ O QUE É DANÇA?		
Profs.	Arte: Conhecimento, linguagem e expressão	Técnica: Movimento e consciência corporal
7. Pê.		[...] Conheço alguns conceitos, mas não tenho essa habilidade com a Dança, mas, eu acredito que é possível, porque você não vai ali, como não é algo da sua área você não vai ser tecnicista nessa área, você não vai precisar fazer um trabalho muito específico, você não vai formar um bailarino, mas você pode propor o conhecimento dos movimentos, você pode propor a diferença entre os movimentos de um estilo de dança, com outro estilo, né?
8. Bê.		Dança pra mim é um movimento, a expressão corporal, que eu acho bastante assim para os alunos, porque os alunos hoje eles tem uma dificuldade de concentração e quando você começa a dar dança pra eles, eles começam a perceber o corpo, a movimentação, ter noção do espaço, eu vejo isso aí, que os alunos não tem muita noção de espaço, direita esquerda, eu acho que a Dança facilita esse meio deles caminharem
9. Ná	Dança é um desenho no ar, é criação de formas no ar em cada movimento, então quando eu começo a trabalhar com meu aluno, que grande parte já foram meus alunos eu parto da questão do corpo, porque o nosso conhecimento ele passa pelo corpo, antes de você aprender a ler, a escrever e até a falar, você tem a questão da audição, do sentir, do tato e a criança qualquer coisa que ela ouve ela já, o corpo responde. Então eu digo pra eles, o nosso conhecimento ele passa pelo corpo, não é só, pra chegar aqui (mostra a cabeça com as mãos), tem que passar por aqui antes (mostrando o restante do corpo).	
10. Dé.	[...]a Dança, na minha opinião, ela é uma forma de libertar mesmo a pessoa, porque na Dança, mesmo aquele aluno mais tímido ele se descobre. A Dança é uma oportunidade do aluno se descobrir como ser humano, as capacidades que ele tem, o que ele é capaz de ser e de fazer	

Fonte: Da autora.

É muito comum ouvir o termo 'expressão corporal' associado à Dança, porém este não é um termo exclusivo da Dança. O trabalho com Música, Teatro, Educação Física, ou mesmo a pintura e a escultura trabalham o corpo e, por isso, também podem ser classificadas como atividades de expressão corporal. A proposta educativa de Dança vai além da ideia de expressão corporal ou de movimento expressivo. (MARQUES, 2007, p. 141)

A maioria dos/as professores/as entrevistados/as defenderam o ensino de Dança como conhecimento, linguagem e forma de expressão de sentimentos e ideias. Apresentaram um olhar artístico da Dança. Outro grupo trouxe um olhar da Dança enquanto Movimento, e Consciência corporal, um olhar mais técnico da Dança.

Termos como 'Expressão corporal', 'Dança criativa', Dança expressiva ou 'Dança educativa', são comuns na literatura para falar sobre o ensino de Dança. Marques (2007) alerta para que apresentemos um olhar mais crítico em relação a estas divisões e classificações da dança no contexto educacional, definindo esse tipo de categorização como desnecessária. A autora alerta que esses apelidos dados para Dança na escola são reflexos do processo de escolarização. Dança ensinada no contexto educacional apesar das categorizações, continua sendo Dança, sendo linguagem e sendo Arte.

A Dança na escola algumas vezes é apresentada como ferramenta para ensinar o espaço, a lateralidade, como terapia, para melhorar a concentração dos alunos,

[...] os alunos, hoje eles tem uma dificuldade de concentração e quando você começa a dar Dança pra eles, eles começam a perceber o corpo, a movimentação, ter noção do espaço, eu vejo isso aí, que os alunos não tem muita noção de espaço, direita esquerda (ANEXO G, entrevista com a professora Be, 07/08/2014)

Outras vezes dissociada do artístico em afirmações como: "não vai precisar fazer um trabalho muito específico, você não vai formar um bailarino" (ANEXO G, entrevista professor Pê, 19/05/2014). Esses discursos apresentam como interdiscurso uma negação da Dança na escola como área de conhecimento e Arte. É como dizer que se ensina 'dancinha', 'teatrinho', 'desenhinho' e 'musiquinha'. Ou seja, se não se forma artistas qualquer atividade de expressão vira Arte, mas uma arte escolarizada e inferiorizada pela própria escola.

"Então eu digo pra eles, o nosso conhecimento ele passa pelo corpo, não é só, pra chegar aqui (mostra a cabeça com as mãos), tem que passar por aqui antes" (mostrando o restante do corpo). (ANEXO G, entrevista com a professora Ná, 07/08/2014) O discurso da professora apresenta uma preocupação de demonstrar que o corpo faz parte do processo de ensino e aprendizagem e nele a Dança tem ou deveria ter um lugar essencial.

São muitos os fatores que podem influenciar no trabalho do professor em sala de aula. Os projetos da escola, a equipe gestora, a formação do educador, seus princípios ideológicos e pedagógicos, o espaço, os recursos didáticos, a rotina da escola, entre outros.

Apesar do currículo das escolas estaduais ser unificado, dificilmente encontraremos um trabalho unificado mesmo dentro de uma mesma escola, pois, até de uma sala para outra um mesmo professor poderá modificar a forma de trabalhar. No caso da Arte esta modificação fica ainda mais latente, principalmente se cada professor/a da escola tiver a formação em uma linguagem diferente, a meu ver, pode tornar o trabalho nessa escola ainda mais rico, possibilitando um trabalho transdisciplinar entre os/as docentes.

3.4. O Ensino de Dança na Escola

Como se dá o ensino de Dança nas escolas pesquisadas? Foi um dos questionamentos apresentados durante as entrevistas. Para a realização da análise as respostas foram divididas em três subcategorias identificadas a partir das similaridades das respostas coletadas e apresentadas na categoria "O Ensino de Dança no espaço escolar", conforme apresento a seguir (Quadro 9):

- 1) Por meio de experiências com jogos e brincadeiras;
- 2) Apresentações em festividades escolares;
- 3) Através de observação de imagens ou produção de desenhos, caderno do aluno, vídeos , pesquisa e livres experimentações sem a mediação do professor

Quadro 9 - O Ensino de Dança no espaço escolar

(continuação)

QUESTÃO ABERTA Nº3: COMO VOCÊ ENSINA DANÇA NAS SUAS AULAS?			
Profs.	Por meio de experiências com jogos e brincadeiras	Apresentações em festividades escolares.	Através de observação de imagens ou produção de desenhos, caderno do aluno, vídeos e pesquisa, Livres experimentações sem a mediação do professor
1. Rê.	<p>[...] a gente começa a fazer experimentações, então eu começo... eles deitam no chão, eles... começam a perceber o ar, o espaço... começo assim! Eu só não faço assim, quando eu estou muito cansada e quando a sala de aula é muito terrível, então eu trabalho sem o espaço aberto, trabalho na sala de aula com pequenos grupos, quando a sala eu ainda não dominei totalmente, mas assim, dentro do possível eu quero espaço, eu procuro na escola onde tem um espaço e peço pra eles irem se soltando e trago muitos sons, muitas sonoridades, não sei se é assim que fala, muitos ritmos e peço pra eles irem ouvindo e sentindo, e assim vai até eles falarem, "professora eu estou dançando!", é exatamente isso que eu quero.</p>		
2. Má.	<p>É mais como se fosse uma brincadeira, um jogo. Sempre eu começo com as brincadeiras infantis, né? As experiências assim "Vamos sair, vamos brincar, vamos correr!" E depois criar um diálogo através disso. "Quando vocês correm vocês estão fazendo um movimento, já pararam pra pensar neste movimento? Esse movimento que vocês estão fazendo a partir daí pode surgir uma dança. [...] por exemplo, tá brincando daí de repente, assim na sala de aula eu vou e passo pra eles um vídeo da Pina Bauch que ela faz um movimento também a partir da criação do corpo, o corpo tá falando. [...] O Ivaldo Bertazzo, quando ele fez a "Rua do Encontro" com as crianças e as crianças fazendo o movimento e é legal por que a gente leva o discurso "De onde surgiu esse movimento?" A criança vai pensar na sala de aula, aonde o autor deste espetáculo aonde ele buscou este movimento? Como eles começaram a pensar na concepção deste espetáculo? Ele vai começar a pensar este movimento que a princípio era brincadeira e depois vai deixar de ser brincadeira e vira consciência, né?</p>		

Quadro 9 - O Ensino de Dança no espaço escolar

(continuação)

QUESTÃO ABERTA Nº3: COMO VOCÊ ENSINA DANÇA NAS SUAS AULAS?			
Profs.	Por meio de experiências com jogos e brincadeiras	Apresentações em festividades escolares.	Através de observação de imagens ou produção de desenhos, caderno do aluno, vídeos e pesquisa, Livres experimentações sem a mediação do professor
3. Lá	<p>Não dá pra usar uma técnica específica, por que a técnica específica, um balé, ou um jazz, ou um sapateado elas são muito direcionadas, então, eu acho que o objetivo da Dança na escola não é este, não é direcionar para uma técnica, basicamente eu trabalho muito com jogos, jogos no sentido do... Jogo corporal, jogo no sentido lúdico da palavra, também, mas não só isso, com dinâmicas, né? Que trabalham questões ligadas à dança, que é comum a todas as danças, então eu trabalho com dinâmicas que trabalham o espaço, a parte corporal, às vezes o uso de um objeto, o tônus muscular, ou trabalha a criatividade, tem momentos que eu peço para os grupos criarem, baseados, claro, num tema, ou num trabalho anterior de corpo, criatividade, tônus, espaço, são aspectos da dança que são comuns a todas elas, a todas as técnicas. Então independente da técnica, eu estou usando tudo isso. Então eu trabalho dentro dessa linha. E aí, entra também a consciência do corpo, as possibilidades de movimento que meu corpo pode fazer né, de articulação, como eu posso trabalhar com tal osso ou músculo, movimentar de tal jeito, aí entram teóricos e artistas que já desenvolveram trabalhos assim, então eu uso um pouco da conscientização corporal, da educação somática, uso Laban, uso elementos assim, né? Improvisação, que daí trabalha com a criatividade, são coisas comuns a todas elas, assim, atividades que dá, dentro das possibilidades do espaço físico. Tem coisas que não dá pra fazer! Que limita um pouco dentro do espaço, mas é possível fazer.</p>		

Quadro 9 - O Ensino de Dança no espaço escolar

(continuação)

QUESTÃO ABERTA Nº3: COMO VOCÊ ENSINA DANÇA NAS SUAS AULAS?			
Profs.	Por meio de experiências com jogos e brincadeiras	Apresentações em festividades escolares.	Através de observação de imagens ou produção de desenhos, caderno do aluno, vídeos e pesquisa, Livres experimentações sem a mediação do professor
4. Sá			[...] por enquanto tá sendo na imagem e no caderninho e através de pesquisas que eles vão também. Daí eles tem uma ideia, né, do que é uma Dança Contemporânea ou outro tipo de Dança
5. Vá			[...] eu tento deixar eles a vontade na sala de aula não sai muita coisa assim em relação a Dança, as vezes por eles gostarem de Hip Hop, Funk, daí eu consigo pegar algumas coisas melhores, daí eles acabam as vezes cantando,... E “Agora vocês podem dançar, aproveitem!...” agora eu to tentando usar a informática agora aqui com eles, pra eles pesquisarem alguma coisa em relação a música, a Dança que eu já dei e aí eles vêem alguns vídeos também né? Dei balé da cidade de São Paulo... Eles viram esses dias...
6. Vi.			Mas a primeira coisa que eu tento passar assim que é padrão em todas é: Estudo do corpo humano, das partes, a questão de dobrar, esticar, torcer, isso eu passo pra todos. Desenho do corpo humano, desenhar o movimento, reproduzir os movimentos que desenhou reproduzir os movimentos de um vídeo de dança e geralmente eu faço muitos jogos e brincadeiras. Atualmente eu estou trabalhando muito com um jogo chamado “Just Dance” que é de um empresa chamada Kisoft e é legal por que tem muitos estilos de dança e tem muitos ritmos diferentes. [...]Eu trago o vídeo porque infelizmente eu não tenho o jogo. [...]Eu deixo eles sinceramente livres pra dançar.

Quadro 9 - O Ensino de Dança no espaço escolar

(continuação)

QUESTÃO ABERTA Nº3: COMO VOCÊ ENSINA DANÇA NAS SUAS AULAS?			
Profs.	Por meio de experiências com jogos e brincadeiras	Apresentações em festividades escolares.	Através de observação de imagens ou produção de desenhos, caderno do aluno, vídeos e pesquisa, Livres experimentações sem a mediação do professor
7. Pê.		No caso, na escola onde eu trabalho a gente tá pra junho agora nós montamos o Cacuriá e o Bumba meu Boi, nós estamos ensaiando as canções que daí mistura as músicas folclórica com os instrumentos de percussão do Cacuriá.	
8. Bê.			[...] mostro imagens, quando a informática tá funcionando, levo eles, agora mesmo eu tava... Capoeira, Black Dance... Eles foram lá, viram vídeos, agora os recursos são poucos e a falta de vontade dos alunos também dificulta.
9. Ná	[...]eu trabalho com eles a partir de movimentos do cotidiano, então, quando uma pessoa vai lavar roupas, que movimentos faz, é esse, tudo... Então eu faço com eles e digo então vamos por uma música, dá dança? Dá! Então que no teu dia a dia você tem dança, você não precisa estar na sapatilha, naquilo, o movimento do teu corpo do dia a dia, daí a gente faz então eu vou tomar banho, abri, ensaboei, enxuguei, caminhei, então a gente cria assim, com quatro ou cinco, esse processo repetitivo e coloca - jogar bola - bati aqui, joguei lá, bati aqui... É peço no cotidiano deles, fazer um desenho como se fosse uma coreografia.		

Quadro 9 - O Ensino de Dança no espaço escolar

(conclusão)

QUESTÃO ABERTA Nº3: COMO VOCÊ ENSINA DANÇA NAS SUAS AULAS?			
Profs.	Por meio de experiências com jogos e brincadeiras	Apresentações em festividades escolares.	Através de observação de imagens ou produção de desenhos, caderno do aluno, vídeos e pesquisa, Livres experimentações sem a mediação do professor
10. Dé.			Em algumas escolas que eu trabalhei, eu tirava os alunos da sala e eu começava primeiro falando sobre o corpo. Então eu fazia algumas atividades de alongamento, algumas atividades de movimentos, assim é livres com os alunos, colocava uma música, deixava com que eles fossem criando livremente os movimentos. Cheguei a fazer algumas atividades que os alunos tinham que andar pelo espaço da escola e de acordo com os objetos que eles viam eles criavam uma coreografia em cima daqueles objetos, em cima daquelas formas que eles viam. Ah, são círculos, aqui tem muitos círculos, por exemplo, esta sala tem muitos círculos, então baseada nessas formas geométricas aquele grupo criava uma coreografia.

Fonte: Da autora.

Na vontade de acertar e trazer a Dança para o currículo real da escola, o/a educador/a procura espaços no ambiente escolar para desenvolver propostas lúdicas com jogos e brincadeiras, ensaia coreografias para as festividades escolares ou deixa que os alunos proponham suas apresentações, proporciona momentos de lazer colocando músicas para que os alunos dançam livremente, ou mesmo, preenchem seus cadernos com conteúdos de dança.

Ao questionados sobre como desenvolvem suas aulas de Dança, as respostas ficaram divididas entre aqueles que entendem e realizam um trabalho por meio de jogos e brincadeiras, mas deixam claro que dependem do espaço físico e da aceitação da turma que estão trabalhando para colocarem em prática a proposta. Outros/as que por terem uma formação em Artes Visuais trabalham a temática da Dança, mas, a produção do aluno acaba sendo apenas por meio de desenhos de observação do corpo humano, já alguns declaram trabalhar apenas o estudo e a pesquisa teórica dos conteúdos de Dança propostos pelo Caderno do Aluno.

Quase todos/as os/as professores/as citaram exemplos das aulas, apenas um professor citou a montagem das coreografias para a festa junina, sugerindo que em suas aulas a única experiência que teve foi a organização dessas apresentações, articuladas ao ensino dos ritmos do Bumba meu Boi e do Cacuriá nas aulas que leciona Música, outras experiências citadas por este professor foram apenas as aulas de Danças Populares Brasileiras vivenciadas durante o curso superior de licenciatura em Música.

Na intenção de trabalhar dentro da abordagem triangular, o fazer que seria dificilmente colocado em prática devido a falta de experiência e formação na linguagem é desenvolvido por meio de vídeos de diferentes estilos de Dança de um jogo de videogame. Os alunos escolhem suas coreografias e reproduzem livremente em frente ao aparelho de televisão. O registro posterior fica por conta do desenho do corpo humano.

Outra professora declara que para conseguir *voluntários* durante as aulas de Dança, deixa os alunos livres para dançar suas músicas favoritas, porém este trabalho não sai da sala de aula, pois, os alunos sentem vergonha de apresentar para a escola as coreografias ensaiadas. Neste sentido, a dança não passa de recreação, reproduzem danças veiculadas pela mídia de forma completamente desarticulada do currículo.

A Dança como linguagem é composta por signos e códigos passíveis de combinações, significações e leituras, inclusive para aquele que dança. (MARQUES, 2010, p. 36) Neste aspecto, a autora esclarece que aulas de Dança que focam apenas a reprodução mecânica de movimentos, aprendizado de passos e percepção corporal não desenvolvem as possibilidades de leitura e não abrem espaço para a Dança enquanto linguagem, o mesmo acontece quando o ensino se dá apenas pelo ensaio e memorização de coreografias. (2010, p. 37)

Este tipo de atividade é muito bem vindo desde que articulado ao contexto do aluno, à apreciação e leitura de produções em Dança, à processos de criação, improvisação, interpretação, significação e também a articulação com outras linguagens artísticas. De acordo com Godoy e Almeida (2012) "A integração das linguagens propicia também a educação dos sentidos, enriquecendo a sensibilidade sobre si e sobre o mundo, despertando um novo olhar para a realidade." (2012, p. 1276).

O ensino de Dança por meio dos jogos, brincadeiras e movimentos do cotidiano são recursos muito interessantes para estimular o fazer e a criação artística dos alunos, são campos muito ricos e férteis para serem explorados em sala de aula devido a infinidade de pesquisas e produções principalmente na área de jogos teatrais, jogos lúdicos e jogos de recreação. Esse tipo de trabalho, se voltado aos objetivos educacionais do ensino de Dança, podem possibilitar aos alunos e professores uma gama rica de possibilidades.

Os jogos e brincadeiras há algum tempo esta sendo explorado pelos pesquisadores da área de Dança no contexto educacional e foi também citado pelos/as professores/as entrevistados/as como parte do trabalho desenvolvido por eles.

3.4.1. Facilitadores e Dificultadores para o Ensino de Dança na escola

A seguir apresento os facilitadores e os dificultadores levantados pelos/as professores/as entrevistados/as. A categoria organizada como: Dificultadores encontrados para o Ensino de Dança na Escola foi dividido em três subcategorias:

- 1) Resistência por parte dos alunos;
- 2) Falta de Espaço Físico e equipamentos de audiovisual;
- 3) Falta de formação especializada.

Quadro 10 - Dificultadores encontrados para Ensino de Dança na Escola

(continuação)

QUESTÃO ABERTA: QUAIS SÃO OS FACILITADORES E DIFICULTADORES PARA O ENSINO DE DANÇA NA ESCOLA?			
Profs.	Resistência dos alunos	Falta de espaço físico e equipamentos de audiovisual.	Falta de formação especializada.
1. Rê		Primeiramente é o espaço. As salas são muito lotadas	
2. Má	[...] no ciclo II existe um bloqueio deste corpo, quando você fala “Vamos fazer tal exercício?” Aí, o aluno já não quer fazer, tanto que eu acho que se você chegar e falar assim na sala de aula “Hoje a gente vai trabalhar com dança”, o aluno ele já vai ter um bloqueio, aí se você fala pra ele “Vamos lá fora fazer um jogo, vamos brincar?”, talvez ele aceite mais. Eu acho que a maior dificuldade no final do Ensino Fundamental, na sétima e oitava série é essa questão do corpo, mesmo que ele já está estacionado, né? Por que não foi trabalhado antes.		
3. Lá		[...] dificuldade maior tá na estrutura mesmo, na sala, não tem como fazer! Então, tem que ir para um pátio, ou para uma quadra e aí que eu tenho um espaço físico que eles podem ficar em pé, sem carteira... e podem se locomover, né, mas é um trabalho assim, mais corporal.	
4. Sá			Tenho bastante dificuldade pela minha formação!
5. Vá		O espaço físico! Vamos supor um teatro... Vamos supor se na escola tivesse uma sala que tivesse um espaço com teatro para Dança, pra gente fazer com eles primeiro fechado ali, só com a sala depois sim abrindo... Mas não tem como, vou levar eles... Aqui embaixo tem um espaço, um palco pra apresentação, eles já não ficam, porque eles tão vendo que tá passando um monte, eles não se sentem à vontade, coloca eles ali num lugar mais fechadinho, num lugar diferente, por que na sala de aula tem as cadeiras, então não dá pra fazer.	

Quadro 10 - Dificultadores encontrados para Ensino de Dança na Escola

(continuação)

QUESTÃO ABERTA: QUAIS SÃO OS FACILITADORES E DIFICULTADORES PARA O ENSINO DE DANÇA NA ESCOLA?			
Profs.	Resistência dos alunos	Falta de espaço físico e equipamentos de audiovisual.	Falta de formação especializada.
6. Vi		Os problemas que eu encontrei foi a questão do espaço, na sala de aula eu tenho que primeiro ensinar os alunos a arrumar a sala a ter um espaço ideal, é legal porque eles começaram também a ter um sentido de jogar lixo no chão, porque quando a gente arrasta as carteiras eles percebem o lixo que eles jogam no chão, então eles começam a parar de jogar esse lixo no chão	
7. Pê		Olha, eu acredito que tenho mais dificultadores, por exemplo, pra você expor uma aula de dança você precisa de TV, você precisa de vídeo, você precisa de várias questões que infelizmente não são todas as escolas que tem e pra você ter esse acesso. [...], também eu acho que o espaço físico também, com certeza é um dificultador extremo porque você não tem um espaço adequado, é tudo muito barulhento, muito movimentado, não tem um espaço específico, o chão não é limpo, você não pode trabalhar os planos, se trabalhar o plano baixo você vai ficar sujo, então tem questões realmente complicadas, eu acho que o maior dificultador nesse caso, não é nem tanto a questão do difícil acesso as mídias, apesar de que é possível, mas é mesmo assim poderia ser muito melhor do que é e a questão do espaço, o espaço físico é	
8. Bê	Mas eu acho que a maior dificuldade é a falta de interesse dos alunos, porque o espaço você arruma, agora você chegar à sala de aula e querer que os alunos queiram alguma coisa é mais difícil.		

Quadro 10 - Dificultadores encontrados para Ensino de Dança na Escola

(conclusão)

QUESTÃO ABERTA: QUAIS SÃO OS FACILITADORES E DIFICULTADORES PARA O ENSINO DE DANÇA NA ESCOLA?			
Profs.	Resistência dos alunos	Falta de espaço físico e equipamentos de audiovisual.	Falta de formação especializada.
9. Ná	Tem muitas meninas que dançam aqui e meninos também, mas quando tem apresentação fica assim um duo, quarteto, porque travam mesmo. E eu acho que até o espaço da sala de aula, eu acho que pra Dança, aliás, não é só pra Dança eu acho que pra Arte você tem que ter uma sala pra Arte, ela tem que sair dessa coisinha da carteira, mesmo que você mude a sala você continua naquele espaço que não é pra Arte, o espaço da Arte é um espaço livre pra justamente você poder se soltar, você poder ver, por exemplo, ter espelhos, poder ver meu movimento, como é que to fazendo, tudo isso, então eu acho que é uma das linguagens que a gente tem pouca formação também em termos de faculdade, eu acho que a linguagem que mais dificuldades nós temos pra trabalhar		
10. Dé			Tenho como eu disse pra você um pouco de dificuldade, confesso que eu acho que deveria ter mais capacitações sobre dança. A última que nós tivemos pra mim foi riquíssima, riquíssima, eu acho que eu aprendi muita coisa e gostaria de ter mais capacitações sobre Dança.

Fonte: Da autora.

A resistência e falta de interesse por parte dos alunos, vergonha, medo de se expor, bloqueio devido à ausência de um trabalho anterior, indisciplina. A falta de espaço físico adequado para a prática corporal, o mobiliário das salas de aula, o piso inadequado ou extremamente empoeirado, a impossibilidade de utilização de outros espaços como o pátio e a quadra por estarem sempre ocupados por outras atividades da escola, falta de equipamentos de áudio e vídeo para o trabalho de leitura e apreciação de produções em Dança e falta de formação, são algumas das dificuldades apontadas pelos docentes ao terem que desenvolver o currículo de Dança nas escolas pesquisadas.

A professora Lá., licenciada e bacharel em Dança afirmou ter sofrido no início de sua carreira como docente a resistência dos alunos. Possivelmente pela falta de experiência em escolas de ensino regular, esperava dos alunos a postura dos alunos de escola de dança.

Talvez, quando eu comecei, foi um ano depois que eu me formei, então, talvez a minha visão de como eles fossem reagir, fosse diferente, pode até ter sido outra coisa que não resistência, mas eu na época li como resistência, né talvez seja isso! Aquela coisa será que foram eles que mudaram ou foi eu que mudei a minha forma de olhar, porque eu não encontro mais hoje, talvez a minha postura, ou a minha experiência com aquele publico... Porque eu esperava outra coisa, então não veio àquilo que eu esperava, eu me frustrei e achei que era uma resistência. Porque, antes de eu começar como professora de Arte na rede, eu dei aula como professora de dança numa escola de ensino não formal (ANEXO G, professora Lá, 16/04/2014)

O dificultador encontrado pela professora foi também o espaço físico, mas apenas por dispersar a voz e por ter que adaptar os exercícios devido à falta de espaço, limitando, não impedindo a realização do trabalho, conforme afirma em entrevista: "Tem coisas que não dá pra fazer! Que limita um pouco dentro do espaço, mas é possível fazer [...] o ruim de fazer lá fora é, porque dispersa o som da minha voz! Então, como é um espaço aberto, fica ruim (ANEXO G, entrevista com a professora Lá, 16/04/2014)

Desta forma é possível afirmar que o problema maior é a falta de formação. O Não Dito pelos/as professores/as encontrados aqui é que possivelmente uma formação mais sólida em relação à linguagem, resolveria o problema da resistência dos alunos e parte do problema com o espaço físico seria minimizado pelo conhecimento que possibilitaria a reformulação das estratégias de ensino.

Não estou afirmando que esses dificultadores não existam, sim eles existem, são visíveis e desmotivantes. A organização espacial das salas de aula limita e muito o trabalho corporal, o desinteresse por parte dos alunos é frequente não só nas aulas de Arte, mas isso é decorrente de diversos fatores. A criança ao entrar na escola já assistiu muitas horas de televisão, viu filmes, ouviu músicas de diferentes gêneros e estilos, brincou, desenhou, cantou e dançou muitas vezes. Neste sentido, a criança por menor que seja, tem elementos para avaliar quando uma atividade é motivadora ou apenas burocrática. Isto com adolescentes e adultos é ainda mais evidente. Sem contar que existe a questão do interesse pessoal de cada um.

No entanto, observo que a partir do momento que o/a professor/a consegue desenvolver um trabalho em que o aluno entende o objetivo de sua realização tem voz para sugerir encaminhamentos, tem liberdade para opinar e contribuir com seus conhecimentos, este trabalho surte resultados satisfatórios, possui aceitação dos alunos, gerando a aprovação da equipe gestora da escola, dessa forma espaços são conquistados na escola. Uma amostra disso é a fala da professora Vi, quando afirma que não tinha acesso a espaços na escola que outra professora tinha,

Uma escola que eu já tive muito boa foi o A...⁴⁸, eu já trabalhei lá, lá tinha sala com tablado, era de madeira, então a gente podia se jogar, era lustrado inclusive, então a gente se jogava, rolava, já cheguei a me jogar na quadra e rolar junto com aluno também e lá tinha uma outra professora efetiva de dança, eles chegaram a fazer uma sala de dança com espelhos e tudo, então lá era uma sensação extremamente diferente, mas não me foi permitido usar a sala de Dança era só pra professora efetiva⁴⁹, inclusive saí de lá por conta disso, por que eu achei... Eles tinham certeza que eu ia quebrar toda a sala por conta que eu não tinha formação na área de Dança, enquanto a outra professora, ela tinha inclusive academia. (ANEXO G, entrevista com a professora Vi, 19/05/2014)

⁴⁸ O nome da escola foi preservado.

⁴⁹ Nesta escola especificamente, atuava uma professora que apesar de ter formação em Artes Plásticas era professora de flamenco numa escola particular, então a escola estadual acabou investindo numa sala de dança onde a professora pudesse ensinar flamenco para os alunos. Interessante analisar que a escola apesar de ser pública, tendo a sala de dança, ela ficava restrita apenas ao uso desta professora, outros professores de Arte que quisessem se utilizar do espaço para trabalhar com jogos teatrais, brincadeiras lúdicas ou mesmo dança ficavam proibidos de utilizar o espaço. Atualmente, essa escola conta com uma professora efetiva formada em Dança, mas a sala de dança não existe mais, essas são algumas das situações contraditórias que encontramos nas escolas públicas.

Infelizmente, não foi lhe dado crédito para que mostrasse seu trabalho, provavelmente por ser uma professora temporária, mas fica claro que a professora efetiva da escola já havia conquistado seus espaços, por ser uma profissional de Dança e efetiva na escola.

Quanto à categoria “Facilitadores encontrados para o ensino de dança na escola”, foram encontrados três subcategorias:

- 1) Interesse dos alunos,
- 2) Esforço e estratégias utilizadas pelos/as professores/as durante as aulas
- 3) Participações em cursos e Orientações Técnicas oferecidas pela Diretoria de Ensino ou Secretaria de Educação e o apoio dos gestores das escolas.

Apresentadas à seguir (QUADRO 11)

:

Quadro 11 - Facilitadores encontrados para o Ensino de Dança na Escola

(continuação)

QUESTÃO ABERTA: QUAIS SÃO OS FACILITADORES E DIFICULTADORES PARA O ENSINO DE DANÇA NA ESCOLA?			
Profs.	Interesse dos alunos	Esforço e estratégias utilizadas pelo/a professor/a	Participação em cursos e Orientações Técnicas, materiais oferecidos pela DE e SEE/SP ou apoio da equipe gestora da escola.
1. Rê.			E o facilitador, eu acho que hoje em dia foram os cadernos, muitos professores não gostam, mas eu achei maravilhoso, por que eles visualizam, as vezes eu pego uma imagem só de uma dança, né? Uma fotografia e dali eu peço para eles criarem a continuação daquilo! “O que veio antes, o que vai vir depois?”, eles estão visualizando, os vídeos que vocês passam pra gente, a própria internet que tem os sites que você entra lá, ele tem essa oportunidade de ver, então isso pra mim foi facilitador! Eu amei os cadernos, tem atividade que até hoje eu tenho dificuldades de aplicar, mas aí é parte do professor, né?
2. Má.		[...] eu acho que se você chegar e falar assim na sala de aula “Hoje a gente vai trabalhar com dança”, o aluno ele já vai ter um bloqueio, aí se você fala pra ele “Vamos lá fora fazer um jogo, vamos brincar?”, talvez ele aceite mais. Não utilizar a palavra dança. Por exemplo, se você fala assim numa 8ª série, a 8ª série do ano passado era uma 8ª assim muito ríspida, ela não aceitava muito as propostas, então eu trabalhei apenas umas duas aulas só com experimentação em Dança, mas a primeira aula eu não falei pra ele que a gente ia no pátio pra dançar eu falei que a gente ia sair pra realizar um jogo e eu trabalhei aquele jogo do Monjolo “Bate o monjolo no pilão...” daí conversando com eles, na sala de aula, eu conversei que aquilo era um movimento que a partir daquele movimento poderia surgir uma dança, daí quando eu peguei coloquei pra eles para eles criarem uma frase coreográfica a partir deste movimento do pilão eles já aceitaram, mas se eu pedisse num primeiro momento para eles no primeiro momento “Ai, criem uma frase coreográfica com essa canção”, eles não iriam fazer por quê teria o bloqueio	

Quadro 11 - Facilitadores encontrados para o Ensino de Dança na Escola

(continuação)

QUESTÃO ABERTA: QUAIS SÃO OS FACILITADORES E DIFICULTADORES PARA O ENSINO DE DANÇA NA ESCOLA?			
Profs.	Interesse dos alunos	Esforço e estratégias utilizadas pelo/a professor/a	Participação em cursos e Orientações Técnicas, materiais oferecidos pela DE e SEE/SP ou apoio da equipe gestora da escola.
3. Lá	Os alunos gostam muito das aulas práticas, então é um facilitador.		Os facilitadores seriam: Que eu tenho o apoio da direção e da coordenação, ninguém me veta por isso! Por que às vezes tem que escola que, ou não tem o espaço, ou de repente tem uma resistência... Isso é um facilitador!
4. Sá			E por causa do caderninho que a gente agora que tá começando a desenvolver, mas dentro da sala de aula por enquanto. Porque antes a gente não tinha nem como saber, a gente não tinha lugar de pesquisa nem nada e com o caderninho ajudou! As fotos, as imagens...
5. Vá	Esses dias eu achei legal por que eu passei a pesquisa e eu nem pedi e quando eu passei, eles estavam assistindo o vídeo. Olha que legal! Ele se interessou e abriu lá pra ver, então são coisas que eles se interessam, se tivesse mais recursos, né? Uma sala de informática que não caísse a conexão tivesse um espaço, eu acho que daria mais resultados.		
6. Vi.	Primeiro são os alunos menores são os que mais têm vontade de dançar, então quando eu coloco os vídeos, por exemplo, do jogo de vídeo game tudo, é o primeiro incentivo que eu dou pra eles, ou então correr na quadra que seja, sair da sala é o primeiro incentivo que eles tem, então eles ficam muito felizes com esse tipo de atividade (Se referindo aos alunos do Ensino Fundamental)	[...] se você, participar junto, se você gritar junto, se você corre junto, se você tá lá e não desiste, eles vão junto! É aos poucos que você vai ganhando os alunos, isso demora pra caramba (Se referindo aos alunos do Ensino Médio)	

Quadro 11 - Facilitadores encontrados para o Ensino de Dança na Escola

(conclusão)

QUESTÃO ABERTA: QUAIS SÃO OS FACILITADORES E DIFICULTADORES PARA O ENSINO DE DANÇA NA ESCOLA?			
Profs.	Interesse dos alunos	Esforço e estratégias utilizadas pelo/a professor/a	Participação em cursos e Orientações Técnicas, materiais oferecidos pela DE e SEE/SP ou apoio da equipe gestora da escola.
7. Pê.	[...] facilitadores talvez, seja você pegar do aluno aquilo que ele já tem como repertório e trazer os conteúdos já que ele tem, de dança mesmo		
8. Bê.			De videodança, eu fiz com os alunos do Ensino Médio no noturno, daí eu fiz a OT ⁵⁰ e trouxe a proposta pra eles: "Vamos fazer um vídeo, isso e aquilo", daí foi legal
9. Ná	----- ⁵¹		
10. Dé.			[...]aqui na escola eu acho que a maior facilitador é que a direção da escola dá todo apoio para o que você quer fazer

Fonte: Da autora.

⁵⁰ Todos os professores/as de Arte que lecionam nas 3^a séries do Ensino Médio foram convocados/as para uma reunião de Orientação Técnica na Diretoria de Ensino de Sorocaba sobre Videodança, durante o mês de maio de 2014. A reunião contou com a presença de 90% dos público-alvo previsto. Foram 3 dias de trabalho junto aos docentes, onde puderam estudar sobre a produção artística de videodança, assistir algumas produções em vídeo e realizar uma oficina prática de dança com uma professora especialista. Os participantes também tiveram um momento de estudo na sala de informática onde estudaram sobre os diferentes planos de câmera utilizados no cinema e participaram de uma oficina de edição de vídeo utilizando o *software Windows Movie Maker*, participaram deste trabalho uma média de 50. Como embasamento teórico para esta formação foi utilizada a dissertação: ROMERO, José da Silva. *Videodança o movimento do corpo plural*. Dissertação de Mestrado. Prof. Dr Wilton Azevedo (orientador). Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://oatd.org/oatd/record?record=oai%5C:mx.mackenzie.com.br%5C:610>>. Acesso em: 14 set. 2014.

⁵¹ A professora declarou não haver facilitadores para o trabalho com dança na escola respondendo apenas: "Sim, então, não tem facilitador!"

O Não Dito em alguns discursos são caracterizados pela negação da Dança na escola. Afirmações como, "[...] eu acho que se você chegar e falar assim na sala de aula "Hoje a gente vai trabalhar com dança", o aluno ele já vai ter um bloqueio." (ANEXO G, entrevista com o professor Má, 08/04/2014). Ou, "Eu acho que é um grande desafio, inclusive eu aprendi que você nunca chegar falando de Dança, né? Você chega falando de expressão corporal, que ele vai entender o movimento primeiro, principalmente os pequenininhos" (ANEXO G, entrevista com a professora Rê, 07/08/2014) demonstram uma total negação da Dança dentro do espaço escolar, diversos apelidos são dados a linguagem para que ela possa disfarçadamente acontecer, ou como jogo, ou como expressão corporal, como ensaio para a festa, tudo menos Dança.

Contradizendo a questão da resistência dos alunos como dificultador, alguns docentes afirmaram que encontraram como facilitador o interesse e a motivação dos alunos para a Dança. O motivo de sair da sala de aula para dançar, assistir a um vídeo, pesquisar na internet e reproduzir os passos do jogo de videogame de dança, são atividades que, segundo os/as professores/as, motivam os/as alunos/as para a aula.

Os cadernos e materiais do currículo distribuídos pela Secretaria de Educação, segundo os entrevistados também facilitaram o ensino de Dança na escola. Seja por que trouxeram referências, informações, imagens ou vídeos.

A participação em oficinas e cursos de formação, o apoio da equipe gestora a participação do/a educador/a durante as práticas, dançando, jogando e brincando junto com os alunos foram também facilitadores encontrados. Apenas uma professora afirmou não haver facilitadores no trabalho com Dança na escola.



CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Considerando que nada é definitivo e que o ensino de Arte está em processo de mudança e inserção das linguagens, principalmente no que diz respeito ao ensino de Dança no espaço escolar, apresento algumas considerações sobre a pesquisa realizada.

Não tenho a pretensão de encerrar a discussão ou apontar respostas definitivas sobre o assunto, porém pretendo contribuir com a reflexão sobre os currículos escolares, o ensino de Arte com o enfoque nas diferentes linguagens artísticas e principalmente na reflexão sobre o ensino de Dança no contexto escolar no ensino de Arte, por este motivo este último capítulo foi nomeado como “Considerações Provisórias”.

Tenho claro que muito ainda há a ser explorado neste cenário, para que as múltiplas linguagens ocupem seus lugares dentro das escolas e para que a presença inspiradora da Dança possa transformar o ambiente rígido da escola em um espaço que seja possível aprender e se comunicar por meio de signos produzidos pelo corpo, gestos, movimentos e expressão corporal.

Sibilia (2012) e Foucault (2013) alertam que durante muito tempo a instituição escolar, dentro dos seus muros altos, seus espaços delimitados e regras rígidas disseminou a silenciosa imobilidade de corpos, sempre ocupados com atividades mecânicas e rotinas rígidas, treinamento tão necessários para o trabalho nas fábricas, porém as novas exigências trabalhistas do mundo atual buscam outro perfil de profissional. Características antes condenadas, hoje se fazem como uma problemática para a vida escolar.

Para Sibilia, "saem de cena, assim, um tipo de corpo e um modelo de subjetividade cujo cenário privilegiado transcorria em fábricas e colégios, e cujo instrumental mais valorizado era a palavra impressa em letras de forma". (2012, p. 49) Formar pessoas determinadas, que façam suas próprias escolhas, tomem decisões, criem, se expressem com clareza e desenvoltura, entre outros conhecimentos, fazem parte das capacidades mais valorizadas pela contemporaneidade. Entra em cena, então, uma preocupação com a originalidade, a

espontaneidade, a capacidade de mudança, a livre iniciativa, motivação, busca pelo sucesso e reconhecimento.

Neste sentido, as linguagens artísticas ao adentrarem no ambiente disciplinador da escola, entram num choque de forças entre as relações de saber e de poder.

[...] justamente essas crianças e esses adolescentes, que nasceram ou cresceram no novo ambiente, têm de se submeter todos os dias ao contato mais ou menos violento com os envelhecidos rigores escolares. Tais rigores alimentam as engrenagens oxidadas dessa instituição de confinamento fundada há vários séculos e que, mais ou menos fiel a suas tradições, continua a funcionar com o instrumental e analógico do giz e do quadro-negro, dos regulamentos e boletins, dos horários fixos e das carteiras alinhadas, dos uniformes, da prova escrita e da lição oral. (SIBILIA, 2012, p. 51)

O Currículo que orienta o trabalho dos educadores entrevistados nas escolas pesquisadas traz a proposta de desenvolver um ensino de Dança enquanto linguagem e conhecimento, porém fica evidente a distância entre o que está nos documentos oficiais e o que acontece no ambiente da sala de aula.

O currículo defende um ensino de Arte voltado ao mundo contemporâneo, onde as linguagens se imbricam em conteúdos que se entrecruzam num mapa de Territórios da Arte. Enquanto isso, as instituições de ensino superior, em sua grande maioria formam professores especialistas em uma única linguagem, sem uma preocupação com a produção artística atual, na qual a Arte é híbrida, fluida e quase sem fronteiras. A escola também não abandonou seu projeto trazido da Idade Média de disciplinar corpos e silenciar seres humanos.

Neste sentido, a Dança colocada em prática nas escolas apontam para um ensino desarticulado da ideia de linguagem onde “[...] corpos no ambiente cênico (dançarino e espectador) realizam uma ação cognitiva de caráter textual – comunicam signos com o entorno compondo uma escrita metafórica” (FERREIRA, 2013, p. 1). As práticas são realizadas com uma preocupação em cumprir os conteúdos a qualquer custo, sejam apenas de forma teórica com observação de imagens ou ligadas a um trabalho de expressão corporal desarticulada de um trabalho de pesquisa corporal, improvisação, criação e autoria artística do aluno.

Os conhecimentos artísticos relacionados ao ensino da Dança enquanto área de conhecimento que possui um histórico, um repertório, produções artísticas em diferentes culturas, são reduzidos à atividades de leitura de imagens propostas pelo

Caderno do Aluno distribuído às escolas. Deixando um abismo muito grande entre ensinar/aprender Dança enquanto linguagem, dentro de uma abordagem triangular e o ato de preencher um caderno de atividades com conteúdos ligados à área de conhecimento.

Os materiais que orientam o currículo de Dança nas escolas são muito ricos e bem embasados teoricamente, porém, os/as professores/as sentem muitas dificuldades para colocarem em prática, principalmente pela falta de formação e vivências da linguagem que causam insegurança, medo e até mesmo resistência. Devido também às condições desfavoráveis de trabalho, como por exemplo: falta de espaço físico adequado, acústica e pisos impróprios nos espaços disponíveis, falta de recursos de áudio e vídeo, excesso de alunos em sala de aula, jornada excessiva de trabalho que impede o/a educador/a de se apropriar até mesmo dos materiais oferecidos pela própria Secretaria de Educação.

É importante destacar que a escola apesar de se enquadrar como uma instituição disciplinar pode proporcionar experiências muito importantes para seus alunos, um exemplo disso é o fato de muitos/as professores/as declarem terem sido motivados a se tornarem professores de Arte a partir de experiências artísticas vivenciadas em suas escolas quando ainda eram alunos, em momentos fora da sala de aula, conhecimentos cultivados pelo currículo oculto da escola.

As experiências vivenciadas fora da sala de aula foram potentes devido ao fato de serem pensadas, organizadas e colocadas em prática sem a imposição, obrigação ou controle de ninguém. Isto prova que protagonismo dos alunos deve ser buscado e estimulado dentro das instituições escolares, pois, os projetos artísticos liderados pelos alunos podem originar conhecimentos e experiências para uma vida toda.

É preciso ir mais longe, é necessário atravessar os muros que impedem o ensino de Dança nas aulas de Arte. Para atravessar esses muros se faz necessário maiores investimentos tanto na formação dos/as professores/as quanto na educação em si. É necessário criar os espaços para que o/a professor/a possa atuar. Não basta apenas investir em publicações de materiais didáticos, precisa investir nos recursos humanos das escolas, o/a professor/a necessita de espaços de formação continuada e reflexão sobre a sua prática em sala de aula. Por outro lado, este/a precisa estar aberto/a a aprender e ter a oportunidade de experimentar, vivenciar, refletir, ler, observar e estudar Dança. Criando estratégias para trabalhar a Dança de

forma interdisciplinar e refletir sobre as experiências vivenciadas no processo de ensino e aprendizagem.

O ensino de Arte na escola, assumiu durante a História da arte educação um papel dentro do contexto proposto pela sociedade de cada época, mudou várias vezes de denominações: Artes e ofícios, Ensino de desenho, educação artística e Arte, respondendo a necessidade proposta pela própria vida escolar.

As linguagens artísticas adentraram ao currículo escolar por meio de documentos orientadores e posteriormente pelas ações dos/as professores/as. Apesar de já estar oficialmente dentro dos currículos escolares a quase vinte anos, a Dança, mais recente linguagem artística a ocupar seu espaço no currículo de Arte busca ainda seus espaços dentro da escola. Sem espaço, sem profissional preparado, sem possibilidade de desenvolvimento, a Dança, por meio das ações dos/as professores/as, procura se adequar ao sistema disciplinador da escola. Por vezes torna-se apenas mais um conteúdo a ser acrescentado no caderno por meio de textos, imagens, sem cumprir seu papel social de conhecimento e linguagem, outras vezes, busca brechas para trazer conhecimentos e experiências significativas aos estudantes.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Célia Maria de C. Concepções e práticas artísticas na escola. In: FERREIRA, Sueli (Org.). **O Ensino das Artes: construindo caminhos**. 10. ed. Campinas: Papirus, 2012. p. 11-38.

ARRIAGA, Imanol Aguirre. Ana Mae Barbosa: ou como navegar entre a fidelidade a um ideário e a incessante busca da mudança. In: BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino de arte: anos 80 e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 11 - 24

AZEVEDO, Fernando A. Gonçalves. Movimento Escolinhas de Arte: em cena memórias de Noêmia Varela e Ana Mae Barbosa. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Ensino da Arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 217-257.

BARBOSA, Ana Mae. Interterritorialidade na Arte/ Educação e na Arte. In: _____; AMARAL, Lilian (Org.). **Interterritorialidade: mídias contextos e educação**. São Paulo: SENAC, 2008. p. 23-44.

_____. Da interdisciplinaridade à interterritorialidade: caminhos ainda incertos. **Paidéia**, Belo Horizonte, v. 9, n. 7, p. 11-29, jul./dez. 2010.

_____. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 198 p.

_____. **Arte-Educação no Brasil**. [6. ed.] São Paulo: Perspectiva, 2012.

_____; COUTINHO, Rejane Galvão. **Ensino da Arte no Brasil: aspectos históricos e metodológicos-Unesp/Redeфор**. São Paulo: UNESP, 2010, p.15. (Rede São Paulo de Formação Docente: Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP: Ensino Fundamental II e Médio)

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 11 ago. 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm>. Acesso em: 31 mar. 2015.

_____. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Ensino de primeira a quarta série. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Arte . Ensino de quinta a oitava séries. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional De Educação. **Parecer CNE/CEB Nº: 22/2005**. Solicitação de retificação do termo que designa a área de conhecimento “Educação Artística” pela designação: “Arte, com base na formação específica plena em uma das linguagens: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro”, Brasília, DF: MEC, 2005.

BOGÉA, Inês. O Alcance do Movimento. In: BERTAZZO, Ivaldo. **Espaço e corpo**: guia de reeducação do movimento. São Paulo: SESC. 2004. p. 9-26.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n.19, p. 20-28, 2002.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

COSTA, Marisa Vorraber. Zygmunt Bauman: compreender a vida na modernidade líquida. **Revista Pedagogia Contemporânea**, São Paulo, v.1, p. 60-75, set. 2009.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Por que Arte educação?** Campinas: Papirus, 1985. (Coleção Ágere).

FERREIRA, Patrícia Cruz. Uma linguagem de sentidos: o caráter de comunicabilidade da dança irrestrito ao domínio verbal. In: ENCONTRO CIENTÍFICO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA, 3., 2013, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2013. p. 1-17.

FERRI, Marcia Barcellos. **Artes na educação infantil**: crítica das orientações e diretrizes curriculares. 2008. 88 p. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política e Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1998.

_____. **Vigiar e Punir**: nascimento da Prisão. 41. ed. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

FUSARI, Maria Felisminda de Resende; FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993. (Coleção magistério 2º grau. Série formação geral).

GIOVEDI, Valter Martins. **O currículo crítico-libertador como forma de resistência e de superação da violência curricular**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

GODOY, Kathya Maria Ayres de. **A criança e a dança na educação infantil: conteúdos e didáticas de arte**. São Paulo: Acervo Digital UNESP/UNIVESP, 2012, p. 20-28. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40517/1/01d18t02.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2015.

ALMEIDA, Fernanda de Souza; GODOY, Kathya Maria Ayres de. Prática Educativa em Dança: reflexões sobre a ação na escola. IN: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, 16., 2012, Campinas. **Anais eletrônicos...** Campinas: UNICAMP, 2012. Disponível em: <http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/1749c.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2015.

LABAN, Rudolf. **Danza educativa moderna**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1984.

_____. **Domínio do movimento**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1978.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARQUES, Isabel A. **O Ensino de Dança hoje: textos e Contextos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Dançando na escola**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Linguagem da Arte: arte e ensino**. São Paulo: Digitexto, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

NASCIMENTO, Erinaldo Alves. **Mudanças nos nomes da arte na educação: qual infância? que ensino? quem é o bom sujeito docente?** Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 11. ed. Campinas: Pontes Editores, 2013.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo, desejo e experiência. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 34, 2009.

PICOSQUE, Gisa; MARTINS, Mirian Celeste. Travessias para fluxos desejantes do professor-propositor. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (Org.). **Arte, Educação e Cultura.** Santa Maria: Editora da UFSM, 2007. p. 345-356.

RACHEL, Denise Pereira. **Adote o artista não deixe ele virar professor: reflexões em torno do híbrido professor performer.** Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2013.

RENGEL, Lenira Peral; MOMMENSOHN, Maria. **O corpo e o conhecimento: dança educativa.** São Paulo: FDE, 1992. (Série Idéias, n. 10)

RICHTER, Ivone Mendes. Histórico da FAEB: uma perspectiva pessoal. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Ensino de Arte: memória e história.** São Paulo: Perspectiva, 2011.p.323 - 334.

RODRIGUES, Augusto (Org.). **Escolinha de Arte do Brasil.** Brasília: INEP, 1980.

SACRISTÁN, Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática.** Tradução Ernani F da F. da Rosa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **O ensino de arte nas séries iniciais: ciclo I.** Organização Roseli Cassar Ventrella e Maria Alice Lima Garcia. São Paulo: FDE, 2006.

_____. **Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias.** Coordenação geral Maria Inês Fini. Coordenação de área Alice Vieira. São Paulo: SEE, 2010.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Coordenadoria de Gestão da Educação Básica. **Roteiro sugestão de atividades para as aulas de arte e educação física**: para o início do ano letivo de 2013. Organização de Roseli Cassar Ventrella. São Paulo: SEE, 2013.

_____. **Orientações didáticas para professores de arte da 3ª série do Ensino Médio**. São Paulo: 2013b. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/375>>. Acesso em: 17 fev. 2015.

_____. **Orientações curriculares e didáticas ensino fundamental**: anos iniciais. Organização Roseli Cassar Ventrella. São Paulo: SEE, 2014.

SAVIANI, Dermeval. Formação e condições de trabalho docente. **Revista educação & cidadania**, v. 8, n. 1, 2009.

SCARPATO, Marta Thiago. Dança educativa: um fato em escolas de São Paulo. **CEDES**, 2001, v. 21, n. 53, p. 57-68.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

STRAZZACAPPA, Márcia. Dança na educação: discutindo questões básicas e polêmicas. **Pensar a Prática**, v. 6, p. 73-86, nov. 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/feff/article/view/55/2648>>. Acesso em: 14 set. 2014.

_____. Dançando na chuva e no chão de cimento. In: FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino de artes**: construindo caminhos. 10. ed. Campinas: Papirus, 2012. p.39-78.

_____. **Educação somática e artes cênicas**: princípios e aplicações. Campinas: Papirus, 2012b. (Coleção Ágere).

_____; MORANDI, Carla. **Entre a arte e a docência**: a formação do artista da dança. Campinas: Papirus, 2006. (Coleção Ágere).

VIANNA, Klauss; CARVALHO, Marco Antonio. **A dança**. São Paulo: Siciliano, 1990.

ANEXOS

ANEXO A – Modelo de questionário aplicado durante os meses de março à julho de 2014

1. Idade:

A)	De 20 à 25 anos
B)	De 25 à 30 anos
C)	De 30 à 40 anos
D)	De 40 anos à 50 anos
E)	Acima de 50 anos

2) Sexo

Masculino
Feminino

3) Qual é sua linguagem da Arte de formação?

Artes Visuais
Teatro
Música
Dança
Outros

4. Ano de formação acadêmica:

Antes de 1996
De 1996 à 2000
De 2000 à 2003
De 2003 à 2007
De 2007 à 2013
Ainda em processo de formação

5. Na rede estadual de Sorocaba, você atua em quais níveis de ensino?

Anos Iniciais do Ensino Fundamental
Anos Finais do Ensino Fundamental
Ensino Médio / EJA

6. Na sua graduação, você teve o conteúdo ou alguma disciplina relacionada à Dança?

A) Sim
B) Não

7. Ao terminar sua graduação, você se seguro para ensinar dança na escola? Por quê?

8. Além do curso superior você participou ou participa de alguma formação em Dança? Qual a sua experiência com esta linguagem?

9. Para você o que é dança?

10. Você considera importante para a formação do aluno o trabalho com Dança na escola? Por quê?

11. Você trabalha a linguagem da dança na suas aulas de Arte? Como?

12. No trabalho com Dança na escola, quais são os facilitadores e dificultadores encontrados?

13. Dou consentimento livre e esclarecido, para que faça uso e publicação dos dados informados no questionário respondido por mim, a fim de que estes sirvam para beneficiar a pesquisa e em arte educação, desde que seja respeitado meu anonimato.

A) Sim
B) Não

ANEXO B - Modelo do termo de consentimento para uso de dados coletados nas entrevistas

UNESP – Instituto de Artes- Barra Funda- SP- Mestrado em Artes

Solicitante: Roberta Jorge Luz– Mestranda em Arte

Termo de autorização de uso de dados

Eu, _____, RG.

_____ autorizo o uso dos dados aqui coletados, em entrevista, imagens e/ou cópia de documentos, com finalidade de análise e publicação vinculadas à pesquisa de campo na área de arte-educação sobre o ensino da Linguagem da Dança nas aulas de Arte.

Sorocaba, _____, _____ de 2014

_____ (assinatura).

Dados pessoais e tempo de serviço no magistério

1. Sua idade: ___anos. Cargo ou função:_____.
2. Carga horária de trabalho:___ horas.
3. Tempo de atuação no ensino de Arte: _____ anos.
4. Tempo na Educação: ___ anos.
5. Tempo de exercício na unidade escolar: _____ anos.

Sua formação acadêmica

1. Qual sua formação em Arte? _____(Exemplo: Educação Artística- Hab. Artes Plásticas / Arte/ educação: Teatro, etc.)
2. Possui curso de pós-graduação Sim() Não () Se sim, em que?_____
3. Possui outra graduação Sim() Não ()Qual? _____
4. Onde você cursou o ensino superior na área de Arte? (Faculdade/Universidade-particular ou pública)_____

ANEXO C - Modelo de solicitação para observação de aulas entregue a direção da escola observada.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM ARTES
MESTRADO ACADÊMICO STRICTO SENSU

Sorocaba, ___ de setembro de 2014.

À Direção da EE

Autorização de realização de pesquisa de campo.

Eu, Roberta Jorge Luz, aluna do curso de pós-graduação em Arte no Instituto de Arte da UNESP-SP, sob orientação do Prof. Dr. João Cardoso Palma Filho, venho por meio desta, solicitar-lhes a autorização para observação das aulas eletivas de Dança, realização de entrevista com professores e alunos que quiserem colaborar voluntariamente da pesquisa, análise de documentos, imagens, registro sonoros e visuais das aulas observadas para fins acadêmicos. informo que todas as informações coletadas neste estudo serão estritamente confidenciais, somente a pesquisadora e o professor orientador terão acesso dados.

Contando com sua colaboração,

Roberta Jorge Luz

RG 29.871.223-4

Aluna de Mestrado em Arte

Linha de Pesquisa: Processos artísticos, experiências educacionais e mediação cultural.

Membro do grupo de Pesquisa: O ensino de arte na rede estadual paulista de ensino, na perspectiva da teoria curricular crítica - IA/UNESP/SP

ANEXO D - Modelo de autorização entregue a direção da escola observada

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM ARTES
MESTRADO ACADÊMICO STRICTO SENSU

Sorocaba, de setembro de 2014.

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, diretora da EE ..., autorizo, de forma livre e esclarecida, a realização da pesquisa acadêmica e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Carimbo e assinatura da Diretora de Escola

Carimbo da Escola

ANEXO E - Modelo de autorização entregue ao professor da escola onde as aulas foram observadas

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"Júlio de Mesquita Filho"
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM ARTES
MESTRADO ACADÊMICO STRICTO SENSU

Sorocaba, de setembro de 2014

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, RG _____, professor de Arte na EE ..., manifesto meu consentimento em participar da pesquisa *A Linguagem da Dança no Currículo de Arte : um estudo de caso em escolas estaduais de Sorocaba-SP* e autorizo a divulgação dos dados obtidos neste estudo, assim como análise de documentos, imagens, registro sonoros e visuais das aulas observadas para fins acadêmicos.

Assinatura do professor

ANEXO F - Compilação dos resultados dos questionários semi estruturados aplicados de março à julho de 2014

1. Idade:

Idade	Nº de Respostas	Porcentagem
De 20 à 25 anos	2	4%
De 25 à 30 anos	7	14%
De 30 à 40 anos	7	14%
De 40 anos à 50 anos	17	33%
Acima de 50 anos	18	35%

2) Sexo

Sexo	Nº de respostas	Porcentagem
Masculino	6	12%
Feminino	44	88%

3) Qual é sua linguagem da Arte de formação?

Linguagem de formação	Nº de respostas	Porcentagem
Artes Visuais	36	72%
Teatro	12	24%
Música	2	4%
Dança	0	0%
Outros	0	0%

4. Ano de formação acadêmica:

Ano de Formação	Nº de respostas	Porcentagem
Antes de 1996	8	16%
De 1996 à 2000	7	14%
De 2000 à 2003	7	14%
De 2003 à 2007	21	42%
De 2007 à 2013	2	4%
Ainda em processo de formação	5	10%

5. Na rede estadual de Sorocaba, você atua em quais níveis de ensino?

Nível de Ensino que Leciona na Rede Estadual de Sorocaba-SP	Nº de Respostas	Porcentagem
Anos Iniciais do Ensino Fundamental	12	24%
Anos Finais do Ensino Fundamental	16	32%
Ensino Médio / EJA	22	44%

6. Na sua graduação, você teve o conteúdo ou alguma disciplina relacionada à Dança?

Na sua graduação, você teve o conteúdo ou alguma disciplina relacionada à Dança?	Nº de Respostas	Porcentagem
Sim	23	46%
Não	27	54%

7. Ao terminar sua graduação, você se sentiu seguro para ensinar dança na escola? Por quê?

Respostas

- 1) Sim, trabalhei com danças regionais, danças folclóricas, ballet, jazz, street dance, além de atividades corporais com jogos infantis.
- 2) Porque não tive formação suficiente para ministrar aulas e nem jogos para tal, fui aprender alguma coisa sobre dança com o material oferecido no currículo, abordado e oferecido nos cadernos para estudo do professor e nos livros orientados para estudo, nas formações, OTs, mas em minha formação acadêmica não houve base a contento.
- 3) Sempre algo relacionado a dança, pois é uma linguagem bastante importante para o conteúdo de arte.
- 4) Sim, a dança como forma de expressão, de criatividade, de sociabilização. Não tenho o conteúdo técnico, mas isso não me impede de trabalhar com essa linguagem, também aprendo com os alunos, eles só precisam de estímulo e entender o significado da proposta.

- 5) Não, pois para ensinar algo devemos ter a competência necessária para tal, não me sinto segura.
- 6) Não, pois a dança tem relação ao espaço de conhecimento motor, a dança não é apenas uma manifestação artística, e a forma com que é tratada no ensino deturpa seu ensino para apenas coreografias prontas, o que torna o aluno copista até no campo da arte.
- 7) Sim, fiz dança por muitos anos e alguns cursos para trabalhar com as crianças.
- 8) Não, porque o que sei é pouco...
- 9) Não me sinto segura para ensinar dança a formação que tive não me deixa segura.
- 10) A minha experiência inicial como professora até então "educação artística" (formada na turma de 1985) com dança se deu apenas durante a festividade escolar como festas juninas, folclóricas , entre outras. Observando o interesse dos alunos acabei incorporando a dança como atividade semestral para desenvolver a agilidade, a criatividade, autonomia e criar condições que estabeleceu relações interativas, colaborativa entre eles.
- 11) Não. Muita teoria mas a prática ficou a desejar
- 12) Não, pois a formação foi de Artes Visuais.
- 13) Acredito que dança ainda não. Mas como educadora em artes, sinto a necessidade de buscar mais , pesquisar sobre o assunto para que o ensino seja de qualidade para meus alunos.
- 14) Ensino o básico, porque sem formação específica fica difícil atuar num território onde não domino.
- 15) Ainda não tive a disciplina de dança em meu curso. Para eu poder trabalhar fiz um acordo com a faculdade de cursar apenas três disciplinas por semestre, então ainda me sinto um pouco insegura.
- 16) Gosto muito de dança, e pratico no meu dia a dia para mim.
- 17) No início não era cobrado todas as linguagens, somente quando fiquei em uma escola de ensino fundamental inicial, daí comecei a pesquisar para poder ter mais conhecimento para poder estar passando para as crianças.
- 18) Não, pois a dança só fazia parte da minha vida em momento de festas e quando estudei a dança sempre esteve presente com movimentos coreográficos prontos, ou seja, trabalhava-se a repetição, coordenação e cópia.
- 19) Não me sinto segura, mas tento fazer o melhor para que o aluno conheça.
- 20) Sim, pois, deixo que eles se posicionem como querem fazer para depois entrar, com o meu conteúdo.
- 21) Dependendo do conteúdo, não, pois tenho que buscar ajuda em livros, internet, etc.
- 22) Não muito, porque na faculdade aprendi apenas o básico, mais teoria do que prática.
- 23) A minha experiência inicial como professora até então "educação artística" (formada na turma de 1985) com dança se deu apenas durante a festividade escolar como festas

juninas, folclóricas, entre outras. Observando o interesse dos alunos acabei incorporando a dança como atividade semestral para desenvolver a agilidade, a criatividade, autonomia e criar condições que estabeleceu relações interativas, colaborativa entre eles.

24) Não. Na graduação realizada o trabalho de ensino de dança foi contemplado em apenas três aulas.

25) Não. Pois foi um campo pouco explorado em minha universidade. As investigações foram baixas.

26) Não, tive um semestre de dança, muito pouco pra minha formação.

27) Na época, como eu estava muito envolvida com atividades teatrais que é a minha formação, sentia-me segura por causa da minha experiência no teatro como atriz, onde nós fazíamos muita preparação corporal e por isso tivemos contato com alguns especialistas em dança. Já na faculdade, era a linguagem menos desenvolvida. Inclusive tínhamos as opções de habilitação no último ano de formação, como o teatro, artes visuais ou música, já a dança não nos era oferecido. Hoje em dia, trabalho muito com os alunos, mas continua sendo um grande desafio. Procuo absorver ao máximo as orientações técnicas que a DE nos proporciona, para eu me atualizar e aprimorar o me trabalho.

28) Um pouco.

29) Médio, porque me formei em jun/2012 e só agora em mar/2014 me efetivei na rede estadual, portanto me faltou oportunidade e ainda me falta prática e segurança para tanto.

30) Sim, pois existem pesquisas de autores que nos proporcionam ferramentas para o trabalho com dança em sala de aula, a dança vem da experimentação e é sempre pensando em experimentar o corpo que dança que eu inicio os meus trabalhos na escola.

31) Tenho um pouco de conhecimento musical. Gosto muito dessa linguagem, ela fala sempre com meus sentimentos e corpo. Sou bastante musical desde criança. Sempre coloco o movimento nas músicas que eu costumo trabalhar.nada muito sofisticado, mas sinto que a criança fica livre para expressar e participar .

32) Acredito que a questão seja, se eu me sinto segura ao lecionar dança. Não me sinto segura, pois não frequentei nenhuma disciplina que mencionavam a dança na faculdade, apenas teatro. Houve apenas uma orientação técnica que fui convocada em toda a minha vida funcional, que era específica de dança, quando se iniciou o ensino de arte, por especialistas nas séries iniciais do ensino fundamental. Embora muito completa, e empolgante, parou por aí e sinto muito insegura, principalmente por no currículo, conter atividades que não entendo e não posso ensinar.

33) Não, pelo fato de não ter formação teórica e nem a prática, apesar de ser um apreciador.

34) A linguagem da dança, acredito ser aquela que mais os alunos apreciam e sempre existe algumas alunas que fazem o curso de dança em academias. Assim como fui numa

apresentação de formatura no dia 30/03/2014.essas alunas nos ajudam muito fazendo com que essa linguagem seja apreciada por muitos porém já fiz apresentação aí mesmo na oficina pedagógica com flash mob. Foi uma pena não gravar.

- 35) Não muito, mas tento da forma que posso, sempre com ajuda de um profissional.
- 36) Acredito que sim, pois a dança está inteiramente ligada aos movimentos do corpo. Não precisamos ser profissionais formados em dança para saber sobre os limites do corpo e para isso tive o professor João Carlos Andreada que nos passou muito bem esse foco de estudo.
- 37) Como não sou formada em dança; sou apta à ensinar noções básicas sobre dança, conceitos e claro fazer o aluno entender e sentir o corpo suporte na dança.
- 38) Não.mas gostaria de aprender se pudesse.
- 39) Não. As aulas contemplaram poucas atividades e conhecimento específico.
- 40) Não, pois não tive nenhuma noção sobre o assunto
- 41) Não por falta de tempo
- 42) Não me sinto insegura. Apenas não tenho o preparo necessário para trabalhar na prática a dança.
- 43) Mais ou menos, pois não tenho nenhuma formação concreta, apenas algumas coisas que convergem entre as áreas de dança e teatro.
- 44) Não, porque não tive formação nesta área.
- 45) Sim, tenho facilidade em dançar, além de realizar muitas pesquisas.
- 46) Não, por que nunca foi uma área de meu grande interesse, e com o que aprendi na faculdade não é suficiente para ensinar.
- 47) A minha graduação é específica em Artes Visuais e História da Arte.
- 48) Sim. Pois tive umas boas aulas sobre expressão corporal.
- 49) Sim,.uma das coisas que aprendemos nas aulas de dança é que nosso corpo pode apresentar limites e ultrapassar nossos objetivo . As aulas de dança torna nossos limites corporais mais prazeroso, tornando muito eficaz.
- 50) Pouca coisa ainda, pois só tive uma vivência em cultura popular.

8. Além do curso superior você participou ou participa de alguma formação em Dança? Qual a sua experiência com esta linguagem?

Respostas

- 1) Fiz aulas dança moderna e jazz quando jovem e sempre academia de ginástica com dança durante a vida.
- 2) Não procurei nada ainda, pelo fato de eu não conseguir como pagar. Assim que eu me formar vou procurar cursos de dança e canto.

- 3) Procuro me atualizar sempre que possível, para que eu possa dialogar com os alunos. Meu maior desafio é produzir uma apresentação em que o funk não seja usado.
- 4) Já participei de vários cursos voltados à dança.
- 5) Já participei de uma oficina oferecida pela de em 2012 com a professora Carmem Machado.
- 6) Mínima...sei as caminhadas de percurso, alguns exercícios...
- 7) Não
- 8) Sim. Academia de dança Isadora Duncan. Street dance, jazz, (4 anos) ballet (1 ano)
- 9) Sim, em orientações técnicas oferecidas aos professores da rede estadual. Assistio vídeos, procuro estar aberta para as novas experiências, participo de aulas no SESC.
- 10) Nenhuma, a não ser como apreciador.
- 11) Como já mencionei tenho uma formação em teatro o que me possibilitou entrar mais em contato com essa linguagem. Há alguns anos atrás, fiz um curso de dança moderna, mais ou menos o que hoje vemos na dança contemporânea. E o que ajuda muito é a minha facilidade corporal, então sempre faço com os alunos aquilo que eu sugiro para eles. Entro na dança!
- 12) Participei de atividades lúdicas em cursos curtos de dança, como dança circular, dança de salão, li alguns autores sobre a importância da dança na escola, assisti documentários sobre estilos e ritmos em dança e procuro estar sempre atualizada para poder aplicar em sala de aula e estimular o interesse dos alunos.
- 13) Não participo e nem participei, foi só por pesquisas mesmo, conhecimento em alguns grupos de dança, como Ivaldo Bertazzo entre outros.
- 14) Formação acadêmica não, o pouco que sei aprendi em OT.
- 15) Não
- 16) Não.
- 17) Participei de atividades lúdicas em cursos curtos de dança, como dança circular, dança de salão, li alguns autores sobre a importância da dança na escola, assisti documentários sobre estilos e ritmos em dança e procuro estar sempre atualizada para poder aplicar em sala de aula e estimular o interesse dos alunos.
- 18) Não tenho nenhuma experiência.
- 19) Já fiz vários cursos,
- 20) Nunca
- 21) Participei em 2012 do curso em parceria com a Oficina Grande Otelô e a Secretaria de Educação do "O Diálogo Do/Com Corpo Na Ambiente Escolar; Iniciação a Dança Através do Estudo do Movimento"; e palestras com a Inês Bogéa realizada pela São Paulo Companhia Dança em 2010.

- 22) Já participei de algumas oficinas. Quase nada, só pesquisas, filmes, espetáculos, procuro me manter informada dentro do possível.
- 23) Realizei uma pós graduação, onde havia duas disciplinas relacionadas à dança. Uma se tratava da dança clássica e a outra da dança educativa.
- 24) Sim, mas não formação exatamente. Já fiz dança do ventre e atualmente, na academia faço todas as aulas que envolvem algum tipo de dança para me ajudar a desenvolvura e quem sabe na preparação de aulas.
- 25) Como disse gosto muito e pratico nos fim de semana dança de salão, seria muito bom se esses alunos participasse mais nessa cultura, gosto qualquer ritmo.
- 26) Fiz um ano de dança clássica.
- 27) Ainda não, minhas experiências são somente em OTs.
- 28) Não. Minha ligação com dança é apenas como espectador.
- 29) Sim participei de algumas oficinas de criação em dança, a especialização em arte também teve disciplinas voltadas para o conteúdo da dança.
- 30) Nunca participei de nenhum tipo de formação em dança. minha experiência é na teoria, ou dança recreativa para divertimento, entretenimento em um baile, em uma festa.
- 31) A única experiência que tenho é a do curso superior, gostaria muito de participar de alguma formação em dança.
- 32) Sim. Minha experiência é mais pessoal. Todos os cursos que me envolvi estavam mais ligados à parte prática, onde tenho mais experiência apesar que ainda me sinto incapaz de dar boas aulas de dança para meus alunos.
- 33) Não participo, mas quando tenho oportunidade vou ver alguns grupos de dança. São muito poucas, mas, tento melhorar.
- 34) Sim, na Orientação Técnica de anos anteriores.
- 35) Participei de alguns cursos referente a dança, mas não para serem aplicadas dentro da área da educação, foi algo mais pessoal.
- 36) Tivemos algumas capacitações sobre dança na Cia da Dança em São Paulo.
- 37) Somente OTs. Oferecidas pelo estado.nenhuma
- 38) Fiz vários cursos. É pouca .
- 39) Sim. Participei do curso canto em movimento, que explora a musica e a dança.
- 40) Não participo de formação como pós-graduação ainda, quando há OTs oferecidas pelo CEFAM, vou com certeza, já fui a São Paulo, na São Paulo Cia de Dança, e os estudos dos conteúdos oferecidos no material didático e livros sobre o assunto, e, vídeos para poder ministrar aulas.
- 41) Só as OT 's
- 42) Não... quase nenhuma experiência

- 43) Não participei de quase nada, apenas nas oficinas que foram oferecidas pela diretoria. Uma coisa posso dizer, amo a arte da dança, pois dançando procuramos adentrar ao mais profundo conhecimento com nosso próprio ser e nos conhecermos melhor.
- 44) Eu participei de uma oficina de dança e foi uma experiência gratificante porque pude acrescentar nos movimentos adereços inusitados, como elementos da natureza, sombrinha, gravetos!
- 45) Não tenho muita experiência, mas tenho facilidade e um grande interesse nessa linguagem. Sempre que possível participo de aulas ao ar livre, quando estou em férias ou em algumas atividades na faculdade, como, por exemplo, na semana da arte.
- 46) Não e também não frequentei aulas de balé quando criança, não tenho nenhum conhecimento.
- 47) Não. Apenas tive uma base na faculdade sobre dança. A minha experiência é apenas pessoal, por gostar de dançar.
- 48) Não. Gosto de apreciar musicais em teatro, TV. Internet, onde procuro conhecer estilos diversificados já que nosso país é riquíssimo em danças regionais. Também aprecio muito as danças contemporâneas especialmente pelo canal do SESC, que tem mostrado muito essa linguagem. Quando se gosta vai à busca.

9. Para você o que é dança?

Respostas:

- 1) Uma das linguagens da arte mais importante, além do teatro. É uma expressão artística que pode ser expressada o seu estado de espírito, pode haver a comunicação corporal. Ela segue vários ritmos e como eu digo para os alunos, ela segue com a música, assim como a música segue com a dança. Ambas não existem sem a outra.
- 2) Dança é uma manifestação artística, que não se resume as praticas tradicionalistas artísticas. No Brasil a dança está ligada a um espaço elitizado, que deturpa sua real importância, com coreografias pré-estabelecidas, ignorando o fato da mesma poder apresentar ao educando, seu corpo e as diversas possibilidades de dialogo que contem neste.
- 3) A arte do movimento
- 4) Dança é uma expressão transmitida pelo corpo, permitindo a liberdade de gestos e performance.
- 5) Dança é a linguagem do corpo, envolve a mente e o corpo. Dançar é muito prazeroso, divertido e relaxante, proporciona o conhecimento de si mesmo, melhorar a autoestima, movimentar o corpo alivia o stress e as tensões do dia-a-dia. Dançar é tudo de bom!

- 6) A liberdade de criações com o corpo como suporte.
- 7) Dança é uma linguagem onde você se expressa corporalmente
- 8) Expressão e comunicação corporal.
- 9) Conhecimento do corpo e movimento
- 10) Dança, hoje para mim, é um desenvolvimento onde o corpo entra em contato com o exterior e o interior humano, através de sucessões rítmicas, com o movimento do corpo e uma leveza estrutural.
- 11) Expressão corporal, expressão de sentimentos.
- 12) Expressão do movimento, onde o corpo desenha o que se quer mostrar, ensinar, criar, falar.
- 13) Desenvolvimento da consciência dos movimentos corporais, onde aprimoram a fluência, desenvoltura. Autonomia e expressividade.
- 14) É movimentar-se em sintonia com o ritmo.
- 15) É uma das linguagens de expressão da Arte, para mim a menos popular.
- 16) Pra mim dança é música, movimento, ação, expressão, prazer e alegria.
- 17) Dança é movimento, nem sempre são passos construídos e harmoniosos. Nosso corpo por si só já é dança, já esta ligado com os princípios da dança.
- 18) Dança para mim é tudo me sinto jovem em praticar.
- 19) É uma das linguagens da arte, onde o corpo realmente fala, se expressa e pode nos levar ao lúdico em frações de segundo.
- 20) Para mim, dança é um desenvolvimento do corpo através dos sons.
- 21) É um momento de liberdade.
- 22) A magia de se expressar com o corpo os sentimentos da alma e do espírito.
- 23) Uma linguagem da arte, é movimento, consciência do espaço, suporte, desenho, bem estar.
- 24) Em meu ponto de vista qualquer movimento que possamos fazer com nosso corpo, pois ao ouvirmos uma musica não conseguimos ficar imóvel.
- 25) Dança pra mim é a fala do corpo, é o grito! É o respiro dos braços, o suspiro da alma. É comunicação, conhecimento, reconhecimento.
- 26) Dança é liberdade, sentir o corpo, é muito prazeroso dançar.
- 27) A arte do movimento, expressão.
- 28) Dança é uma expressão corporal, com seus movimentos que expressa o sentimento e a emoção.
- 29) É a expressão da alma, corpo e sensibilidade ao universo de sons. Creio que já nascemos com essa musicalidade. Essa semana eu estava no ensaio em um coral, quando acabamos de cantar a música uma bebê de um aninho, riu e começou a bater palmas. É muito comum vermos crianças bem pequenas dançarem ao som de uma música.

- 30) Expressão corporal, movimento no espaço, arte Cênica, coreografia, frase coreográfica, figurino, espaço, forma, corpo, gesto dançado...
- 31) Difícil explicar em algumas palavras... mas sentir, expressar com o movimento do corpo.
- 32) É estar livre para o corpo dar forma, cor, sabor, a liberdade de fazer um movimento e ir acrescentando outros, é girar, rodopiar, ir, vir, contrair!
- 33) Dançar é nos envolver, com ou sem música, em nossas possibilidades, nossos ideais, nossa capacidade inventiva descobrindo os gestos corporais que nos direcionam ao mais profundo recôndito dos nossos sonhos, nossos ideais, nossa alma.
- 34) Linguagem corporal
- 35) Para mim é uma linguagem específica da arte, que abrange todo o ser humano em todas as suas habilidades corporais, sensoriais, como coordenação motora, capacidade de comunicação sem o uso da fala; estimuladora da criação dos gestos e facilitadora do autoconhecimento etc.
- 36) A arte que leva nos entra em mundo maravilhoso e transformar a dança em todos campos da arte,
- 37) Sincronia de movimentos corporais.
- 38) É a expressão de movimentos com qualidade estética e poética.
- 39) A dança é uma das primeiras formas de expressão que se tem conhecimento. São os movimentos que nos colocam em sintonia com as possibilidades do corpo. Ela serve como terapia e porque não dizer como atividade que faz bem à alma, pois ela nos dá energia, nos faz acreditarmos em nós mesmos, modela o corpo e serve como atividade física.
- 40) É algo relacionado à expressão corporal
- 41) Linguagem que estimula os sentidos, ajuda na expressão corporal, desinibição, criatividade, contato com os variados ritmos musicais, etc.
- 42) Eu sinto que deve ser maravilhoso para o corpo e mente.
- 43) Dança é a linguagem do corpo, envolve a mente e o corpo. Dançar é muito prazeroso, divertido e relaxante, proporciona o conhecimento de si mesmo, melhorar a autoestima, movimentar o corpo alivia o stress e as tensões do dia-a-dia. Dançar é tudo de bom!
- 44) Expressão, comunicação corporal.
- 45) A expressão do corpo em harmonia com o som...
- 46) Dança é uma maneira de se expressar através do corpo.
- 47) Uma linguagem em que nossos corpos se comunicam de alguma forma através de um gesto dançado, um movimento. Da mesma forma que nas artes visuais a comunicação ocorre através de seus elementos visuais formais, contextos etc.

- 48) Dança é movimento, liberdade de expressão, sentimento e criação.
- 49) É a arte da expressão corporal. Cada um constrói a sua própria dança através de estímulos.
- 50) Para mim, envolve movimento, expressão facial e corporal, autoconhecimento, desenvolvimento da expressão não verbal, o que ajuda muito no processo de aprendizagem do aluno.

10. Você considera importante para a formação do aluno o trabalho com Dança na escola? Por quê?

Respostas:

- 1) Sim, pois atrás das danças eles podem de alguma forma se movimentar e representar algo através dos movimentos.
- 2) Sim, pela comunicação não verbal do movimento que a linguagem falada não dá conta.
- 3) Sim, é muito bom dançar, entender o que ela significa em nossa cultura e em outras.
- 4) Sim. Além de prazeroso, harmoniza o corpo e disciplinar a postura.
- 5) Sim, para desenvolver várias habilidades e competências, desenvolver a concentração, a memorização, as sequências dos movimentos, trabalho em equipe, desenvolver a iniciativa própria e a criação do aluno.
- 6) Sim. Pois é algo que eles têm contato em seu cotidiano, mas precisa saber a sua real importância.
- 7) Muito, pois é através dele que o aluno desenvolve o gosto pela música, desinibição, criatividade, contato com os variados ritmos musicais, sentir as emoções, etc.
- 8) Acho muito importante para o aluno se desinibir, para perceber que seu corpo se movimentar, dobrar, tem articulações.
- 9) Sim. É mais uma linguagem de criação artística onde se pode conhecer a si mesmo.
- 10) Sim. Pela questão de autoconhecimento, e instrumentalizar o corpo, além de questões sócio criativas.
- 11) Sim, por que ajuda na disciplina, no seu planejamento da rotina.
- 12) Sim. Pois além de instrumentalizar-se na expressão artística no uso desta linguagem, desenvolve a inteligência motora ou corporal, adquire postura, pois, domina melhor o corpo.
- 13) Sim, é a oportunidade que o aluno tem de construir e afirmar sua imagem corporal e desenvolve habilidades motoras e de expressividade.
- 14) Sim, é importante o aluno ter contato com todas as linguagens da arte.

- 15) Através da dança o aluno pode acrescentar mais qualidade de vida, mais disciplina no dia a dia além de conhecer melhor seu corpo.
- 16) Acho importante para que ele aprenda a conhecer os movimentos e mesmo seu corpo
- 17) Como já mencionei anteriormente os alunos gostam muito de que trabalhem com dança, porém temos que ter cuidado para que não se torne uma atividade recreativa, mas que dialogue com o corpo e possam conhecer as possibilidades dos seus movimentos, dos seus corpos.
- 18) Sim, porque é uma linguagem importante na formação.
- 19) Sim, desde que este seja calcado nas relações motoras e artísticas. Ao contrário a dança torna-se apenas um espaço vago de conhecimento.
- 20) Sim, é muito importante para o desenvolvimento motor, criativo e liberdade de expressão. Pesquisar, conhecer essa linguagem, deve fazer parte do conteúdo de Arte.
- 21) Sim, porque é uma linguagem que proporciona o desenvolvimento físico, social e emocional do aluno.
- 22) Sim. Desta forma ele se soltara ,e desenvolvera suas habilidades .
- 23) Sim. As aulas de dança permitem um melhor desenvolvimento da coordenação motora grossa, a linguagem corporal permite uma melhor comunicação. Outros resultados observados foram a perda da timidez e gosto por atividades físicas.
- 24) Sim, porque explora a expressão corporal, permite o autoconhecimento no momento que necessita se expor, possibilita a coordenação motora ampla e a socialização.
- 25) Acredito que sim, pois permite que os alunos se expressem corporalmente, aperfeiçoem a coordenação motora, quando efetuada em grupo, proporciona a convivência saudável no ambiente escolar. Além do próprio conhecimento dos seus corpos.
- 26) Muito, conheço muitos pequenos que se expressam com os movimentos e...
- 27) Sim, considero, pois auxilia no desenvolvimento motor, expressivo e também no relacionamento interpessoal.
- 28) Sim a dança como eu disse é reconhecimento, o aluno que experimenta a dança na escola experimenta as potencialidades do seu corpo e aprende uma melhor comunicação com ele. É preciso trabalhar a dança na escola para que o aluno veja o contexto histórico da mesma, e entenda o porquê do movimento e que a dança não é só aquela que acontece na cultura de massa.
- 29) Não diria importante, mas sempre tem alguém como eu que não sabe dançar e gostaria de aprender.
- 30) Sim, pois acho importante a linguagem corporal e alguns alunos se expressa melhor com essa linguagem.

- 31) Sim. Para que eles adquiram o conhecimento em todos os ritmos e não só nos que vivenciam no momento.
- 32) Considero, pelo fato de entrar em contato com seu universo interno, tornar-se senhor de sua expressão e gestualidade, bem como de seu espaço ao redor, consciente de si, sua forma.
- 33) Sim, é muito importante, pois eles precisam de uma base para acrescentar a importância do corpo humano e suas mudanças, e através da dança desenvolver ainda mais seus movimentos e suas ações.
- 34) Sim, mas principalmente se for desenvolvida desde as séries iniciais, para reconhecimento do próprio corpo e expressão corporal.
- 35) A dança permite lidar com o corpo, o lúdico, a cultura, os alunos poderão conhecer diferentes movimento expressivo, conhecer as técnicas de execução de movimentos, aprendem também a improvisar e construir coreografias, o mais importante é passar a valorizar, apreciar diferentes manifestações expressivas e trabalhar em grupo ajuda no desbloqueio de obstáculos por meio da socialização.
- 36) Com certeza. Fazer um aluno "dançar" é muito desafiador. É um conhecimento que tem que ser transmitido não só com palavras, textos, imagens e tudo o mais que for necessário - é fazê-lo aprender com o corpo, e o aluno tem que querer, não tem como obrigá-lo, o educador tem que fazer o aluno entrar nessa atmosfera, perceber, sentir. Sendo assim, ele experimentará, sentirá os benefícios e o bem estar e aceitará fazer novamente. Não pode ser imposta, tem que ser espontânea.
- 37) Sim, embora seja um trabalho que precise de muita paciência, tempo, desconstrução de preconceitos e resolução de conflitos.
- 38) Atualmente acredito ser uma ótima linguagem, os alunos estão mais abertos, pois sabem que ninguém precisa ser magro, lépido ou ter qualquer outro adjetivo ligado à dança clássica.
- 39) Sim. Ela trabalha e resgata os sentimentos do coração, a rejeição, a vergonha, a timidez. Na realidade a dança embala a vida.
- 40) Sim. Porque trabalha os sentimentos
- 41) Sim, pois é uma forma de apresentar ao aluno outras formas de expressão artística além de apresentar a cultura de outros povos.
- 42) Sim, porque convivem com dança no seu dia a dia nada melhor que ter algum conhecimento.
- 43) Sim, assim como a formação teatral nas escolas não tem o intuito de formar atores, mas leva ao aluno uma noção e mais uma opção para seu futuro. A dança também, tirar as crianças do sedentarismo já será de grande valia.

- 44) A dança permite lidar com o corpo, o lúdico, a cultura, os alunos poderão conhecer diferentes movimentos expressivos, além de conhecer as técnicas de execução de movimentos, aprendem também a improvisar e construir coreografias e o mais importante é passar a valorizar, apreciar diferentes manifestações expressivas e trabalhar em grupo ajuda no desbloqueio de obstáculos por meio da socialização.
- 45) Sim, pois como já citei, dança é ação, movimento expressão e, por isso creio a dança contribui e muito para a formação na escola, ajudando na interação, socialização, raciocínio, criatividade, desenvoltura, coordenação, concentração, disciplina, etc.
- 46) Sim. Para ele aprender respeitar o espaço dele e do colega. Aprender conhecer seu corpo.
- 47) Sim, muito importante, pois ajuda, no desenvolvimento corporal e no psicológico fazendo com que o aluno tenha a criatividade aflorada mentalmente sobre o corpo e o espaço.
- 48) Sim. Oferecer dança aos alunos além de ser importante, faz parte do currículo de arte.
- 49) Sim. Desenvolvemos com os alunos habilidades relacionadas à coordenação motora (grossa e fina), o autoconhecimento (físico e comportamental) e é claro, a comunicação do aluno.
- 50) Sim. Acho muito importante, seria uma aula pratica e diferente para eles, quem sabe eles participariam mais.

11. Você trabalha a linguagem da dança na suas aulas de Arte? Como?

Respostas:

- 1) Trabalho através da expressão corporal.
- 2) Sim, mas muito pouco, somente o básico e através de algumas pesquisas como já havia falado anteriormente, mas agora começa a modificar. (Risos)
- 3) Trabalho conforme o conteúdo pede.
- 4) Todo dia/ aula quando nos deslocamos de ambiente, criando imagens e com temas propostos. Ex.: 1º BI "Lances do Futebol"
- 5) Sim, com jogos teatrais, performances e danças circulares.
- 6) Sim através de jogos, gesto do cotidiano trazido para o contexto de uma coreografia apresentação elaboradas por eles. Tentando sempre estimular de maneira livre e prazerosa despertar o interesse do aluno em participar das atividades em dança, conscientizando-os que é um momento de inovar e ousar favorecendo a criatividade e o divertimento na forma de explorar a linguagem corporal e a possibilidade de conhecimento de si mesmo.

- 7) Sim. Tento dividir as aulas práticas e teóricas (em sala) em partes iguais ou priorizar a parte prática. Estudo o corpo e movimentos no papel; realizo movimentos práticos simples; revejo os movimentos no papel; crio coreografias com base no registro; apresento um vídeo e comparo; desenvolvo a coreografia. Acredito que não é a melhor sequencia de atividades, estou me empenhando em melhorar ela.
- 8) Muito pouco... Eu apresento espetáculos e algo relacionado a eles
- 9) Invento um monte de coisas que passam pela minha cabeça. Desde as danças de rodas, as folclóricas, os clássicos, o que os alunos curtem. Dou a liberdade de criação, Na nossa escola.desde anos anteriores, uso alunos do ciclo II(pois eram meus alunos) para estarem como protagonistas nas Festividades de apresentações, Hoje elas são coreografas nas danças da escola.E são bastante realizadas e felizes com a ajuda que dão aos professores. Posso contar com elas sempre que preciso. Creio que foi resultado de trabalho.
- 10) Os recursos e estilos literários em obras consagradas como de Jorge Amado e João Cabral.
- 11) Sim. A música e a dança caminham juntas, sendo assim trabalho propondo brincadeiras de roda, onde fazemos alguns passos da ciranda. Também trabalho a criação deles para algumas musicas, onde é explorado vários ritmos e gêneros,
- 12) Muito pouco, mais a teoria... Medo... (Risos)
- 13) Como a maior parte das minhas aulas são para o ensino médio, restam apenas algumas séries do ensino fundamental, mas inicio com atividade corporal e eles nem percebem que é uma aula de Dança. Alongar, agachar, pular, girar, esticar, encolher, pisar na água, pisar na rocha, caminhar na chuva, no sol escaldante...são atividades que estão interagindo com a dança e muitas vezes nem percebem.
- 14) Nos eventos, e no show de talentos, disponibilizando os ensaios.
- 15) Todos sabem que se não tivermos cautela vira uma "bagunça" geral. Com muito trabalho feito com antecedência posso aplicar alguns movimentos que nos direcionem para dançar.
- 16) Muito pouco, desenvolvo mais o registro de movimentos corporais, através do desenho do homem palito. O pouco que conheço sobre dança não me fazem sentir segura ao ponto de ensinar dança.
- 17) Sim. Procuro adaptar as minhas aulas sempre envolvendo a dança e as outras linguagens. Exemplo: seleciono alguns quadros e peço que criem uma coreografia e sonoplastia. O ensino fundamental confeccionou um livrinho de história infantil, depois, apresentou um Teatro, uma Dança e uma Música, baseados no livro criado pelo grupo. Todo ano faço um festival de dança, envolvendo todos os alunos da escola, é escolhido um tema e cada sala desenvolve sua coreografia, acontece desde 2008.

- 18) Sim, trabalho, faço dinâmicas, trago trechos de filmes baixados da Internet em casa, ensino desenho com movimentos corporais. Sigo o Currículo do SEE, que favorece todas as linguagens artísticas e creio que a disciplina Educação Física, pelo menos na minha escola, tem trabalhado também.
- 19) Infelizmente por não ter uma noção importante na minha formação, então pra que eu não cometa erros eu não agrego.
- 20) Como estou iniciando o meu trabalho com Arte, no momento explorei apenas alguns movimentos corporais unindo ritmo musical.
- 21) Hoje não estou em sala de aula, mas se eu tivesse mais molejo trabalharia.
- 22) Sim. Através de vídeos,
- 23) Sim através da apostila
- 24) Sim, para explorar as diferentes culturas e as diversas linguagens artísticas.
- 25) Sim. Tento trabalhar um pouco do teatro junto com a dança. Explico os três planos do teatro e nele acrescento a dança. Faço a parte da dança sem a música, para que eles pensem em uma música para poder dançar no momento em que pedir e também trabalho com a música para que eles possam dar um ritmo para aquilo que estão ouvindo. Troco os ritmos, ex: dançar o ritmo da valsa em um som do sertanejo, etc.
- 26) Muito pouco, através do caderno do aluno onde adiciono pesquisas, para conhecer um pouco mais e ter o mínimo de segurança
- 27) Sim. Com experimentos possíveis para os alunos, com conhecimentos prévios, passos presentes no Caderno de Apoio como capoeira e break, além de pesquisas como ocorrem em projetos e gincanas.
- 28) Apesar das dificuldades mencionadas acima, procuro pesquisar e obter conhecimentos até mesmo através de alguns colegas que são dessa linguagem.
- 29) Trabalho iniciando com o conhecimento do corpo (membros), movimentos (torcer, dobrar e esticar), sequencia de movimentos e movimentos figurativos ou mais abstratos (sentimentos sensações).
- 30) Sim, com objetos, níveis, eixos etc.
- 31) Sim através de jogos, gesto do cotidiano trazido para o contexto de uma coreografia apresentação elaboradas por eles. Tentando sempre estimular de maneira livre e prazerosa despertar o interesse do aluno em participar das atividades em dança, conscientizando-os que é um momento de inovar e ousar favorecendo a criatividade, o divertimento na forma de explorar a linguagem corporal e a possibilidade de conhecimento de si mesmo.
- 32) Sim, apresentando os vários ritmos musicais criando coreografias adequadas ao mesmo, apresentações em festas comemorativas, exercitando a expressão corporal, etc.
- 33) Sim, dentro do possível. Trabalho dentro da sala de aula, na escola não há espaço adequado.

- 34) Sim a partir de experimentações e provocações, criação coletiva. Procuo sempre realizar apresentações dos processos, pois confio no amarrar das ideias, a apresentação provoca isso, mas sempre frisando que o processo e o conhecer são o mais importante.
- 35) Criações envolvendo os conhecimentos e práticas em diversos ritmos e estilos de dança, ou simplesmente com temas do cotidiano.
- 36) Sim, mas apenas a base dos movimentos, ainda não sinto que posso ir mais alem.
- 37) Pouco, mas trabalho. Apresento vídeos com vários estilos de dança, abro espaço para discussões e comecei aos poucos trabalhar com movimentos do dia a dia, brincadeiras para composições de pequenas coreografias.
- 38) Sim, no primeiro momento deixo que eles escolham e vou com o tempo encaixando outras como clássicas etc.
- 39) Com poucos jogos, teoria e vídeos.
- 40) Falo sobre o assunto e proponho que meus alunos mostre o que sabe da dança. Fazendo grupos de dança.
- 41) Sim, a partir da realidade e do espaço de convívio dos alunos. Buscamos um dialogo dançando, e mostrarmos com nosso corpo a comunidade que vivemos e estamos inseridos.
- 42) Sim. Mas bem pouco, confesso. Os alunos criam movimentos a partir de palavras que conhecem e querem dividir com os colegas naquele momento. O importante é colocar o corpo no espaço, reconhecer que o corpo existe, se movimenta e se expressa.
- 43) Trabalhei com dança e montagem de coreografia com meus alunos dentro de projetos. Primeiro realizo uma "nutrição estética" mostrando vídeos diversos e até projetos antigos para que percebam que é possível criar, depende da intenção da aula, tento fazer com que a ideia parta deles, explico que também vou aprender com eles, pergunto se tem alguém que dança ou gosta de dançar para me ajudar. Deixo a vontade quem não quer dançar, sem impor, peço que um grupo fique responsável pela pesquisa de música, outro pelo figurino, pela maquiagem, cenário... Percebo que com o tempo mais alunos vão se envolvendo no processo. O resultado foi gratificante, principalmente com a sociabilização e respeito com o outro.
- 44) Sim, embora esteja só começando efetivamente nesta área, tenho planos de trabalhar músicas e danças populares principalmente em consonância com o folclore.
- 45) Trabalho, mas apenas teoria e as vezes alguns exemplos, onde o aluno poderá estar desenvolvendo alguns passos conhecidos.
- 46) Sim. Trabalho teoria da dança, os elementos da dança, história da Dança, Balé Clássico Danças Folclóricas, Dança Moderna, Danças Circulares, Dança Contemporânea e outros. Lembrando, trabalho a teoria.
- 47) Muito pouco, ensino a diferença entre dança clássica, moderna e contemporânea. Mostro vídeos de cada tipo, mostro as diferenças e semelhanças. Os níveis alto, médio e

baixo. Realizo com os alunos alguns exercícios corporais, como torcer, esticar, simular andar na areia subir escadas e etc. Mostro que os movimentos do nosso cotidiano podem virar uma coreografia.

48) Sim, apresentando vídeos de dança, filmes e fazendo reflexões.

49) Sim. Para cada faixa etária eu inicio o trabalho de uma maneira. Por exemplo, nos anos iniciais, eu não falo que eles vão dançar, eu digo que o corpo vai criar, não só as mãozinhas, os lápis de cores, papéis etc., mas todo o corpo dela. E começo com desenhos, imagens que vão servir de referências visuais e em seguida peço para fazerem com o corpo, logo estarão com o auxílio de sons e músicas variadas, dançando sem perceber. Já com os maiores, começo com muitas imagens e vídeos, e também com o repertório do próprio aluno para primeiramente conquistá-lo. Em seguida ele começará a ter as iniciativas próprias para a criação individual e coletiva.

50) Trabalho com a dança circular, onde me sinto mais segura.

12. No trabalho com Dança na escola, quais são os facilitadores e dificultadores encontrados?

Respostas

1) Muitos alunos não querem participar.

2) A timidez.

3) Os facilitadores podem ser considerados a vontade dos alunos os dificultadores são os espaços que não existem e a retirada dos alunos da sala de aula para espaços maiores, pois os mesmos não são autorizados.

4) Poucas orientações, ou especializações na área. Houve uma grande oferta na área de música e quase nada em dança, na cidade de Sorocaba. É difícil desenvolver as atividades na sala de aula, um espaço adequado, para aquecimento e atividades de expressão corporal seria um grande facilitador.

5) Facilitadores: Espaço amplo na unidade escolar, o número adequado de alunos, por ser uma escola rural. Recursos como: aparelhos de som, data show, televisores, sala de informática Dificultadores: Alguns alunos que se dispersam, por serem menores, acabam perdendo a concentração, pois eles não têm a pré-escola.

6) O principal dificultador é o espaço e a limpeza das salas. Os facilitadores em si são os alunos, mas é necessário o ganho de confiança deles antes, muitos acreditam que apenas vão "passar vergonha".

7) Pra mim, o problema maior sou eu mesma, que não compreendia muito bem a dança e a sua importância e como eu poderia estar desenvolvendo esta linguagem com os alunos.

- 8) No meu caso, pelo pouco conhecimento que tenho em dança, há mais dificultadores do que facilitadores, mas tento e gostaria conhecer um pouco mais dessa linguagem que é muito bom e importante no desenvolvimento da criança.
- 9) Facilitadores: material pedagógico, espaço, bastante dedicação e colaboração da equipe gestora. Dificultadores: não temos nenhum
- 10) Dificultadores: Espaços cênicos, motivação de alunos que ainda não experimentarão a linguagem, recursos materiais. Facilitadores: Aulas dinâmicas e interativas.

11) Lugar apropriado e a música que incomoda algumas pessoas durante o ensaio.

Respostas

- 12) Os facilitadores são os próprios alunos que querem compartilhar conosco essa linguagem, entretanto a maior dificuldade está no espaço, que muitas vezes não nos inspira pelo tamanho e limpeza. Ninguém vai gostar de rolar num piso inadequado e sujo.
- 13) A própria resistência dos alunos
- 14) Espaço e habilidade do professor mesmo.
- 15) Facilitadores em minha escola: espaço, material, tempo. Dificultadores: Não há.
- 16) Facilitadores, a cooperação dos alunos. Dificultadores, não ter lugar adequado.
- 17) E animação dos alunos a direção que não gosta do movimento na escola.
- 18) Estrutura física da escola (dificultadores)
- 19) Não há facilitadores. E os dificultadores são a péssima formação dos educadores de arte de deturpam o real significado da linguagem.
- 20) Quando o professor tem amplo conhecimento e domina a linguagem as dificuldades são mínimas.
- 21) Facilitadores: o envolvimento das crianças, dificultadores: espaço físico e aulas fragmentadas, uma em cada dia, 50 mm é pouco tempo para organizar os alunos. Quando eles começam a compreender e fazer a aula termina.
- 22) Facilitadores é o apoio Gestor. Parcerias das quais já referi acima, é uma grande ajuda, criar e pensar em equipe é muito positivo e enriquece sempre. Como dificuldade vejo poucas aulas de Arte, apenas duas por semana é uma mixaria. Outra dificuldade é encontrar disponibilidade do professor e aluno para estarem em outros horários fora do horário de aula.
- 23) muitos têm vergonha e se recusam a participar, os que gostam ajudam para que outros se manifestem.
- 24) A facilidade de criar. O espaço, a má vontade dos alunos.
- 25) Dificultadores: a resistência dos próprios alunos em achar que dança precisa ser coreografias prontas, o espaço físico; facilitadores acho que não encontrei ainda.

- 26) Pelo que analiso, os facilitadores seriam o corpo discente. Nada como trabalhar com crianças e adolescentes nesta fase onde a globalização se faz tão presente. Quanto os dificultadores seria o espaço físico, apesar de que não impede de um bom trabalho, apenas acredito que um espaço apropriado para ensaiar daria mais liberdade aos alunos e professores.
- 27) Facilitadores: Alunos que estão dispostos a ajudar, que já fizeram aula ou simplesmente gostam de dançar. Apoio da direção e coordenação. Dificultadores: Tempo da aula, geralmente não são duplas. Falta de espaço adequado. O ensaio "tumultua" a escola segundo alguns professores.
- 28) Posso falar que dificuldades seriam o tempo e espaço
- 29) Facilitadores: gosto e prazer pela dança por parte dos alunos dificultadores: falta de espaços adequados, aparelhos e instalações, deficientes.
- 30) Espaço adequado para os exercícios; o ambiente não pode estar sujo, as crianças tem que ser organizadas; o professor tem que dominar a sala, senão a classe se dispersa e o objetivo não é alcançado. Para acontecer, não necessita de tantos recursos, basta a vontade e a disposição dos alunos e principalmente do professor. Um som para colocar as músicas, e isto toda a escola possui; sala de vídeo para a apreciação de espetáculos de dança para referência do aluno etc.
- 31) Facilitadores: Conhecimento prévio dos alunos, disposição, principalmente do Ensino Fundamental, em querer se apresentar e oportunidades concedidas pela escola para deslocar alunos de outras salas para assistirem a alguma apresentação, quando houver, Dificultadores: sala de aula com as carteiras, tempo escasso e desinteresse por parte de alguns alunos.
- 32) Para mim apenas a formação.
- 33) As dificuldades: Um espaço físico mais adequado nas escolas. Grupos de alunos numerosos e o sistema de aulas (horários). A inibição, vergonha dos alunos. As facilidades: Quando é proposto ritmos de dança ao gosto dos alunos, sempre tem grupos que gostam, interagem, há mais sociabilização...
- 34) O maior desafio é o espaço que temos. Precisamos garimpar e garimpar um espaço que acolha a todos. A limpeza também é uma das dificuldades, pois como é que podemos pedir para os alunos relaxarem seus corpos, rolarem, arriscarem um giro alto sem correr o risco de caírem no piso sujo. Assim seria bom uma sala com piso em EVA para amortecer a queda.
- 35) O ensino segue uma estrutura onde não existe espaço para o aluno autêntico e criador, quebrar esta barreira e colocar o aluno a frente de desafios, fazê-lo pensar e se expressar de outra forma que não seja o papel e o lápis torna o grande dificultador do trabalho.

- 36) Não vejo facilitadores, faltam espaços adequados, nem sala de arte temos, nem material básico, só papel e lápis. Penso que há uma grande distância entre nós que atuamos na educação e os que falam e discursam sobre ela.
- 37) o bom é que as crianças sabem vários ritmos, e a dificuldade é por eu não saber dançar.
- 38) Os facilitadores é a direção que sempre nos apoia a alegria da participação pelos alunos. Os dificultadores são alguns professores que se incomodam, pois os alunos adoram as aulas de Arte. (acredito que é um pouco de ciúmes)
- 39) Facilitadores - vontade dos alunos em aprender dança. Dificultadores- espaço para se dançar, barulho que atrapalha outra salas.
- 40) Facilidade quase nenhuma, primeiro por que não tenho essa formação, segundo porque trabalhar com dança meche com a estrutura da escola. Em 2013 tivemos um projeto Brasil de A à Z, da colônia aos dias atuais, foi muito complicado, falta de local adequado (e o ano passado tinha sala pra Arte este á não temos mais) falta de aparelhos, colaboração enfim dificuldades mil
- 41) A resistência inicial é convencê-los a participar das atividades de dança, coloca-los em movimento. Alguns alunos gostam e praticam dança, ajudam a convencer a resistência dos alunos a dançar em público, a maioria tem pudor em participar em locais abertos sem privacidade, colocam empecilho para participar das atividades. Não tenho sala ambiente. Não ter local apropriado e privativo, onde poderiam se soltar faz muita falta, pra aulas de dança e todas as linguagens artísticas.
- 42) O Facilitador: são os próprios alunos que interagem de forma positiva, mostrando sempre aberta a novas experiências, sendo criativo contribuindo com a própria aprendizagem e a aprendizagem do professor. O Dificultador: é o espaço físico dentro da escola e a falta de equipamento eletrônicos funcionando adequadamente.
- 43) Bem, os facilitadores são de fato a vontade e energia dos alunos e dificultadores são a falta de espaço e materiais adequados para aulas mais dinâmicas e proveitosas.
- 44) O que facilita são os espaços da escola (apesar que não são adequados), sendo também a maior dificuldade.
- 45) Os alunos aceitam com facilidade aquilo que eu peço, acredito que isso já seja algo a meu favor, mas também tem aqueles que ficam com vergonha, quando eu identifico que isso possa acontecer, acabo fazendo a atividade junto com eles, participando da própria atividade.
- 46) Os facilitadores são a descontração que isso traz para as aulas, de modo a torná-las mais leves. Os dificultadores têm relação com o espaço inadequado e a timidez ou falta de vontade de alguns alunos que acreditam que esse tipo de matéria é opcional.
- 47) A falta de espaço é um grande dificultador.

48) Os dificultadores muitas vezes são a timidez, vergonha de se expressar através dos movimentos do corpo ou acham que a dança contemporânea é estranha esquisita. Ou muitas vezes danças inapropriadas como funk carioca.

49) Nenhuma

50) O Facilitador: são os próprios alunos que interagem de forma positiva, mostrando sempre abertos a novas experiências, sendo criativos contribuindo com a própria aprendizagem e a aprendizagem do professor. O Dificultador: é o espaço físico dentro da escola, a falta de equipamento eletrônicos funcionando adequadamente.

ANEXO G - Transcrições de entrevistas com professores/as de Arte da rede estadual de ensino de Sorocaba-SP, realizadas de abril à agosto de 2014

Entrevista 1- Professora Rê. Realizada em 07/04/2014

PROFESSOR/A Nº 1- Nome: RÊ.	Sexo feminino/36 anos de idade/10 anos de magistério na disciplina de Arte/ 10 anos na educação/5 anos na escola atual/Exerce 16 horas de trabalho semanais/ Não possui pós-graduação nem outra licenciatura.
DATA DA ENTREVISTA	7 DE ABRIL DE 2014
Tempo de magistério na rede estadual	10 anos
Formação	Educação Artística- Licenciatura com habilitação em Teatro
Universidade que cursou a graduação	Particular (FAMOSP-SP)
O que motivou estudar Arte?	Desde criança, sempre quis ser artista. Sempre dancei na escola, eu era parte do grêmio, desde a quarta-série eu já fazia parte. Eu era da parte cultural da escola. Eu montava as apresentações. Eu lembro que eu tava na primeira à quarta série, eu já fazia a coreografia das meninas e naquela época eu era a 'Madona'. Ah! Aquela música 'La is La bonita' eu tenho como uma marca e o filme 'Flash dance', agora retornei ao meu passado. Aquela moça daquele filme, era eu! Era o meu sonho e eu queria muito fazer balé, só que eu não queria o clássico, era engraçado, eu não sabia o nome do que era o outro tipo de dança, então eu falava pra minha mãe : 'Mãe, eu quero que você me coloque na escola de dança, porque eu quero aprender a dançar de diversas maneiras', mas ela nunca colocou e eu (rindo) dançava do meu jeito, então na escola eu criava as coreografias e fazia as meninas dançarem comigo, então eu tenho esta marca muito forte em mim. E também, aí eu fui crescendo, quando eu tava com 12 anos, eu morava em Assis e vim pra Sorocaba em 89 eu mesma, tive a iniciativa...aí eu já tinha passado para o Teatro, eu tava me encantando um pouco de ver mesmo novelas e me via lá, não mais a Dança, eu tinha me frustrado um pouquinho, porque minha mãe não tinha colocado. Chegando em Sorocaba, eu mesma, abrindo o jornal eu vi 'Curso de Teatro Educação no SESI ⁵² ', eu mesma liguei lá, não foi a minha mãe, eu peguei o ônibus com 12 anos fui até o SESI e me matriculei, fiquei um pouquinho frustrada porque eu vi que não era técnicas teatrais era curso de Teatro voltado para a educação com a Edméia Pereira ⁵³ , na época. Então ela desenvolvia a criatividade, várias... expressão corporal, mas sempre focado, mas não tinha técnicas. Eu sabia que tava faltando alguma coisa, mas não sabia o quê. Eu era muito nova, mas

⁵² SESI- Serviço Educativo Social da Indústria.

⁵³ Professora Edméia Pereira, arte educadora.

fiquei. Aí no ano seguinte eu fui chamada pra participar do NAC- Núcleo de Artes Cênicas do SESI, foi quando eu entrei como atriz ali. Fiz o teste, foram nove espetáculos em quatro anos e ali eu aprendi quase tudo que eu sei até hoje. Era de segunda a segunda, os ensaios, era uma coisa muito... pra adolescente, era muito puxado, era muito rígido, mas ali eu aprendi tudo. Ali conheci o Laban, ali eu conheci todos os especialistas de teatro, os teóricos, na época iam muitos palestrantes lá, atores que eles conheciam, Paulo Betti⁵⁴ ia muito lá, a gente fazia muita amizade. Que eu lembre, Clóvis Garcia⁵⁵, nem sei se ele é vivo, não acompanho, na época, ele dava palestras pra nós sobre Teatro. Alguns espetáculos de dança iam lá e a gente fazia workshops com os especialistas. Aprendi um pouco sobre cenário, porque era eu quem montava os refletores, eu fazia tudo no SESI, eu aprendi, eu era funcionária também de lá. Eu ganhava salário. Ali eu tive contato com orquestras, porque todo domingo de manhã tinha e eu tinha que montar os microfones pra orquestra. **/QUANTO TEMPO VOCÊ TRABALHO NO SESI?/** Como funcionária, um ano dos 16 aos 17 anos. Como atriz dos 12 aos 19 anos. Sem parar, ali nós tínhamos 3 horas de expressão corporal diária, ali que eu aprendi a desenvolver tudo que eu sei de corpo, ali que eu aprendi assim, que pra você fazer Teatro você tem que preparar o seu corpo, não tinha como. Então a Dança... A nossa experiência com Dança foi muito com uma coreógrafa chamada Regina Claro⁵⁶. Na época eu fazia dança contemporânea com ela, eu fiz acho que uns dois anos e hoje em dia... E hoje em dia, ela deve ter academia ainda... E eu era muito fã dela e ela sempre me incentivava e a gente fez Teatro-dança também, teve um espetáculo que eu fazia com ela, dançando com ela Noé teatro do SESI. **/ENTÃO ANTES DE SER ARTE EDUCADORA VOCE ERA ARTISTA?/** Eu era atriz, artista. Aí eu me profissionalizei em São Paulo, aí eu dei uma parada, eu saí do SESI com 19 anos, mas o meu sonho era ir pra São Paulo me profissionalizar. Aí eu fiquei dos 20 aos 23 num grupinho de teatro que levava teatro para as escolas, então a gente pegava um fusca, juntava ali um cenário de tecido, um figurino e ia. A gente ia pra todas as cidades da região: Mairinque, São Roque, tudo que você imagina, Alumínio, Porto Feliz. E a gente levava, clássicos, o que fosse. Geralmente era assim, algum texto interessante, que a própria escola aceitava aquela produção, muito amadora, muito simples, mas tinha cidades que não tinha nem um auditório, nada! Então pra eles era tudo! A gente se adaptava em qualquer lugar. Tinha dia que a gente se apresentava no ginásio de esportes, tinha dia que era no próprio teatrinho da escola, ou no pátio, onde fosse necessário ali foram uns 3, 4 anos desse trabalho também. Aí, aí eu criei coragem de ir pra São Paulo, peguei a minha mala e cuia e

⁵⁴ Paulo Betti, ator reconhecido nacionalmente.

⁵⁵ Clóvis Garcia, ator reconhecido nacionalmente.

⁵⁶ Regina Claro, bailarina, coreógrafa, diretora de Teatro, conhecida na cidade de Sorocaba.

fui pra São Paulo. Dos 19 aos 20 e pouquinhos... foram 5 anos eu tentando entrar na EAD da USP, na Escola de Artes Dramáticas, eu ficava entre os 50, são 4 fases muito difíceis de você ter que provar que você é boa em comédia, que você é boa em drama, que você sabe improvisar, que você tem experiência em Dança, que você sabe cantar, que você tem jeito pra circo, chegava nos 50, não passava. Foram 5 anos... sem falar da parte teórica, você tinha que estudar 300 obras, tinha que redigir... era a segunda fase mais difícil, porque que nas práticas eu ia super bem, na primeira fase, na terceira fase, na última... Chegava na segunda, uma vez eu repeti, mas eu tentava, tentava. Aí, eu cheguei a conclusão que não era pra mim. Bom, 20 vagas também, ah! Vá tomar banho, né? 20 vagas! (Expressão de indignação e voz mais agudizada) Ah, dá licença! Ali eu conheci bastante gente também, pessoal de rostinho bonito, de propaganda, atores globais que eram professores da USP, ali eu vi, a parte boa e a parte ruim. Aí, eu entendi que não era pra mim porque eu ia ficar até quanto tempo tentando. Foi quando eu resolvi entrar na faculdade de Arte Educação, falei 'Eu não vou fazer outra coisa!', eu já tinha feito publicidade e propaganda, 6 meses e desistido curso, aqui na UNISO⁵⁷, porque eu vi que não era a minha praia, não era a minha praia, gostei muito do curso, mas abandonei. Aí foi quando eu resolvi morar em São Paulo. Morei quatro anos lá, de 99 à 2002 e me profissionalizei pelos Sindicato dos Artistas, então eu sou atriz registrada, tenho DRT, pelo conteúdo, eu montei tudo que eu já tinha feito e pelos testes, foram 1 ano fazendo testes pelo Sindicato dos Artistas. Aí, a gente ia no Teatro Rute Escobar, fazia, ah, não, a primeira fase foi teórica, fazia toda História do Teatro, todo o que envolve os teóricos, as principais obras, os dramaturgos, né, as obras teatrais aí, até chegar na formação mesmo, comédia Drama. Aí eu me profissionalizei. Peguei o DRT na mão, fiz alguns trabalhos lá em São Paulo de propaganda, aí eu tive que entrar nas agências lá né? Também não foi fácil, eu vi que era um mundo muito fechado, era o meu sonho, ser atriz de teatro, mas eu queria ser completa, eu queria cantar, dançar e interpretar. Eu desisti, eu cheguei a ir até a Rede Globo, PROJAC⁵⁸, meu material foi todo pra lá. A última coisa que eu fiz foi isso! Eu peguei um avião e fui para o Rio de Janeiro, num dia de segunda pra terça, larguei todo meu material lá, levei fotos. Aí eu voltei. Quando eu voltei eu falei assim 'E agora?'. Só que não era aquilo que eu queria também e 'Vai ser muito difícil me chamar também, porque eu não tenho um rostinho lindo, igual eles querem né?' E a teledramaturgia, também, eu fui entendendo que não é bem o que eu gostava de fazer, só algumas coisas né? Aí eu fiquei mais no teatro mesmo, fiz alguns trabalhos em São Paulo, aí foi quando eu resolvi cursar Arte Educação, que eu vi que eu tinha que fazer alguma coisa

⁵⁷ UNISO- UNIVERSIDADE DE SOROCABA

⁵⁸ Rede Globo/ PROJAC- Referindo se ao Projeto Jacarepaguá, conhecida como Central **Globo** de Produção (CGP) ou Entretenimento Globo.

que eu gostava que eu gostasse, não dava pra mudar de área, tinha que ser dentro da Arte. Aí, eu fui na faculdade mais barata que tinha (rindo), não foi a dos meus sonhos, não foi, mas era o que eu podia pagar na época, porquê eu pagava apartamento, dividia apartamento com mais uma pessoa eu trabalhava numa agência, eu era gerente vendas de plano de saúde, então, eu fiz um pouco de cada coisa, porque no começo meu pai ajudava, depois ele não podia ajudar mais. Mas ele queria que eu realizasse meu sonho, sabe, mas chegou uma hora que financeiramente, ficou difícil. Porque eu percebi assim, na faculdade eu conheci muito ator, muito músico. Era um pessoal mais velho que estudava, eu percebi que era muito fechado. Pra eu entrar nesse meio eu tinha que ter alguém que me colocasse. Teve uma pessoa que me viu, que viu meu trabalho, ele era funcionário da Rede Globo⁵⁹, ele me deu muito apoio, ele me convidou, ele foi um carnavalesco de uma escola de samba, Morro da Casa Verde⁶⁰. Eu desfilei na escola, no carro alegórico. Nossa! Ele me convidou, eu fui, mas daí eu percebi que... não ia dar muito certo, ele tava com outras intenções. E ele era da Rede Globo mesmo, ele era da parte cultural e da parte de criação da Rede Globo. E ele... eu percebi! Depois que eu conheci as famílias e as filhas dele eu me decepcionei, por que eu não estava com interesse pessoal, eu estava com interesse na Arte. Aí eu vi... não sei, eu fui me encontrando, sabe, eu vi que eu era realmente uma artista, sabe, eu não ia me sujeitar pra... ele achou que ia me comprar né? Por que pra você entrar numa escola de samba você tem que pagar, a fantasia, tudo... e eu não precisei gastar um real. Ele me convidou porque eu fui fazer um trabalho sobre carnaval da faculdade. E ele viu o meu interesse, então a gente criou uma amizade muito grande e a gente trocava muita figurinha e na época, eu tava fazendo um trabalho na USP. Do diretor do curso de Artes Cênicas, ele tava se formando em Direção e ele reuniu algumas pessoas que iam lá na EAD pra fazer o teste e ele me convidou “Você não quer fazer uma peça?” E eu fiz! Sobre o... “Eu Frankenstein” era o nome da peça. Nós apresentamos no teatro da USP, durante alguns meses, foi muito bacana e naquela época eu, fui vendo assim que, que eu precisava, e eu... Agora me perdi um pouco, do que eu tava falando... Espera aí, eu tava falando do rapaz... Ah é, eu tava fazendo esse trabalho de pesquisa na faculdade, ao mesmo tempo eu tava fazendo essa peça da USP, esse trabalho de conclusão de curso dele, não ganhamos um real, mas pra mim foi maravilhoso, como experiência, ele era muito inteligente. Ele não era bom ator, mas ele era bom diretor (risos). Ali também, eu conheci um pouquinho, ele falava muito da Pina Bausch⁶¹, eu não sabia quem era, ele mostrava alguns vídeos dela pra gente, porque ele queria que o espetáculo tivesse algo de dança no meio, eu

⁵⁹ Rede Globo- Referindo-se a Emissora de Televisão

⁶⁰ Morro de Casa Verde é uma Escola de Samba de São Paulo.

⁶¹ Pina Bausch foi uma bailarina e coreógrafa alemã precursora da dança teatro e reconhecida internacionalmente.

	<p>sei que foram anos ali que eu vivi em São Paulo de muita experiência assim, com pessoas... tive a oportunidade de fazer um workshop com a Ingrid Koudela⁶² também na época da faculdade, que mais...Tive a oportunidade de fazer algumas coisas que me... Cada vez mais eu me envolvi, aí eu percebi que eu tinha que ir para o lado assim da pesquisa, que eu tinha que me especializar, mas não pra Rede Globo de televisão, não pra isso! Aí a educação pra mim foi onde eu podia fazer aquilo que eu pensava que era certo. Então o que eu peguei, peguei tudo que eu sabia e comecei a aplicar na sala de aula depois que eu me formei, em 2002. Eu entrei com tudo daí, eu achava assim, aula de dança é aula de dança. Eu fazia aula de dança! Eu reunia todo mundo, vamos respirar, vamos andar no espaço... é isso! Eu fazia isso!</p>
<p>E pra você o que é ser Arte Educador (a)?</p>	<p>Então, aí eu tive um choque, por que eu vi que arte educador é um pouco diferente de artista. Aí eu tive que me encontrar nesse processo. Aí pra mim, o arte educador é fazer a criança e o adolescente, o jovem aprender a viver através da arte. Ele vai ser um ser humano completo em toda sua dimensão, corporal, psicológica, emocional... O arte educador, têm, na minha opinião, uma função mais que apenas passar conteúdo sobre arte pra criança, ele tem que integrar o cidadão dentro de uma sociedade que tem uma História Cultural, que tem uma cara e que essa cara e essa História, nada mais é do que o desenvolvimento do ser humano, no ambiente onde ele vive. Nada mais é do que o retrato do ambiente onde ele vive e se ele entender isso, ele ama a escola, ama todos os processos de aprendizagem. Então eu entendo assim, se ele entender o que é arte ele vai curtir o mundo que ele vive, ele vai curtir a escola, ele vai curtir, por que dentro da Arte tem tudo! E o mais importante eu queria que ele se conhecesse. Você precisa perceber que você é um ser, capaz de criar, de fazer diferença, onde você mora, porque a Arte vai fazer você se expressar bem, você ser um ser humano mais feliz, você vai se conhecer, você não vai ter vergonha do seu corpo, da sua voz, do que você pensa e eu sempre falei "A Arte vai pegar o que você pensa e você sente e você vai se encontrar". Então, pra mim, eu quando começo dar aula em qualquer escola, eu começo a explicar primeiro o quê que a arte vai fazer de bom pra eles, eu não começo com conteúdo, eu nunca começo com conteúdo, nunca!Perco ali umas aulas fazendo ele compreender a função da Arte, a função social da Arte. Isso de ser um dia ator famoso, que pode ser que tenha no meio da escola, artistas, é secundário, terciário. Isso que eu me identifiquei aí depois. É... eu percebi que ele pode ser alguém dentro de alguma linguagem artística, e eu não foco só o teatro, por que daí eu vou instigando, vou vendo qual das linguagens ele mais se identifica. Eu faço pesquisa escrita, faço ele falar... Aí eu parto assim, eu</p>

⁶² Ingrid Dormien Koudela, brasileira pesquisadora de Teatro, principalmente na área de Jogos Teatrais e Teatro-Educação.

quero que ele seja desenvolvido na oralidade, no corpo, se ele não tem esse despojamento, porque tem pessoa que não consegue se soltar, mas a minha curiosidade é no quê então que ele poderia se expressar, aí eu vou fuçando ele. Eu só não faço mais porque não tem tempo, isso que eu acho triste e muitas vezes eu fujo um pouco do conteúdo, fujo bastante, porque eu me prendo naquilo que a sala de aula esta mostrando pra mim, e uma coisa que eu faço muito, eu pego um vídeo, eu pego aquilo pra transformar no corpo, do desenho parte para o corpo, eu sempre uso o corpo, o corpo pra mim é fundamental para o aprendizado, não sei se eu estou certa, mas, funciona comigo, então eu acho que funciona com a maioria, ele tem que sentir aquilo que ele tá fazendo, então é da tela pro corpo, sempre, é do desenho pro corpo, desde o pequenininho, ele desenhou aquela casinha lá com os bichinhos, deste tamanhinho na folha aí ele tem que expressar aquilo com o corpo da maneira como ele quiser, tem aula que eu fico pegando aquele petitiquinho e faço, sem ele falar “Oh, mostra com o corpo o que vc desenhou!” Ele tem que se expressar, sempre! Eu pego o corpo, fica até um pouco cansativa a aula as vezes, pra mim, né? Porque eles gostam (risos) os pequenos principalmente. Os grandes é mais complicado chegar nesse processo! Eu preciso de muito vídeo! Muito! Principalmente dos cadernos dos alunos, tudo que eu posso, eu mostro, mostro de 5º ano pra frente. Mostro, mostro, mostro. Aí eles conseguem perceber um pouco do que é uma dança contemporânea, por exemplo. Mas eu sou um pouco assim, eu parto pelo desenho, ele vê, ele desenha, ele fala, o último é o corpo. O último processo! Eu não chego falando, vamos montar uma coreografia, vamos criar, não dá certo comigo! O meu jeito de trabalhar, é a última parte. No ano retrasado, eu acho, ou passado, não sei, que eu tava com oitavas séries aqui, só oitavas, a parte mais difícil era o grupo que ficava com a linguagem da dança. Então, eu pegava a apostila do primeiro bimestre, dividia em quatro linguagens, como ela é dividida, fazia um resumo, passava pra cada grupo, eles iam estudar aquilo e cada grupo ficava responsável por uma linguagem então, o bimestre todo, ao invés de tudo, de todos aprenderem as cinco linguagens separadas, era assim, cada grupo ficava responsável por uma linguagem separada! Aí no próximo bimestre eu trocava, quem estava com as Artes Visuais ficava com a Dança, quem estava com o Teatro, ficava com as Artes Visuais. E eu percebi que, por incrível que pareça, as duas linguagens mais difíceis eram as Artes Visuais e a Dança. O Teatro e a Música as vezes eu complicava um pouco também, né? Eu queria que eles estudassem, sei lá, os Stomp⁶³, Barbatuques⁶⁴ e queria que eles criassem algo do gênero, semelhante à aquilo e eu levava, eu trago tudo pra eles, porque eu percebi que eles não vão fazer a pesquisa, infelizmente. Nosso aluno, não faz a investigação em casa,

⁶³ STOMP- Grupo de Percussão norte americano que faz música com objetos.

⁶⁴ Barbatuques- Grupo de percussão corporal brasileiro.

	<p>né?Infelizmente!Então eu tenho que trazer! Tudo que tem na escola e mostro, faço um resumo, eu faço assim, eu pego as apostilas, peço pra eles abrirem, eu quero que eles vejam imagens, eu trago livros de casa, aí eu quero que eles entendam que uma coisa puxa outra, eu quero que eles fiquem interligados (as linguagens), não sei se rola isso, um ou outro consegue captar, mas assim, eu quero que de uma instalação ele crie a música, daquela tela ele monte um teatro. Aquilo já foi real um dia, “Retirantes”⁶⁵ por exemplo, eu gosto muito, porque a professora de Língua Portuguesa trabalha com “Vidas Secas”⁶⁶ né, no livro e eu já pego “Retirantes” de Portinari, porque eu acho que aquilo lá é o retrato de “Vidas Secas”, né? Aquilo ali é uma História, aquilo ali existiu aquilo é um acontecimento, aquilo tem que ser transformado em vida! E a Dança mesma coisa, eu pego. Deixa eu lembrar o que nos fizemos em Dança no ano passado... Eu queria que eles pegassem e transformassem em elementos da natureza corporalmente, né... Começa com a água a apostila? E eles tinham que transformar o corpo em água, aí eles queriam fazer coisas mais infantis, infantilizadas. Como se eles fossem fazer um “teatrinho” ali... Aí eu falo, “Não você é a água! Você é a Semente, você é a chuva!”, eu quero que eles entrem no universo da natureza e aí vai! Ah, lembrei uma coisa importante! A preparação corporal pra fazer a dança! Tem que ter um o aquecimento, tem que ter! Com o ciclo I⁶⁷ eu faço muito, por que eles estão muito abertos pra isso sempre estão abertos pra isso, com o ciclo II⁶⁸, a gente já sofre um pouquinho mais, mais é... tem que aquecer o corpo, tem que soltar, tem que ter alguma coisa! Aquilo tudo que vocês ensinam a gente nas OTs⁶⁹né!Porque não dá pra começar direto.</p>
<p>Pra você o que é a Dança?Como você ensina esta linguagem? Qual a importância desta linguagem na formação dos</p>	<p>Bom, é meio complicado, às vezes eu fico pensando... A dança, pela dança, no sentido de profissão ou de linguagem artística eu não me preocupo muito em explicar, a minha maior preocupação é fazer o aluno entender que ele pode se expressar pelo corpo e pode expressar suas emoções, seus sentimentos através dos movimentos corporais que ali ele vai, ele vai se conhecer, vai se redescobrir, né!Ele vai ter que elaborar, é como se ele tivesse escrevendo um texto, mas corporal. Eu acho que é um grande desafio, inclusive eu aprendi que você nunca</p>

⁶⁵ Referindo-se à obra Retirantes de Candido Portinari.

⁶⁶ Vidas Secas- Obra literária de Graciliano Ramos

⁶⁷ Referindo-se aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano)

⁶⁸ Referindo-se aos Anos Finais do ensino Fundamental

⁶⁹ Orientações Técnicas realizadas no Núcleo Pedagógico (OTs) da Diretoria de Ensino, previstas pela legislação vigente Resolução SE nº 61, de 6-6-2012 os professores podem sair das salas de aula, 6 vezes no ano para participar de convocações para capacitar-se. No ano de 2014, quando fiz esta entrevista, não havia verba disponível para oferecer um lanche aos professores que durante essas reuniões ficavam no Núcleo Pedagógico de 6 à 8h trabalhando, estudando, debatendo, criando, experimentando... Na Diretoria de Ensino de Sorocaba, apesar dessa dificuldade do lanche, eu e a PCNP de Educação física, diferentemente dos PCNPs das outras disciplinas, tivemos autorização para fazer as convocações, pois, o Dirigente de Sorocaba entende que essas disciplinas possuem especificidades onde o educador necessita da experiência, além do estudo teórico.

seus alunos? E como ela se desenvolve na escola, seus facilitadores e dificultadores?

chega falando de Dança, né? Você chega falando de expressão corporal, que ele vai entender o movimento primeiro, principalmente os pequenininhos. Os pequenininhos⁷⁰ eu não costumo chegar falando em dança, senão eles querem coreografia, eles querem Funk... Eu uso assim, como existe as diversas expressões do ser humano, eu falo que é do corpo, então “Nós vamos criar pelo corpo”. Então a gente começa a fazer experimentações, então eu começo... eles deitam no chão, eles... começam a perceber o ar, o espaço... começo assim! Eu só não faço assim, quando eu estou muito cansada e quando a sala de aula é muito terrível⁷¹, então eu trabalho sem o espaço aberto, trabalho na sala de aula com pequenos grupos, quando a sala eu ainda não dominei totalmente, mas assim, dentro do possível eu quero espaço, eu procuro na escola onde tem um espaço e peço pra eles irem se soltando e trago muitos sons, muitas sonoridades, não sei se é assim que fala, muitos ritmos e peço pra eles irem ouvindo e sentindo, e assim vai até eles falarem, “professora eu estou dançando!”, é exatamente isso que eu quero. Aí eu começo colocando os planos, baixo, médio... começo sempre com isso. E como aquele projeto que eu falei pra você, com os pequenos funciona muito! Do “Trem Caipira”⁷², que eu pego algumas atividades daquele projeto, por exemplo, desenhar coisas de diversas maneiras com os três conceitos, acho que isso sempre dá certo: esticar, torcer e dobrar!⁷³ Esses três elementos, faz ele perceber, ele começa a sentir, aí ele vai desenhando no papel, aí depois, eu peço pra ele transformar... tirar do papel e fazer. Mas, aí ele desenha tudo, por exemplo, desde um fio de telefone até ele falando com o coleguinha atrás. Eu faço ele perceber no mundo que o cerca, não só no corpo... Tudo que torce. Tudo que é reto, tudo que estica, elástico, coisas que tenham este movimento. Quanto menor ele é, eu vou trabalhando um pouco diferente. Eu já pego, outros projetos, vou escolhendo atividades que eu acho que o aluno vai perceber, mas o maior, de 5º ano pra cima eu já pego vídeos dá muito certo! Aí eu ponho várias coisas pra ele entender... porque eu já tentei fazer sem os vídeos e não rola, porque o aluno de 6º ano, 7º e 8º ano, porque colegial⁷⁴ faz tempo que eu não trabalho, então eu não

⁷⁰ Quando ela fala “pequeninhos”, esta se referindo aos alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, ou seja 1º à 5º ano.

⁷¹ Expressão “quando a sala de aula é muito terrível”, não refere-se a sala, ambiente, refere-se a turma, ou seja, uma turma muito terrível, indisciplinada, difícil de trabalhar.

⁷² Referindo-se a uma publicação da professora Lenira Peral Rengel para o Projeto “Um trem feito de Gente” da Rede Estadual de SP e trabalhado com os professores em capacitações em durante os anos de 2003 e 2004. Neste projeto em cada estação do trem é proposto se trabalhar um Tema do Movimento de Rudolf Laban, sendo que neste projeto podemos reconhecer parte dos 10 primeiros Temas do Movimento dos 16 descritos por Laban em seu livro “LABAN, Rudolf. *Danza Educativa Moderna*. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1984” e estudado por Rengel em “RENGEL, Lenira Peral. Temas do Movimento de Rudolf Laban: Modos de Aplicação e referências I, II, III, IV, V, VI, VII, e VIII. São Paulo. Editora Annablume, 2008: 17-85.”

⁷³ Referindo-se ao primeiro Tema do Movimento de Rudolf Laban: I- Temas Relacionados com a Consciência Corporal (Exploração do dobrar, esticar e o torcer das partes do corpo);

⁷⁴ A palavra “Colegial” refere-se aos alunos do Ensino Médio atual.

posso... Eu acho que eu nem cheguei a aplicar essas atividades do caderno com o colegial. Mas assim, 8^{os} e 9^o anos eles tem muita dificuldade, eles tem muita vergonha! Alguns alunos daqui⁷⁵ que foram meus eu ainda consigo fazer alguma coisa, mas mesmo assim, eles vão pegando aquela idade da adolescência, por que eu to aqui desde 2008. Eles ficam críticos e vergonhosos, então, eu tento estabelecer com eles, primeiro... Ah uma coisa que eu faço que dá muito certo! Eles têm que desenvolver coisas em equipe, um ajudando o outro, na hora de fazer os exercícios de dança ele tem menos vergonha, porque ele já interagiu, ele já fez... Eu uso muito grupos grandes, no começo, quando é 7^o ano, 8^o ano, eles fazem tudo juntos, ah uma dança de roda, de círculo! Coisas assim grandes. Porque um tá vendo que o outro tá fazendo, assim, jogos simples, assim, como, um faz o movimento e o outro repete. Eu faço, muito isso nas primeiras aulas e nisso eu vou passando os vídeos. “Samwaad- Rua do Encontro”⁷⁶, Ai! Eles adoram! Todos eles gostam **/ALÉM DO IVALDO BERTAZZO, VOCÊ COSTUMA ADOPTAR OUTROS COREÓGRAFOS QUE VOCÊ JÁ CHEGOU A PASSAR PRA ELES EM VÍDEO, TRABALHOU, FEZ PESQUISA?/** Olha eu pego tudo que às vezes você passa pra gente e mostro! Eu não entro assim em detalhes de nomes e também eu, falar bem a verdade, eu gosto muito do trabalho dele, então, desde que o caderninho⁷⁷ entrou, é ele que eu pego (risos). 6^a série eu ainda não trabalhei, é o primeiro ano que to com 7^o ano, então de 5^o, 7^o, acho que começa na 6^a série, né? O Ivaldo em dança? /ISSO!/ É verdade, é mais ele mesmo e tudo que tá lá, né, se possível em vídeo, eu mostro, tudo que tá ali. O circo de Soleil eu mostro bastante que eu acho que tem bastantes ideias de dança, movimentos contemporâneos, eu mostro muito circo de Soleil pra eles, que mais que eu mostro pra eles? Ah, também gosto de pegar, por exemplo, filmes que retratam um pouco da dança, às vezes eu pego até um “Vem Dançar”⁷⁸, que apesar de ser um estilo né? Gêneros... O tango... Mas eu gosto! Eles se identificam, os adolescentes com aquele filme, por causa do Hip Hop, daquela parte que traz a realidade do aluno mesmo, não do que o professor quer colocar. Então esse filme dá muito certo, deu bastante certo alguma na época e eles querem até aprender dançar tango, só que eu fico devendo (risos), eu fico devendo porque eu não sei. Eu nunca me esqueço,

⁷⁵ Referindo-se à escola, pois, a entrevista foi na própria escola onde a professora trabalha.

⁷⁶ “Samwaad: Rua do Encontro” é um espetáculo do coreógrafo Ivaldo Bertazzo que é citado nos cadernos do professor e do aluno e o DVD é distribuído para todas as escolas de 6^o à 9^o ano do Ensino Fundamental da Rede Estadual desde 2008 e para as escolas que foram inaugurando desde 2008 à 2014.

⁷⁷ A professora fala a palavra “Caderninho”, quando refere-se aos Cadernos do Professor e do Aluno distribuídos pela Secretaria de Estado da Educação a partir de 2008. Junto com esses cadernos chegaram as escolas o acervo de vídeos, de Dança, o único DVD do acervo é o “SAMWAAD: Rua do Encontro de Ivaldo Bertazzo” e também foram adquiridos muitos direitos autorais de imagens de outros espetáculos para serem utilizados em sala de aula.

⁷⁸ Referindo-se ao filme de longa-metragem norte americano Vem Dançar Comigo (2005) com direção de Liz Friedlander.

na escola de tempo integral eu fiquei frustrada porque só conquistei eles em novembro, não dava mais tempo foi na Rosa⁷⁹. O ano todo eu passava os exercícios, de OT assim, tentando mostrar, só que eu acho que não tinha ainda a apostila naquela época, não to lembrando de trabalhar, mas eu já colocava a Dança, por que eu acho muito importante! As quatro linguagens pra mim eu sempre usei, era coisa minha, por que eu sabia de professores que se apegavam só, ainda estavam só nas artes visuais só. Mas eu, já tava em todas. Aí eu lembro que, essa sala, meia dúzia, só fazia, as outras não... era uma 7ª série. Quando eu mostrei esse filme, já tava no finalzinho do ano, eles se interessaram, aí foi uma pena, foi uma pena porque acabou o ano! Aí veio o projeto disso, festa de final de ano e eu fiquei devendo, até hoje fico lembrando, eles queriam dançar tango... Eles queriam, eles falavam “Professora eu quero aprender isso!” / **VOCÊ DISSE QUE VOCÊ SEMPRE TRABALHA COM AS QUATRO LINGUAGENS DESDE QUE VOCÊ SE FORMOU, PORQUE VOCÊ ACHA IMPORTANTE?!** Porque eu acho que envolve o ser humano como um todo na arte, a Arte não é só... Eu falo pra eles... O uso das mãos e da mente! Você usa a mente em tudo, mas você usa o resto também. Nós vivemos assim, Então eu faço eles ficarem presos na carteira pra ver se eles conseguem só falar sem se mover. Eu faço muito isso! O exercício que eu faço antes de entrar com a Dança é: “Como eles reconhecem o que está acontecendo dentro da pessoa através dos gestos”, faço muito. Então eu entro e saio de diversas formas e peço para eles fazerem. Esse ano eu tive uma experiência no Souza⁸⁰, pena que essa sala eu perdi! Era maravilhosa a 7ª série C, a 7ª série C lá do Souza, maravilhosa! Tomara que o professor dê continuidade lá. “Eu quero fazer professora”, eles foram! Eles entravam de diversas maneiras, assim, era a aula que ia rolando. Tem salas que eles pegam meu jeito, aí eles se identificaram comigo. Daí eles entravam, porque eu queria que sem falar eles expressassem os sentimentos e o que eles estavam pensando, só que eu instigo a sair do senso comum eu coloco situações “Aconteceu algo que te deixou muito decepcionado em casa e você vem com isso pra escola, como você age, como você senta pra estudar?”, eu quero que eles entendam que a dança nada mais é do que a expressão daquilo que nós somos e sentimos, não é só treinar um movimento e mostrar, o Teatro também é isso né? Mas a dança eu fico com mais dificuldades de explicar, aí eu peço pra eles sem a fala. Ah! Uma coisa que eu trabalho muito, gestos do cotidiano, aí isso vira uma coreografia. Eu peço pra eles, “cada um traz um gesto do cotidiano”, isso para os maiorzinhos⁸¹ dá muito certo. De algo que eles gostem muito de fazer ou de alguma coisa, um curso que eles fazem eu vou instigando assim pra sair do comum. Uma atividade que ele curte

⁷⁹ O nome da escola foi substituído para preservar a identidade da escola e da professora.

⁸⁰ O nome da escola foi substituído para preservar a identidade.

⁸¹ A professora quando usa a palavra “maiorzinhos” está se referindo aos alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental (6ºs aos 9ºs anos).

muito fazer, aí ele vai trazer o gesto disso pra mim, isso somado aos outros se torna uma coreografia. Eu aprendi com a Renata Melo⁸², porque eu assisti a um espetáculo que se chamava *Boteco*, na USP e a gente teve a oportunidade de ter workshop no SESI quando eu tava lá ainda. Olha, tão novinha eu era! Uns 18 anos eu tinha! Eram dois espetáculos, aqui em Sorocaba, veio “Maria Bonita e Lampião” eles faziam um casal dançando. Como chama? Contato? **/CONTATO IMPROVISACÃO?/** Contato improvisação e a gente fez esse workshop, eles faziam o tempo todo assim, um apoiava no apoio do outro e eles se relacionavam dançando (Fez a professora fazendo os gestos, já em pé, se movimentando), contando a História da Maria Bonita e Lampião, aquilo ali eu falei, é o que eu gosto (risos). Nossa! Eu fiquei encantada! Em São Paulo, eu assisti “O Boteco”, a gente fazia várias excursões, eu tive uma adolescência muito boa! Eu compreendi muita coisa, a gente foi assistir o boteco, na USP lá em São Paulo, ela era diretora da coreografia, coreógrafa. Todos os gestos com objetos eram de pessoas que frequentavam o boteco e eles dançavam com os movimentos do boteco tinha coreografias com cadeiras, do jeito que senta (Fazendo os gestos com a cadeira e a batendo no chão), como o copo era trazido, assim eles contavam a História. E eu me lembro do *Boteco* e faço, falo assim “pessoal, vamos fazer o seu dia a dia na dança?” Ah, eles adoram! Eles querem contar como eles tomam banho, os pequenininhos amam, como eles arrumam a cama pra deitar e isso forma uma dança, porque eu peço, eu coloco a música “ gente agora isso aí vai ter que formar uma dança” e isso... o mais... Agora... O desafio! Fazer a harmonia, pra não ficar robô, aí que é o mais complicado! Aí eu tento interligar! Né fazer com que quanto mais o movimento interliga no outro, que não é uma coisa... Quebrada. É um ligado no outro. É o mais complicado, o equilíbrio, a junção, ouvindo o som ainda, mas dá muito certo, viu! Eles percebem, eles sabem, chega no final eles, fazem coisas muito interessantes. Só que esse tipo de trabalho, nem sempre chega nesse... nesse finalmente, nesse resultado. Porque tem classe que se fecha, às vezes fica um ou dois grupos fazendo... mas, eu não desisto! Quando eu percebo que eles, né? Eu lanço o desafio e às vezes eu coloco tecidos, objetos ajudam muito. No ano passado mesmo sobre a água, quanto mais tecidos eu trazia, de diversas texturas, voal... Acho que é tule que eu trouxe... Eles gostaram! Até os meninos! Os meninos se identificaram... Eu tenho gravado, eu acho que tá na câmera lá de casa, talvez até aqui tenha. **/ POR QUE ATÉ OS MENINOS? VOCÊ ACHA QUE OS MENINOS ELES TEM MAIS RESISTÊNCIA?/** Tem! Eles são mais duros né? Então eles querem muito ficar na parte da música, eles querem cantar durante , enquanto as meninas fazem os gestos e eu aproveito né! Às vezes eu pego alguns instrumentos de percussão, ponho no cantinho e falo “Então você vai fazer o ritmo da dança”, então eles vão criando (Começa a bater na

⁸² Renata Melo Moraes, bailarina, coreógrafa e preparadora corporal – Natural de Ribeirão Preto-SP.

mesa com as mãos) e o pessoalzinho vai fazendo, as meninas! Mas o que eu fiquei feliz dessa 8ª série do ano passado aqui é que os meninos gostavam. Então eles faziam então eu coloquei um, só que essa proposta foi diferente, eu trouxe um som que começava com tempestade e ia transformando em calma, o mar... Que depois nós usamos essa mesma música num sarau que nós fizemos que tinha uma cena assim aí eu... (risos) Não sei se você tá captando eu falo muito! Eles gostaram, mas daí, eu tinha que fazer um trabalho de formiguinha com eles, porque eles não conseguiam ter iniciativa sozinhos e eu tinha que dar o estímulo “Ai agora vocês vão pegar a tempestade, como é a tempestade?” Aí eles queriam só mexer tecido, não queriam mexer o corpo, os homens. Oh, mas eu não desisto, nossa eu fiquei umas três ou quatro aulas com esse grupo, não só com eles, mas eu não desistia deles, eles escondiam lá no fundinho achando que eu ia esquecer deles, mas eu não esqueci, chamava. Aí um deles até repetiu de ano, que tinha muita dificuldade, o Iago! Mas eu vejo ele rindo nos vídeos eu falo “Você vê faltou mais alguma coisa, esse menino foi por pouco, mas infelizmente...” No geral ele precisou repetir. Mas como ele se envolveu ali, né? Enquanto os outros professores falavam que ele não fazia quase nada, ele só atrapalhava, e ele se envolveu! Ele pegava o tecido “O professora, já to fazendo, to fazendo!” E ficava fazendo mesmo! Os outros meninos tiravam sarro (Risos), “Aí Iago, pare, tá parecendo menininha!”, mas não ele absorveu, ele incorporou, ele entendeu o que era a Dança! Aí eu fazia uma dinâmica pra eles se sentirem mais à vontade, aí saiu! A apresentaçõzinha deles de tempestade com o corpo. Aí eles queriam recortar, eles são presos nas coisas visuais, eles queriam recortar o sol, recortar a chuva, “Tudo bem, pode ter, como não? Pode ter uns elementos visuais... quanto mais coisa melhor, a música, o som, na hora tal acompanhando, mas o principal é o seu corpo fazendo!”. E deu um bom resultado! Mas eu percebo que é a persistência do educador! De perceber! Tinha um menino que no quarto ano, no Freitas⁸³, foi meu primeiro ano de escola na verdade, em 2003, eu entrei em agosto! E peguei aquele projeto, por isso que marcou foi o primeiro projeto. Por que eu não tinha participado da OT, eu fui atrás da ATP⁸⁴, eu liguei falei, “Oh, to sabendo que tem um projeto, eu quero fazer! Por que a professora, mesmo, tava aposentando! Então ela só tinha feito o da Alice e falou “Olha Maria⁸⁵ tem um monte de novidades, aí, não sei se você quiser ir lá pra ver o que é, mudou muita coisa mudou!” (risos). Eu falei “Então eu quero saber”, eu sempre fui curiosa né? Fui! Liguei pra ATP ela falou “Então vem aqui na oficina!” Era lá no Monsenhor João Soares, “Vem pegar o projeto!”, peguei! Ela me explicou! Ela contou pra mim o projeto, assim, que nem nós estamos aqui! Fui e fiz! Mas que legal! Tinha um

⁸³ O nome da escola foi substituído por Freitas para preservar a identidade.

⁸⁴ ATP- Assistente Técnico Pedagógico. Na época era esse funcionário que realizava as formações dos professores. O nome da ATP da época foi substituído para preservar a identidade.

⁸⁵ O nome da professora foi substituído para preservar a identidade.

menininho que foi aquela sala que eu comentei que eles ficavam na hora do intervalo eu fiz certinho, mostrei o esqueleto para eles verem como era o corpo, o barquinho pra sentir os ísquios, fui passo a passo e esse menino ele não lia e escrevia, ele tinha muita dificuldade ele era muito tímido e tava já no quarto ano. A professora PEB I ⁸⁶ficou admirada, porque ele se identificou, ele parecia que era o bailarino número um da companhia (Risos). Só ele queria fazer, eu falo “Calma, deixa os outros fazerem”. Mas ele se identificou tanto! Que eu comecei, desenhinho do dobrar, torcer na, na na... Aí, eles pintavam bonitinho e me entregavam. Aí expunha! Ah, também tinha a sala própria,⁸⁷ né? Lá no Freitas nessa época tinha! Tinha sala de Arte, então, eu ficava lá, com todo o espaço que eu queria. E eles, eu lembro até hoje, ele... eles iam inventando, era improvisação, nunca vi uma sala igual aquela! Eu tenho saudade, era muito boa, era uma sala muito boa, uma professora muito boa também de 4ª série e eu lembro dessas crianças, tinha uma outra menina, ela tinha sofrido um trauma, não sei quem tinha morrido e ela não falava mais e não escrevia e ela sabia ela era alfabetizada, ela tinha sofrido um trauma. E eu lembro que numa OT eu até falei, a ATP falou “Conte dessa experiência para os professores!”, Ela se expressava através da dança! Ela não tinha vergonha, ai eu chorava na hora que eu ia contar, por que eu achava que eu tinha que contar para os outros professores na época. E eu lembro dessa menina até hoje! Ela não sabia ler, não, ela sabia! Ela tava com um bloqueio e eu tinha um carinho com ela, né? No começo ela era super tímida e olha que de agosto, de setembro, de 13 setembro acho que eu entrei, até dezembro eu consegui fazer isso. Eu consegui! Mas, olhando assim, vivenciando com eles e... Eu acho que eu tinha que voltar isso! Eu acho que eu perdi um pouco, a gente vai ficando cansada, né? Um pouco na educação! Mas eu tinha acabado, eu tinha chegado de São Paulo, eu tava cheia de vontade, cheia de ideia e deu certo! ***EU VOCÊ ACHA QUE TEM ALGUM FACILITADOR E ALGUM DIFICULTADOR PRA TRABALHAR A DANÇA NA ESCOLA?*** Bom, tem bastante dificultador! (Risos) Primeiramente é o espaço. As salas são muito lotadas, eu acho assim, eu dou razão, eu tenho dó até, de professores que não, porque eu vivenciei isso, foi a minha formação foi na dança também, e o Teatro que é pura expressão corporal. Então, eu tenho isso comigo já. E quem não tem? Então eu acho assim, é muito sofrido, eu acho que o professor que consegue fazer esse você tem que bater palma, elogiar, por quê, é muito desafiador! Geralmente a escola não apoia algumas atividades, apesar que a Dança não é tão barulhenta, dá pra você fazer em qualquer lugar, mas você precisa de um espaço, você precisa tirar as crianças do lugar, você tem que ter um auto domínio muito grande com a sala, por que qualquer movimento diferente eles já acham que pode virar uma brincadeira, uma

⁸⁶ PEB I, se referindo à professora polivalente dos Anos Iniciais do EF.

⁸⁷ Sala própria que a professora se refere é sala ambiente de Arte, não é sala de dança!

baguncinha, né? Então, assim, a Dança, na minha opinião, ela só acontece quando o aluno entender o que é, e quando ele se sente o artista fazendo ali, o criador, quando ele não entende aquilo pra ele vai ser brincadeira, não vai ter fruto! Então o dificultador pra mim, é isso! É o espaço e a indisciplina algumas vezes, por que, nem sempre eu consigo convencê-los, as vezes numa sala deu certo o processo tudo, a importância... As vezes em outra não dá! Por que tem 38, 40 alunos. Fica mais complicado! Mas, dá pra fazer! Mas é mais complicado! E o facilitador, eu acho que hoje em dia foram os cadernos, muitos professores não gostam, mas eu achei maravilhoso, por que eles visualizam, as vezes eu pego uma imagem só de uma dança, né? Uma fotografia e dali eu peço para eles criarem a continuação daquilo! "O que veio antes, o que vai vir depois?", eles estão visualizando, os vídeos que vocês passam pra gente, a própria internet que tem os sites que você entra lá, ele tem essa oportunidade de ver, então isso pra mim foi facilitador! Eu amei os cadernos, tem atividade que até hoje eu tenho dificuldades de aplicar, mas aí é parte do professor, né? A gente tem que estudar mais, tem que ir atrás do conhecimento, principalmente em música, minha maior dificuldade no caderno é a Música! Mas a Dança também às vezes complica um pouquinho! Mas os exercícios que o próprio caderno do aluno pede pra gente fazer, geralmente dão certo! Mas eu, como eu falei, eu vou inventando, fazendo e vendo o que a sala tá gostando. Eu vou criando! Quando eu vejo que não tá dando certo, eu faço do meu jeito!

E QUAL É A IMPORTANCIA DE TRABALHAR A DANÇA COM ESSES ALUNOS? A importância, o reconhecimento dele ter o próprio corpo, dele se sentir alguém no espaço onde ele vive, eu percebo que eles não tem essa noção, que eles são alguém que ocupa o espaço e esse alguém ele é totalmente expressivo e ele precisa se expressar pra sociedade onde ele vive e também a parte cultural, né? A parte que ele vai entrar em contato com essa linguagem artística que no Brasil é tão importante, né? A Dança, é tão... Existem muitos trabalhos, muitos grupos fazendo muitas coisas interessantes em Dança então, eles também têm que saber isso! Que o Brasil sabe fazer, tem profissionais maravilhosos né, inclusive, eu sempre cito lá, Denise Stocklos⁸⁸, ela é coreógrafa, não é? Que está no Circo de Soleil não é? Ou esteve não sei. É o corpo como produção, então tem toda essa parte, mas em primeiro lugar eu penso que é mesmo o desenvolvimento do aluno como um todo, eu acho que a Dança, ela ultrapassa, ela é mais difícil que o Teatro, na minha opinião, se ela consegue desenvolver a Dança ela faz o Teatro, ela faz, o resto! Eu tive essa sensação. A Música é também é consequência, o Teatro é consequência, eu acho que a Dança vem antes ainda que o Teatro na expressão corporal, eu acho que se o aluno consegue dançar o resto ele faz! O Teatro ele faz, porque ele já entendeu que o corpo transmite ele vai todas as informações para os personagens, por isso que é

⁸⁸ Denise Stocklos- atriz e dramaturga brasileira.

	<p>importante o ator ter experiência em Dança. E a música tá totalmente relacionada com a Dança, eles confundem um pouco às vezes “Ai professora é aula de Música?”, “Não, não é aula de Música, hoje gente, nós vamos fazer Dança!”, mas eles puxam muito pra Música, “Mas não pessoal isso aqui hoje é Dança!”. E é suor, é transpiração! E quando eu dou aula assim, eu chego em casa e ... “Hoje eu trabalhei, hoje ganhei meu salário mesmo!” (Risos), poderia ter ganhado mais! É trabalho é suor, é dedicação! Por isso que não é todo mundo que vai conseguir! Deveria ter mais especialistas em Dança! (Risos). Não é todo mundo! Infelizmente, a Música já tem bastante especialista, o Teatro já tem bastante atores, principalmente aqui em Sorocaba com o curso de Teatro Educação, né? Que puxa um pouco para o teatro, agora a Dança... fica um pouco a desejar. Precisaria de mais profissionais, ou alguém capacitado pra vir na escola, né? A criança tinha que ver espetáculos de Dança, às vezes fica muito focado no Teatro. Tem que ter espetáculos de Dança! Pra ele ver o que é, e dança contemporânea! Um pouquinho de cada coisa, talvez né? Porque a Dança contemporânea é uma mistura, do clássico, de várias coisas... / BOM EU ACHO QUE É ISSO, A ÚLTIMA QUESTÃO É SE VOCÊ AUTORIZA A PUBLICAÇÃO DAS SUAS DECLARAÇÕES? / Autorizo! Fica à vontade! Se for útil! (Risos).</p>
--	---

Entrevista 2- Professor Má. Realizada em 08/04/2014

PROFESSOR/A Nº 2 NOME: MÁ.	Sexo masculino/ 26 anos de idade/ 5 anos de magistério no ensino de Arte/8 na Educação/1 ano na U.E. atual/ Trabalha 40 horas semanais na mesma escola/ Possui Pós-graduação em Linguagens da Arte- USP/ Não possui outra licenciatura.
DATA DA ENTREVISTA	08/04/2014
Tempo de magistério na rede estadual	8 anos
Linguagem de Formação	Licenciatura em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas.
Universidade que cursou a graduação.	Associação de Ensino Superior de Tatuí- SP/ Particular
O que motivou estudar Arte?	Desde pequeno eu tenho uma ligação muito íntima com o Teatro, por gostar muito de Teatro, por querer muito fazer Teatro eu fui procurar uma faculdade que saciasse essas minhas vontades. Eu venho de uma cidade chamada Ribeirão Branco, ela é bem no interior do Estado de São Paulo e daí a faculdade mais próxima que tinha e que ia ao encontro das minhas necessidades foi a de Arte em Tatuí é por isso que eu fui fazer Artes Plásticas,

	<p>mas a minha vontade inicial era ter feito Teatro. Na época tinha em Sorocaba, tava começando a Licenciatura em Teatro, mas como eu morava em Ribeirão Branco e tinha parentes em Itapetininga e daí tinha o transporte pra Tatuí, a mais próxima era a de Tatuí, daí eu resolvi fazer em Tatuí./ VOCÊ PARTICIPAVA DE GRUPO DE TEATRO? COMO ERA ESSA LIGAÇÃO QUE VOCÊ TINHA COM O TEATRO? Era o Teatro na Escola mesmo, quando o professor montava as peças pra apresentação de final de ano. Se sabe que foi bem engraçado, por que quando eu era bem pequeno eu não sabia o que era Teatro e eu já gostava da atuação, a referencia que eu tinha de Teatro era a televisão, aí na escola que eu fui descobrir o que era Teatro, vendo as apresentações de dia das mães, dia dos pais. E daí na escola eu comecei a pegar mais gosto pelo Teatro./ ENTÃO NA ESCOLA VOCÊ NÃO TEVE UM PROFESSOR QUE ENSINAVA TEATRO? VOCÊ GOSTAVA DE PARTICIPAR DOS EVENTOS DE TEATRO QUE TINHA NAS FESTAS? Não, não... Não tinha nenhum professor com habilidades específicas para Teatro. E também não tinha professor de Arte, porque não tinha a grade curricular para o ciclo I⁸⁹, então assim, era o que o professor fazia na sala de aula e o que ele resolvia. Era aquela questão dos PCNs, né? “Festinha pra final de ano que eles apontam...” / ESSA EXPERIENCIA SUA MAIOR FOI NO CICLO I? Foi, foi sim, foi no Ciclo I e no Ciclo II desencadeou eu como líder mesmo, trabalhava com os alunos.../ AHHH, ENTÃO VOCÊ MONTAVA OS GRUPOS NA ESCOLA? Eu lembro que na época eu fui voluntário do “Programa Escola da Família”⁹⁰, daí a gente montava peça na escola, daí foi assim, quando eu completei a maioria eu fui fazer Arte, mas pensando sempre na questão do Teatro. É engraçado por que até agora eu não tenho formação em Teatro.</p>
<p>E pra você o que é ser Arte Educador (a)?</p>	<p>Olha, eu sempre penso na arte educação como uma ferramenta para proporcionar para o aluno esta experiência mesmo com a Arte! A Arte na educação ela tem o conteúdo específico, ela tem as suas habilidades e competências ela tem toda essa questão do currículo, mas eu acho que o professor, o arte educador ele tem que ter o pensamento de artista. Por que se você passa para o aluno a Arte como a valorização do belo, a valorização da vida, o aluno ele vai ter mais interesse, vai ter mais significado pra sala de arte, agora quando a aula de Arte ela é vista só como conteudista só como conteúdo em Arte, eu não sei se vai ter muito significado para o aluno. Eu procuro propor para o aluno, nas minhas aulas, essa questão de experimentação artística mesmo, não que eu vá formar artistas, mas eu quero propor pra eles experiências de artista. Tanto que o currículo ele fala bastante do processo de</p>

⁸⁹ “Ciclo I”- O mesmo que Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

⁹⁰ Programa Escola da Família- Programa da Rede Estadual onde as escolas funcionam aos finais de semana para atender a comunidade, oferecer serviços, cursos, oficinas, etc.

criação, do suporte na Arte e isso é muito interessante. Quando eu comecei a estudar o currículo e em 2009 eu ingressei na sala de aula como professor efetivo eu tinha que trabalhar o currículo e daí tinha um monte de coisa que eu falava “Gente! O quê que é isso! O quê que isso tem a ver”, eu achava que não tinha nada a ver, porque era tudo muito contemporâneo. Daí eu comecei a estudar e vi que é mesmo a questão do artista levado pra sala de aula, né? A Nutrição estética, porque que é importante a nutrição estética? A questão do processo de criação, que ao artista ele tem um tempo para criar sua obra, essas experimentações são interessantes, agora só o conteúdo pelo conteúdo eu procuro tomar esse cuidado por que daí o aluno não vai ter o porquê de, né? Porque eu to fazendo isso? **ESSE CHOQUE QUE VOCE TEVE QUANDO PEGOU ESTE CURRÍCULO QUE VOCÊ ACHOU QUE NÃO TINHA NADA A VER E DEPOIS ESTUDANDO PERCEBEU, VOCÊ ACHA QUE É POR CONTA DO QUÊ? DURANTE A SUA FORMAÇÃO NA FACULDADE VOCÊ NÃO TEVE ESSE OLHAR?/** É na verdade não, na minha faculdade, tanto que eu falo que quando eu estudei para o concurso, o que caiu no concurso foi o que eu estudei fora da faculdade, a faculdade não acrescentou muito. A minha faculdade ela tinha um caráter assim de oficina de artes, a gente ia lá trabalhava com cerâmica, fazia uma pintura em tela e tinha umas professoras meio atrasadas no conteúdo que ainda davam essas coisas de festas comemorativas, tinha uma professora que dava artesanato pra gente, então, a gente... eu lembro que uma vez no carnaval, logo no primeiro ano da faculdade a gente fez uma baianinha! (risos) de papel cartão, daí em cima na cabeça da baiana tinha uma bandejinha de doce não, então também essa questão da universidade também, esse atraso da universidade! Por que eu penso, se tivesse uma disciplina, por exemplo - O currículo do Estado de São Paulo- por que a gente tá se formando para o estado de São Paulo e as chances de trabalho são nas escolas do estado, né? Um ou outro vai para as escolas particulares, mas você vê que a maioria ingressa em concurso? Em concurso do Estado? Então se tivesse uma disciplina, por exemplo- O Currículo do Estado de São Paulo- seria muito interessante! Porque lá na faculdade eu ia conversar com os meus amigos sobre estas questões que depois eu me deparei e nem conhecia, por que eu não conheci isso na faculdade! A minha faculdade não tinha uma grade curricular contemporânea, a grade curricular dela era moderna lá da década de 70...80...(risos) Por aí! Eu tive uma disciplina na faculdade que era desenho geométrico! E o desenho geométrico caiu da grade na LDB de 96! Eu fiz a faculdade em 2006, 10 anos depois ainda tava lá na grade, e eu como acreditava que o ensino de arte tinha que ser um ensino valorizado, tinha que ser uma coisa interessante para os alunos e que eles tinham que realmente sair com uma bagagem artística da sala de aula, da

	<p>escola, daí eu fui buscar, eu fui estudar!Eu aprendi muito na faculdade com os meus colegas de classe, mas, o curso mesmo, teve muita coisa boa na questão assim de pensar como artista, tive umas aulas de cenografia que foram bem interessantes, umas aulas de Teatro que também foram legais, algumas disciplinas voltadas pra Música foi legal por causa da questão do artista, mas pro meu trabalho em sala de aula pra minha ferramenta lá na sala de aula, não teve.../E VOCÊ TEVE DANÇA NA FACULDADE?/ Não teve! Eu tive uma disciplina que era “Fundamentos da comunicação e expressão humana” e daí o professor ele deu assim, uma carga horária de 20 horas de trabalho com Dança mas foi muito assim, pouco!Aí eu lembro que no último ano da faculdade eu fiz uma oficina na “Grande Otelo”⁹¹ que foi de experimentação em dança contemporânea, daí que eu fui conhecer o dicionário Laban⁹², essas coisas da dança que depois eu usei como ferramenta na sala de aula e o currículo do estado também, o legal é isso, que ele tem a referencia bibliográfica muito boa!Se o professor ele vai buscar ele consegue levar pra sala de aula depois, claro que tem de experimentar e tem que errar bastante, né?Mas a questão da faculdade mesmo eu achei que ela deixou bem a desejar em alguns aspectos do trabalho do professor, porque tinha as disciplinas, por exemplo, de Didática de Ensino, de Psicologia da Educação, eu acho que ali que a gente ia ter que ter oportunidades de pensar o currículo na escola, mas não teve/AQUELE TRABALHO DE DANÇA QUE VOCÊ FEZ LÁ NO CAMPOS? QUAL FOI A MOTIVAÇÃO?/Eu tinha começado a especialização de Linguagens da Arte, daí a Inês Bogéa, ela propôs uma experiência m dança a partir das brincadeiras e ela até ofereceu um material de apoio, então foi a partir disso que eu achei legal pra trabalhar em sala de aula e eu trabalhei com eles seis meses de trabalho, foram seis meses de trabalho com a Dança, a gente brincou bastante, daí depois tinha a questão do dicionário Laban, mesmo, daí que a gente foi criando a partir disso, bastantes atividades artísticas a partir da dança, a questão do desenho coreográfico...</p>
<p>Pra você o que é a Dança?Como você ensina esta linguagem? Qual a importância desta linguagem na formação dos seus alunos? E como ela se desenvolve na escola, seus facilitadores e</p>	<p>Pra mim dança é conhecimento!O aluno quando ele começa a desenvolver experiências em Dança ele vai estar conhecendo seu corpo e ele vai ver que esse corpo tem as suas potencialidades. Então assim, o aluno que experimenta a Dança na escola ele vai ver que o corpo dele pode falar, o corpo dele vai contar uma história através da Dança. Como eu começo a desenvolver essas experiências na escola? É mais como se fosse uma brincadeira, um jogo. Sempre eu começo com as brincadeiras infantis né?As experiências assim “Vamos sair, vamos brincar, vamos correr!” E depois criar um diálogo através</p>

⁹¹ Oficina Cultural Grande Otelo de Sorocaba.

⁹² Dicionário Laban referindo-se a publicação que foi fruto da tese de doutorado da professora Lenira Peral Rengel.

<p>dificultadores?</p>	<p>disso. “Quando vocês correm vocês estão fazendo um movimento, já pararam pra pensar neste movimento? Esse movimento que vocês estão fazendo a partir daí pode surgir uma dança”. Tipo meu braço no pega-pega pra pegar o aluno eu to começando a ter um movimento em Dança e daí, parar pra pensar neste movimento e a partir daí criar experiências em Dança./ E NESTE TRABALHO COM DANÇA VOCÊ CHEGA A TRABALHAR ALGUM COREÓGRAFO, ALÉM DESSE FAZER COM OS JOGOS?É então, por exemplo, tá brincando daí de repente, assim na sala de aula eu vou e passo pra eles um vídeo da Pina Bauch que ela faz um movimento também a partir da criação do corpo, o corpo tá falando. É... aquele lá que foi na oficina de Arte que eu ganhei o livro dele ô...? /IVALDO BERTAZZO?O Ivaldo Bertazzo, quando ele fez a “Rua do Encontro”⁹³ com as crianças e as crianças fazendo o movimento e é legal por que a gente leva o discurso “De onde surgiu esse movimento?” Né? A criança vai pensar na sala de aula, aonde o autor deste espetáculo aonde ele buscou este movimento?Como eles começaram a pensar na concepção deste espetáculo?Ele vai começar a pensar este movimento que a princípio era brincadeira e depois vai deixar de ser brincadeira e vira consciência, né?/COMO QUE ESSA DANÇA ENTRA DENTRO DO CURRÍCULO DE ARTE?CONVERSANDO COM AS OUTRAS LINGUAGENS COMO VOCÊ CONSEGUE TRABALHAR ISSO? Igual o ano passado, por exemplo, eu trabalhei com eles o Ademir Martins⁹⁴ e tinha o currículo de Arte que pedia para trabalhar os níveis da Dança, o nível baixo, médio e alto. E como eu trabalhei o Ademir Martins tinha a questão dos gatos eu trabalhei com eles a experimentação do pulo do gato a partir de uma música do Vinícius de Moraes⁹⁵, “Num livre salto leve e seguro o gato pula do chão ao muro”, quando ele tá caminhando no chão ele tá no plano médio, a partir do momento que ele dá um pulo ele vai para o plano alto, isso com as quintas séries. E a partir daí você tentando amarrar geralmente as quatro Linguagens, porque se eu experimentei com eles, na verdade o foco o ano passado foram as Artes Plásticas, mas eu poderia propor a partir daquilo que eles estavam fazendo em Artes Plásticas uma experiência em Dança, foi o que eu fiz. E é o que eu mais tenho de lembrança no ano passado, por que eu fiquei bastante nas Artes Plásticas no ano passado, quando eu trabalhei bastante com dança foi lá no Campos⁹⁶, que agente construiu as brincadeiras, daí depois, a gente criou as coreografias a partir das brincadeiras. / VOCÊ TEM UMA ESTRATÉGIA DIFERENTE PARA TRABALHAR COM OS ALUNOS DOS ANOS INICIAIS, FINAIS? É A MESMA COISA?Na verdade com o Ciclo II você tem que partir</p>
-------------------------------	---

⁹³ Idem ao 23

⁹⁴ Ademir Martins, artista plástico brasileiro.

⁹⁵ Vinícius de Moraes- Poeta, dramaturgo, compositor brasileiro

⁹⁶ O nome da escola foi substituído para manter o sigilo.

com aquela concepção que você tem com Dança, por que quando você fala pra ele de Dança eles vão lembrar daquilo que tá no cotidiano deles que é o Funk, que é o Axé e daí a partir deste Funk, deste Axé, você apresentar as outras linguagens da própria Dança, né? As outras maneiras de se dançar. Já no ciclo I e no início do Fundamental II, com as quintas séries eu trabalho mais com o imaginário da brincadeira mesmo, que a partir desta brincadeira você criar concepção em Dança e daí depois, no final do Fundamental II você já pensar na questão do movimento do Funk, por que surgiu esse movimento, por exemplo, e como pode ser esse movimento em dança contemporânea, com o transformar esses movimentos do Funk em dança contemporânea e assim vai. / **E ENTRA PRA ESSA HISTÓRIA DA DANÇA OU NÃO? / VOCÊ PROCURA ENSINAR PRA ELES ENTENDEREM O QUE É DANÇA CONTEMPORÂNEA O QUE NÃO É?** É mais assim a coisa da nomenclatura, seria bem interessante você fazer todo um resgate, né, do que é dança contemporânea, por que existe a dança contemporânea o que seria uma dança moderna, mas não trabalho! Não trabalhei, mas o conceito sim, o que é contemporâneo, o que acontece no contemporâneo sim, mas não é aprofundado o tema, embora sabendo da necessidade, seria mais rico para o aluno... / **PRA VOCÊ O QUE É FACILITADOR E O QUE É DIFICULTADOR PRA TRABALHAR O ENSINO DE DANÇA NA ESCOLA?** No ciclo I a questão do movimento pra eles aceitam tudo, “Vamos fazer isso? Vamos fazer aquilo? Vamos?” Porquê o corpo ele tá começando a se desenvolver, então todas as possibilidades eles aceitam. Já no ciclo II existe um bloqueio deste corpo, quando você fala “Vamos fazer tal exercício?” Aí, o aluno já não quer fazer, tanto que eu acho que se você chegar e falar assim na sala de aula “Hoje a gente vai trabalhar com dança”, o aluno ele já vai ter um bloqueio, aí se você fala pra ele “Vamos lá fora fazer um jogo, vamos brincar?”, talvez ele aceite mais. Não utilizar a palavra dança. Por exemplo, se você fala assim numa 8ª série, a 8ª série do ano passado era uma 8ª assim muito ríspida, ela não aceitava muito as propostas, então eu trabalhei apenas umas duas aulas só com experimentação em Dança, mas a primeira aula eu não falei pra ele que a gente ia no pátio pra dançar eu falei que a gente ia sair pra realizar um jogo e eu trabalhei aquele jogo do Monjolo “Bate o monjolo no pilão...” daí conversando com eles, na sala de aula, eu conversei que aquilo era um movimento que a partir daquele movimento poderia surgir uma dança, daí quando eu peguei coloquei pra eles para eles criarem uma frase coreográfica a partir deste movimento do pilão eles já aceitaram, mas se eu pedisse num primeiro momento para eles no primeiro momento “Ai, criem uma frase coreográfica com essa canção”, eles não iriam fazer por quê teria o bloqueio. Eu acho que a maior dificuldade no final do ensino Fundamental, na sétima e oitava série é essa questão do corpo, mesmo que ele já está

	<p>estacionado, né? Por que não foi trabalhado antes. Se o professor de Arte ele pegou esse aluno lá na quinta série/sexto ano e ele foi trabalhando isso com o aluno, quando chegar no nono ano vai estar... já vai estar super apropriado da questão da dança, senão aí vai ser mais difícil. E é preciso, aí, então, você trabalhar só o currículo da dança pra conseguir ter algum êxito, não dá, por exemplo, pra trabalhar as outras linguagens, tem que chegar a focar a Dança e daí você vai, eu acredito, né? Não sei. Você vai só trabalhando com a Dança pra você conseguir fazer com que o aluno tenha bastante experimentação significativa, senão, eu acho que não vai fluir daí! E NO TEATRO TEM ESSE PRECONCEITO TAMBÉM? VOCÊ SENTE QUE SE CHEGAR E FALAR PRA ELES “HOJE NÓS VAMOS TRABALHAR TEATRO!”? É a mesma coisa! É a mesma coisa, tanto que no começo do ano eu até mandei uma mensagem pra você, lembra? Que eu queria saber como funcionava os “descentralizados”⁹⁷, que eu queria fazer um festival interno na escola e eu comecei com esse erro, por que eu cheguei na sala de aula e falei “A gente vai montar uma peça de Teatro”, aí uma oitava série aqui é uma oitava série que os alunos são bem tímidos, eles não gostam muito de falar e até minha aula ela teve um caráter assim de antipatia, teve uma apatia dos alunos nas minhas aulas, aí eu falei pra eles, “ Não gente, foi cancelado, não vou fazer mais”. E agora que eu vou retomar pra começar com eles fazendo os jogos teatrais, as brincadeiras tradicionais, também, mas sem falar que aquilo é Teatro, daí depois começar a produzir. É a mesma coisa. Sempre tem que partir do jogo da brincadeira e até mesmo quando eles já estão assim, muito influenciados por esses ritmos da cultura em massa, num primeiro momento eu acho interessante trazer essa cultura em massa para a sala de aula, pra a partir daí você oferecer outros conhecimentos pro aluno, por que é aquilo que eles gostam, né? É aquilo que eles estão vendo!</p>
--	---

Entrevista 3- Professora Lá. Realizada em 16/04/2014

PROFESSOR/A Nº 3 NOME: LÁ.	Sexo feminino/ 32 anos/Possui 4 anos no Ensino de Arte/ E 6 anos na Educação/ Trabalha 30 horas semanais / Esta a menos de 1 ano na atual U.E./Possui pós na área de dança(Klauss Viana) e não possui outra licenciatura.
DATA DA ENTREVISTA	16/04/2014
Tempo de magistério na rede estadual	4 anos

⁹⁷ Projetos descentralizados é um sistema da Rede Estadual onde o professor pode fazer cadastro de projetos para custear algum projeto que necessita de verbas para sua realização.

Linguagem de Formação	Licenciatura Plena e Bacharelado em Dança.
Universidade que cursou a graduação.	UNICAMP- SP/ Pública.
O que motivou estudar Arte?	<p>Eu sempre gostei, né! Desde pequena sempre fiz a escolinha, aula de dança, de balé, aí depois eu entrei pra escola mesmo, ensino fundamental na adolescência voltei a fazer academia, sempre academia de dança, hoje são chamados de cursos livres, mas eu fui segundo neste caminho, aí quando chegou no Ensino Médio, com 17 , “O quê que você vai fazer?”, veio a questão, como era uma coisa que eu gostava muito, eu fiquei muito em dúvida entre outras áreas, de Humanas também, todas, mas veio muito aquela questão de fazer o que você gosta, fazer o que te dá prazer. Todo mundo me falava, faz o que você gosta, porque você vai trabalhar com isso um tempão, o resto da vida, minha motivação foi mesmo por gostar muito, então meu hobby acabou virando... Decidi que meu hobby viraria minha profissão que eu iria ser bailarina profissional, iria fazer uma faculdade de Dança. Eu queria uma faculdade de Dança, não queria começar na informalidade, no sentido de não ter nenhuma formação acadêmica, então eu resolvi, descobri onde tinha um curso de Dança, na verdade eu já sabia onde tinha antes do 3º ano, já tinha ido atrás disso, aí eu resolvi dai eu resolvi prestar um vestibular, seguir na carreira de bailarina, ou professora, enfim, alguma coisa na área de Dança, não necessariamente a parte de intérprete. Eu fiz Bacharelado e Licenciatura, quatro anos, curso integral de Dança. Tanto que no meu diploma tá lá “Licenciatura Plena em dança” por que tinha a curta há um tempo, a minha é a plena, aquela de muitas horas, eu fiz essa, essa formação!</p>
E pra você o que é ser Arte/Educador (a)?	<p>Pra mim, ser arte/educador, o nome já diz, ele educa em Arte. A Arte é uma linguagem como é a Língua Portuguesa, só que ela é uma linguagem feita de outra forma, então o Arte educador ele, eu to ensinando essa linguagem para o meu aluno, to ensinando ele a usar essa linguagem, apreciar ela em outros momentos e saber dizer em que momento ela aconteceu e porque que ela aconteceu daquele jeito, é bem o tripé que a Ana Mae⁹⁸ fala mesmo, né? Eu tenho que ensinar essas questões pra ele para que é uma linguagem, ele tem que dominar essa linguagem, essa ferramenta, então, dominar não é bem... dominar é meio uma palavra que é meio ruim assim, mas, o arte educador tem que ensinar o aluno a se apropriar dessa linguagem é claro que ele vai dar uma base, eu não vou me aprofundar, por que não é uma graduação, não é uma formação mais específica, mas eu tenho que dar essa noção pra ele, né, dessa linguagem, ele tem que se apropriar dela de alguma forma e poder usar e saber</p>

⁹⁸ Se referindo a arte educadora e pesquisadora Ana Mae Barbosa.

	usar e saber falar sobre ela, então pra mim é isso!
<p>Pra você o que é a Dança? Como você ensina esta linguagem? Qual a importância desta linguagem na formação dos seus alunos? E como ela se desenvolve na escola, seus facilitadores e dificultadores?</p>	<p>Em Primeiro lugar dança é, pra mim, uma forma de expressão, eu to me expressando, eu quero dizer, eu to mandando um recado, pra alguém pra quem quiser ouvir de uma forma não verbal, eu to dizendo meus sentimentos, minha visão de mundo, minhas expressões sobre esse Mundo, sobre um tema, sobre qualquer coisa que eu quero falar, por que é muito amplo o tema que você pode usar, pode ser um momento, pode ser um sentimento, uma vivência, então pra mim Dança é isso! Uma forma de comunicação. Dançar é dizer sobre mim, sobre a forma que eu vejo o Mundo. Eu acho essencial, pra formação do meu aluno, pois, a Dança ela trabalha no capô do sensível e através da Dança você se conhece ela é um caminho de autoconhecimento, em primeiro lugar, antes mais nada. Antes de ela ser uma expressão que serve pra um fim artístico ela é uma forma de autoconhecimento, eu conhecer o meu corpo e conhecer as possibilidades que meu corpo tem em movimento me abre pra outras coisas. Que a gente sabe que o corpo tá ligado com mente, com o social, com tudo. Eu sou o meu corpo, não tem como você deixar seu corpo em casa e sair, tem? Não tem! Então, a forma de estar no mundo é pelo meu corpo, não tem como. Então, se o aluno conhece, se o estudante conhece esse corpo e as suas possibilidades ele vai viver de uma forma muito melhor e daí claro ele vai saber e aí sim, antes de entrar propriamente no mundo da Dança, que é esse mundo, “Quem é o coreógrafo? Quem é o diretor? Quem são os bailarinos?” Né? Porque, na escola a gente tem que passar por esses conteúdos também, antes disso, ele vai experimentar nele isso, aí que ele vai poder partir para o “conhecer” outras coisas né? E saber apreciar isso, porque se ele não viver, ele não vai saber apreciar também. Dentro da escola, a Dança tem um espaço restrito, por conta da questão da estrutura física, não necessariamente dos alunos, alguns têm resistência, mais a maioria, pelo menos até hoje, dando aula nas escolas, não tiveram. Só no comecinho, quando eu comecei a dar aula, na escola, como professora de Arte, teve um pouco, mais de resistência, mas depois não. Tem alguns alunos que resistem, mas não são muitos. Às vezes mais por vergonha do que pelo não gostar. Então, mas a dificuldade maior tá na estrutura mesmo, na sala, não tem como fazer! Então, tem que ir para um pátio, ou para uma quadra e aí que eu tenho um espaço físico que eles podem ficar em pé, sem carteira... e podem se locomover, né, mas é um trabalho assim, mais corporal. Agora, como trabalho com dança? Não dá pra usar uma técnica específica, por que a técnica específica, um balé, ou um jazz, ou um sapateado elas são muito direcionadas, então, eu acho que o objetivo da Dança na escola não é este, não é direcionar para uma técnica, basicamente eu trabalho muito com jogos, jogos no sentido do... Jogo corporal, jogo no sentido lúdico da palavra, também, mas não só isso, com dinâmicas, né! Que trabalham questões</p>

ligadas à dança, que é comum a todas as danças, então eu trabalho com dinâmicas que trabalham o espaço, a parte corporal, às vezes o uso de um objeto, o tônus muscular, ou trabalha a criatividade, tem momentos que eu peço para os grupos criarem, baseados, claro, num tema, ou num trabalho anterior de corpo, criatividade, tônus, espaço, são aspectos da dança que são comuns a todas elas, a todas as técnicas. Então independente da técnica, eu estou usando tudo isso. Então eu trabalho dentro dessa linha. E aí, entra também a consciência do corpo, as possibilidades de movimento que meu corpo pode fazer né, de articulação, como eu posso trabalhar com tal osso ou músculo, movimentar de tal jeito, aí entram teóricos e artistas que já desenvolveram trabalhos assim, então eu uso um pouco da conscientização corporal, da educação somática, uso Laban, uso elementos assim, né? Improvisação, que daí trabalha com a criatividade, são coisas comuns a todas elas, assim, atividades que dá, dentro das possibilidades do espaço físico. Tem coisas que não dá pra fazer! Que limita um pouco dentro do espaço, mas é possível fazer. **./NESSA ESCOLA QUE VOCÊ ESTÁ ATUALMENTE, VOCÊ ESTÁ CONSEGUINDO DESENVOLVER ESSE TRABALHO?/** Tô! Mesmo com toda essa questão, porque as vezes, o ruim de fazer lá fora é , porque dispersa o som da minha voz! Então, como é um espaço aberto, fica ruim! Os facilitadores seriam: Que eu tenho o apoio da direção e da coordenação, ninguém me veta por isso! Por que às vezes tem que escola que, ou não tem o espaço, ou de repente tem uma resistência... Isso é um facilitador! Os alunos gostam muito das aulas práticas, então é um facilitador. O dificultador é mais a questão do lugar, mesmo! **./VOCE DISSE QUE NO COMEÇO, QUANDO VOCÊ COMEÇOU A DAR AULA, VOCE SENTIU UM POUCO DE RESISTENCIA DOS ALUNOS? E HOJE, VOCÊ JÁ NÃO SENTE MAIS TANTO ESSA RESISTENCIA, VOCÊ TEM ALGUMA POSIÇÃO A RESPEITO DISSO?/** Talvez, quando eu comecei, foi um ano depois que eu me formei, então, talvez a minha visão de como eles fossem reagir, fosse diferente, pode até ter sido outra coisa que não resistência, mas eu na época li como resistência, né talvez seja isso! Aquela coisa, será que foram eles que mudaram ou foi eu que mudei a minha forma de olhar, porque eu não encontro mais hoje, talvez a minha postura, ou a minha experiência com aquele publico... Porque eu esperava outra coisa, então não veio àquilo que eu esperava, eu me frustrei e achei que era uma resistência. Porque, antes de eu começar como professora de Arte na rede, eu dei aula como professora de dança numa escola de ensino não formal e essa escola dentro da UNICAMP mesmo, eram pequenininhos que eu dava aula, os pequenos era outra coisa corporalmente falando, né? Criança de educação infantil... Então, e era só dança, eu não trabalhava as outras linguagens, né, então, nessa, a gente tem que contemplar as outras também, então, aí como professora de Arte mesmo,

	<p>foi diferente, o público era outro, a escola era diferente, eles tinham aquela ideia que aula de Arte era só desenho, coisas que muitos, hoje em dia já não têm, porque já passou já. Eu comecei a dar aula, eu entrei na Rede, no SESI na época era o SESI, em 2004. Já fazem 10 anos, eu tinha acabado... Então, de 10 anos pra cá os alunos já entenderam o que é Arte, pouquíssimos alunos pensam que aula de Arte é só desenho, já foi desconstruindo essa ideia que, com todos os cadernos, com todos esses... Tudo! Que foi tendo, que o estado, não só o estado, todas as redes, todo o mundo, fez isso. Todas as outras escolas tiveram que fazer, aí foi desconstruindo um pouco. Na época já tinha essa ideia também. <i>Como assim, vai ter aula de Dança? A aula não é de Arte, de desenho? Educação Artística?</i> Alguns falavam Educação Artística ainda! O antigo nome... Que hoje não se fala também mais.</p>
--	---

Entrevista 4- Professora Sá. Realizada em 19/05/2014

PROFESSOR Nº 4 NOME: SÁ.	Sexo feminino/ 55 anos/Atua a 16 anos no Ensino de Arte e há 21 na educação/Trabalha a 12 anos na atual U.E./Exerce 40 horas de trabalho semanal/Não possui pós-graduação, nem outra licenciatura.
DATA DA ENTREVISTA	19/05/2014
Tempo de magistério na rede estadual	21 anos
Linguagem de Formação	Licenciatura Plena em Educação Artística- habilitação em Artes Plásticas
Universidade que cursou a graduação.	Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio- ITU/Particular.
O que motivou estudar Arte?	<p>Eu desde pequena tenho esse lado artístico, mas na parte de desenho. Eu tava fazendo magistério e depois do magistério eu achei que tinha que fazer a Arte porque era uma coisa que eu gostava de fazer. Sempre eu gostava de artesanato, que não tem nada a ver com a Arte, mas eu gostava de desenho... Depois a minha família tudo faz parte de desenho, também são bons né? Então foi em cima disso daí que eu comecei a ter o gosto. Depois na faculdade eu gostava muito da parte de geometria, só que como não tinha, tinha que escolher, um ou outro e minha diretora sempre incentivou mais do lado das Artes Plásticas pra depois eu ir pra geometria, mas daí eu fiquei gostei e to aí até hoje!</p>
E pra você o que é ser Arte Educador (a)?	<p>Pra mim, como eu gosto daquilo que eu faço, pra mim é tudo né? Você vê o aluno começar a tirar da ideia dele, ali, a gente dá um tema, desenvolve algum raciocínio e eles começam a pensar a tirar a ideia. Sair àqueles trabalhos... Mesmo nas releituras! Eles não são de copiar a releitura! Eles fazem uma</p>

	interferência, uma intervenção naquela imagem e sai cada trabalho mais bonito do que o outro. Então a gente fica, né? Eu pelo menos gosto dos trabalhos deles, então a gente incentiva a sempre ele criar cada vez mais e não deixar ele ficar na cópia.
Pra você o que é a Dança? Como você ensina esta linguagem? Qual a importância desta linguagem na formação dos seus alunos? E como ela se desenvolve na escola, seus facilitadores e dificultadores?	<p>A Dança pra mim é o desenvolvimento do corpo, eles vão estar trabalhando a música e o corpo para desenvolver a ideia e o tema lá que eles se propuseram fazer. Para ensinar Dança em Arte eu tenho meio dificuldade, meio, não! Tenho bastante dificuldade pela minha formação! Agora, esse desenvolver que a gente tá começando sair com os alunos também e eles não entendem muito bem...E por causa do caderninho que a gente agora que tá começando a desenvolver, mas dentro da sala de aula por enquanto. Porque antes a gente não tinha nem como saber, a gente não tinha lugar de pesquisa nem nada e com o caderninho ajudou! As fotos, as imagens... Eles conhecerem a Arte Contemporânea, eles não sabiam o que era Arte Contemporânea, então por isso foi meio difícil aceitar, né? /E COMO QUE VOCÊ TRABALHA COM A DANÇA NA SALA DE AULA?/ Eu ainda tenho um pouco de dificuldade então eu tenho medo de não fazer a coisa de acordo, então, antes eu quero me aprofundar primeiro pra começar a desenvolver, por enquanto tá sendo na imagem e no caderninho e através de pesquisas que eles vão também. Daí eles tem uma ideia, né, do que é uma Dança Contemporânea ou outro tipo de Dança. /PESQUISA NA INTERNET NA SUA AULA OU VOCÊ PEDE PARA ELES TRAZEREM?/ Não, eles fazem em casa e trazem!/E TEM ALGUMA PRODUÇÃO EM REALIZAÇÃO A DANÇA?/ Não até agora não entregaram nenhuma, só as pesquisas mesmo!</p>

Entrevista 5- Professora Vá. Realizada em 19/05/2014

PROFESSOR/A Nº 5	Sexo feminino/ 35 anos/Atua a 8 anos no Ensino de Arte e há 21 na educação/Trabalha a 8 anos na atual U.E./Exerce 40 horas de trabalho semanal/Possui pós-graduação em literatura Brasileira e Língua Portuguesa e Licenciatura também em Língua Portuguesa.
NOME: VÁ.	
DATA DA ENTREVISTA	19/05/2014
Tempo de magistério na rede estadual	12 anos
Linguagem de Formação	Licenciatura Plena em educação Artística- Habilitação em Artes Plásticas.
Universidade que cursou a graduação.	UNAR- Universidade de Araras/ Particular.
O que motivou estudar Arte?	Então, Quando eu fiz a faculdade de "Português" eu fui pra sala de aula e vi que a realidade é bem diferente do que a gente imagina... A teoria e ensinar e

	<p>os alunos em Português eles tem... Acho que muita dificuldade, que deixa a gente um pouco angustiada. Daí, eu sempre gostei de Arte assim... Por que eu...Arteira mesmo! Não assim igual a Maria⁹⁹ em relação a pintura e desenhar. Mas eu, Dança... Essas coisas assim eu gosto bastante! E teatro eu participava quando eu estudada no Ensino Médio... Então, aí eu fui fazer Arte por que eu pensei “ Ah, vou tentar fazer outra faculdade vê seu vou gostar se eu tiver que dar aula, pra ver se vai ser o que eu penso ou se vai ser meio frustrante como o Português” , daí eu vi que era mais a minha praia. Aí, antes de terminar ainda a faculdade, eu passei no concurso, aí eu falei “Ai meu Deus e agora?”, aí eu fui dar aula, mas com pouca experiência, eu vi que era muito mais gostoso eu me sentia bem mais feliz, na educação dando aula de Arte. Eu achei bem melhor, me realizei mais profissionalmente como professora, dando aula de Arte do que de Português.</p>
<p>E pra você o que é ser Arte Educador (a)?</p>	<p>No meu ponto de vista eu sou muito mais realizada trabalhando com arte do que com outra disciplina que eu já trabalhei, gosto muito . o que eu faço, faço com amor!Quando eu fui fazer a faculdade eu já sabia que ser professor, não ia ficar rico mesmo. Que eu não conhecia nenhum rico, então eu já tinha consciência do que eu tava fazendo e faço o que eu gosto, agora se a gente tivesse mais valorização, todo mundo ia trabalhar mais feliz, sendo mais valorizado, todo mundo. Só que eu fico na carreira então eu tento fazer tudo da melhor forma possível com o que eu tenho de recurso, o que a escola pode oferecer, o que o governo oferece e tento fazer da melhor forma possível por que não adianta, porque se eu não to feliz tenho que partir pra outra coisa. E eu to feliz, eu gosto do que faço e não me vejo fazendo outra coisa a não sendo professora. A gente tem amor por eles, a gente acompanha eles num certo período depois a gente trata eles como se fossem seus filhos, você tem um carinho muito grande por eles e aquele aluno que dá mais trabalho é o que você tem mais amor por quê é o que precisa mais da gente, né?Então eu vejo e me espelho em outros professores também, sou um pouco brava porém por amor, senão não funciona também a coisa, mas eu gosto do que faço.</p>
<p>Pra você o que é a Dança?Como você ensina esta linguagem? Qual a importância desta linguagem na formação dos seus alunos? E como ela se desenvolve na escola, seus facilitadores e dificultadores?</p>	<p>Dança... Eu acho assim, os alunos têm dificuldades se você pedir para que eles façam alguma coisa na sala de aula uma apresentação ali, eles têm vergonha, pra mim eu chego, danço , falo alguma coisa pra eles, as vezes eu danço um pouco pra eles eu falo alguma coisa, falo do forró, falo de outros estilos de Dança, mas eles ficam tímidos, eles tem vergonha, por que eu gostava muito porquê eu vim do interior, tinha muito isso, as quadrilhas, as Danças caipiras... Eu até tinha vontade que tivesse bastante coisas para os nossos alunos, eles não tem muito essa cultura, não se eles não tiveram ou eles</p>

⁹⁹ O nome foi substituído para preservar a identidade dos professores entrevistados.

tem vergonha mesmo por causa da idade, não sei qual é o fator que mais pega, mas é difícil! Mas daí eu tento deixar eles a vontade na sala de aula não sai muita coisa assim em relação a Dança, as vezes por eles gostarem de Hip Hop, Funk, daí eu consigo pegar algumas coisas melhores, daí eles acabam as vezes cantando,... E “Agora vocês podem dançar, aproveitem!” .Aí a música também aí eles aproveitam... Mas são poucos! Mas se você pedir a sério mesmo, eles não fazem! Só assim no natural. Agora trabalho assim, em relação a Arte, a Dança, aí eu levo eles, agora eu to tentando usar a informática agora aqui com eles, pra eles pesquisarem alguma coisa em relação a música, a Dança que eu já dei e aí eles veem alguns vídeos também né? De balé da cidade de São Paulo... Eles viram esses dias... Tá difícil só o problema maior é o acesso aqui na escola eu acho que em todas as escolas, é geral! Que daí, cai! Cai, eles não conseguem ver inteiro porque não carrega, então tem essa dificuldade, mas eles tão gostando de ir pra informática, daí eles tão vendo por outro lado. Que também só ali a gente mostrar as imagens... é uma coisa que eles mostram e não veem sentido, daí eu até peço pra eles fazerem alguma coisa em relação aquilo, responderem as questões que tão na proposta, mas não é a mesma coisa que eles chegarem e verem alguma coisa em relação ao que é, daí eles falam “Nossa professora que legal, eu não achei que era assim!” eles despertam mais o interesse. Esses dias eu achei legal por que eu passei a pesquisa e eu nem pedi e quando eu passei, eles estavam assistindo o vídeo. Olha que legal! Ele se interessou e abriu lá pra ver, então são coisas que eles se interessam, se tivesse mais recursos, né? Uma sala de informática que não caísse a conexão tivesse um espaço, eu acho que daria mais resultados. **/ENTÃO VOCÊ ACHA QUE UM DOS DIFICULTADORES EM RELAÇÃO A DANÇA DA ESCOLA SERIA O QUÊ?/** O espaço físico! Vamos supor um teatro... Vamos supor se na escola tivesse uma sala que tivesse um espaço com teatro para Dança, pra gente fazer com eles primeiro fechado ali, só com a sala depois sim abrindo... Mas não tem como, vou levar eles... Aqui embaixo tem um espaço, um palco pra apresentação, eles já não ficam, porque eles tão vendo que tá passando um monte, eles não se sentem à vontade, coloca eles ali num lugar mais fechadinho, num lugar diferente, por que na sala de aula tem as cadeiras, então não dá pra fazer. Mas um lugar aberto, uma sala sem as mesas, pode até ter os bancos, mas encostadinho, depois deixa o espaço, daí eles vão sentir mais à vontade e daí na hora da apresentação eles vão ver que dá pra fazer que eles tem capacidade, mas ensaiar, ou fazer alguma coisa aqui fora, assim propor pra eles é dificuldade! Muita dificuldade! Eles não fazem, não adianta! Daí você vai perder, assim você vai ficar frustrada então você vai de acordo com o que eles vão querendo... Eu acho! **/ENTÃO VOCÊ JOGA A PROPOSTA E DEIXA ELES ESTUDAREM?/** É então deixa ver o que eles fazem! E deixa ver o que eles

	<p>fazem, igual aquele dia eu achei que eles não iam entrar pra assistir e eles entraram, então quer dizer, um olha, vê o que o outro tá fazendo e eles fazem./ENTÃO O SEU TRABALHO DE DANÇA ELE É MAIS VOLTADO PARA O CADERNINHO E PRA PESQUISAS NA SALA DE INFORMÁTICA? /Isso! /E AS CRIAÇÕES VOCÊ JOGA A PROPOSTA E AQUELE QUE SE HABILITA, MEIO VOLUNTÁRIO, O ALUNO QUE SE HABILITA, NÃO TEM ASSIM.../ Você diz na criação artística? Não, daí na sala de aula quando não estou na sala de informática, por exemplo, agora mais que eu comecei usar, esse mês. Mas na sala de aula eu faço mais como a outra professora. A gente, por exemplo, pega alguma coisa relacionada ao que a gente tá vendo, por exemplo, uma imagem, mesmo a releitura e faz as intervenções e sai cada coisa linda, por que eles têm muita... A gente olha assim e diz “Nossa! Se eu chegasse aos pés do desenho desse aluno!”. Por eu não ter tanta facilidade, eu falo pra eles “Vocês desenhem da melhor forma possível, faz a releitura da melhor forma possível, como você conseguir” Por que eu falo assim: “Eu não sei fazer igual a vocês!” Eu não tenho vergonha de falar: “Igual a vocês eu não consigo fazer”, E tem aluno que Nossa! Eu tiro o chapéu, eles fazem... Teve um menino que chegou esses dias lá e ele mostrou a foto e a releitura daquela foto, perfeito!Pra mim é a foto... Perfeito. Tem aluno que Nossa! É que a gente não avalia só por isso, porque não é todo mundo que consegue... Mas só do aluno fazer já deixa a gente contente por que com as por que tá se esforçando... Daí eu faço as intervenções também, a gente vai trabalhando... De dança... Dependendo se eu to em música, mesmo seguindo a letra de uma música eles criam alguma coisa, sempre seguindo o que a gente tá passando, mas o da dança é assim também.</p>
--	--

Entrevista 6- Professora Vi. Realizada em 19/05/2014

PROFESSOR/A Nº 6 NOME: VI.	Sexo feminino/ 29 anos/Atua a 9 anos no Ensino de Arte e na educação em geral/Trabalha a 1 ano na atual U.E./Exerce 32 horas de trabalho semanal/Possui pós-graduação em História da Arte, e não possui outra licenciatura.
DATA DA ENTREVISTA	19/05/2014
Tempo de magistério na rede estadual	9 anos
Linguagem de Formação	Licenciatura Plena em Educação Artística- habilitação em Artes Plásticas
Universidade que cursou a graduação.	FPA- Faculdade Paulista de Arte- SP/ Particular
O que motivou estudar Arte?	A principio foi o fato de eu entrar para o governo do estado de São Paulo,

	<p>minha mãe já era professora a um bom tempo e aí um colega meu começou a fazer Arte e entrou logo para o governo e eu vi que ele recebia um salário mais do que eu como estagiária, eu recebia seiscentos e pouco na época e ele tava recebendo novecentos e poucos... Eu já era já desenhava tudo, mas, pra mim ser artista era a mesma coisa que ser vagabundo. É a minha família ainda tinha essa ideia, então eu tava tentando ir para o ramo de informática, então quando eu vi que era possível ter um emprego público, um dinheiro fixo pra receber tudo...aí eu fui fazer a faculdade, em três meses de faculdade eu comecei a dar aula no estado, foi exatamente isso. VOCÊ ERA ESTAGIÁRIA DO QUÊ A ÉPOCA? Eu era estagiária de informática numa empresa de softwares... Eu era também de telefone [...] Eu me divirto muito mais hoje dando aula, foi uma das melhores coisas que eu fiz, apesar da minha mãe falar que eu segui primeiro o meu sonho e depois que eu fui pensar numa profissão.</p>
<p>E pra você o que é ser Arte/Educador (a)?</p>	<p>Não é Ensinar Arte! Falar pra ele quem é Leonardo da Vinci, quem é Laban... pra mim isso não é ser arte/educador. Pra mim, ser arte/educador e você dar a chance dele conhecer, simplesmente, não você ensinar isso é isso, isso é aquilo, é você dar a oportunidade dele conhecer e também buscar outras coisas, então é uma visão extremamente diferente, até do que o currículo as vezes passa né? Que passa os artistas, tudo, mas se, por exemplo, eu quero ensinar arte contemporânea se eu vou direto no artista, então se eu vou falar diretamente aquilo, não funciona, então, eu tenho que pegar toda a base do aluno e a partir daquele para ele entender a arte. Então não é muito, eu ensinar a arte é ele entender e compreender, não sei a minha visão ela tá mudando muito nos últimos dias, por conta dos alunos aqui da periferia aqui do bairro, se você não pega o cotidiano dele, demonstrar que o comercial da TV é arte, assim, você não consegue ensinar mais nada. Então você primeiro ensina o cotidiano dele, não sei explicar... Você entendeu?</p>
<p>Pra você o que é a Dança? Como você ensina esta linguagem? Qual a importância desta linguagem na formação dos seus alunos? E como ela se desenvolve na escola, seus facilitadores e dificultadores?</p>	<p>Para mim dança é expressão corporal é você ter vontade de dizer algo e também utilizar o corpo com relação a isso. No caso, como Arte você pode expressar desde as suas ideias, sentimentos ou também expressar uma história que você escutou, pra mim é isso! Tanto que eu falo muito para os meus alunos, hoje em dia pra você se comunicar com uma pessoa às vezes a sua gesticulação como você trabalha com o corpo ela pode pensar que você está tentando passar uma mensagem diferente, então, por exemplo, eu lembro que eu tive um chefe e toda vez que eu começava a falar com ela, ela fechava os olhos e respirava fundo assim, dava a impressão de que ela tava nervosa comigo, mas era só a comunicação corporal dela, se ela não fizesse aquilo eu ficaria mais calma na hora que ela viesse falar comigo, mas como ela tinha aquele jeito de se mover, eu ficava apavorada, então é a primeira coisa que eu penso... Você realmente se comunicar, um tipo de expressão. COMO VOCÊ</p>

ENSINA DANÇA EM SUAS AULAS DE ARTE?/ Depende da série... Mas a primeira coisa que eu tento passar assim que é padrão em todas é: Estudo do corpo humano, das partes, a questão de dobrar, esticar, torcer, isso eu passo pra todos. Desenho do corpo humano, desenhar o movimento, reproduzir os movimentos que desenhou reproduzir os movimentos de um vídeo de dança e geralmente eu faço muitos jogos e brincadeiras. Atualmente eu estou trabalhando muito com um jogo chamado “Just Dance” que é de um empresa chamada Kisoft e é legal por que tem muitos estilos de dança e tem muitos ritmos diferentes, tanto atuais quanto da década de 60, 70... Então, como é bem abrangente a maioria gosta de jogar, então tem tido assim um resultado muito bom nas aulas./ **E VOCÊ NÃO TRAZ O JOGO, VOCÊ TRAZ O VÍDEO?/** Eu trago o vídeo porque infelizmente eu não tenho o jogo. Mas até eu já conversei com os alunos que um dia eu vou trazer o jogo, por que com o jogo também dá um tipo de pontuação, então é interessante porque eles vão verificando a evolução deles. Eu vejo muito pela minha filha, ano passado ela começou a jogar, ela não tinha senso espacial, ela não conseguia fazer uma referencia direta do movimento do personagem na tela e do movimento dela, por que ela só movia o braço ou a perna e ela tinha muito problema de rítmica, ultimamente ela resolveu praticamente todos esses problemas , então ela se tornou uma menina extremamente rítmica, dança todo tipo de música que ela escuta , melhorou extremamente o espaço dela, começo a ter um desenvolvimento até que cognitivo melhor, ela tem melhorado inclusive na escola , então o resultado dela está sendo muito bom / **E QUANDO VOCÊ TRABALHA COM ESSE TIPO DE VÍDEO, VC COLOCA O VÍDEO E TODOS OS ALUNOS DANÇAM? OU SÃO GRUPO MENORES, ELES ESCOLHEM A DANÇA? COMO É?** Eu deixo eles sinceramente livres pra dançar, porque como a Arte são as quatro linguagens, tem sempre uma que o aluno vai gostar mais, uma que ele vai se interessar mais e tem outras que provavelmente eles não vão gostar, então a principio, eu deixo livre! Tanto que a minha avaliação nas aulas de dança, acabam sendo a análise do registro, do desenho... Da opinião deles, do que da questão corporal. E também tem muito mãe que fala “Minha filha não quer dançar!”, então se a mãe reclamar então eu não posso começar a dar nota só por que o aluno dançou, as vezes a menina é de uma religião que não pode, então... É mais complicado. Então, até você falou sobre os dificultadores, então... Os problemas que eu encontrei foi a questão do espaço, na sala de aula eu tenho que primeiro ensinar os alunos a arrumar a sala a ter um espaço ideal, é legal porque eles começaram também a ter um sentido de jogar lixo no chão, porque quando a gente arrasta as carteiras eles percebem o lixo que eles jogam no chão, então eles começam a parar de jogar esse lixo no chão. E as vezes quando eu vou usar a quadra, se a quadra tá ocupada eu uso um espaço que

tem entre a quadra e a sala de aula, então faz muito barulho e atrapalha as aulas de outro professor, então isso também é um problema que acontece. Uma escola que eu já tive muito boa foi o A... , né que eu já trabalhei lá, lá tinha sala com tablado, era de madeira, então a gente podia se jogar, era lustrado inclusive, então a gente se jogava, rolava, já cheguei a me jogar na quadra e rolar junto com aluno também e lá tinha uma outra professora efetiva de dança, eles chegaram a fazer uma sala de dança com espelhos e tudo, então lá era uma sensação extremamente diferente, mas não me foi permitido usar a sala de Dança era só pra professora efetiva¹⁰⁰, inclusive saí de lá por conta disso, por que eu achei... Eles tinham certeza que eu ia quebrar toda a sala por conta que eu não tinha formação na área de Dança, enquanto a outra professora, ela tinha inclusive academia. Facilitadores... Primeiro são os alunos menores são os que mais têm vontade de dançar, então quando eu coloco os vídeos, por exemplo, do jogo de vídeo game tudo, é o primeiro incentivo que eu dou pra eles, ou então correr na quadra que seja, sair da sala é o primeiro incentivo que eles tem, então eles ficam muito felizes com esse tipo de atividade, o único problema é que isso já não funciona com o Ensino Médio, que é um problema que eu tenho já com o currículo que foi colocado esse bimestre como Dança¹⁰¹, a gente vai fazer uma atividade por exemplo, aquela de dança das cadeiras diferentes, quem não tem cadeira senta no colodo colega, por exemplo, pra ter aquela questão de aproximação corporal, tudo. Eles não fazem, porque eles acham que é falta de respeito eu abraçar um menino que tem namorada, então esse é o principal dificultador que eu tive até agora no Ensino Médio, de resto... Eles aos poucos.../RESISTENCIA DELES MESMO?/É Resistência... É questão cultural deles às vezes, mas, quando é uma atividade mais abrangente, tipo assim, andar pelo espaço tudo... apesar deles terem resistência, se você se esforça... Isso é um outro facilitador, se você, participar junto, se você gritar junto, se você corre junto, se você tá lá e não desiste, eles vão junto! É aos poucos que você vai ganhando os alunos, isso demora pra caramba! **OU SEJA, ISSO EXIJE MUITO DO PROFESSOR, TAMBÉM?/ Exige! Exige muito! Se o professor não tiver vontade de dar aula de dança.../ E NO SEU CASO VOCÊ**

¹⁰⁰ Nesta escola especificamente, atuava uma professora que apesar de ter formação em Artes Plásticas era professora de flamenco numa escola particular, então a escola estadual acabou investindo numa sala de dança onde a professora pudesse ensinar flamenco para os alunos. Interessante analisar que a escola apesar de ser pública, tendo a sala de dança, ela ficava restrita apenas ao uso desta professora, outros professores de Arte que quisesses se utilizar do espaço para trabalhar com jogos teatrais, brincadeiras lúdicas ou mesmo dança ficavam proibidos de utilizar o espaço. Atualmente, essa escola conta com uma professora efetiva formada em Dança, mas a sala de dança não existe mais, essas são algumas das situações contraditórias que encontramos nas escolas públicas. Essa mesma situação será relatada em outra entrevista na professora nº 9.

¹⁰¹ Um documento orientador enviado pela CGEB para as aulas nas 3^{as} séries do Ensino Médio é que os alunos pesquisem e trabalhem durante cada bimestre do ano letivo com uma Linguagem da Arte relacionando as profissões contemporâneas no campo da Arte com interface em Tecnologias Digitais, sendo que no 1º Bimestre seria Artes Visuais, no 2º Dança, no 3º Música e no 4º Teatro.

	DISSE QUE NÃO TEM FORMAÇÃO EM DANÇA.../ Não tenho, sou artista plástica, fiz curso de Dança, com você inclusive né Roberta, né, a dois atrás, né? Só! Por que mesmo na minha pós-graduação na área de Dança, nós não tivemos muitas aulas práticas, foi mais aulas teóricas mesmo e muito curtas e dentro da História da Dança, não foi mesmo aulas práticas, infelizmente.
--	--

Entrevista 7- Professor Pê. Realizada em 19/05/2014

PROFESSOR/A Nº 7 NOME: PE.	Sexo masculino/ 26 anos/Atua a 3 anos no Ensino de Arte e há 4 na educação/Trabalha a menos de um ano na atual U.E./Exerce 32 horas de trabalho semanal/Possui pós-graduação em Educação Musical - Musicalização infantil e está cursando licenciatura em Pedagogia.
DATA DA ENTREVISTA	19/05/2014
Tempo de magistério na rede estadual	04 anos
Linguagem de Formação	Licenciatura Plena em Música- Arte Educação
Universidade que cursou a graduação.	UNISO- Universidade de Sorocaba- SP/ Particular
O que motivou estudar Arte?	Bom, o que me motivou a estudar Arte é que eu tocava um instrumento, eu comecei a estudar desde os treze anos, eu entrei para o conservatório, fiz o curso técnico em Música e eu queria além de tudo, né? Além de aprender Arte eu queria também ter uma licença, eu queria ter uma documentação que fizesse com que eu tivesse realmente a licença pra lecionar... No caso a música ou o ensino da própria Arte, né mas eu queria uma licença. E quando eu tinha lá os meus vinte e dois anos, surgiu a oportunidade de nós fazermos o curso de habilitação em música, na Universidade de Sorocaba onde muitos amigos meus oriundos de conservatório, que também já trabalhavam com música, nós fomos lá e fomos fazer esse curso de licenciatura em música com habilitação em arte-educação, mas nós não sabíamos o que nos esperava e lá sofremos um choque por que tivemos que dançar, fazer teatro, coisa que nós músicos nunca, assim nunca passava pela nossa cabeça que nós íamos um dia fazer esse tipo de atividade, de dança, de rebolar, estávamos acostumados com aquele formato tecnicista (do conservatório), mas foi muito bom, né. Isso só acrescentou nas nossas carreiras como artistas, tanto pra apresentar nas nossas áreas de música, quanto pra realmente lecionar e tá ali um pouco , um mínimo que seja ali, é equiparado ali com o currículo de Arte do estado, então foi uma coisa nesse sentido!.
E pra você o que é ser Arte/ Educador (a)?	Pra mim um arte/educador é você propiciar a Arte e as diferentes linguagens dela, eu acredito que... E os gêneros ali embutidos, então você propicia ali a aprendizagem musical e você abre o leque dos gêneros musicais e você propicia

a aprendizagem de dança e ali você também...E propiciar, no sentido de você ativar a curiosidade do aluno, nesse sentido de você propor coisas novas a ele que ele não conhecia, fazer relações com o que ele já conhece e também relações até interdisciplinares, porque numa aula de dança você tem ali física, você tem biologia, você pode trabalhar as alavancas, dependendo do movimento. Na música você tem contextos históricos, você tem tipos de mensagens, então assim acredito que é você propiciar o aluno a apreciação dessas artes em todos os seus gêneros estilos! Sem preconceito com nenhum deles e fazer relações do que eles sabem, com os conteúdos de arte que eles irão degustar digamos assim, que eles irão experimentar um pouquinho e também dessa forma que e também ser interdisciplinar no sentido de você fazer relações assim que puder com outras áreas, e até mesmo, a professora falou é você mostrar a importância da Arte, porque antes de tudo vem a Arte, Antes de tudo, a partir do momento que o homem existiu, que ele começou a calar Ele começo a dançar, ele cantava, ele pintava nas pedras, ele fazia música, Então a Arte é algo muito importante, é quase essencial, é... Sem a arte talvez não existisse quase nada, Então você pode fazer relações nesse sentido também, da importância da arte. Você vai falar sobre pontilhismo, daí você relaciona isso com a tecnologia da alta definição que nada mais é do que a visão, você vai de longe você forma aquela imagem, quando você chega próximo, daí você... É isso e outras situações que agora eu não me lembro mais, eu acredito que seja isso! Né não é você ensinar, fazer baixo relevo lá, as crianças gostam de fazer, de fazer o instrumento de sucata, é outro processo também da arte, é outra, mas essa apreciação diversa eu acho também muito importante, então são muitos caminhos eu acredito, são muitos caminhos pra fazer./ **E VOCÊ ACHA QUE ESSE TRABALHO DE DANÇA QUE VOCÊ DESENVOLVE SENDO UM MÚSICO, VOCÊ ACHA QUE É VALIDO?/** Eu acho valido sim, é valido!Se você tiver absorvido conteúdos, uma leitura sobre, uma instrução, ou mesmo no currículo, você tem lá as diretrizes, se você tiver um pouco do conhecimento, você consegue é como eu falei, você não vai se aprofundar naquilo, mas você consegue passar o conhecimento, é possível algum conhecimento, não digo um conhecimento profundo, mas você consegue, eu diria que é impossível você não conseguir relacionar ou nada com a dança é impossível você olhar lá e negligenciar aquilo, por que você faz relações com aquilo, se você trabalhar ali, é válido e você vai conseguir, você consegue executar a dança e é valido eu tenho certeza que sim né, porque nós sabemos que nosso país é muito carente em relação de conteúdos artísticos na questão de propiciar a apreciação das belas artes, de tudo que nós temos , então, as vezes o mundo do aluno é muito pequeno, então só de você trazer um vídeo, de você mostrar, de você propor,de você pedir pra que ele perceba a diferença de movimentos, ou até mesmo do ritmo , olha essa música é mais lenta, os movimentos são diferentes

	<p>dessa música, acredito que n relações podem ser feitas, basta você ter um olhar com cuidado ali para aquela situação, eu acredito nisso!</p>
<p>Pra você o que é a Dança? Como você ensina esta linguagem? Qual a importância desta linguagem na formação dos seus alunos? E como ela se desenvolve na escola, seus facilitadores e dificultadores?</p>	<p>Olha, eu me lembro como eu tava falando pra você da parte de Dança, eu nunca pensei que eu poderia dançar ou participar de uma aula de dança, porque eu realmente tinha sérios problemas com relação aos movimentos, aos movimentos do corpo e tudo mais e lá na universidade onde eu fui nós tínhamos que fazer dança, fazia parte do currículo e era a proposta do curso e nós fizemos dança, nós aprendemos no caso lá chamadas danças dramáticas, onde nós trabalhávamos coisas como Bumba meu boi, Cacuriá e alguns teóricos também que foram estudados pra nós termos pelo menos uma noção, obviamente que não faço a menor ideia de como desenvolver a dança de uma forma profissional, mas aprendemos assim questões básicas, básicas mesmo, da dança e a partir disso, a partir desses elementos, desses conceitos eu consigo ver o currículo, ali o que está sendo pedido e pra mim aquela proposta não é um bicho de sete cabeças, não que eu consiga executar com perfeição ou que eu consiga fazer a atividade como uma pessoa formada em dança faria, mas eu enxergo meios, eu consigo enxergar meios pra eu atingir esse conteúdo nem que seja o mínimo possível. No caso, na escola onde eu trabalho a gente tá pra junho agora nós montamos o Cacuriá e o Bumba meu boi, nós estamos ensaiando as canções que daí mistura as músicas folclórica com os instrumentos de percussão do Cacuriá /VOCE ENTRA NA SUA ÁREA DE MÚSICA .../ Isso! Aí nós permeamos um pouco a Dança porque são passos bem rudimentares, passos simples que eu aprendi e tal...Então a proposta lá é fazer o Cacuriá pra festa junina agora que vai acontecer e o bumba meu boi também. /VOCÊ ESTÁ ENSAIANDO AS CRIANÇAS?/ Isso, nós estamos ensaiando, hoje inclusive teve ensaio. /DENTRO DESSE CURRÍCULO DE ARTE VOCE CONSEGUE TRABALHAR? COMO É QUE VOCÊ TRABALHA?/ Olha, eu me lembro de algumas propostas, por que na verdade eu não trabalho muito... eu tenho as minhas aulas mas, são fragmentadas, essas aulas que eu leciono no estado e que eu trabalho em outra escola também e tal. Mas assim, das vezes que eu vi as propostas do currículo né, tinham questões muito apreciativas da questão da dança, né, então de repente uma maneira de você trabalhar isso na minha concepção, como eu não sou dançarino, você pode mostrar um vídeo dessa dança, você pode fazer uma apreciação de gêneros, de estilos, até mesmo uma contextualização histórica da Dança, de repente também dependendo da proposta, como eu falei pra você que eu não me lembro muito das propostas do currículo, mas dependendo da proposta, você também pode propor a eles o que tá sendo pedido e fazer junto, né? E participar! Porque, essa participação realmente, é muito importante, eu não tenho... Conheço alguns conceitos, mas não tenho essa habilidade com a Dança, mas, eu acredito que é possível, porque você não vai ali, como não é algo da sua área você não vai ser</p>

tecnicista nessa área, você não vai precisar fazer um trabalho muito específico, você não vai formar um bailarino, mas você pode propor o conhecimento dos movimentos, você pode propor a diferença entre os movimentos de um estilo de dança, com outro estilo, né? Olha só esse aqui, as danças hoje também tem teatros envolvidas nela, tem aquelas apresentações, inclusive eu me lembro de uma aula que nós vimos estilos de dança, tem aquelas apresentações daqueles programas de calouros onde aquelas pessoas vão se apresentar, tem apresentações super legais assim de dança, você pode acessar no youtube de coisa moderna, que mistura arte circense com dança e você mostrar também outros estilos de dança também, a dança clássica, o balé e essas questões e tudo mais né? E de repente talvez montar um projeto de uma dança folclórica ou pedir pra que eles observem e componham uma sequencia de movimentos pra fazer uma criação naquele estilo, mas eu acredito que seja possível. Olha, eu acredito que tenho mais dificultadores, por exemplo, pra você expor uma aula de dança você precisa de TV, você precisa de vídeo, você precisa de várias questões que infelizmente não são todas as escolas que tem e pra você ter esse acesso, demora, vai uma, vai duas, vai três aulas e você não consegue executar a sua atividade porque você ficou correndo atrás da chave pra abrir o compartimento do DVD, então dificultadores existem muitos, mas os facilitadores talvez, seja você pegar do aluno aquilo que ele já tem como repertório e trazer os conteúdos já que ele tem, de dança mesmo, conteúdos já existentes ali e por meio desse ponto você trazer alguns outros conceitos e tudo mais, também eu acho que o espaço físico também, com certeza é um dificultador extremo porque você não tem um espaço adequado, é tudo muito barulhento, muito movimentado, não tem um espaço específico, o chão não é limpo, você não pode trabalhar os planos, se trabalhar o plano baixo você vai ficar sujo, então tem questões realmente complicadas, eu acho que o maior dificultador nesse caso, não é nem tanto a questão do difícil acesso as mídias, apesar de que é possível, mas é mesmo assim poderia ser muito melhor do que é e a questão do espaço, o espaço físico é .../VOCE ACHA QUE A SUA FALTA DE FORMAÇÃO TAMBÉM É UM DIFICULTADOR OU NÃO?/ Ah... (Silencio), olha acredito que sim, né? Acredito que sim, porque se eu tivesse o conhecimento em dança que eu tenho em música, ah eu teria muito mais facilidade./TALVEZ A MÍDIA NÃO FOSSE UM PROBLEMA?/ Eu teria muito mais facilidade pra desenvolver um trabalho!Pra desenvolver certas noções, mas mesmo assim eu acredito que faltam muitos recursos pra desenvolver conteúdos de dança e junto a isso a formação específica, né? Porque dança realmente é complicado, como eu falei, você consegue explorar, você consegue enxergar, você tem teóricos aí que estão na sua cabeça quando você precisa, mas falta...com certeza, falta um estudo mais aprofundado da área, porque realmente dança é uma área realmente mais complicada, mas você pode trabalhar o conhecimento

	corporal as articulações, movimentos rápidos, lentos, fortes suaves, algumas questões assim pelo menos pra questão de repente da consciência, maior consciência corporal, espacial, algo nesse sentido e pra apreciação também né? Apreciar e discernir e diferenciar os estilos, né? Conseguir ter uma noção nesse sentido.
--	--

Entrevista 8- Professora Be. Realizada em 07/08/2014

PROFESSOR/A Nº 8 NOME: BE.	Sexo feminino/ 47 anos/Atua a 4 anos no Ensino de Arte e há 4 na educação/Trabalha a menos de um ano na atual U.E./Exerce 36 horas de trabalho semanal/Não possui pós-graduação nem outra licenciatura
DATA DA ENTREVISTA	07/08/2014
Tempo de magistério na rede estadual	4 anos
Linguagem de Formação	Licenciatura em Teatro/ Habilitação em arte-educação
Universidade que cursou a graduação.	Particular- Universidade de Sorocaba
O que motivou estudar Arte?	<p>Eu sempre gostei de Arte, desde criança foi a minha matéria preferida na escola, daí o tempo foi passando, passando, passando, eu tive meus filhos, casei filhos, me separei, comecei a cuidar da minha mãe, daí eu falei “Gente, eu preciso fazer uma faculdade! Eu tenho que garantir o futuro dos meus filhos”, e daí eu vi no site lá e minha filha também tava pesquisando uma faculdade pra ela fazer, daí ela pesquisou na UNISO e tinha Teatro, daí eu falei “É licenciatura, eu posso dar aula?”, daí ela “É”, daí nós fomos, as duas fazer faculdade, eu conclui, ela não, porque não era a praia dela, mas eu fui porque eu sempre gostei! ENTÃO, O SEU OBJETIVO ERA SER PROFESSORA E VOCÊ JÁ TINHA UMA PRODUÇÃO ARTÍSTICA? / Sim, ser professora, não, não... eu nunca tive contato, fora na aula de arte na escola, que era educação artística ainda, eu nunca tinha tido contato, mas quando eu cheguei na faculdade, assim eu conseguia assim fazer tudo, eu não ficava inibida assim com alguns exercícios, por que eu sempre gostei de tudo/QUAL É A SUA LINGUAGEM DE FORMAÇÃO? / Teatro/ E FAZ QUANTO TEMPO QUE VOCÊ É FORMADA? /Fazem 5 anos! Eu me formei depois que eu comecei a dar aula/QUAL É SEU TEMPO DE MAGISTÉRIO? / 4 anos</p>
E pra você o que é ser Arte Educador (a)?	<p>Olha, tirando a dificuldade dos alunos, eu acho que é assim a minha vida! Você ensinar, você ver, sabe quando o aluno faz alguma coisa assim e você, “Nossa! Eu ensinei isso!” Então eu acho que ser arte/educador é passar um pouquinho daquilo que você sabe para o aluno, não é todos que vai aprender, mas eu acho assim que eu não poderia ser outra coisa e tem pessoas que falam assim : <i>Ah, mas você não gosta de aula!</i> Eu falo, <i>Não “perai”! Não é que eu não gosto de</i></p>

	<p><i>dar aula, eu não gosto de chegar na sala de aula e ver que os alunos não querem nada, tem uma diferença aí, tem dias que você não quer vir pra escola, porque, ai hoje eu tenho aula naquela sala , tipo amanhã eu tenho aula na 6º C, a 6ª C é uma sala difícil, tipo assim, vários professores ainda não conseguiram chegar nessa sala então o problema é da sala, então é, porque se fosse um professor! Mas é a sala mesmo, então fica complicado, então eu falei Ai, hoje eu não quero ir pra escola, mas não é que eu não goste de dar aula é quando eu encontro a dificuldade assim! É caminhos ainda que eu estou aprendendo, quatro anos ainda... eu tenho muito o que aprender ainda. Mas aí no final do ano você chega assim para os alunos e você vai falar sobre um pouquinho, sobre o que foi passado no final do ano, o que eles aprenderam daí eles falam, Nossa eu nunca vi a Arte dessa forma! Então eu falo Opa eu acho que eu to fazendo meu trabalho legal! Porque por mais que eu tenha alguma dificuldade assim, chega no final do ano algum aluno, alguma sementinha eu plantei e essa sementinha vai brotar, eu tenho alunos ótimos pra Teatro, pra criação de Texto, tenho lá a Sara da 6ªB, nossa eu já falei Vai procurar algum Teatro pra você! Porque, você precisa ver, ela monta o grupo, ela faz o texto! Ela quer ser professora, não falta um dia da escola, assim, porque ela quer, então você vê que tem algum aluno dedicado, algum aluno que quer alguma coisa! Então você tem que ir por esses caminhos assim./ VOCE ACHA QUE SEU CURSO SUPERIOR DEU EMBASAMENTO PRA VOCE TRABALHAR COM DANÇA? Teve, mas muito pouco, nós tivemos um semestre de Dança, mas assim, eu acho que se eu tivesse feito faculdade de Dança... Mas deu, daí você vai fazendo cursinhos, aquele curso da Carmen¹⁰² que eu fiz foi muito importante, então você vai, por que a faculdade ela dá um caminho, que depois você vai né, procurando outros, porque nenhuma faculdade eu acho que dá, ela deu o embasamento o começo, assim, mas depois eu tenho que procurar outros caminhos, tipo me aperfeiçoar. A minha dúvida é essa, eu faço a pós em Dança ou um desafio assim em Música? Mas eu acho que Música eu não consigo, eu tenho uma trava assim pra Música! Mas ela deu!</i></p>
<p>Pra você o que é Dança? Como você ensina esta linguagem? Qual importância desta linguagem na formação dos</p>	<p>Dança pra mim é um movimento, a expressão corporal, que eu acho bastante assim para os alunos, porque os alunos hoje eles tem uma dificuldade de concentração e quando você começa a dar dança pra eles, eles começam a perceber o corpo, a movimentação, ter noção do espaço, eu vejo isso aí, que os alunos não tem muita noção de espaço, direita esquerda, eu acho que a Dança facilita esse meio deles caminharem, dificuldade que eu tenho é o espaço e a própria vontade dos alunos, porque eles não tem muita vontade de querer algo</p>

¹⁰² Se referindo ao curso que aconteceu na Oficina Cultural Grande Otelo em parceria com o Núcleo Pedagógico da Diretoria de Ensino que foi oferecido para os professores de Arte em 2012. O curso foi mediado pela professora Carmen Machado, que é atriz, arte/educadora, pesquisadora da Dança Teatro e do Método Somático de Dança.

seus alunos? E como ela se desenvolve na escola, seus facilitadores e dificultadores?

diferente, eu vejo isso que tem alguns alunos que tem dificuldade de se expressar, de se movimentar, ou por vergonha de alguma coisa, não é todos, mas a grande maioria tem, essa dificuldade, eu percebo isso neles, desde os pequenininhos assim que eu já dei aula até o quarto ano, não tem essa dificuldade, mas chega assim, depois, no quinto ano já começa a eles terem essa inibição de mostrar o corpo, mas eu acho importante a dança na escola, pra eles mesmo, eu acho que se você começar a ter esse caminho, mostrar um caminho que a dança não é o mostrar do corpo, mas é o movimento e que pra eles é necessário isso aí eu acho que é um caminho pra que eles possam perder essa inibição, mas é um trabalho longo, não é da noite para o dia que você chega na sala de aula... Tem que ser devagarzinho, pra eles entenderem, de vez enquanto eu pego eles e levo assim em espaço mais livre, que daí parece que flui mais, aqueles que querem, fora da sala. **/E COMO VOCÊ TRABALHA, COMO VOCÊ ENSINA DANÇA NAS SUAS AULAS DE ARTE?/** Os movimentos, eu pego eles ensino os planos, falo um pouquinho de Laban, também que ele foi o criador dos movimentos, utilizo também... Como é aquele outro? Que é famoso? Que apareceu no Faustão a pouco tempo? Que tá na apostila? **BERTAZZO!** É! Dele, mostro imagens, quando a informática tá funcionando, levo eles, agora mesmo eu tava... Capoeira, Black dance... Eles foram lá, viram vídeos, agora os recursos são poucos e a falta de vontade dos alunos também, dificulta. **/E COMO QUE ESSA DANÇA SE DESENVOLVE NA ESCOLA?VOCÊ TRABALHA NA SALA DE AULA, FORA DA SALA, VOCÊ TRAZ HISTÓRIA DA DANÇA?VOCÊ COM AS DIFERENTES LINGUAGENS, FAZ PROJETO? /** Projeto eu nunca fiz, eu trabalho mais na sala de aula e quando permitem... Em espaço fora. Porque eu gosto de trabalhar ao ar livre, porque é gostoso isso aí pra eles, principalmente eles perceberem a natureza o toque que eu acho que facilita também. De videodança, eu fiz com os alunos do Ensino Médio no noturno, daí eu fiz a OT¹⁰³ e trouxe a proposta pra eles: "Vamos

¹⁰³ Em Orientação Técnica que realizei com todos os professores de Arte que lecionam nas 3^{as} séries de Ensino Médio sobre Videodança durante o mês de maio de 2014, foi um trabalho dividido em grupos em dias diferentes para atender todos, tive a presença de 90% dos público-alvo previsto, foram 3 dias de trabalho junto aos docentes, estudamos sobre a produção artística de videodança, assistimos algumas produções em vídeo. Conteí com a participação de uma das professoras entrevistadas que possui licenciatura e bacharelado em Dança e especialização no método Klauss Vianna, ela deu uma oficina onde os professores exploraram um pouco das possibilidades do corpo para a produção de dança e posteriormente eles foram desafiados a produzirem um videodança. Os participantes também tiveram um momento de estudo na sala de informática onde estudaram sobre os diferentes planos de câmera utilizados no cinema e participaram de uma oficina de edição de vídeo utilizando o software Windows Movie Maker, participaram deste trabalho uma média de 50 professores e na parte de Tecnologia contou com a preciosa participação dos PCNPs de Tecnologia Márcia Regina Munhoz e Fernando Carvalho. Utilizei como embasamento teórico para esta formação a dissertação: ROMERO, José da Silva. *Videodança o movimento do corpo plural*. Dissertação de Mestrado. Prof. Dr Wilton Azevedo (orientador). Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo:2008.Acesso em 14/09/2014:

<<http://oatd.org/oatd/record?record=oai%5C:mx.mackenzie.com.br%5C:610>>

fazer um vídeo, isso e aquilo”, daí foi legal porque só numa sala que eu fiz dentro da sala de aula, eu fiz na escada, fiz na quadra, na quadra, não, numa área aqui no onde tem a quadra só que fora da quadra, aqui dentro, então, subindo a escada, descendo, então esse vídeo eu acho que funcionou legal, por que... eu descobri as sombras né, sem querer eu descobri as sombras na parede, porque justo no dia que eu fui lá fora tava o refletor ligado, falei assim, “Ah, não, vamos fazer aqui!” E daí quando você trabalha com sombra, os alunos já não tem essa dificuldade né, tem um aluno no 3º A que ele é quietinho, é filho de uma professora aqui, mas ele é bem quietinho e daí ele é assim bem quietinho mas se movimentando, porque não tava aparecendo ele, tava só aparecendo a sombra, tive muito a ajuda do meu filho, que ele ajudou, porque ele estuda aqui no terceiro então praticamente ele ajudava a editar os vídeos é quando dava pra levar na informática, levava os alunos montavam lá. Esse foi um projeto legal, tanto que agora estou tentando fazer com eles o grafite e RAP, pra eles apresentarem, tem aluno que fazem grafite então eu vou ligar o grafite, o RAP e eu já comecei a trabalhar, porque é uma linguagem que eles gostam então quando os alunos gostam de uma linguagem, eles fazem. Então eu acho que eu consegui trabalhar com os terceiros pelo fato do meu filho estudar aqui, que daí meu filho meio que agitava, porque senão eles são mais paradinhos também, mas eu acho que fluiu mais do que com os alunos do Ensino Fundamental de fazer essa linguagem, porque o do Ensino Médio eles gostam de aparecer, se mostrar assim, né, então eu acho que fluiu mais, agora com o Ensino Fundamental eu ando bem devagar com Dança. Dança... Teatro... Eles entram na sala e falam: “Professora, vai ser desenho hoje?”, “Não!”, “Professora, mas Arte não é só desenho?”, “Não tem todas as linguagens, então você tem que parar, explicar... explicar, explicar... que tem todas as outras linguagens né, que eles acham ainda que Arte é só desenho, então você tem que, tipo assim, dá um pouquinho de uma coisa, depois, um pouquinho de outra para que as coisas andem. Mas eu acho que a maior dificuldade é a falta de interesse dos alunos, porque o espaço você arruma, agora você chegar à sala de aula e querer que os alunos queiram alguma coisa é mais difícil. Eu acho que é a maior dificuldade na sala de aula é isso, a falta de motivação dos alunos pra trabalhar com a Dança, com teatro, agora Música eu sou crua (Risos), porque a Dança, o Teatro você... os movimentos... agora na Música... Falo: “Eu preciso muito fazer esse curso!”¹⁰⁴

¹⁰⁴ Se referindo ao curso Descubra a Orquestra oferecido pela OSESP-SP, este ano essa professora participou deste curso pela primeira vez, é um curso de 64 horas, com 4 encontros presenciais, plataforma on line e orquestra didática com os alunos.

Entrevista 9- Professora Ná. Realizada em 07/08/2014

PROFESSOR/A Nº 9 NOME: NÁ.	Sexo feminino/ 54 anos/Atua a 15 anos no Ensino de Arte e há 15 na educação/Trabalha a 6 anos na atual U.E./Exerce 30 horas de trabalho semanal/Não possui pós-graduação e além da formação em Arte é Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em publicidade e propaganda.
DATA DA ENTREVISTA	07/08/2014
Tempo de magistério na rede estadual	6 anos
Linguagem de Formação	Licenciatura em Educação Artística- Habilitação em Música
Universidade que cursou a graduação.	Estadual/Pública- Faculdade de Artes do Paraná
O que motivou estudar Arte?	<p>O que me motivou é que desde pequena eu mexia com Arte, no caso da minha família, minha mãe tocava piano meu pai na juventude tinha um grupinho lá de música, tocava bateria. Então eu cresci dentro das artes, frequentei... em Curitiba tinha projeto dentro da biblioteca pública do Paraná, que você ia de manhã, tinha a parte de Artes Visuais , argila e pintura ... e também tinha a aparte da música, então desde pequena eu tive sempre contato com a Arte e sempre gostei de mexer com isso, pra minha cabeça era bom eu sempre tava criando alguma coisa. / ENTÃO VOCÊ PARTIU PRA LICENCIATURA EM MÚSICA?/ É, mas isso bem mais tarde, primeiro eu fui fazer aquilo que as famílias normais querem né?(Risos) Então eu fui fazer outras faculdades antes, comecei com Biologia, passei pra Comunicação, Musicoterapia e aí sim, optei pra Licenciatura em Arte, mais tarde e é o que eu trabalho hoje e é o que me dá prazer./E VOCÊ CONCLUIU TODAS ESSAS OUTRAS FORMAÇÕES?/ Duas não, Biologia eu parei porque batia com a Comunicação Social, né, porque uma era na PUC e a outra, Federal e na Federal tinha um currículo que você tinha aula de manhã, de tarde e batia. Então eu tranquei Biologia, porque eu não ia ser professora e aí eu fiquei com a Comunicação e então depois eu passei, fiz dois anos de Musicoterapia e passei pra fazer a Licenciatura em Música que eu achei que para o meu perfil era mais interessante./E LOGO QUE VOCÊ SE FORMOU VOCE JÁ COMEÇOU A SER PROFESSORA?/ Já, já comecei! Eu já dava aula antes, num atelier, fui fazer um espetáculo de Teatro de bonecos e no atelier me convidaram pra dar aula de Teatro para crianças de três anos e comecei a trabalhar e era um atelier que trabalhava... o forte deles realmente era a argila, mas eles trabalhavam as artes integradas com atendimento de crianças de três a doze anos, no máximo de 10 alunos por turma, eles passavam a tarde inteira e a gente trabalhava todas as Linguagens da Arte, foi</p>

	<p>aí que eu mudei para o curso de Licenciatura, dei aula 1 ano no estado e depois eu fui trabalhar na Secretaria da Cultura, com projetos culturais no estado do Paraná, aí depois com mudanças de governo eu vim pra Sorocaba, já comecei dando aula, apareceu o concurso, eu fiz o concurso passei e virei paulista. ENTÃO A SUA FORMAÇÃO É EM MÚSICA E VOCÊ COMEÇOU TRABALHANDO COM AS DIVERSAS LINGUAGENS EM ATELIER? Diversas Linguagens! Em um atelier que tinha um nome Atelier Barro Puro, mas o atendimento era pra crianças de 3 a 12 anos, mas não a Arte, vamos de dizer, curso de pintura, curso de argila...não! Mas como você trabalha no Ensino Fundamental, a criança tem a prática, mas não é voltada pra criação de artistas, a criança ficava lá 3 horas e tinha esse contato com a Música, com o Teatro, com a Arte Visual... Já tinha esse aspecto de arte-educação já!</p>
<p>E pra você o que é ser Arte Educador (a)?</p>	<p>Ah, eu acho um desafio tão grande! Porque você mostrar que você não vai dar um curso específico pra você ser desenhista ou músico... Você não vai entrar ali... É complicado pra criança entender essa diferença do conhecimento da Arte pra você como criador ter a liberdade de uma técnica que você vai adquirir, essa é a confusão, a escola não é pra dar a técnica, eu acho que é primeiro a formação de plateia, como eu compreendo a Arte no meu dia a dia no cotidiano, porque que ela existe em qualquer cultura não importa se é complexa ou primitiva, porque que ela faz parte da vida do ser humano, ela é vida, na verdade para o ser humano, então eu acho que é até uma questão de desafios, mostrar que não existe essa coisa do talento, você tem um dom, todos nós temos, dentro da linguagem que você escolhe. Então eu acho interessante essa coisa do Arte/Educador, foi um pouco pra quebrar justamente essa coisa do quem tem talento é artista, quem não tem...do rótulo...E conhecer a Arte, saber o que acontece, eu acho que arte por ser também manipuladora ela é fácil das pessoas fazerem a cabeça, mas ela também te alerta para o que tá ao redor do mundo. Então eu acho que não é só uma função que eu acho que não é só mandar a criança fazer aquilo, ela tem um fundo social muito grande em cada trabalho, ela tem esse aspecto social. Se a gente ver todo o sistema do mundo ela é extremamente social demais, não é só o lado sensibilidade, nada disso! Ela tem por traz toda uma manipulação, ela tem todo um... Não sei, um sistema que... Você por exemplo, não pode fugir da Música, você está vinte e quatro horas com som, então você dizer - <i>Eu não gosto de Música</i> - você pode até não gostar daquele estilo, mas ela faz parte da minha vida e ela mexe com você também, música lenta você fica mais assim, a mais rapidinha você... Então essa questão de como trabalhar realmente a Arte, não só a questão técnica, não só pra talentos, não pra formação de artista, mas um direito de todos de compreender a Arte e principalmente ela na questão social dela, eu acho que é o que me levou e é isso que eu to falando, eu fiz comunicação porque eu</p>

	<p>gostava do lado social, to com Sociologia agora porque quando eu trabalho com o Ensino Médio eu olho Sociologia e estou com as duas, ela é fortíssima no aspecto social e ela é manipuladora, a gente sabe que ela foi usada pra isso, ela é usada, se você recorrer na História, sempre foi, né? Porque vai e volta, porque que Bach conhecia já as tonalidades mas manteve no modal, o efeito que a Música trazia nas pessoas naquela época, música barroca, foram músicas que foram também preparadas, não foi só o compositor - <i>Ai isso me faz bem</i>- Ela foi preparada como foi a Arte Barroca - <i>Eu preciso resgatar aquelas pessoas novamente</i>- para o lado da espiritualidade... - <i>preciso de uma música, preciso dos anjinhos</i>- Então ela também tem por traz, não é só o prazer, tem toda a questão da História da vida da Humanidade, conhecemos o homem através dela, então isso eu acho que foi o que me fascinou, não chegar pra dar uma técnica disso, mas o aspecto principalmente social da Arte <i>/INTERESSANTE É UM OUTRO OLHAR.../</i> É esse sempre foi o meu, eu ajudava muito a minha mãe quando ela atendia postos de saúde, minha mãe é Assistente Social e eu acompanhava ela nos meus dez,doze anos e eu já trabalhava com as crianças isso, com as brincadeiras infantis, trabalhava ali, vamos dizer, a composição de música, de fazer Teatro, ou fazer fantoches com qualquer coisa que tinha, porque eu acho que é o que faz o ser humano se resgatar como pessoa e eu digo para os meus alunos, toda a vez que você tem risco com os jovens os projetos são em cima do que? É Arte e Esporte!Porque é a única coisa que você interioriza realmente é você ali, não tem como não ser então eu acho que ela é fortíssima nesse aspecto social.</p>
<p>Pra você o que é a Dança?Como você ensina esta linguagem? Qual a importância desta linguagem na formação dos seus alunos? E como ela se desenvolve na escola, seus facilitadores e dificultadores?</p>	<p>Bom eu penso, como eu digo pra eles antes de mais nada, Dança é um desenho no ar, é criação de formas no ar em cada movimento, então quando eu começo a trabalhar com meu aluno, que grande parte já foram meus alunos eu parto da questão do corpo, porque o nosso conhecimento ele passa pelo corpo, antes de você aprender a ler, a escrever e até a falar, você tem a questão da audição, do sentir, do tato e a criança qualquer coisa que ela ouve ela já, o corpo responde. Então eu digo pra eles, o nosso conhecimento ele passa pelo corpo, não é só, pra chegar aqui (mostra a cabeça com as mãos), tem que passar por aqui antes (mostrando o restante do corpo). Então eu trabalho em cima do Laban que já era um trabalho que eu já conhecia desde 1980, conheci uma das que foi discípula dele numa oficina que teve lá em Curitiba, da questão que é conhecer mesmo, dos fatores mecânico e os fatores do movimento, por isso que eu falo do aspecto social, por que isso você usa também no seu dia a dia, não importa sua profissão, mas essa estrutura do teu corpo, como trabalhar se você vai impressionar, mas que seja uma entrevista de trabalho é o teu corpo que vai estar ali, mostrando, então eu trabalho inicialmente com essas questões com eles. É muitas coisas em termos de movimentos do cotidiano, é balé, não é</p>

dança ou o que eu faço não é Arte, eu digo – *É Arte a medida que ela não seja uma coreografia pra uma música, que ela realmente seja dança!* – Então eu trabalho com eles a partir de movimentos do cotidiano, então, quando uma pessoa vai lavar roupas, que movimentos faz, é esse, tudo... Então eu faço com eles e digo então vamos por uma música, dá dança?Dá!Então que no teu dia a dia você tem dança, você não precisa estar na sapatilha, naquilo, o movimento do teu corpo do dia a dia, daí a gente faz então eu vou tomar banho, abri, ensaboei, enxuguei, caminhei, então a gente cria assim, com quatro ou cinco, esse processo repetitivo e coloca- jogar bola- bati aqui, joguei lá, bati aqui... E peço no cotidiano deles, fazer um desenho como se fosse uma coreografia. Eu acho complicado Dança hoje dentro da sala de aula, primeiro porque a mídia tá violenta com o Funk e o Funk na realidade ele acabou deturpando um ritmo que era interessante, o Funk brasileiro, né? Com uma letra totalmente pejorativa, mas em si o ritmo para se dançar um Funk ele é bem interessante, eu acho que essa deturpação de alguns gestos corporais com as meninas muito novas, buscando uma sensualidade é o que complicou um pouco em termos de Dança, então eles são daqui é Funk e ao mesmo tempo eles não gostam de Funk, mas se tiver que ter uma apresentação, vai ser o Funk, eles não conhecem, vamos dizer, um samba, mesmo o pagode que tem uma coisa do samba mais suave, então às vezes você encontra alunos que estão interessados, mas na hora H eles travam porque estão numa idade também que se expor, que nem você viu aqui¹⁰⁵, na hora de se expor – *eu não quero me expor!*- Ainda mais que são adolescentes né? Você consegue trabalhar eu acho bem isso no Ciclo I, quinta e sexta série, por isso eu acho que o trabalho de base em Arte tem que ser muito bem feito porque se você conseguir isso, pegando o ciclo I na quinta e na sexta, você consegue essa questão da criação da criança, que ela tá fazendo algo que é bom pra ela, quando você já pega com uma série de falhas, a criança vai e o adolescente vai retrair mesmo, então todos eles gostam de Dança que faz parte da idade, gostar de dançar, mas compreender a dança que não é só chacoalhar a cabeça pra eles é complicado e até pra aceitar isso também porque eles vão estar se expondo pras pessoas, para os colegas. Tem muitas meninas que Dançam aqui e meninos também, mas quando tem apresentação fica assim um duo, quarteto, porque travam mesmo. E eu acho que até o espaço da sala de aula, eu acho que pra Dança, aliás, não é só pra Dança eu acho que pra Arte você tem que ter uma sala pra Arte, ela tem que sair dessa coisinha da carteira, mesmo que você mude a sala você continua naquele espaço que não é pra Arte, o espaço da Arte é um espaço livre pra justamente você poder se soltar, você poder ver, por exemplo, ter espelhos,

¹⁰⁵ Fui convidada pela professora para assistir uma apresentação de Dança dos alunos dela, porém no dia da apresentação os alunos não subiram no palco, não quiseram apresentar nada.

poder ver meu movimento, como é que to fazendo, tudo isso, então eu acho que é uma das linguagens que a gente tem pouca formação também em termos de faculdade, eu acho que a linguagem que mais temos dificuldades nós temos pra trabalhar, porque Arte Visual, você pode ler, eu não sei desenhar, eu não sei pintar, eu não sei fazer nada disso, não é a minha área, mas se você ler você compreende todo o processo histórico da Arte Visual. A Música, você pelo contato direto com a música você aprende a apreciar, o Teatro, a gente vive um teatro, eu digo pra eles, até dizer pra mãe que você tá doente é Teatro! Mas a Dança a gente não tem esse contato, tão direto, a gente tem um contato da Dança da nossa geração, mas você não tem o conhecimento dos códigos, porque que a Dança Clássica, uma hora ele vira de costas, outra hora faz aquele movimento e eu acho que sempre a Dança quando era vista separado de Arte, a região não é Arte, o custo pra alguém assistir, eu acho que tudo isso também, que a gente sabe, o teatro é caro e os grandes espetáculos estavam sempre reservados a teatro. Então eu acho que isso afastou um pouco e acho que o próprio meio de comunicação, ele divulgou mais uma dança de uma época, mas não valorizando... O quê que a Dança Contemporânea tem, o SESC tem, eu digo pra você eu sou bem sincera, eu não entendo a Dança contemporânea, porque pra mim aquilo é uma coisa que eu não consigo entender, por que, porque eu não tenho uma formação da dança, não era a minha linguagem de interesse, eu tenho a Dança socialmente, mas as minhas irmãs fizeram até Dança clássica, depois veio a época do Jazz que tinha, elas gostam disso, também tem a questão da gente, do interesse, mas eu não consigo compreender a Dança contemporânea, gosto da moderna, mas a contemporânea eu acho complicado é que nem algumas Artes Contemporâneas pra gente compreender, porque o acesso pra gente ter tido, estar caminhando junto nós não tivemos, então de repente surge uma arte com uma outra função, mas nós não fomos preparados, a gente como eu disse pra você, a gente tá parece naquele IML, a gente tá lá no Renascimento que aquilo que era pintura, aquilo que era o bonito, ficamos parados, muito tempo nisso e trazer uma Arte contemporânea sem você ter contato com ela é complicado pra quem ensina e pra quem vai aprender, então eu acho que a questão principal é a falta de acesso. **/E A INTERNET, OS VÍDEOS, VOCÊ ACHA QUE É POSSÍVEL USAR NA SALA DE AULA COMO UM MATERIAL PRA ESSA LEITURA?/** Então né, agora a gente tá tendo mais televisões, porque senão a gente tem que mudar o aluno pra sala de vídeo, mas existe aí uma questão de resistência de muitos alunos, tem filmes interessantíssimos com Dança só que os meninos tem aquela coisa, é clássico... Então também a *Dança ela carrega um preconceito muito grande, eu acho que das Linguagens da Arte é a que mais carrega preconceitos é a Dança, por que tira o direito do homem dançar, por ele gostar*

da dança, então eu danço, mas a minha dança também no meu momento, porque, a capoeira, muitos começaram a fazer capoeira, mas quando você pergunta sobre a capoeira, que movimentos, eles não sabem, então eles começam a fazer, para... Hip Hop é da geração deles, eles vivem com pessoas que dançam Hip Hop, quando eles têm que Dançar eles não mostram, então, quando a gente fala de Dança, conforme a idade você torna uma aula complicada de trabalhar./ ENTÃO, MAS A DANÇA ENQUANTO APRESENTAÇÃO, MAS A DANÇA ENQUANTO AULA?/ Então, mas, aí pra você dar como aula também que você tá mostrando, você tem uma contrapartida de resistência, você tem isso com música também, só que a Música tem uma outra perspectiva que a Dança, então se eu tiver fazendo uma apreciação da Dança clássica eles vão ter pra entender, ele é complicado, eu acho que alguns materiais de como funciona, que nem o Quebra Nozes – Isso é uma história, que tá sendo contada por meio de movimentos, mas eles , na minha opinião é complicado, por que tem um distanciamento muito grande hoje dos jovens, em relação, nem dança de salão você fala, eles vão ter uma assimilação. Então como assimilar movimentos, entender que tem que repetir, é como eu digo pra eles- o bailarino, não pense que eles chegam lá, entrou e se apresenta, tem toda uma série de estudos, conhecimento do corpo que eles tem que ter, como eu fazer esse movimento sem me machucar que eu tenho que repetir, como que eu crio uma coreografia no que eu estou pensando, então eu acho que ainda na escola, a Dança é o tipo de aula que eu acho que tinha que ser o profissional formado em Dança, porque senão a gente não é da Dança a gente só dá, na verdade, umas pinceladas! Gosto muito do trabalho do Ivaldo Bertazzo, acho interessante passo pra eles, mas é um dos materiais mais difíceis da gente conseguir, você tem que pegar, tirar tudo pra gente passar pra poder entender, ele tem aquele trabalho, tentei conseguir uma vez tudo que ele fez com uma das músicas do indiano **/SAMWAAD? TEM NA ESCOLA!/** Chegou? Aí que tá algumas coisas que chegam na escola e não chegam pra gente! Então como eu trabalho com essas apostilas desde que veio, o dele eu não sabia que tinha, porque eu lembro, ficava antes numa coordenação, ficava ali, as vezes eu perguntava- *Não, não tem nada!*- Eu já virei tudo ali, então eu não sei se esse veio se for a uns cinco ano ou quatro anos atrás não tinha, porque eu olhei tudo, só se ele veio depois. Porque no início ficava tudo nos piratão lá e o dele é o que você entra tá bloqueado, tem um trecho só, mas eu acho interessante aquele que eles fazem com os tecidos pra mostrar, como você pode trabalhar a Dança, eu trabalhei com eles aquele do elástico, eu acho legal pra você ver o baixo, em cima, de fazer, que vai passando, para, olha como é que tá o seu corpo, mas tem momentos que ela se torna complicado, justamente, porque aquele que tá meio inibido pra dançar ele começa de

brincadeiras e o espaço, e antes... eu gostava, comentei até hoje com os alunos, quando eu tinha a sala em U, porque eu tinha esse meio, então ali a gente fazia essas práticas de movimento do corpo é dentro daquele artista, quando você volta pra o tradicional, daqueles carteiras que você tem que afastar tudo e é uma geração que cada vez mais tá ficando adulta antes do tempo, então hoje se você conseguir fazer isso com o primeiro ano, hoje com sétima série eles já está se tornando adultos muito cedo e pra eles a discussão é o FUNK, então eu até tenho que eu falei a turma do primeiro ano que eles disseram- *Como é que tá indo a coreografia?*- *Ah, támo preparando!*- Pra fazer essa intervenção, tive alunos também no outro primeiro ano e digo- *Quero que vocês apresentem, mostrem seus movimentos, não adianta só escrever o escrever é muito relativo, a pessoa vai entender um levante o braço, mas eu levanto, aqui, levanto aqui, levanto aonde?*- *Iam preparar, mas chegam na hora* H- *Ai dona não vou apresentar!*- E mesmo em sala de aula você não consegue por que é algo que expõe, é o expor, então isso eu acho que, por exemplo, dentro da Dança ela tem que ser desde o Ensino Fundamental, por que eles são apaixonados por Dança e quinta, sexta série, pra ter neles, o que você propõe, eles realizam. Que eu já trabalhei com o Ensino Fundamental, com o Ciclo I, você já deve ter trabalhado, com o Ciclo I o que você propunha, faziam! Uma coisa que eu faço muito em termos de corpo com eles assim que é um misto de teatro, mas eu trabalho um pouco pra dança pra mostrar a questão do corpo é criar letras com o corpo então eu dou uma palavra em quatro letras tem que sair os quatro da sala, vocês vão escrever e nós vamos ter que conseguir ler, você tem que falar com o seu corpo, então pense como é que a letra é em forma, isso e aquilo e escreve, é uma atividade que eles gostam de fazer porque é um desafio, então o corpo pra eles, aquele "O Mestre Mandou", que eu acho legal, porque tanta coisa dá pra tirar de movimento ali de fazer, mas mesmo assim, tem uns que travam. Eu considero a linguagem da dança por ter poucos profissionais, pela questão da gente não ter a formação, por que eu tive em oficina, mas eu tive em oficina uma professora que foi a primeira bailarina do Guaíra e ficava presa no clássico, então você não consegue ter em oficina algo, porque se você tentava fazer alguma coisa diferente você virava o ET, né porque faculdade sofre políticas, quando você tenta sair daquele cotidiano da regra da norma, conseqüentemente a tua formação pra trabalhar a dança é sacrificada, por mais que você leia, então você não tem a prática./ **ENTÃO VOCÊ ACHA QUE A SUA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA FALOU NISSO?** Eu acho que foi! Porque é como eu disse, é o tipo da linguagem que você tem que ter a prática, porque não basta você ler, você tem que ter a prática pra você compreender toda a questão dos movimentos e poder passar isso para os alunos, *que nem eu querer ensinar inglês e não falar inglês! Mais ou menos, eu*

me sinto assim em relação a Dança! /ENTÃO O QUE VOCÊ ME DIZ DESSA DANÇA, QUE ATÉ O MOMENTO VOCÊ SÓ ME DISSE DIFICULTADORES, NÃO DISSE NENHUM FACILITADOR, ENTÃO O QUE VOCÊ ME DIZ DESSE CURRÍCULO QUE IMPÕE QUE SEJA ENSINADO AS QUATRO LINGUAGENS?/ Sim, então, não tem facilitador! Eu acho assim, as quatro linguagens a gente tem que passar porque cada aluno ele tem uma área de interesse também, ele precisa conhecer todo o universo, não é porque eu sou formada em Música que ele vai ter que passar todo o ano escolar dele vendo Música, né por que eu sou de Arte Visual, que ele vai passar todos os anos desenhando ou pintando, aí vai achar que Arte é só pintura e desenho como muita gente acha. Então eu acho importante a gente ter as quatro linguagens, é importantíssimo! Como tem a Arte convergente, a híbrida, tem que passar por isso, porque cada um também tem o seu interesse, o que fascina pra fazer dentro da Arte, o que se identifica é que nós não temos anda a Arte Literária né, que faz parte também ficou pra “Português”, mas tem aquele que é o poeta, o da crônica, mas eu acho que a questão é isso, você não tem a prática, então você tem o que de prática, Dança de salão, porque é mais próximo, mas se for pra lá dar Arte Clássica e principalmente a Dança Contemporânea eu acho complicado, esse entendimento que ela tem essa questão meio teatral também, acho complicado, pelo menos pra mim é complicado. Acho que toda linguagem tem que ter, dentro do que o currículo oferece em Dança eu falo, uma coisa é você olhar a imagem, outra é você olhar o movimento pra fazer a análise! Uma coisa é você ter o espaço que você tenha na sua aula de cinquenta minutos, um lugar pra você colocar as imagens em vídeos para eles assistirem, outra é você ter cinquenta minutos ter que descer com toda a turma, voltar, até ter silêncio, né? Tem disso. Acho super importante eles conhecerem, porque a gente não sabe qual é a Arte que eles vão querer ter, que eles vão seguir, mas eu acredito ser das linguagens a que mesmo acesso você tem. Você pode ir no Teatro, ele vem, você pode ir num show de música ou você pode ir numa exposição, mas num espetáculo de Dança que você tem que preparar os alunos, para aquele espetáculo, para a compreensão e até mesmo na cidade de Sorocaba é pouco o acesso eu acredito em termos da linguagem da Dança você terá. De você ver realmente o espetáculo de Dança tem que se deslocar a São Paulo, deslocar a São Paulo à noite, então eu acho que é uma linguagem que ela está prejudicada neste sentido e às vezes eu vejo que fica muito preso num único, às vezes acho que na apostila às vezes é o mesmo artista do começo ao fim no Ensino Médio, eu acho que a apostila tem que te dar o que é aquele conteúdo, mas você também ter outros artistas e facilitar material de outros artistas pra gente, nós ficamos um anos sem ter a apostila, que a apostila o que interessava pra mim eram as imagens, não aquelas perguntas, porque tem umas perguntas

ali que foge da realidade do aluno, me dava a entender que foi uma apostila que foi feita para uma escola particular no estado de SP, com poder aquisitivo bom, com acesso a Arte e que de repente estou numa escola pública numa periferia, eu fico imaginado as crianças, as que estão numa zona rural, que é outra realidade pra você trabalhar, aí você tem que adaptar tudo que tá ali, mas adaptar como, tudo isso, se você. For lembrar qual é aquela aprendizagem que você tá, ah é essa daqui, tudo, então você tinha que seguir que nem uma cartilha, de repente não é pra seguir como uma cartilha, então até pra gente essa questão do currículo é complicado! Achei super importante! Que eu lembro quando a gente ia nas OTs eu achava que a gente tinha que ter pelo menos as temáticas, os conteúdos pra trabalhar por série pra você dar continuidade àquilo e principalmente para o aluno que mudasse de escola não perder nada, porque antes era assim, começava um lá com Arte Visual, outro trabalhava só música, o aluno ficava na mesma coisa né? Ele só sabia cores primárias e secundárias, nem pra aplicar. Eu trabalho com cores mas pra aplicar, nós vamos aprender, mas onde eu aplico, de que forma que é, eu digo, não precisa saber se é primária, ou secundária, você tem que saber que misturando essa dá essa se você não tiver a tinta, mas o objetivo qual é como é que eu aplico e na dança eu acho complicado por causa disso, eu acho que tem que ser material visual, mas e o tempo pra você assistir um filme da História de um grande bailarino, aquele menino inglês que venceu, que ao invés de ir lutar boxe, indo contra toda a situação da Inglaterra a aceitação... É um filme também que não dá pra você picar, ah, parou, parou, parou... **Eu acho até interessante que se tivesse nesse material de audiovisual que ele já viesse, não o espetáculo inteiro, mas as partes essenciais para serem trabalhadas em cima daquele movimento e ter daí o comentário sobre a vida dele, mas se você pegar o filme inteiro, nossa você vai levar quantas aulas pra trabalhar.** E fazer com que a atenção deles seja exatamente pra questão do movimento, tudo que tem que ser feito que não é do dia pra noite que se adquire aquele movimento que, como que você domina aquele movimento que a repetição, que a repetição tem que existir que tem que ter uma memorização, quando você vai criar uma coreografia você tem que estar ligado nas coisas que estão realmente acontecendo pra falar pelo corpo aquilo que acha, então eu ainda acho que das linguagens, a Dança tá complicado na escola. Porque se você ver bem, no ciclo I você vai ter festinha dos dia das mães, festinha junina, você não vai ter um espetáculo realmente! Já começa pelo vestuário, né? Já começa pela questão do próprio vestuário, calça jeans, ou bermudão, chinelo ou tênis, como eu vou ter consciência de todo o movimento do meu corpo. Então não é pra fazer um Hip Hop, mas quantos? Quantos vão ali mostrar mesmo? E vamos que o aluno veja, faça um negócio e quebre a cabeça. Ah, vou tentar fazer também, então

também tem essas questões, da capoeira, entra um lá que não sabe faz um movimento, por questão de espaço, o próprio solo, compreensão do que é... Tem uns trabalhos de capoeira que eu mostrei pra eles, como Dança... Eu acho interessante mesmo, né. Que eu acho que tem que ter um corpo pra fazer aquilo, fora do comum né. Como naquele filme “Sol da Meia noite” que ele coloca a perna, uma tá aqui e a outra tá encostada lá na parede, que eu digo, haja abertura de perna pra fazer aquilo. Mas fica porque, por causa do número de aulas que a gente tem, aliás, eu sempre fui da opinião que Arte e Educação Física eu não teria ela no mesmo horário de aula regular, eu teria ela num outro período como oficina, mas dentro das quatro linguagens, mas uma coisa um pouco mais solta, não dentro da estrutura, daquela sala de aula, daquela coisa de nota, sabe? Porque eu acho que a Arte não é por aí? A Arte é uma descoberta do seu potencial. Que quando você tem atrelado uma nota *Ai tirei cinco tá bom* e você não tem afinidade com aquela arte, você no fim o que você iria aprender com ela você vai odiar, né porque ela é presa a isso, a nota, se fosse um conceito, *Ah, mas eu fui bem pelo menos!* Não é a minha linguagem, porque na outra que eu fui bem, mas você tem que ficar lá, com cinco, com seis, eu digo, o que é um cinco, um seis dentro da Arte? Eu tenho que me separar completamente, olhar pelo outro lado e esquecer a essência do aluno, dentro disso. Bom, a nossa avaliação já é individual, né? E não pode jamais ser, essa tu errou e não pode ter certo ou errado, é aquilo que você pode, é quanto você está se doando pra realizar, mas a dança eu acho complicado, pra mim é complicado, em sala de aula é complicado. Dou aula dou, mas é a que eu mais tenho dificuldade como professora na parte da Dança. Agora, recursos pra poder tentar melhorar isso eu acho complicado. / **MAS MESMO ASSIM VOCÊ TRABALHA A DANÇA DO SEU JEITO?**/ Não, trabalho dentro do meu jeito! Isso eu trabalho, não deixo assim passar, o que está acontecendo, como era feito e uso alguns, no caso da Isadora, digo olha ela foi criticada! Mas mesmo assim ela tentou um novo sistema, mesmo, como a gente fala em Arte, porque você não pode criar aquele movimento? Senão a gente tava até hoje nas cavernas, né, então a gente tem que ter... Então eu peço pra fazer trabalhos, pra conhecer um pouco mais da vida do artista, comentar que eles foram pessoas que alguns ficaram na miséria depois, nunca foram reconhecidos, anos depois, séculos, as vezes depois que foi reconhecido, mas eles tentaram sair daquele, tentaram fazer. E nessa parte quando a gente trabalha Dança, do corpo, até tem alguns que participam mais, eles tem nessa escola característica da dança! E do teatro, só que eles travam, eles travam porque, porque eles tem um estigma também de bairro de nome de escola que criaram, então isso também reflete no nosso trabalho. Será que eu sou bom o suficiente, será que isso é... Penso muito nisso! Onde essa escola está localizada, quem é a

	<p>clientela e que estigma ela carrega também, tem excelentes dançarinos aqui, que se você vesse, mas na hora H, não vem, combinam, elas ensaiam as meninas, eles ensaiam, chega <i>Ai dona só to eu, a fulana não veio...</i> Trava! É o se expor! É a critica, por que já vem de uma sociedade que é critica, e aí, aquilo que eu gosto tanto de fazer se eu receber mais uma crítica... Então tem essa questão também eu acho... Aonde esta escola está localizada, como vencer, nosso desafio que é maior é como você quebrar essa coisa do certo, do errado, do bonito, do feio. Porque você pega pessoas, até colegas teus Ai fulano faz umas coisas lindas, ai fulano tem talento pra música, todos tem, cada um no seu interesse, tivemos uma apresentação que uma professora teve a delicadeza de falar pra menina: <i>Ai você vai cantar? Você canta tão feio!</i> Que é isso? Para uma criança de sétima série é acabar com ela pra cantar, ela vai carregar isso! Mas Olhe Dança pra mim é complicado! É complicado! Gostaria de poder, muito mais trabalhar, mas é complicado. Trabalho a questão do peso, fatores do movimento, mas a compreensão mesmo, de fazer realmente uma análise da Dança Contemporânea, a de repertório a gente consegue, mas a contemporânea eu tenho dificuldade porque eu não tenho a vivência dentro e não tenho afinidade também com o estilo da Dança, então a gente queira ou não queira, por mais que a gente tente, a gente tem um distanciamento dentro disso!</p>
--	--

Entrevista 10- Professora Dé. Realizada em 11/08/2014

PROFESSOR/A Nº 10	Sexo feminino/ 29 anos/Atua a 8 anos no Ensino de Arte e há 8 na educação/Trabalha a 3 anos na atual U.E./Exerce 46 horas de trabalho
NOME: DÉ.	semanal/ Não possui pós-graduação nem outra formação superior.
DATA DA ENTREVISTA	11/08/2014
Tempo de magistério na rede estadual	8 anos
Linguagem de Formação	Educação Artística- Habilitação em Artes Plásticas
Universidade que cursou a graduação.	Particular- Faculdade de Educação São Luis de Jaboticabal
O que motivou estudar Arte?	Bem, na verdade até o último ano do magistério eu ainda tinha algumas dúvidas, porque eu gostava muito de outras disciplinas, como Matemática, gostava muito de Matemática, pensava em fazer Economia, essas coisas. Mas na verdade eu sempre fui a artista da sala, na verdade desde a quarta série... Na quarta série eu montei uma peça de Teatro e depois nós apresentamos em outras escolas, eu montei tudo. Montei o roteiro, montei o figurinos, montei o cenário. Então na verdade, esse lado artístico sempre foi... Eu sempre estudei

música, estudei canto, então eu sempre fui estimulada pela família também. E aí, no magistério como eles trabalham muito, a Educação infantil trabalha muito essa parte artística do professor e eu organizava os eventos da escola mesmo estudando ainda, montava os desfiles, os cenários, montava peça de teatro, montava o musical de final de ano. Decorava a escola inteira, então eu era a artista da escola, não só da sala, mas da escola. Todo mundo na escola me conhecia. Então todas as oitavas pediam e eu fazia os desenhos das camisetas das oitavas. E aí quando eu entrei no cursinho, eu fiz os testes de aptidão e qual deu? Arte, então, não tinha outra saída era Arte mesmo. Cheguei a ganhar bolsa de estudo pra fazer Letras, com “Português” e Espanhol que eu adorava também o espanhol e Arte eu teria que pagar, mas aí eu optei por Arte porque era uma coisa que realmente eu gostava e não me arrependo, por que meu trabalho tem o lado cansativo, mas eu tenho prazer em fazer, e eu falo assim, talvez se eu tivesse feito outra disciplina, já teria me frustrado e Arte, não. **/E VOCE CHEGOU A LECIONAR COM O MAGISTÉRIO ANTES DE FAZER ARTE?** / Não, só fiz os estágios, depois eu fiz um ano de cursinho e já entrei na faculdade de Arte e com primeiro ano e meio de faculdade eu já iniciei dando aula de Arte e eu pegava licenças longas¹⁰⁶ assim eu poucas vezes trabalhei como eventual¹⁰⁷, assim pegando outras matérias. E mesmo quando eu dava aula de eventual eu acabava levando matéria para Arte, dava uma aula de Química sobre a água, então vamos fazer cartaz sobre a água, então eu sempre arrastava tudo pra Arte, porque é o que eu mais gosto é o que eu entendo e sempre gostei e achei até interessante porque, muitas coisas que eu hoje ensino para os alunos, são coisas que fizeram parte da minha infância, que fizeram parte da minha busca por conhecimento, muito antes de eu imaginar que eu seria professora de Arte. Professora eu sempre quis ser, mas não tinha definido uma disciplina. Por exemplo, os fantoches, nas sextas séries a gente trabalha os fantoches. Tive um grupo de fantoche durante oito anos, sem conhecimento, então quando eu fiz a faculdade o meu TCC foi sobre Arte com bonecos. Porque foi a minha vida trabalhando aquilo, pesquisando, montando, confeccionando. Então eu gostava muito. Então muita coisa que eu trabalho hoje com os alunos, já fez parte da minha infância, da minha vida, sabe? Da minha busca mesmo! Então, por isso que eu falo que eu me identifico muito com o que eu faço, porque eu sempre gostei.

¹⁰⁶ A professora usa a expressão “Pegava Licenças Longas” para dizer que dava aula substituindo professoras que tiravam licenças longas (saúde, prêmio, não remunerada,etc), isso para dizer que sempre lecionou com aulas suas.

¹⁰⁷ Professor eventual é aquele que entra em sala de aula quando um professor falta e por isso precisa lecionar diversas disciplinas ou desenvolver projetos na escola. Na maioria das vezes esse professor faz plantão na escola e fica sabendo em qual sala entrará na hora da aula, apenas quando os professores avisam anteriormente é que este professor sabe de antemão em que turma vai ensinar.

<p>E pra você o que é ser Arte/Educador (a)?</p>	<p>É ser mediador do conhecimento, é mais um mediador. Por que na verdade, eles tão, o jovem e o adolescente de hoje ele tem tanta informação em volta dele que muitas vezes ele não sabe usar né, eu falo que essa é a nossa função, sabe? Dar direção, não impor, jamais! Mas direcionar- Olha, olha ali oh!- Então é mediar mesmo, mediar o conhecimento, fazer com que o aluno descubra o conhecimento, sempre mediado por você e você sempre ali por perto pra estar orientando, mas deixar com que ele construa esse conhecimento. Nunca impor, eu sempre quando falo de mediação eu falo que é uma ponte, eu falo – Eu sou uma ponte- Então eu quero que vocês me vejam assim, uma ponte que to tentando ligar vocês ao conhecimento, ligar vocês a novas culturas, só que vocês também são uma ponte, porque tem muitas coisas que vocês conhecem que é desconhecido pra mim, então é sempre essa troca, o professor ensina mas ele aprende com o aluno o tempo inteiro, então é uma troca de conhecimento, então o professor ele tem a função de direcionar o aluno, de orientar, se você der uma atividade, você deixa o aluno fazer, mas você tá por perto. Você não vai falar- <i>Ai você devia ter feito...</i> Não, deixa ele fazer, aí vai chegar um momento que ele – Professora você acha?- Ai eu nunca chego - Olha eu acho que você devia fazer isso, eu falo – Óh, tem essa forma, tem essa forma e essa forma aqui, qual das três você acha que ficaria melhor?- Então, essa é a função do professor, somente auxiliar ali, o aluno descobrir as coisas. Porque eles já estão tão acostumados a tudo mastigadinho, vem aqui, engole... acabou e eu sempre falo pra eles, vocês precisam ser críticos. Eu não sou a fonte de saber, pergunte, questione, questione aquilo que eu to dizendo- Mas de onde você tirou isso? Onde tá escrito isso? Quem escreveu isso? Questione, ninguém é dono do saber, então questione tudo, eu tento transformar, de um jeitinho assim, os meus alunos em seres críticos eu falo pra eles, o conhecimento vem através da curiosidade e da crítica, quem critica e é curioso adquire conhecimento. Aquele que é passivo e aceita tudo, ele vai ser limitado. E vocês tem o mundo inteiro pra conquistar mas pra isso precisa ser crítico, então eu vejo o professor como um mediador.</p>
<p>Pra você o que é a Dança? Como você ensina esta linguagem? Qual a importância desta linguagem na formação dos seus alunos? E como ela se desenvolve na escola, seus facilitadores e dificultadores?</p>	<p>Confesso que das Linguagens, a Dança é a que eu tenho teoricamente um pouquinho mais de dificuldade, porque, nas Artes Visuais sempre tive mais facilidade, Teatro e a Música. Mas a Dança, na minha opinião, ela é uma forma de libertar mesmo a pessoa, porque na Dança, mesmo aquele aluno mais tímido ele se descobre. A Dança é uma oportunidade do aluno se descobrir como ser humano, as capacidades que ele tem, o que ele é capaz de ser e de fazer. Até porque a Arte é assim a Arte é transformadora. Nas minhas aulas como eu trabalho Dança? Eu tenho um pouco de dificuldades, em todas as escolas que eu trabalhei nessa questão de locomover os alunos. Aqui, um pouco mais. Até por uma questão de disciplina, no primeiro ano eu tive mais dificuldades, hoje,</p>

nem tanto, porque, a direção já conhece o meu trabalho e sabe que eu posso tirá-los e que não vai ter problema. Mas em algumas escolas essa é a dificuldade, tirar os alunos da sala para a direção da escola, muitas vezes apresenta um problema. *Ah você não vai controlar a sala, vão se dispersar e tal.* Eu vou falar como eu já trabalhei e como eu trabalho hoje. Em algumas escolas que eu trabalhei, eu tirava os alunos da sala e eu começava primeiro falando sobre o corpo. Então eu fazia algumas atividades de alongamento, algumas atividades de movimentos, assim é livres com os alunos, colocava uma música, deixava com que eles fossem criando livremente os movimentos. Cheguei a fazer algumas atividades que os alunos tinham que andar pelo espaço da escola e de acordo com os objetos que eles viam eles criavam uma coreografia em cima daqueles objetos, em cima daquelas formas que eles viam. Ah, são círculos, aqui tem muitos círculos, por exemplo, esta sala tem muitos círculos, então baseada nessas formas geométricas aquele grupo criava uma coreografia. Aqui, eu trabalhei com os terceiros, bastante, os bonequinhos, eu trago os bonequinhos que tem articulação, porque o primeiro ano quando eu vim dar aula aqui, a maior dificuldade foi tirar os alunos da cadeira. Era até engraçado, porque quem passasse pela porta não estava me ouvindo eu falar assim: *Senta!* Sempre tava assim: *Levanta!* Porque, eles são muito retraídos, tinha muita vergonha de dançar de expor a dança, até porque o conceito de Dança deles tá muito ligado à sexualidade não a Arte e a Cultura, então, eu tive bastante dificuldade. Hoje não, eu mudo toda a organização da sala, tiro todas as carteiras do lugar, libero todo o espaço do meio da sala, trabalho na sala muitas vezes, às vezes no pátio e coloco as músicas e vou montando as coreografias com eles, como eu disse, primeiro eu faço um alongamento, até porque eu tenho um pouco de receio, porque eu falo assim, tudo que você trabalha o corpo você tem que entender o corpo, porque eu não posso ir lá e por qualquer dança e expor o corpo do aluno a se machucar, porque tem todo um processo, então eu tenho um pouco de dificuldade nessa parte, então, nessas aulas a gente descobre grandes artistas, então eu começo com esse alongamento, pra eles relaxarem, pra eles se sentirem a vontade na sala, não ter vergonha dos colegas e aí a gente começa com movimentos livres e depois a gente monta algumas coreografias, muitas vezes eu pego temas - *Ah, vamos falar sobre a copa, então vamos falar sobre futebol, então vamos pegar uma música que tenha a ver com futebol, então vamos pegar alguns passos que não usados pelos jogadores, então vamos transformar ele em dança* - e faço esse trabalho dessa forma. Como registro, eu trabalho a Labanotação, só que eu acho que são conceitos muito técnicos para os alunos, então eu peço que eles criem o gráfico deles que e criem a forma deles de anotar. E como o bonequinho de palitinho é o sonho deles de desenhar só isso, né? É a hora que

eu os deixo fazer isso (Risos). Então eles montam as coreografias primeiro dessa forma e depois colocam isso em prática. Só que eu vou ser muito sincera, eu não exponho o aluno. Quando é um trabalho coletivo todos participam de uma forma coletiva, na hora de ir lá pra frente, artista e plateia eu não exponho o aluno que tem mais timidez. -*Ah, então ele aqui vai ser o que vai organizar vocês, ele vai ser o que vai ensaiar!*- Por quê? Porque assim eu vou ganhando esse aluno, porque se você expõe o aluno tímido, você pode perder ele pra todas as aulas. Porque vai ser tão constrangedora aquela aula pra ele que você já perdeu o aluno em todas as aulas. Porque ele não vai querer vir na sua aula, não vai querer fazer mais nada na tua aula, porque você deixou ele constrangido. Então eu tenho esse cuidado, eu observo bem o aluno e não forço ele se eu sei que aquilo pra ele é um sofrimento. Pra ele ir se libertando devagar, por que a gente não sabe o que o aluno vive lá fora que deixou ele tão constrangido ao ponto dele não conseguir se expor na frente da sala, então eu tento respeitar, principalmente no lugar que eu trabalho, porque eu sei que os meus alunos tem uma vivência muito difícil e eu procuro valorizar o que eles tem. Então eu vou falar sobre o balé - *Então vamos falar sobre o balé? Vamos, - Vamos falar onde o balé surgiu? O que eles conhecem de balé?* Então eu vou buscar o que eles sabem sobre a dança do convívio deles, então o Funk, o Breakdance. Só que aí ele fala, de Funk- *Ah, Ok e de onde veio? Onde surgiu?*- Aí eu daquilo que eles trouxeram e amplio o conhecimento deles, tanto que eu fui atrás mesmo! E sempre que surge uma dança nova... E na época que surgiu o Kuduro eu fui lá fiz pesquisa, porque eu tinha certeza que ia chegar na escola, quando eu trabalhasse dança eles iam questionar esta dança, então tudo que sai de novo eu procuro ler, me informar pra não chegarem e falar - *Não, isso não faz parte do conteúdo. Ah isso não é pedagógico*- Não! É dança não é? Então, é manifestação artística, então a gente tem que respeitar! Quando você respeita o que o aluno tem, ele quer saber o que você trouxe, quando você não respeita, ele não tem porque respeitar o que você trouxe de novo. Então eu procuro pegar o que eles sabem, ampliar aquilo, depois eu introduzo o que eu trouxe e eu tenho a aceitação da sala. Então já montei uma coisa, que eu achei muito interessante, eu peguei aquele filme “Se ela dança, eu danço”, eu sempre passo pra todas as salas! Esse ano eu vou passar o II, teve um ano que eu passei o I e aí eu achei um garoto que dançava muito bem o breakdance e uma menina que dançava balé clássico e eu juntei os dois, então assim, é mostrar pra eles essa união das linguagens, a quebra dessa tradição, de pegar um pouco do balé, do break... Eles dançaram pra escola toda! Eu montei uma exposição de arte, na verdade, foi no início dos caderninhos eu peguei tudo que os alunos iam fazendo e eu ia guardando, montei uma exposição de Arte na escola e um dos espetáculos era a apresentação de dança dos dois, ficou

lindo, lindo, lindo, lindo mesmo, foi muito legal! Então eu valorizo bastante isso, o que o aluno tem e é essa forma que eu trabalho dança. Tenho como eu disse pra você um pouco de dificuldade, confesso que eu acho que deveria ter mais capacitações sobre dança. A última que nós tivemos pra mim foi riquíssima, riquíssima, eu acho que eu aprendi muita coisa e gostaria de ter mais capacitações sobre Dança. Porque eu não sou muito travada assim, mas, eu percebo que eu não pego os alunos desde a quinta, eu pego da sétima em diante. Então talvez se isso fosse trabalhado na quinta e na sexta, você pega um aluno já mais livre, preparado, sabe? Com menos restrições sobre o que ele pode fazer na sala de aula. Então eu acho que seria mais fácil, então outros professores se sentirem mais a vontade pra trabalhar a Dança. E aí você tem esse aluno mais liberto. Porque eu já trabalhei Dança de 1ª a 4ª série e era tão gostoso, porque as crianças elas não são travadas. Eu também fazia, lá na cidade onde eu morava tinham projetos- *Dançar com as partes do corpo- Então vamos dançar só com o cotovelo!*- E eles dançavam... - *vamos dançar só com o bumbum*- E era tão gostoso, então eu gostaria que o ensino fundamental II, se sentisse assim, eu sei que o adolescente tem mais vergonha que a criança, mas talvez se fosse mais trabalhado, como é trabalhado por alguns professores do Ensino Fundamental I e desse oportunidade, quando você pega uma oitava série o aluno ele não tem vergonha, porque ele conhece o corpo, ele já tá acostumado a fazer aquilo, né? Então eu acho que a maior dificuldade que todo professor de Arte tem na escola é a continuidade, se todo mundo falasse a mesma linguagem, desse continuidade o trabalho fluía melhor. / **TEM OUTROS DIFICULTADORES OU FACILITADORES NESSE TRABALHO?** Bem, aqui na escola eu acho que a maior facilitador é que a direção da escola dá todo apoio para o que você quer fazer - *Ah, eu quero... Eu preciso de um rádio, eu preciso da TV, eu preciso de Datashow, eu preciso de CDs, eu preciso de filmes, eu preciso desse material pra montar figurino*- A escola dá todo apoio – *Ah, eu quero montar um projeto sobre Dança!*- A escola dá apoio! E o apoio, principalmente da coordenação da escola na minha área é excelente, eu não tenho a menor dificuldade! Confiam no meu trabalho, eu apresento o projeto e dá o braço e fala não, vamos fazer o projeto acontecer, então, eu me sinto feliz trabalhando aqui por isso, porque eu tenho liberdade de trabalhar, liberdade mesmo! Eu posso trabalhar com os alunos. E toda vez que eu apresento o projeto, porque eu tenho o hábito de registrar tudo, eu tiro foto, eu filmo e eu apresento pra direção e você percebe que gostam do que é feito, sente orgulho de você ter feito, então isso é muito gostoso. É te elogia, né? Vamos ser sincera, todo mundo que curso Arte gosta de elogio, artista gosta de elogio! / **(RISOS) QUALQUER SER HUMANO!** Todo ser humano, não é? Gosta, não sou hipócrita não, isso estimula bastante, porque você trabalhar num lugar onde

as pessoas desmerecem seu trabalho, você se sente desestimulada, você não quer fazer, fazer pra quê? Então eu gosto muito de trabalhar aqui porque eu acho que tem bastante incentivo./ Eu acho que você já falou um pouquinho, mas eu gostaria de ouvir mais sobre qual o papel da importância da Dança na formação do seu aluno?/ Eu acho que mais nessa questão de identidade pessoal, pelo menos é assim que eu leio principalmente a Dança e o Teatro, porque você expõe o seu corpo, e muitos alunos eles são tímidos, não é que eles são realmente tímidos, eles são inseguros e a dança ela dá essa segurança para o ser humano né, ele passa a se conhecer, ele passa a gostar de si mesmo, a saber que ele é capaz de fazer alguma coisa é capaz de criar é capaz de apresentar, é capaz de fazer com que as pessoas admirem seu trabalho, então a Dança na minha opinião ela tem esse poder de fazer com que a pessoa se conheça e saia desbravando o mundo. Porque se você se conhece você tem uma auto estima, você não tem medo de enfrentar coisas novas, de buscar novas coisas, então na minha opinião a dança tem essa função no ser humano, conhecer o próprio corpo. Porque tem pessoas que não conhece o próprio corpo, não sabe o que é capaz de fazer. Sempre nas aulas de Dança é até engraçado porque quando eu trabalho os “Fatores do Movimento”¹⁰⁸ que são a Fluência, o Tempo, o Peso e o Espaço, e aí no Peso que a o peso mesmo do dançarino, cada dança vai trabalhar de uma forma esse peso, tem danças que você precisa ser mais leve, outras que você não precisa ser tão leve, porque tem o estágio: Alto, Médio, Baixo e tal, quando eu estou trabalhando essa parte da Dança eu sempre falo da elasticidade que - *quem dança desde pequenininho tem uma elasticidade enorme, porque ele tá sempre se movimentando, se movimentar é saúde, então ele trabalha o coração, ele trabalha a circulação do corpo, ele se alimenta corretamente, porque ele precisa cuidar desse corpo blá, blá, blá...* E aí eu sempre pergunto- *Vocês acham que aquele que é mais gordinho consegue dançar menos que aquele que é bem magrinho-* *Ah sim!*- Porque esse é o conceito, né?- *Aí eu falo - Ah tá! A elasticidade tem a ver com o peso?- É professora!- Não, a elasticidade tem a ver com o treino, você tá sempre treinando o seu corpo.* *Ai eu pego- Quem é voluntário?- Nunca exponho ninguém!- Eu quero um aluno bem magrinho, voluntário- Ah, eu vou!* Geralmente os meninos são menos tímidos nessa parte. Eu lembro de uma cena muito engraçada, um aluno bem alto bem magrinho, joga futebol e tal. E joga futebol! Era pra ter bastante elasticidade, né?- *Tá, então vamos lá!*- E peguei a carteira- *Coloca o pé aqui!* - E ele colocou- *Coloca devagarzinho pra não machucar, agora pega a ponta do pé* - E ele - *Ugh, não vai!* *Aí vou eu lá e pego a ponta do pé!* (Risos) Eu nunca fiz curso de Dança,

¹⁰⁸ Os Fatores do Movimento é um termo cunhado por Rudolf Laban, para explicar os componentes qualitativos do movimento, que são a Fluência, o Espaço, o Peso e o Tempo.

mas eu danço desde pequena - *Nossa, como você fez isso?*- Por que é isso que a dança faz, eu conheço o meu corpo! Eu sei até onde ele vai, então eu sei que eu posso ir. Então é essa liberdade que a Dança dá, você conhece o seu corpo, você sabe até onde você consegue ir com ele, então é muito interessante e eles gostam muito e eu sempre faço as coisas primeiro com os alunos. Quando eu ensino pra eles sobre os níveis da Dança eu faço! – *Ah, aqui é o nível alto!*- E fico fazendo, me alongo na sala! Porque, se o professor faz, o professor é o adulto, não é? Não assim a imagem que eles têm? O professor ele é adulto, ele é o profissional sério, então se ele tá fazendo, então porque eu não posso fazer? Eu sento no chão, eu me alongo no chão- *Olha a professora não se importou de sentar no chão, então não tem problema eu sentar também!* Eu acho que quebrar esse limite: professor x aluno eu acho que isso ajuda muito. E sempre que eu dou essa atividade, eu acho que é interessante, eu peço pra que eles comecem a conhecer o próprio corpo, então eu acho que a dança ela tem essa função, fazer com que o ser humano se conheça, se reconheça, olha eu sou capaz de fazer isso. Olha meu corpo faz isso, olha eu consigo isso daqui, então eu penso assim que é importantíssimo. Eu falo, eu dei aula um ano sem o currículo novo e foi péssimo! Foi meu primeiro ano, bem eu já não gostava das aulas de arte daquela forma, foi péssimo. E quando começou o material desde o jornal pra mim foi assim, alegria! Porque são os PCNs, né? É realmente a Arte! Então, não sou melhor que ninguém! Mas eu tenho orgulho de ouvir os meu ex alunos dizerem assim – Professora, eu tenho saudades da sua aula, nossa era tão gostoso, a gente dançava, a gente fazia isso, a gente fazia teatro. Porque eu acho que tem que ser isso! Sabe? Os alunos não podem encarar a nossa aula como uma recreação, mas é uma aula de Cultura. - *Eu tomo um banho de cultura aqui, eu saio daqui com muito conhecimento eu não sou uma pessoa alienada nesse mundo*- Passou aquilo lá oh e eles chegam – *Oh professora, eu tava assistindo TV e vi lá o Ivaldo Bertazzo, oh professora eu tava lá vendo TV eu vi lá a obra da Néle Azevedo!*- É legal isso! Por que eles sentem que eles têm conhecimento e isso é tão gostoso, então eu acho muito gratificante, a gente conseguir trabalhar, não pode sair de forma nenhuma do currículo é muito importante. Eu to com um pouquinho de dificuldade com os 3ºs pra trabalhar a Dança, mas porque as minhas aulas são de quintas e sexta, né? E eles estão no último ano, eles faltam muito/ **É A NOITE**¹⁰⁹?/ É a noite, então eu tenho um pouquinho de dificuldade. Mas mesmo assim os que vêm a gente trabalha e tenta tirar eles da cadeira, e fazer com que eles se movimentem. A gente tem muito artista escondido dentro da escola, que já Dança que já desenha, que já

¹⁰⁹ Nessa escola, faz parte da cultura escolar os alunos faltarem nas quintas e sextas feiras à noite, a escola fica vazia, salas que começaram no início do ano com 45 alunos hoje possuem frequentes 15 alunos e nesses dias da semana em visita a escola encontramos uma média de nove alunos por sala de aula.

faz Teatro, então eu falo que nas nossas aulas nós somos olheiros, né? A gente só tá tentando desembrulhar os pacotinhos, porque eles já estão todos lá escondidos aí. Então é isso! / ***E VOCÊ TRABALHA COREOGRAFOS, HISTÓRIA DA DANÇA?***/ Trabalho! Então é como eu disse, eu trabalho primeiro com a parte prática, eu sempre jogo a prática primeiro e depois a teoria. A teoria é maçante pra qualquer pessoa, para o adulto, para o adolescente e para a criança, então o que eu faço? Primeiro eu passo a parte pra conquistá-los, primeiro é dinâmica, depois é leitura de imagem, depois as questões que são questões de sondagem, depois, eu vou para a parte teórica, eu sempre passo a teórica – Então, vamos lá! Vamos conhecer! Vamos conhecer a história de onde veio e não é aquela coisa só texto... Eu passo os textos, não nego eu passo mesmo porque eu quero que eles tenham um registro. Porque eu falo pra eles, numa conversa a gente aprende muito numa conversa, mas a gente tem que ter o registro, que são tantas informações que a gente recebe que a gente precisa de uma direção pra lembrar daquilo que a gente escutou, então vamos registrar pra na hora que vocês precisarem de informações, vocês voltam lá e aí toda nossa conversa, só de você ler um pedacinho, nossa conversa vai voltar na sua cabeça, mas precisa ter o registro, então eu passo a história, de onde veio quem são, mas eu confesso que na hora de cobrar eu cobro assim- *O que ele faz?*- Sabe, eu não sou muito focada em datas e essas coisas por que isso não muda conhecimento, isso é decorar e decorar não faz ninguém conhecer nada, sempre quando eu cobro do aluno as coisas - *Fale com as suas palavras, o que ele faz? Qual a importância do trabalho dele, o que ele fez o quê que mudou o que você achou?* E toda dinâmica, toda a parte prática tem relatório- *Como foi a atividade pra você?*- E deixo eles livres- Nem que for para eles escreverem- *Odiei! Achei chata*- Não critico ninguém, deixo eles escreverem mesmo. Mas eu registro toda a parte teórica também, história, quem é o artista, por que ele foi fazer isso, o que levou ele, o que ele já ganhou com isso, se foi premiado, se não foi. Por que eu penso assim, senão a minha aula é em vão, só prática, só prática, só prática eu não estou ampliando o conhecimento do aluno ele precisa ter a teórica também pra ele ter uma noção- *A lá o balé, olha esse é o balé clássico mesmo, então você sabia que ele surgiu em tal lugar, legal né?*- Não que ele decore coisas, detalhes, mas ele sabe, é um ser culto, por que ele sabe.
